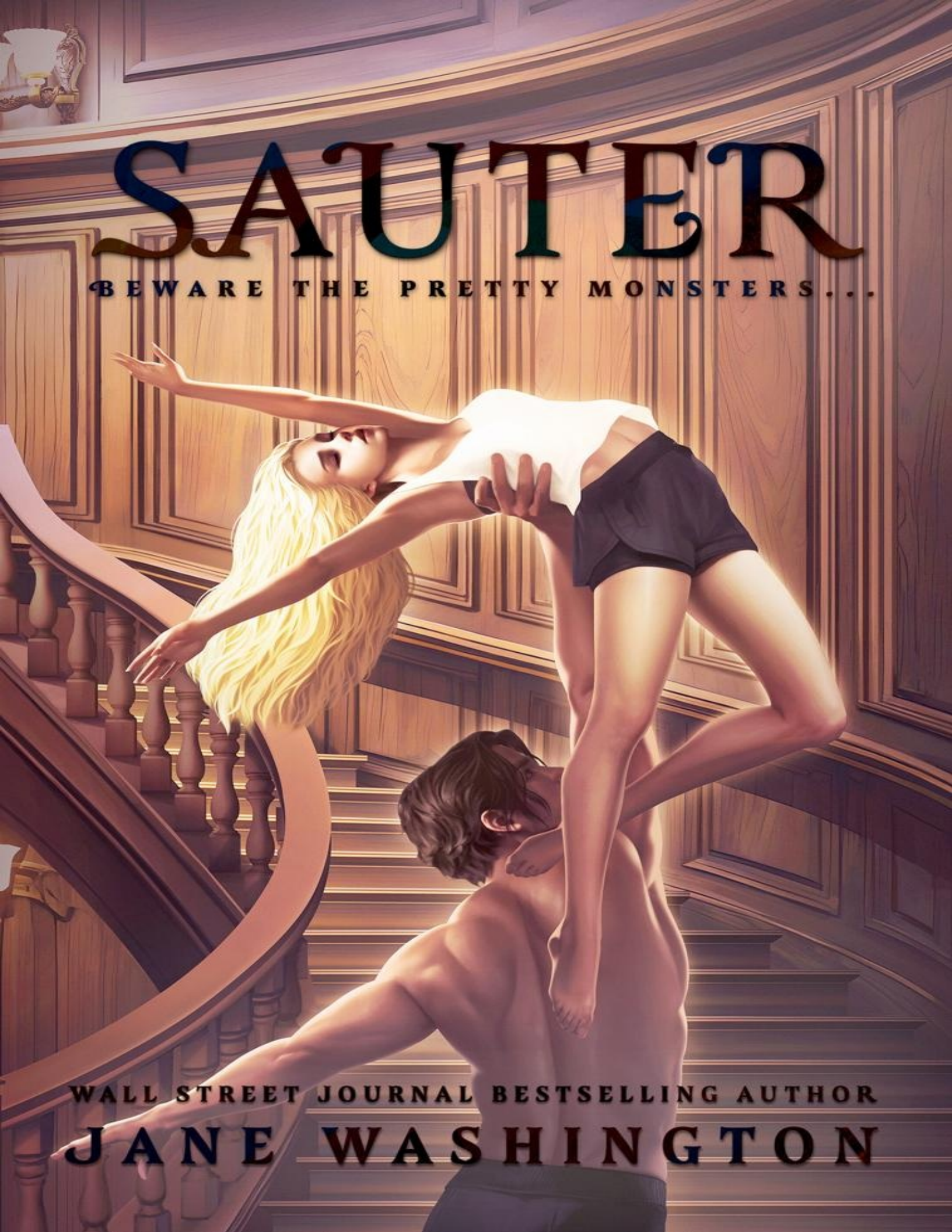

SAUTER
BEWARE THE PRETTY MONSTERS...
WALL STREET JOURNAL BESTSELLING AUTHOR
JANE WASHINGTON


anonymous
ESPECIAL ANIVERSÁRIO

Sinopse

À medida que os amigos se tornam inimigos e os inimigos se tornam vilões, o submundo de Ironside lança uma sombra muito ampla sobre todos dentro de suas paredes. A academia que um dia prometeu a salvação de Isobel Carter puxou a cortina e revelou-se pelo que realmente é.

Uma pequena prisão.

Ela pode ter sido reduzida a um fantoche atrás de uma tela, mas pelo menos os Alfas do Dormitório A estão lá para aumentar suas performances, acelerar sua respiração e inundar seu rosto de cor para as câmeras.

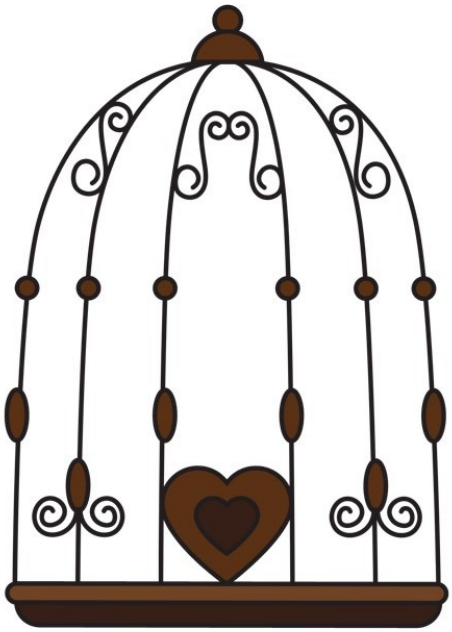
Talvez até a apanhem quando ela cair.

Ou talvez eles tenham puxado as cordas o tempo todo.

As grades de sua prisão podem ser douradas, mas a sobrevivência é um jogo confuso, e o que os Sigmas fazem quando não conseguem manter as mãos limpas?

Eles ficam imundos.

Cuidado com os monstros bonitos, porque este jogo de mídia social acabou de ficar brutal.



Oh, a ironia deste lindo jogo,
Onde as sombras se reúnem, vestidas para a fama,
Brilho na testa, estrela nos olhos,
Passado a ferro por todos os lados, conforme fica o interior.

Avisos de gatilho

Ataques de pânico/flashbacks;

Negligência e abuso (não dentro do grupo principal);

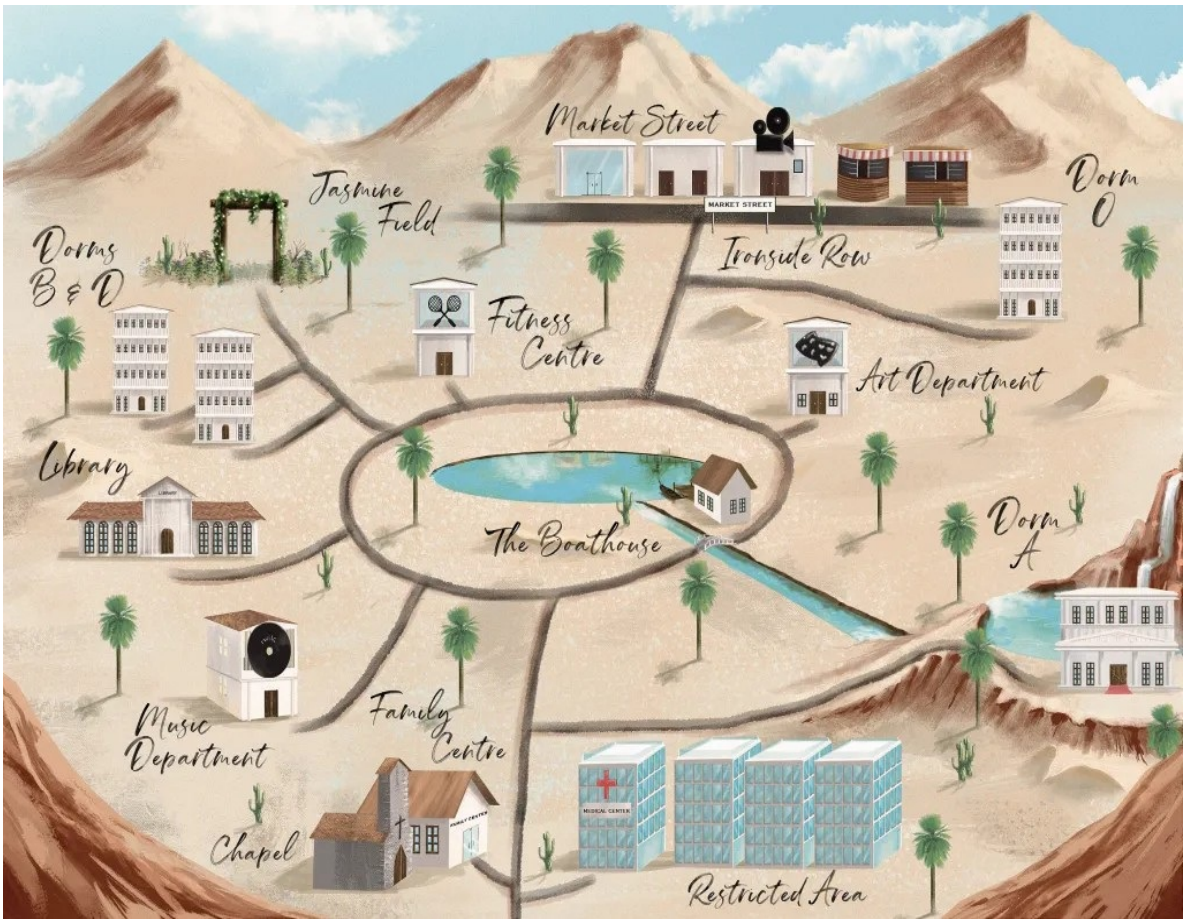
Assédio sexual (não dentro do grupo principal);

Crime traumático e violento que resultou em morte (não dentro do grupo principal);

Se você ou alguém que você conhece precisa de apoio, visite lifeline.org.au.

Advertência

Alguns cristais se dissolvem em água.
Isso fará sentido mais tarde.


Market Street
MARKET STREET
Jasmine Field
Dorm C
Dorms B & D
Ironside Row
Fitness Centre
Art Department
Library
The Boathouse
Dorm A
Music Department
Family Centre
Chapel
Restricted Area

Playlist da Ironside Academy

Para ouvir a playlist da série Ironside, escaneie o código QR abaixo ou clique AQUI.

Folha de referências da Ironside Academy

Para ver a folha de dicas dos personagens da série Ironside, escaneie o código QR abaixo ou clique AQUI.

Lista de Personagens Principais

Este livro tem ONZE personagens principais, o que é muito!

Sinta-se à vontade para marcar esta página se tiver problemas para acompanhar todos eles. (Por ordem de idade).

Isobel Carter;

Moses Kane;

Theodore Kane;

Elijah Reed;

Gabriel Spade;

Cian Ashford;

Niko Hart;

Kilian Gray;

Oscar Sato;

Mikel Easton;

Kalen West;

1

Infração de Alma



Isobel entrou e saiu da consciência pelo que pareceu uma eternidade, balançando para cima e para baixo como uma boneca de pano jogada em um riacho e puxada pela corrente. Às vezes ela estava em queda livre, caindo em uma cachoeira sem fim à vista. Ela pensou que tinha gritado quando isso aconteceu, mas nunca significou nada. Nenhum impacto quando ela pousou. Nenhuma submersão repentina. Num minuto ela estava caindo e no seguinte estava dormindo novamente.

Às vezes ela passava por correntes mais quentes onde se aproximava da superfície, a luz do sol tentando acariciar seu rosto. Foi quando ela soube que era ela mesma e que alguém a estava segurando. Ela estava envolta em um aroma quente e resinoso. Doce, como uma gota de mel na ponta da língua, mas profundo, terroso e amadeirado. *Âmbar*. Afundou em seu nariz e boca, enchendo-a até que não houvesse espaço para a água pela qual ela flutuava derramar-se em seus pulmões e afogá-la. Depois de algum tempo, o riacho se transformou em nuvem e ela não estava mais balançando, mas flutuando.

Ela tentava se afastar do calor quando ele aumentava demais, mas mãos ardentes sempre a arrastavam de volta, aconchegando-a contra músculos que pareciam tensos e rígidos. A voz dele foi a primeira coisa tangível que ela registrou depois de dias flutuando. Estava tão tensa e rígida quanto seu corpo, pronunciando uma palavra dura para outra pessoa. Uma voz desconhecida respondeu, parecendo calma e comedida, seu tom ressonante. Foi mais claro do que a refutação rouca do corpo quente enrolado atrás dela.

“Você não pode mentir para mim,” afirmou o calmo estranho. Era impossível dizer o sexo dele.

Isobel se encolheu com a mudança no aroma âmbar que a envolvia, aquela

gota de mel em sua língua se transformando em algo ácido que queimou suas papilas gustativas.

“E *você* ainda não me contou como consegue entrar aqui todos os dias.” As palavras foram rosnadas pelo corpo quente atrás dela.

“Caminhamos da capela até o hospital,” forneceu uma terceira voz. Era engraçada. Jovem e feminina com um tom agudo e sardônico. Outro estranho.

Isobel abriu os olhos, o movimento exigindo muito mais esforço do que deveria.

“Ela está acordada,” afirmou a voz andrógina. “A propósito, você a está superaquecendo.”

“Foda-se.” Era Theodore segurando-a, seu tom rouco rasgando seu corpo. Ela estava enrolada em seu colo em uma cama de hospital, a parte de trás da cama levantada para permitir que ele se sentasse enquanto a embalava.

Ele também estava *muito* quente.

“Illy?” A voz dele se suavizou instantaneamente, a mão apoiando a cabeça dela enquanto ela tentava levantá-la. Seu polegar roçou sua bochecha. “Bem-vinda de volta.” Seus olhos se estreitaram nos dela como se ele tivesse mais a dizer, mas ele apenas respirou fundo, suas pupilas dilatando enquanto passavam pelas feições dela antes de ele se voltar para as outras vozes. “Agora não é um bom momento.”

“Agora é o momento perfeito,” respondeu a voz mais jovem. “É por isso que viemos *agora*.”

“Calma, Sophia,” o estranho andrógino repreendeu.

Isobel atraiu sua atenção para o orador. Uma mulher alta com pele como canela assada alegremente ao sol e olhos estreitos e elegantes que a encaravam com firmeza. O tom profundo de mogno com anéis dourados de seu olhar perturbou Isobel, fazendo-a recuar contra Theodore.

A mulher era uma Alfa. Seu cabelo grisalho estava cortado curto, os fios lisos e retos, e ela usava roupas simples e puídas, sua camisa cinza ostentava botões incompatíveis, embora o tecido estivesse perfeitamente passado e provavelmente mais bem cuidado do que as inúmeras roupas de grife em que Isobel havia sido costurada durante…

A turnê pelos assentamentos.

Ela estremeceu, seus dentes rangendo enquanto a dor percorria seu corpo e

mente.

“Chame a enfermeira!” Theodore latiu.

A Alfa de cabelos grisalhos se aproximou, olhando para Isobel. Ela se elevou sobre a cama, seus olhos castanhos escuros astutos. Havia um pequeno alfinete em seu colarinho, uma lira de prata. Seu único adorno.

“Os dois olhos dela mudaram,” observou a mulher. “Ela está usando uma lente de contato.” Seu tom era desprovido de choque ou curiosidade. Ela estava simplesmente fazendo uma observação calma. “Suponho que a especialista em vínculos não teria pensado em verificar a autenticidade de sua íris de aparência normal.”

“Você está vendo coisas,” Theodore rosnou, abraçando Isobel mais perto, sua mão cobrindo seu rosto, bloqueando sua visão da mulher. E escondendo seus olhos.

Ela puxou a mão dele para baixo com dedos trêmulos (a mulher Alfa já tinha visto seus olhos) e observou a outra mulher estender o braço, oferecendo a palma da mão a Isobel.

“Maya Rosales,” ela se apresentou. “Você pode me chamar de Maya ou Guardiã Rosales, se quiser. Eu guardo a capela.”

A testa de Isobel franziu enquanto ela olhava para a mão, parte de sua dor lembrada desaparecendo enquanto ela era distraída pelo corpo muito quente e vibrante enrolado atrás dela. Theodore se sentia como se estivesse a segundos de avançar e arrancar todo o braço da Alfa mais velha.

“G-Guarda a capela?” A voz de Isobel falhou, as palavras mal surgiram enquanto ela deslizava fracamente a mão na de Maya.

“A Academia tenta manter um Guardião para os alunos que ainda seguem a religião dos Superdotados.” Maya imediatamente virou a mão de Isobel, revelando as feridas profundas que subiam por seu braço. Pareciam relâmpagos espalhados, em carne viva e enrugados, de um vermelho profundo e furioso. Pontos uniram sua pele novamente.

Theodore finalmente quebrou, segurando o pulso da outra mulher entre o polegar e o indicador. Ele sacudiu-o para longe de Isobel antes de colocar o braço dela suavemente de volta contra o peito.

“Estes são meus filhos,” continuou Maya, sem sequer estremecer diante da reação exagerada de Theodore. “Eles vieram trabalhar como meus Protetores da Alma.” A Guardiã saiu do caminho, revelando uma menina da idade de Isobel e

um menino que não devia ter mais de nove anos. “Sophia e Luis. Eles geralmente não me acompanham nas rondas do hospital, mas Luis é um grande fã do Ironside. Espero que você não se importe.”

“Sinto muito.” Isobel olhou entre todos eles. “Não sei muito sobre a religião dos Superdotados.”

“Sim, criança Ícone e tudo mais.” Sophia inclinou a cabeça, observando Theodore pegar seu telefone, afastando a tela de Maya. “Os Protetores da Alma são como assistentes de capela. Limpadores e bibliotecários glorificados, na verdade.”

A garota era deslumbrante. Sua pele era dourada com um rico tom oliva, seu cabelo cortado em um corte escuro e brilhante, seus traços majestosos e cheios de graça, assim como sua mãe. Seus lábios eram naturalmente carnudos, com um tom rosa que combinava com a camisa de segunda mão que seu irmão usava. O menino também era lindo, com um olhar cauteloso e tímido e óculos enormes que caíam até o nariz. Ele os empurrou para cima, nervoso, enquanto Isobel olhava para ele, mas eles imediatamente caíram novamente, balançando na ponta do seu nariz. Ele tinha o mesmo olhar curioso e estreito de sua irmã e mãe.

“Fui eu quem sugeriu a corrente,” Maya disse.

“Que corrente?” Isobel espiou o que Theodore estava fazendo em seu telefone.

Ele estava mandando uma mensagem para Kalen.

Theodore: *Preciso de ajuda.*

Theodore: *Isobel está acordada.*

Theodore: *A irritante senhora Guardiã viu os olhos dela.*

“Aquela.” Maya apontou para o braço de Isobel, que ainda estava encostado em seu peito, mantido ali protetoramente pela mão livre de Theodore.

Ela o soltou, franzindo a testa para a delicada corrente de ouro enrolada em seu pulso. Ela estava muito distraída e desorientada para perceber isso antes. Foi enrolada várias vezes, a outra ponta desaparecendo no cobertor, reaparecendo para subir até o pulso de Theodore, onde circulava com firmeza. Ela não a reconheceu imediatamente, mas quanto mais olhava, mais peculiar parecia. Quase como se estivesse brilhando ligeiramente por dentro. E então ela percebeu o que era. Foi a corrente que apareceu quando Sato a beijou.

“Quando eles encontraram você, você já estava lá fora há cerca de seis horas,” explicou Maya. “Eles pensaram que você não sobreviveria, então fui chamada para abençoar seu corpo quando você falecesse.”

“Fora onde?” Ela perguntou, quase um sussurro.

“A trilha de caminhada,” Theodore forneceu, largando o telefone.

Kalen a levou de volta para a trilha. Quanto eles sabiam? O envolvimento de Eve era bastante óbvio pelo fato de tudo ter acontecido dentro de sua casa, e várias pessoas a terem visto cumprimentar Isobel na porta. Mas eles sabiam *por quê?* E onde estava Eve agora?

Ela olhou para suas feridas novamente, franzindo ainda mais a testa. Ela estava cheia de pontos, o que significava que Kalen não tinha levado seu corpo de volta no tempo. Ou talvez sim, mas os ferimentos dela eram muito graves.

Maya falou novamente. “Seu pai chegou com seus pertences e eu estava lá quando as enfermeiras revistaram sua bolsa. Eu vi a corrente e soube imediatamente o que era.”

“Eles têm vindo visitar todos os dias,” Theodore sussurrou em sua orelha. “Esperando você acordar. Metendo o nariz em tudo.”

“E agora você acordou.” Maya sorriu. Ela parecia estar esperando que Isobel lhe agradecesse.

“Então, o que é?” Isobel ergueu a corrente, decidindo agir como uma idiota. Sua voz falhou novamente e ela estremeceu, fazendo com que Theodore pegasse uma jarra de água colocada ao lado da cama. Ele empurrou um copo na mão dela e ela agradeceu com um sorriso tenso, bebendo o líquido frio.

“É um artefato da alma.” Foi Sophia, a filha, quem falou, parecendo um pouco entediada, ou talvez apenas desconfortável. Ela parecia estar protetoramente na frente de seu irmão mais novo e lançando a Theodore um olhar cauteloso ocasional. “Como nas histórias, quando o vínculo era mais comum.”

Diante da expressão perplexa de Isobel, a outra garota revirou os olhos. “Então os deuses escolheram unir as pessoas, certo? Bem, eles costumavam dar presentes a casais unidos para mostrar sua bênção. Halos brilhantes, coroas de flores, capas de casamento combinando, pombinhos seguindo-os, cordões vermelhos e correntes douradas amarrando-os juntos.” Ela acenou com os dedos em direção à corrente, as unhas pintadas de azul balançando com desdém. Ou ela não acreditava no que dizia ou não tinha certeza se Isobel era digna do presente

dado pelo deuses.

“Bem...” Isobel engoliu em seco. “Está bem então. O que fez você pensar que isso era um... artefato da alma?”

“Uma corrente de design requintado longa o suficiente para envolver duas pessoas iluminada por um brilho sutil?” Maya voltou secamente, antes de tirar um pedaço de papel dobrado do bolso. Era uma imagem fotocopiada de um livro. “Por causa de Aphelina,” ela explicou. “Nos textos mais antigos, ela é chamada de A Encantadora Celestial.”

A mulher na imagem era *radiante*. Sua aparência sugeria tantas linhagens diferentes que era impossível dizer a qual raça ela pertencia. Deveria ter sido confuso ou opressor, mas... fazia sentido, de alguma forma. Era como se ela tivesse sido montada com os ideais de beleza de cada raça individual, transformando-a numa tapeçaria de humanidade tão complicada que de alguma forma se tornou simples. Ela *era* linda. Seus olhos eram profundos e expressivos, um gradiente de cor que ia do marrom intenso ao dourado pálido. Seu cabelo era brilhante, flutuando ao seu redor como uma nuvem. Era preto escuro e ruivo perto de seu crânio, mas um tom pastel suave salpicado de branco brilhante nas pontas. Sua pele tinha lindas manchas de marfim e carvalho, claras e escuras. Até mesmo seus lábios carnudos e bem torneados pareciam mudar de um rosa suave para um pêssego mais quente, para uma fruta mais profunda. Seu rosto era um equilíbrio de simetria que exalava uma natureza calma e harmoniosa em cada linha, inclinação e curva... mas o detalhe mais chocante sobre ela era a corrente.

Apesar dos extremos de sua aparência, ela usava apenas um vestido de linho fino, a corrente girando ao redor dela como uma coisa viva e consciente, parecendo brilhar suavemente por dentro.

“Essa é uma dos deuses dos Superdotados?” Isobel perguntou, devolvendo a imagem. Ela não comentou as semelhanças da corrente, embora algo duro e assustador estivesse alojado no fundo de sua garganta. *Eles estavam falando sobre deuses, agora?*

“Uma deles, sim.” Maya dobrou o papel e colocou-o de volta no bolso. “Aphelina inspira tanto os mortais quanto os deuses para a expressão estética. Em termos leigos, você poderia dizer que ela é a deusa do amor e da beleza. Ela é sempre a mais liberal com seus presentes, embora eu não ouça falar dela ter concedido algum há algum tempo...”

A porta se abriu, Kalen entrou no quarto sem bater, Niko logo atrás dele. Os

dois pararam quando viram Isobel sentada no colo de Theodore. O olhar de Kalen desceu para seus braços antes de pousar em seu rosto novamente, seu enorme peito subindo enquanto ele respirava fundo.

Niko não revelou nada, mas apenas desviou os olhos dela por um rápido momento para fazer uma varredura rápida no quarto antes de voltar sua atenção para ela. Era pesada, vigilante, mas sua expressão estava vazia, seus lindos olhos cautelosos. Ele se posicionou fora do caminho, recostando-se na parede e cruzando os braços. O sorriso torto que ele sempre dava às câmeras estava reduzido a lábios pressionados, os músculos se contraindo enquanto ele se mantinha imóvel, os ombros largos curvados para dentro.

“Guardiã Rosales.” Kalen cumprimentou a mulher laconicamente. “Vejo que você voltou.” Seu tom sugeria que ela havia sido convidada a não retornar.

“Eu tenho rédea solta no hospital.” Maya enfrentou o enorme Alfa, sua espinha dorsal aparentemente feita de aço. “Os pacientes nos acham reconfortantes.”

“Você viu o olho dela.” Kalen não se incomodou em fazer as gentilezas que o tom de Maya sugeria que ela estava tentando atraí-lo. “Nenhum de nós acha isso reconfortante. Muito menos Carter.”

O poder de Kalen ondulou pelo quarto, fazendo o menino, Luis, choramingar. Sophia o colocou debaixo do braço, colocando-o atrás da mãe. Ambos estavam curvados, com as cabeças baixas em submissão. Ao contrário de sua mãe Alfa, ambos pareciam ter o anel de classificação Delta cor de ferrugem em torno de suas íris.

“Estou surpresa em saber que você também está envolvido nisso, professor.” Maya apontou a mão para a cama. “Eu sei como os Alfas podem ser, mas certamente algumas linhas proprietárias permanecem...”

“E ainda assim, elas não o fazem.” Kalen suspirou, esfregando a lateral do rosto. “Eu tenho que proteger meus Alfas. Se você contar a alguém sobre a aberração da Sigma, eles retomarão a busca por seu companheiro em Ironside e nós dois sabemos o primeiro lugar para onde eles irão recorrer. Preciso que meus Alfas permaneçam focados em estreitar suas especializações e construir suas bases de fãs. Já estou permitindo que vários deles sejam substitutos para Carter, já que isso funciona muito bem para suas classificações, mas tenho que traçar um limite em algum lugar. Preciso da cabeça deles no jogo, e falta muito tempo até as férias de verão. Quem sabe quanto tempo eles ficarão fora se as autoridades os levarem para testes? O tempo de tela é tudo, Rosales.”

“Depois do tiroteio no Colorado e do ataque em Vermont, estou surpresa que você esteja disposto a falar tão livremente contra a OGGB.” Maya deu um pequeno passo para trás, como se não quisesse ser pega muito perto de Kalen. “Eles estão à caça de anti-legalistas, especialmente *aqui*.”

Aqui, por causa de... Eve?

O ataque em Vermont?

Isobel recuou, o ácido escorrendo para o fundo de sua garganta. Theodore deslizou a mão pelos laços na parte de trás do sua bata de hospital. A palma da mão dele pressionou contra sua pele nua, surpreendentemente fria apesar do calor absurdo de seu corpo. O toque deu a ela algo em que se concentrar, e ela se concentrou na maneira como ele deslizou suavemente as pontas dos dedos sobre as saliências sutis em sua coluna até que um pouco do pânico diminuísse. Niko ainda não tinha tirado os olhos dela, e pareceu que ele soltou um breve suspiro quando ela piscou de volta ao foco.

Kalen olhou estoicamente para Maya, que eventualmente encolheu-se ligeiramente, murchando sob seu olhar, sua breve batalha pelo domínio apresentando um vencedor claro.

“Não vou contar a ninguém sobre o olho dela... o seu olho.” Maya voltou sua atenção para Isobel, franzindo a testa levemente ao ver a forma como a pele de Isobel ficou acinzentada, o suor se acumulando em sua testa. A Guardião fez uma pausa para respirar antes de continuar. “Mas se você não vai permitir que a academia a estude,” ela se voltou para Kalen, “então eu gostaria de...”

“Não,” Kalen a cortou. “Ninguém toca nela. Olha para ela. *Estuda* ela.”

O quarto ficou em silêncio, a atenção de Maya voltando-se imediatamente para a avaliação. Até Sophia espiou Kalen, com as sobrancelhas levantadas. Maya olhou de volta para Theodore e Isobel, seus olhos dançando entre eles, seus lábios apertando. “Embora seja possível que o artefato da alma se alimente de um substituto para curar uma infração da alma, esta recuperação tem sido bastante milagrosa.” Sua atenção se concentrou em Theodore. “Você foi testado, Sr. Kane?”

“Testado, como?” A voz de Theodore era suave como seda, suas vibrações resmungantes sob controle enquanto ele voltava sua atenção para acalmar Isobel.

“Seus olhos foram testados?” Maya perguntou bruscamente.

Kalen deu um passo à frente rapidamente, mas Isobel rapidamente se sentou e depois se ajoelhou, lutando contra a tontura quando a mão de Theodore

escorregou de suas costas e todos no quarto se viraram para olhar para ela. Ela agarrou o joelho de Theodore para se manter firme enquanto se sustentava. A situação estava a segundos de sair do controle.

“Não desrespeite meu substituto,” Isobel exigiu calmamente. Ela lutou para manter o tom mesmo apesar do tremor em seus membros. “Se você... se você mantiver segredo sobre o fato de que estou escondendo que meus dois olhos mudaram, você pode ficar com a corrente. Você pode estudá-la ou o que quiser fazer com ela. É por isso que você continua voltando, certo? Por causa do artefato da alma?”

“E você.” Foi Sophia quem falou, dando de ombros. “Ela está muito animada porque Aphelina está nos abençoando novamente.”

“Aceito.” Maya olhou para a corrente. “Não vou contar a ninguém. Nem mesmo se eles me torturarem.” Ela concordou tão rápido que Isobel ficou boquiaberta e os argumentos que ela estava tentando reunir desapareceram.

Nem mesmo se eles a torturassem?

Quem diabos fazia promessas assim?

“Eu aconselhei sua especialista em vínculos a cortar a corrente quando você acordasse,” Maya continuou como se não tivesse acabado de chocar todos eles. “Eles tiveram que adicionar elos para fechá-la corretamente. Mas se você me permitir fazer isso agora?”

O pavor tomou conta de Isobel, e ela enrolou a mão protetoramente em torno da corrente que circulava em seu pulso. Ela olhou para Kalen, mas ele estava preso em algum tipo de conversa silenciosa com Niko. Niko assentiu sutilmente e Kalen recuou um passo, afastando-se da Guardiã para colocar as costas contra a porta.

Eles estavam permitindo que isso acontecesse.

Por um momento, quase pareceu que Kalen estava prestes a avançar sobre Maya. Talvez ele pudesse forçar a mente dela a voltar no tempo, assim como forçou o corpo de Isobel a voltar. Kalen encontrou os olhos de Isobel, abaixando o queixo em um breve aceno de cabeça, e ela se virou para Maya, engolindo em seco.

“Vai doer?” Ela perguntou, olhando para seus antebraços. *Doer* nem sequer começava a descrever como foi ter a luz arrancada dela. Só de pensar nisso, seus dedos se fecharam em punhos, querendo se fechar em torno de seus fios de luz e segurá-los perto de seu peito.

Onde eles estavam agora? O pensamento enviou outro arrepio de pânico percorrendo sua nuca.

“Sim,” Maya afirmou claramente. “Mas a sua especialista em vínculos fará isso de qualquer maneira. Você não pode viver sua vida amarrada a outra pessoa. Você está fora de perigo agora, então não há razão para manter a conexão... especialmente porque eles só fizeram isso para me agradar, em primeiro lugar. Se você não acredita em artefatos da alma, então não precisa se preocupar com nada, certo? Você não sentirá nada. É apenas uma corrente aleatória que apareceu completamente do nada, sem motivo algum.”

Isobel caiu sobre os calcanhares. Theodore segurou seus quadris e puxou-a totalmente de volta para ele novamente. Ela cruzou as pernas, segurando o pulso amarrado enquanto Maya passava por um rolo de bandagens na mesa ao lado da cama, pegando um pequeno alicate. Devem ter sido deixados por quem adicionou os elos à corrente dela. Ela estendeu a mão, mas Theodore puxou o pulso de Isobel para trás, estendendo a mão primeiro.

Maya quebrou a corrente habilmente e a dor foi imediata. Afiada, quente, morna e úmida. Parecia uma faca direto em seu peito. Ela engasgou, pressionando as mãos contra a camisola do hospital, surpresa por não ter sangue escorrendo por seus dedos. A dor percorreu todo o seu corpo, fazendo lágrimas brotarem em seus olhos. Seus dedos dos pés se curvaram, seu corpo se curvou para dentro, tentando se enrolar em uma bola.

Maya fez uma pausa, olhando para Isobel. Ela não parecia triunfante por estar certa sobre a corrente ser algum tipo de artefato da alma, apenas solidária com a dor de Isobel. Linhas finas se acumulavam entre suas sobrancelhas elegantes enquanto ela esperava que Isobel se recuperasse.

“F-Faça isso rápido,” Isobel sussurrou entre dentes, levantando a mão trêmula.

Maya rapidamente cortou a corrente, mas ela pareceu ganhar vida de repente, brilhando furiosamente e imediatamente envolvendo o pulso de Isobel novamente, cravando-se dolorosamente em sua pele. A respiração de Isobel ficou ofegante. Theodore não parecia estar respirando. Kalen e Niko avançaram um passo, os olhos de Niko se arregalando de espanto. Kalen estendeu a mão, impedindo o outro Alfa de se aproximar.

Maya colocou o alicate na corrente novamente, mas pressionou bem mais devagar, com um aperto experimental. As correntes brilhavam e vibravam em alerta, mas quanto mais Maya afastava a ferramenta da mão de Isobel, menor era

sua reação. Quando ela estava longe o suficiente, ela rapidamente fez um corte, e a ponta da corrente subiu, atingindo a mão de Maya e deixando para trás um vergão, o sangue já brotando na superfície de sua pele antes de recuar e envolver-se contentemente no pulso de Isobel. A ponta da corrente pousou nas costas de sua mão, aninhando-se em sua pele.

Sophia correu para frente, envolvendo rapidamente a mão da mãe em uma bandagem enquanto Maya apenas olhava para sua pele rasgada, as sobrancelhas levantadas, a boca ligeiramente aberta. Ela parecia estar respirando mais rápido, mas manteve a compostura bem.

“Ainda está viva,” Maya finalmente afirmou, voltando-se lentamente para Isobel.

Isobel balançou-se no abraço de Theodore, com os braços cruzados sobre o peito enquanto tentava engolir a dor. Parecia inacreditável que todo esse *sentimento* tivesse sido contido por uma corrente. Uma corrente que parecia pelo menos um tanto comum até Maya cortá-la.

Seus dedos tremiam violentamente enquanto ela juntava o resto do metal, estendendo-o para a Guardiã. Parecia frio e pesado, como se toda a magia tivesse escapado dele para se enterrar no comprimento curto que envolvia seu pulso, deixando apenas ouro simples e descartado para trás. Maya aceitou hesitantemente, relaxando apenas quando não lhe causou nenhum dano enquanto ela se virava e o colocava na pequena sacola que Sophia mantinha aberta.

“Se houver algo que você queira saber sobre os artefatos da alma ou se mais algum deles aparecer...” Maya recuou em direção à porta, arqueando uma sobrancelha em uma expressão que lembrava surpresa quando Kalen facilmente saiu de seu caminho. “Moro na pequena residência atrás da capela. Você também pode me encontrar na capela pela manhã.”

Isobel assentiu. Foi tudo o que ela conseguiu.

“Vou informar às enfermeiras que ela está acordada. Você deve ter alguns minutos,” acrescentou Maya, apontando a declaração para Kalen antes de conduzir seus filhos à sua frente.

Sophia voltou para a abertura antes que Kalen pudesse fechar a porta, seus olhos cor de mogno mais claros que os de sua mãe, seu anel de classificação Delta fazendo-os parecer um bronze manchado. “Ou eu,” ela disse para Isobel. “Você pode vir falar comigo se ficar cansada desses posers de Ironside. Até mais.” Ela fez uma saudação estranha e idiota antes de desaparecer.

Kalen fechou a porta, apoiando-se nela novamente enquanto seus olhos

voltavam para Isobel com um peso pesado. O tom mais claro e translúcido de seu olhar pingava em ouro derretido, fervendo com uma inteligência feroz. Ele tinha os olhos de um predador, sempre procurando por pontos fracos nos disfarces frágeis que as pessoas usavam, desenterrando fendas e cicatrizes até que todos os seus esforços para parecer perfeito fossem em vão, deixando para trás apenas o medo primordial do que ele poderia fazer com o que descobrisse sobre eles.

A única coisa era... ele não tinha esse efeito sobre ela.

Tudo nele que o fazia parecer tão intimidador agora a fazia se sentir segura. Ele foi vítima desta situação tanto quanto ela, mas a protegeu em todos os momentos. Ele salvou a vida dela.

“Você me levou para a trilha?” Ela perguntou, sua voz abafada pela dor que ainda vibrava através dela. “Onde está minha luz?”

Ele baixou a cabeça, balançando a cabeça uma vez. “Cian me disse para colocar todos os fios de volta dentro de você. Fiz o que pude e depois levei você de volta para a trilha de incêndio. Não consegui curar você completamente. Muitas pessoas já tinham visto suas feridas. Eu apenas as curei o suficiente para que os fios de luz ficassem escondidos novamente. Eles já estavam vasculhando a montanha quando cheguei lá, então tive que deixar você bem longe da trilha. Fiquei com você o máximo que pude. Os oficiais revistaram a trilha e a casa de Eve em busca de seus fios, mas então decidiram que eles deviam ter desaparecido quando você se teletransportou.”

“Obrigada,” ela sussurrou.

Ele não perguntou o que havia acontecido na casa de Eve. Nenhum deles fez isso. Ela olhou para Niko, que ainda estava olhando para a corrente em seu pulso, sua expressão agora demonstrando uma leve curiosidade.

“Eu não... o vínculo não...” ela se esforçou para colocar isso em palavras.

“Cian, Oscar e Kilian estavam muito longe de você quando você foi cortada,” Kalen respondeu. “Você ainda está apenas semi-vinculada.”

Theodore estava se mantendo sob controle, apesar do tumulto total que tentava atingir seu corpo vindo de sua direção. Ele estava abafando as emoções de todos os outros na sala, e havia muitos pensamentos e sentimentos concorrentes para ela tentar decifrá-los, considerando o quão dispersa ela já estava. Uma de suas mãos acariciou levemente sua coluna para cima e para baixo, enquanto a outra envolveu suas pernas, mantendo-a enrolada contra seu peito.

Kalen finalmente se afastou da porta, inclinando a cabeça como se pudesse ouvir algo do outro lado. “Você vai querer seu espaço até que processe tudo isso,” ele disse. Uma declaração, não uma pergunta. Ela não teria pensado que Kalen a conhecia tão bem, mas ele parecia entender que ela preferia processar as coisas sozinha, do seu jeito. “Mas deveríamos ter uma reunião com todos o mais rápido possível. Você consegue?” Ele pescou um conjunto de lentes de contato do bolso e entregou-as para ela.

Ela tinha a sensação de que ele não estava perguntando por sua saúde. Ele estava se perguntando se ela estava pronta para enfrentar todos eles depois de descobrir que *todos* eram seus companheiros.

Depois de beijar Sato, mesmo que ela estivesse sob a influência das correntes brilhantes.

Depois de se aconchegar em Kalen em sua cama, mesmo que ela estivesse sob a influência dos lindos padrões de luz sob sua pele.

Especialmente depois que ela se perguntou se o vínculo realmente a estava influenciando ou se simplesmente diminuía suas inibições.

E Eve... e os fios...

“Irei assim que tiver alta,” prometeu ela, tirando uma das lentes de contato e inclinando a cabeça para trás para colocá-la no olho.

“Eles provavelmente vão liberar você esta noite.” Kalen estendeu a mão para pegar a caixa de lente e ela a colocou na palma da mão dele. Ele devolveu-a ao bolso e apontou o queixo para Niko. “Então vamos jantar e ninguém vai fazer você dormir no quarto deles. Eu prometo.”

Uma risada vazia borbulhou em sua garganta e ela a engoliu facilmente, assentindo enquanto eles saíam do quarto. Apenas trinta segundos depois, as enfermeiras entraram, segurando prontuários e chefiadas por Teak.

“Isobel.” Teak parecia aliviada e oprimida, seu sorriso trêmulo enquanto ela estava ao lado da cama, suas mãos inquietas como se ela não soubesse o que fazer com elas antes de colocar a palma da mão no ombro de Isobel.

Theodore se mexeu de modo que nenhum dos dedos de Teak tocasse seu peito, seu nariz roçando uma vez na lateral do pescoço de Isobel, experimentando o que provavelmente era um cheiro de angústia e dor.

“Ei,” Isobel cumprimentou fracamente. “Obrigada por me dar todos esses substitutos.”

Teak sorriu. “Não pense que eu poderia tirá-los mesmo se tentasse. Você tem um vínculo muito especial com seus amigos.”

Isobel enrijeceu, observando enquanto a outra mulher recuava, consultando rapidamente as enfermeiras.

“Ela não quis dizer isso,” Theodore sussurrou, sua respiração soprando em sua orelha.

Ela estremeceu, virando-se ligeiramente para encará-lo, mas quase assim que seus olhos se encontraram, ele a empurrou de volta para frente. Algo estava errado em sua expressão, mas ele não lhe deu tempo suficiente para examinar.

As enfermeiras não pareciam querer ou precisar que Theodore se movesse enquanto examinavam Isobel, embora tivessem o cuidado de não tocá-lo de forma alguma. Quanto mais elas o contornavam, mais confusa Isobel ficava e, eventualmente, Teak pareceu notar.

Ela deu a Isobel um sorriso compreensivo. “É importante tratar os substitutos como verdadeiros companheiros, especialmente em tempos como estes.”

“Oh.” Isobel não entendeu nada.

“As pessoas odeiam que seu companheiro seja tocado na frente delas,” especificou Teak. “Ou sem ser na frente deles. Basicamente, de qualquer jeito.”

“*Oh*,” ela repetiu.

Theodore soltou uma risada suave atrás dela. “Você tem mais de cinco substitutos e não entende exatamente nenhuma regra.”

“Existem regras?” Ela perguntou enquanto as enfermeiras mediam sua pressão arterial. “Cinco é demais? Parecem muitos.”

“Apenas *tente* reduzi-los.” A voz de Theodore ficou áspera. “Não vamos apenas deixar você ficar doente e morrer. Mas sim, cinco é aproximadamente quatro a mais que o normal.”

“Não existem regras rígidas, exatamente.” Isso veio de Teak, que havia puxado uma cadeira para o lado da cama, esperando que as enfermeiras terminassem o exame. “É mais que os substitutos deveriam espelhar um companheiro adequado tanto quanto possível, com duas exceções notáveis. Sexo e...”

“Marcação,” Theodore forneceu.

Teak pareceu impressionada.

“Os outros fizeram algumas pesquisas,” ele murmurou.

“Hum.” Teak cruzou uma perna bronzeada sobre a outra, a saia prendendo no joelho enquanto ela relaxava na cadeira. “Os 'outros' estão corretos. Embora apenas uma marcação permanente possa completar um vínculo, o sexo aproximará muito mais um par semi-vinculado. Se um substituto marca permanentemente uma pessoa vinculada ou semi-vinculada ou faz sexo com ela, isso é considerado um desrespeito flagrante ao vínculo e pode resultar em uma pequena ruptura.”

“Ruptura,” repetiu Isobel, olhando para os braços que as enfermeiras agora enfaixavam levemente.

“Uma infração de alma,” especificou Teak. “Elas acontecem em vários graus de gravidade. Algumas infrações de alma podem matar uma pessoa. É muito importante evitá-las. Se uma infração de alma matar uma Âncora, a Corrente também morrerá. Ser íntimo de alguém fora do seu vínculo provavelmente não lhe causará muitos danos, mas se você tiver uma forte conexão emocional com essa pessoa, o vínculo poderá ver isso como uma contaminação. As marcações acidentais podem não ter qualquer efeito, mas as marcações deliberadas podem ter consequências muito graves. No seu caso, já que você nem conheceu seu companheiro e está apenas meio vinculada, é altamente improvável que o sexo cause qualquer tipo de infração na alma, mas marcas permanentes e...” ela apontou para os braços de Isobel. “Os ataques diretos à magia do vínculo são uma história diferente, não importa o quão próximo você esteja do seu companheiro.”

Quando Isobel olhou para cima, os olhos de Teak estavam cheios de lágrimas, mas a especialista em vínculos conseguiu afastá-las tão rapidamente que Isobel começou a duvidar de ter visto alguma coisa.

“Sinto muito pelo que aconteceu com você,” Teak sussurrou, com a voz embargada antes de limpar a garganta delicadamente. Suas próximas palavras foram suaves e uniformes. “A maioria das pessoas não sobrevive a uma infração de alma tão grave. Alguns acreditam que é uma ruptura da própria alma, e se o corpo não se desligar pelo abuso, a mente o fará. Mas você parece...” ela balançou a cabeça, um pequeno sorriso tremendo em seus lábios. “Você deve ter um companheiro incrivelmente forte para ancorá-la durante tal evento e para continuar a ancorá-la mesmo sem estar ao seu lado enquanto você se cura. Aposto que ele é um Alfa.”

“Sim,” Isobel concordou ocamente. “Talvez.” *Ou houvesse dez deles*.

“Eu deveria alertá-la, no entanto.” Teak endireitou-se na cadeira, olhando brevemente para Theodore, embora o Alfa atrás de Isobel estivesse em silêncio. Ele parecia estar monitorando de perto o que as enfermeiras faziam com ela. “Com o seu vínculo ainda não formado, sua mente e alma levarão mais tempo para curar do que seu corpo. Haverá efeitos colaterais.”

“Eu adoro efeitos colaterais,” disse Isobel secamente, mas a piada não deu certo. Não quando sua voz estava tão rouca e sua boca ainda estava apertada de dor.

Theodore foi o único que reagiu, sua exalação suave contra a nuca dela soando como o início de uma risada.

“Você gostaria de discutir tudo mais tarde?” Teak perguntou, examinando Isobel com preocupação.

“Vou sair daqui esta noite?”

“Se você estiver autorizada,” Teak se esquivou.

Isobel suspirou, afundando-se contra Theodore, com a maior parte das forças minando-a. “É melhor acabar logo com isso, então.”

“Sinto muito.” Teak deu um tapinha na mão dela. “Você provavelmente só quer dormir.”

“Estou dormindo há... dias?”

“Mais de uma semana,” Theodore a corrigiu.

“Mais de uma semana,” ela repetiu entorpecida. “Então... na verdade estou *cansada*. Por que estou tão cansada?”

“Um dos efeitos colaterais,” explicou Teak. “Você vai dormir muito e vai se sentir muito fraca. Seu apetite desaparecerá, mas você precisa se forçar a comer. Certa vez, um homem que sofreu uma infração de alma morreu de sede sem sequer perceber que não comia ou bebia. Portanto, beba água regularmente e coma nas refeições habituais, mesmo que seja só um pouco. Faça exercícios leves regularmente...”

“Posso dançar?” Ela interrompeu, seu coração pulando em sua garganta e batendo violentamente.

Teak engoliu em seco, olhando para seu colo por um momento. “Nenhum exercício extenuante. Sinto muito. Apenas caminhada e alongamento por enquanto. Seu corpo pode parecer bem, mas você precisa se monitorar com muito cuidado por um tempo para ter certeza de que seus sintomas estão

melhorando em vez de piorar. Claro, se soubéssemos quem é seu companheiro, você poderia simplesmente completar o vínculo e se curaria muito mais rápido."

"E se eu não quiser completar um vínculo?"

Todas as enfermeiras enrijeceram, olhando umas para as outras. Uma delas desviou sua atenção para Teak. "Ela está livre para ir hoje à noite. Devemos informar o pai dela?"

Teak acenou com a mão. "Eu estive em contato com ele. Vou informá-lo."

As enfermeiras saíram rapidamente do quarto e Isobel suspirou, sentando-se ereta e cruzando as pernas, examinando as bandagens nos braços. Ela estava tão tonta, tão *cansada* já. "O que meu pai disse?" Ela mexeu nas bandagens, não tendo coragem de olhar para Teak enquanto fazia a pergunta.

Ela não ficou surpresa ao acordar e descobrir que seu pai havia desaparecido.

"Ele perguntou se você estava apta para retornar com uma programação completa de filmagens," Teak respondeu com firmeza, uma pitada de emoção em sua voz, que ela pigarreou para disfarçar. "Ele foi chamado para trabalhar, mas quer você pronta e funcionando o mais rápido possível. Ele me pediu para providenciar fisioterapia e aconselhamento extensivos para minimizar os danos."

Isobel zombou, olhando para cima. "E minha outra pergunta?"

Teak enrijeceu, mudando de posição na cadeira. "E se você não quiser completar um vínculo?"

Isobel assentiu, esperando.

"Bem..." Teak soltou um suspiro pesado. "Não tenho certeza se você terá escolha. Esse é o enredo que Ironside está perseguindo. Eles estão muito impacientes para encontrar seu companheiro, embora os Alfas estejam, reconhecidamente, proporcionando bastante entretenimento nesse ínterim."

"Somos muito divertidos," concordou Theodore, mas seu habitual tom encantador estava embotado, sua voz carregando algum tipo de tensão sutil.

"Mas você não é companheiro dela," disse Teak, enfiando a mão no bolso interno da jaqueta.

Isobel observou a mão da outra mulher, derrubando as paredes com um estremecimento e estendendo-se cuidadosamente para testar a emoção de Teak. *Suspeita*. Ela tomou um gole, sugando-o o mais lentamente que pôde. Foi doloroso. O esforço para usar sua habilidade e a concentração necessária para

manejá-la com tanto controle eram quase demais. Ela podia sentir sua energia se esvaindo a cada segundo, mas se recusou a ir mais rápido. Se Teak sentisse sua intrusão, faria muito mais mal do que bem.

Teak puxou uma pequena lanterna e Isobel fingiu não notar. Até mesmo Theodore parecia fingir não notar. Ela podia sentir a maior parte dos músculos dele contra suas costas, ombros e braços, e ele mantinha todo o corpo deliberadamente relaxado, curvado ao redor dela de uma forma calma e solta. Aparentemente, os dois estavam pensando na possibilidade de Teak tentar testar os olhos de Theodore em algum momento. Ambos estavam preparados... mas alguns minutos de preparação não significavam muito.

“Se Isobel fosse minha companheira, ela usaria minha marca por todo o corpo,” Theodore falou lentamente, apertando os braços ao redor dela.

Ela continuou desviando as suspeitas de Teak, uma gota de cada vez, esperando que a outra mulher não notasse... mas era difícil se concentrar porque Theodore estava mais uma vez provando ser um ator fenomenal. Ele havia inserido posse suficiente em sua voz, distorcendo-a com a quantidade certa de tormento e desejo. E então ele deu uma risada pequena e autoconsciente, fazendo Teak piscar para ele. Ele provavelmente estava dando a ela um sorriso lindo, perfeito e comovente. Ela provavelmente estava questionando tudo o que pensava saber sobre o mundo e caindo sob o feitiço dele, assim como todo mundo.

Seu aperto na lanterna afrouxou e ela sorriu de volta para ele, refletindo qualquer expressão comovente que ele usava, seus olhos passando por seu rosto. “Ela nunca esquecerá o que você está fazendo por ela.” Ela tentou consolá-lo gentilmente. “O que todos vocês estão fazendo por ela. Certo, Isobel?”

Theodore roçou o rosto contra o de Isobel, cruzando as pernas e envolvendo-a com braços fortes até que ela foi levantada completamente em seu colo. “Mas especialmente *eu*, certo, Isobel?” Ele se aninhou perto da orelha dela. “Eu sou seu favorito, não sou?”

Ele provavelmente estava tentando lembrar Teak que havia outros quatro Alfas agindo como substitutos, então Theodore não poderia ser seu companheiro. Aparentemente, um verdadeiro companheiro não suportava que outras pessoas tocassem na pessoa que lhe pertencia. Mas qualquer que fosse o jogo dele, estava causando um curto-circuito no cérebro dela. Ela se derreteu em seus braços, o tremor diminuindo em seus membros.

“Você é muito bom nisso,” observou Teak, observando Isobel se

transformar em uma poça.

“Mas não bom o suficiente para ser real,” ele respondeu com um tom casual forçado, tentando, e falhando, em mascarar o toque de agonia que pairava em sua voz.

Caramba. Fale sobre ser denso.

E... Teak estava comendo tudo. Ela secretamente deslizou a lanterna, a outra mão se contorcendo como se quisesse alcançá-la. A mulher era um grande coração sangrando. Isobel deslizou a parede com muito cuidado e muito lentamente, separando-se de Teak antes que pudesse desmaiar.

“Hum...” Isobel interrompeu antes que eles pudessem começar a soluçar e enxugar as lágrimas um do outro. “Há mais alguma coisa ou estaria tudo bem se eu fosse agora? Quero sair daqui enquanto ainda posso andar.”

2

Esponja Sigma



Isobel enxugou as mãos suadas no short, olhando para a porta do Dormitório A. Kilian havia deixado roupas e produtos de higiene pessoal em seu quarto de hospital, ela sabia que foi ele, porque eles carregavam seu aroma terroso de bergamota e casca de árvore. Depois de tomar banho, lavar o cabelo e vestir um short curto de algodão e um moletom de mangas compridas, ela se sentiu muito mais ela mesma. Mesmo que o moletom fosse de Kilian.

Havia um leve brilho de suor pontilhando sua pele por causa da caminhada lenta e fácil até o Dormitório A, embora Theodore tivesse caminhado ao lado dela mais devagar do que ela jamais o vira caminhar antes. Sempre que ela tentava acelerar, ele tocava seu cotovelo para atrasá-la novamente, ignorando completamente os alunos que paravam ao vê-los, os telefones levantados para tirar fotos. Ela não captou nenhuma das palavras sussurradas, mas o ataque em Vermont, como Teak havia dito, provavelmente era uma grande notícia. Pessoas vinculadas eram importantes para os Superdotados, e Isobel nunca tinha ouvido falar de uma infração de vínculo ou infração de alma antes, muito menos saber que isso aconteceu enquanto ela estava viva. A verdade era que sua única fonte de fofoca eram as notícias humanas, e eles não se importavam particularmente com o que acontecia nos assentamentos, apenas com o que acontecia em Ironside.

Theodore olhou para ela, sem forçá-la a entrar no dormitório. “Tudo bem, Illy?”

Ela virou a cabeça para ele, os lábios curvados, o sorriso trêmulo. “Não.”

Sua expressão estava tensa, seu anel Alfa encolhendo para uma linha fina e dourada. Ele estava contendo tantas emoções e era muito bom nisso, mas agora que estavam sozinhos e não havia câmeras olhando, ela podia ver as rachaduras.

Ela também podia senti-las. Sua energia estava escapando como um chicote para estalar levemente contra sua pele. Era afiada, elétrica e inquieta. Ela raramente sentia o poder de Theodore como uma força física, provavelmente porque ele passou a vida inteira tentando escapar dele.

“Diga a palavra e eu a levarei de volta para o seu dormitório,” ele ofereceu.

“Quero ficar sozinha um pouco, mas não sei... se consigo.”

“Diga a palavra e eu vou ficar lá no chão com você.”

“É uma cama,” ela defendeu.

“É um chão. Com cobertores.”

Ela fez uma careta para ele, e sua atenção se voltou para seus lábios, a tempestade em seus olhos escurecendo, agitando, enquanto ele observava seu nariz torcer e seus lábios se curvaram. Apesar da intensidade em seus olhos, seu sorriso ameaçou aparecer.

“Isobel...” ele murmurou o nome dela, a sugestão de seu sorriso desaparecendo. Ele esfregou as duas mãos no rosto, limpando todos os vestígios de alegria. “Eu sinto muito.”

“Eu sei,” ela disse, chutando a ponta do tênis no chão rochoso.

“Por esconder isso de você,” ele pressionou.

“Eu sei.”

“Não é o suficiente.” Ele parecia frustrado. “Você deveria me dar um tapa. Me xingar. Nunca mais falar comigo. Por um dia,” ele rapidamente acrescentou.

Ela bufou. “Dois dias.”

“Um dia e meio.”

“Uma semana,” disse ela. “Oferta final.”

“Você está negociando na direção errada.” Ele a apoiou na porta antes que ela percebesse o que estava acontecendo, com as mãos em seus quadris. Seu corpo tremia de repente, seus olhos cheios de turbulência. “Não fale comigo por trinta segundos.” A voz dele havia baixado para algo parecido com um aviso, algo que implorava para que ela se afastasse... mas ele a encurralou.

E ele estava quente.

E ele era Theodore.

Ela ergueu o queixo, aceitando o desafio, e os olhos dele pousaram

novamente em seus lábios. Um gemido curto saiu de sua garganta. “Eu deveria lhe dar intimidade física para ajudar a aliviar o vínculo,” disse ele.

Ele não tinha parado de tocá-la desde que ela acordou. Ela franziu a testa, mostrando sua confusão. *Vinte e três segundos e contando.* O aperto em torno de seus quadris apertou ainda mais, a expressão dele de repente ficando dividida.

“Não podemos ir longe demais. Em qualquer direção.” Ele parecia tão angustiado, as palavras guturais. Uma de suas mãos soltou seu quadril para levantar seu queixo, inclinando seu rosto para cima. Ela podia sentir a respiração dele contra seus lábios, entrecortada e áspera. “Vou ajudar você a passar sua primeira noite sozinha, ok?”

Ela já havia esquecido que não deveria falar com ele, mas não tinha palavras de qualquer maneira. Sua boca estava seca, a garganta apertada, as mãos trêmulas. Todo o seu corpo estava formigando de medo e antecipação. Medo, porque Theodore era intocável. Ele era o mais acessível, o mais apresentável, aquele com todos os amigos, aquele para quem as pessoas gravitavam e defendiam. Mas Isobel suspeitava que fosse tudo uma encenação, e isso faria dele o oposto de todas as coisas que fingia. Isso significaria que ela realmente não o conhecia.

Ele esperou por alguma coisa, o polegar roçando o lábio inferior de um canto da boca ao outro, arrastando levemente a carne enquanto aumentava a pressão.

Cada carícia lenta e comedida provocava algo na boca de seu estômago, eventualmente fazendo-a se contorcer. Ele pairou mais perto quando ela se moveu, cada plano de seu corpo empurrando contra o dela. Ela podia sentir o quão duro ele estava apenas tocando sua boca e de repente tudo parecia conectado, seus corpos desencadeando um ciclo de respostas um no outro. O polegar dele pressionou entre os lábios dela, pegando os dentes inferiores, abrindo a boca apenas ligeiramente. Seu estômago se apertou com força. Sua ereção pulsou e ele baixou a boca sobre a dela, sem soltá-la ou fazer qualquer movimento para beijá-la. Um pouco de seu poder afiado e crepitante desapareceu de sua pele, mas os arrepios ao longo de seus braços permaneceram.

“Você quer ajuda? Ou você quer fazer isso sozinha?” Ele sussurrou. “Devo ajudá-la? Preenchê-la o suficiente para que você possa durar a noite toda?”

Ela fez um pequeno som implorando. Foi tudo o que ela pôde fazer com o polegar na boca. Parecia uma oferta sem compromisso... como se ele realmente fosse um substituto em vez de seu companheiro real, e isso permitiu que ela

estivesse no momento, para não pensar muito sobre o que ele estava oferecendo.

Isso realmente não *significava* nada.

Ele tirou o polegar da boca dela, substituindo-o pelos lábios, e ela derreteu, assim como acontecia toda vez que ele a tocava. Ele controlou o beijo desde o início, usando seu queixo para inclinar seu rosto, saboreando-a lenta e docemente até que ela parecia que estava se afogando e apenas o corpo forte dele, ancorando-a contra a porta, a mantinha de pé.

Ela ficou inquieta, mas ele manteve o mesmo ritmo enlouquecedor, mexendo em seu cérebro. Ela tentou se mover, empurrar contra ele, puxar sua camisa e acelerar o beijo, mas ele apenas mordeu seus lábios pelo esforço. Ela meio que esperava que a pele dele começasse a brilhar ou que outra corrente aparecesse magicamente, mas algo não parecia certo dentro dela. Algo dentro dela estava doendo, e enquanto o toque de Theodore a estava transformando em uma nuvem de luxúria estressante, havia algo lá no fundo que ainda estava *quebrado*.

Ela estava sozinha com isso. Nenhuma magia para desviar suas inibições e torná-la corajosa.

Então, quando a mão dele roçou sua barriga, empurrando-a para trás apenas o suficiente para puxar a camisa enorme para cima, prendendo-a acima da bainha do short, ela de repente descobriu que não conseguia respirar. Ele fez uma pausa, a respiração áspera contra os lábios dela, e ela percebeu que ele estava pensando se deveria parar.

“Mais,” ela sussurrou. Ele estava se segurando demais. Ela estava queimando por dentro e ele estava muito controlado. Ela odiou isso.

Ele emitiu um grunhido gutural, recuando o rosto enquanto a considerava.

“Tem certeza disso?”

“M-mais.” Ela puxou o pulso dele para tentar trazê-lo para mais perto, ou para puxar o braço dele em volta dela, mas em vez disso, os dedos dele empurraram dentro do short dela.

Ela não estava preparada para isso. Ela só queria que ele se sentisse tão fora de controle quanto ela, mas assim que as pontas dos dedos dele deslizaram em sua calcinha e roçaram seu clitóris, ela percebeu que era *exatamente* onde ela precisava dele. Qualquer outra pessoa poderia ter tentado convencê-la a colocar as mãos nas suas calças... mas não Theodore. Ele gostava de chocá-la. Ele aplicou um pouco de pressão, observando a cor invadindo seu rosto enquanto ela

agarrava nervosamente os braços dele.

“Pare de empurrar meus braços, Illy. Não posso arriscar sentir o quão molhada você está.” Ele gemeu as palavras, mordiscando seu queixo antes de beijá-la. Seus lábios pressionaram com mais força desta vez, sua língua exigindo mais dela enquanto seus dedos circulavam suavemente o feixe de nervos, aumentando a pressão até que ela se contorcesse. Era como se ele já conhecesse o corpo dela por dentro e por fora. Como se ela fosse um instrumento e ele a praticasse cuidadosamente há anos e já tivesse recebido algum tipo de diploma.

O que ela não pagaria para vê-lo *não* ter sucesso automaticamente em alguma coisa.

Ele observou cada reação dela, mudando a pressão, a posição e a cadência de seu toque com cada mudança em sua expressão ou dificuldade em sua respiração. Ele a levou até o limite e então parou de repente, segurando seu sexo suavemente e deixando-a flutuar e ofegar em seus lábios.

“Tudo bem?” Ele rugiu, embora ela estivesse encharcando as pontas dos dedos dele e segurando sua camisa com tanta força que quase a arrancou de seu peito largo.

Isso lhe deu um momento para nivelar as emoções que a invadiam, a fornalha queimando sob sua pele. Ela engoliu em seco, as lágrimas queimando atrás de seus olhos, seus nervos em frangalhos.

Tudo estava desgastado.

Seu coração parecia estar em uma bagunça esfarrapada, se desfazendo por todo lado e Theodore estava deixando ela usá-lo para dominar seus sentidos, para ignorar a desordem e encher sua mente e corpo com um calor tão escaldante que mal importava se ela estava se desfazendo ou inteira... mas ele não a deixaria escapar completamente. Ele a estava trazendo de volta o suficiente para que ela ainda estivesse lá, ainda com ele.

Ele acariciou sua bochecha, inalando seu perfume, e ela assentiu.

“Porra. Minha garota perfeita,” ele elogiou, baixo e estrondoso, seus dedos molhados voltando para onde ela precisava deles, massageando seu botão inchado até que ela se perdesse novamente, oscilando na mesma borda. “Você nunca esteve tão linda, Illy.”

A queda do outro lado não foi tão assustadora desta vez.

O que foi bom porque ele não lhe deu a chance de recuperar o fôlego novamente. Assim que ela chegou ao precipício, ele a empurrou para fora da

borda sem aviso, enviando-a para uma onda vertiginosa e deliciosa de batimentos cardíacos entrecortados, vibração instável e o prazer doloroso de todo o seu corpo se contraindo.

Ela queria gritar, ou chorar, ou puxá-lo tão perto de seu corpo quanto pudesse, mas ela não tinha forças. Todo o seu corpo vibrava quando ela piscou as manchas pretas dos olhos, a garganta rouca, embora tivesse certeza de não ter pronunciado uma única palavra. Ele tirou a mão do short dela e gentilmente ajustou-o novamente em seus quadris, deixando seu moletom enorme cair. Ela estava mole contra a porta, um zumbido suave instalando-se sob sua pele.

“Como você se sente agora?” Ele disse asperamente, sua mão desaparecendo sob o cós da calça. Ele se ajustou, a mandíbula cerrada, os olhos brilhando. Quando ele tirou os dedos, eles não brilhavam mais com a umidade dela.

Por alguma razão, o corpo dela apertou novamente, gostando muito do fato dele ter espalhado a essência dela sobre seu pau, isso causou um sentimento agudo e possessivo em seu peito. Era *certo*. Ela quase entrou em pânico ao pensar que ele poderia ter ido embora *sem* fazer isso.

“Eu sinto...” ela engoliu em seco, tentando ficar em pé novamente e tentando afastar seus pensamentos estranhos e intrusivos. “Mais estável e mais instável.” Ela riu suavemente. “Mais fundamentada e mais assustada.”

“Não fique envergonhada.” As palavras pareceram escapar na voz Alfa acidentalmente, e ele estremeceu, corrigindo rapidamente. “Merda. Quero dizer... por favor, não fique envergonhada. Você sofreu uma infração de alma. Você precisa de um pouco mais de calmante. É natural.”

Ela assentiu, mordendo o lábio. Parecia inchado e macio. “E você está... quero dizer... você está bem com...”

“Seriamente. Não.” Ele sorriu para ela, seu sorriso amplo e desarmante, seus dentes perfeitos cintilando brilhantemente. “Eu me ofereci para ser um substituto. Eu sabia que você precisaria que eu tocasse em você.”

“Eu não sabia.”

Ele zombou. “Dê-me o sinal e eu garantirei que você só terá que sofrer por causa de um de nós.” Ele estreitou os olhos para ela. “A propósito, estou falando de mim.”

“E o resto de vocês me acusará de separar o grupo e escolher favoritos?” Ela franziu a testa para ele, o zumbido agradável dentro dela não diminuiu nem

um pouco. “Você viu o que aconteceu quando pedi a Cian para continuar como substituto para mim.”

“Hum. Uma conversa para outra hora, eu acho.” Ele cuidadosamente organizou sua expressão. “Pronta para entrar? Eles não podem mexer com as câmeras desta vez. Seria muito suspeito.”

“Então, como vamos conversar?” Ela perguntou, confusa. “Por que Kalen convocaria uma reunião em grupo?”

“Porque cinco de seus Alfas estão intervindo ativamente para nutrir seu vínculo enquanto os oficiais vasculham o campus em busca de seu verdadeiro companheiro, e porque você está prestes a ser transferida para o Dormitório A, o que faz de você uma de seus pupilos. Uma pequena Sigma-Alfa.”

Ela zombou, a risada a deixando de má vontade. “Certo. Pensei que íamos conversar sobre...” ela engoliu em seco, incapaz de continuar.

“Vamos conversar sobre o ataque.” Ele acariciou sua bochecha levemente. “Apenas lembre-se de ter cuidado com o que você diz, só isso.”

Deveria ter sido estranho e humilhante continuar uma conversa normal depois do que ele acabou de fazer, mas em vez disso, pareceu natural. Theodore a fez se sentir confortável, desempenhando facilmente o papel de “substituto” e de amigo.

Eles entraram na sala comum em silêncio, olhando ao redor do espaço vazio antes que Theodore pegasse a mão dela e a puxasse em direção às escadas. Os Alfas juntaram duas áreas de estar no terraço, formando uma longa mesa com cadeiras suficientes para todos eles. Moses estava na cozinha, segurando uma jarra de vidro com água, quando chegaram ao topo da escada.

Suas narinas se alargaram, passando entre Theodore e Isobel, e então seu aperto na jarra afrouxou, deixando-a se espatifar no chão. Theodore o ignorou, conduzindo-a para uma das cadeiras livres. O resto dos Alfas pareceram confusos com Moses, que ficou imóvel como uma estátua, até que ela chegou à mesa, e então todos reagiram ao mesmo tempo.

Easton levantou-se, afastando-se da mesa e xingando baixinho. Kalen estava agarrando a borda da mesa com tanta força que ouviu o gemido de uma pedra quebrando. Reed e Spade se contorceram, seus olhos batendo nela, suas narinas dilatadas. Niko empurrou a cadeira para trás, resmungando sobre o vidro quebrado enquanto fugia para a cozinha. Sato, que estava sentado na outra ponta da mesa, arqueou uma sobrancelha escura para ela, uma pergunta pesada em seus olhos ônix. Cian esfregou a boca como se estivesse engolindo uma risada.

Kilian foi o único que não fez nada de estranho.

Ele caminhou até ela e a capturou em um abraço apertado que tirou seus pés do chão. Quando ele a colocou no chão novamente, ele de repente se virou para Theodore, agarrando seu pulso e puxando a mão de Theodore entre eles.

“Lave as mãos antes de comer,” ele disse suavemente, seu tom escondendo uma corrente de aspereza.

Isobel ficou branca, finalmente percebendo a que todos estavam reagindo, mas por mais mortificada que estivesse, a sensação confortável de seu sangue cantando alegremente em suas veias a fez encolher os ombros e se sentar. Kilian imediatamente reivindicou o assento ao lado dela, colocando-a debaixo do braço, o nariz roçando seu cabelo.

“Você cheira feliz em nos ver,” ele disse.

“Cala a boca.” Ela deu uma cotovelada nele.

Ele riu, arrastando-a para mais perto. Os outros olharam para os dois como se estivessem falando uma língua estrangeira.

“Bem.” Easton pigarreou, olhando para Theodore por vários segundos estranhos e prolongados antes de se sentar em frente a Isobel. “É bom ver você acordada.”

“*Tão* acordada,” Cian falou lentamente, lançando lhe um sorriso irônico. “Super desperta.”

“Você também pode calar a boca.” Ela olhou feio para ele, antes de olhar timidamente para a gravata de Easton. “E hum, obrigada, professor.”

Houve um leve som de zombaria do outro lado da mesa. Ela não tinha certeza de quem veio, porque os outros ainda estavam se movimentando. Niko e Moses trouxeram mais de meia dúzia de pratos da cozinha antes de Moses pegar a cadeira de Theodore, arrastando-a, e a Theodore, para longe de Isobel. Ele inseriu uma cadeira entre eles e afundou nela, balançando a cabeça para o irmão.

Theodore nem estava prestando atenção. Ele estava enchendo seu prato com comida como se não comesse há uma semana.

“Tenho certeza que você tem muitas perguntas,” Easton continuou, ignorando os gêmeos Kane.

“O que aconteceu com eles?” A pergunta quase explodiu dela. Ela estava esperando para perguntar desde que abriu os olhos no hospital.

“*Eles*?” Kalen exigiu. A mesa inteira parou. Moses deixou cair outra coisa. Mais vidro quebrando.

“Alguém mais estava lá?” Sato rosnou. “Ninguém mais entrou na casa. Nós estávamos observando. Eve não mencionou uma segunda pessoa em sua confissão e sua confissão foi suficiente para que ela...” ele fez uma pausa, seus olhos se movendo para o lado, quase como se estivesse procurando uma das câmeras. “O suficiente para colocá-la em apuros,” ele alterou. “Então presumimos que ela não estava mentindo.”

Isobel enrolou os dedos em torno do garfo, sentindo o estômago embrulhar de repente enquanto olhava para a comida servida diante dela. “Havia um garoto. Não consigo lembrar o nome dele. Ele estava saindo da casa quando entrei, então deve ter dado a volta e entrado pelos fundos.”

“Eu me lembro dele,” disse Cian. “Alto, cabelo escuro, tinha uma expressão no rosto como se fosse mais inteligente do que todos os outros. Usava uma jaqueta velha de motociclista...”

“Aron,” Kilian resmungou.

Outro copo explodiu, Easton xingando enquanto estendia a mão.

“Aron?” A voz de Cian estava pesada de pavor. “Como em...”

“Sim.” Kilian engoliu em seco, toda a animação de repente sumiu dele, seus olhos assumindo uma aparência vazia. “O meu ex.”

“Ele nem é um estudante...” Moses parou quando Kalen se levantou da mesa, pegando seu telefone e procurando um número antes de levantá-lo para a orelha e ir embora.

“E agora ele está praticamente morto,” Kilian disse, ainda olhando fixamente para a mesa.

“Eve já confessou.” Moses franziu a testa para Kilian. “Por que Aron estava lá?”

Isobel engoliu em seco, espiando Kilian. Ele não *parecia* apenas sem emoção. Ela não conseguia sentir nada dele. Nada mesmo. De alguma forma, isso parecia pior do que sentir uma pressão terrível e pesada contra o peito.

“Ambos estavam convencidos de que Kilian era meu companheiro,” ela disse cuidadosamente.

“Por que eles pensariam isso?” Niko perguntou, seus olhos focados nela. Ela nunca os tinha visto tão claros, o verde-terra e o rico tom marrom se

misturando, prendendo sua atenção tão bem que ela se esqueceu de piscar, as lágrimas brotando pelo esforço necessário para manter o olhar dele.

Eu disse a ela. Eu quebrei minha promessa. Isso é tudo minha culpa.

“Eu... estraguei tudo. Achei que ela fosse minha amiga.”

Niko se inclinou para frente, atraindo-a ainda mais para aquele oásis verde-floresta, seu poder envolvendo-a tão sutilmente que ela mal percebeu que ele estava exercendo sua influência até que a envolveu como uma segunda pele. “Por que ela pensaria que Kilian é seu companheiro?” Ele repetiu, sua voz suave.

Seria muito fácil mentir. Afirmar que ela não teve nada a ver com isso. Ela poderia até usar as câmeras como desculpa.

Mas *eles* eram os mentirosos. Ela não.

“Porque eu contei tudo a ela,” ela disse calmamente. Ela deixou isso pairar no ar por um momento antes de distorcer o resto da história para as câmeras. “Tudo que eu queria acreditar, de qualquer maneira. Eu disse a ela que Kilian era meu companheiro porque desejava que ele fosse. Eu não quero meu verdadeiro companheiro. Não sei quem ele é. Mas Kilian é *legal* comigo. Ele se preocupa comigo. E ele provavelmente nunca me faria completar o vínculo porque ele não gosta de garotas.”

Ela recostou-se na cadeira, deixando cair o garfo e cruzando os braços. Eles estavam quietos. Kilian nem sequer agiu como se a tivesse ouvido. Ele ainda estava olhando para o mesmo lugar na mesa.

“Isso... não foi sábio,” Easton finalmente disse, enquanto Kalen voltava para a mesa.

“Isso foi realmente *imprudente*,” Moses rosnou, sempre o primeiro a arrancar a cobertura de açúcar.

“Estou ciente,” ela rangeu os dentes, antes de reprimir sua atitude defensiva. Eles a avisaram para não contar a ninguém, e ela havia prometido que não o faria. Mas saber que ela estava tecnicamente errada não tornava mais fácil pedir desculpas. “Desculpe.”

Kilian se afastou da mesa, evitando olhar para alguém. “Eu... estarei... só... preciso de um minuto.”

Ela empurrou a cadeira para trás para segui-lo, mas Moses deixou cair os dedos em sua coxa, mal a tocando enquanto balançava a cabeça, sua carranca

profunda e assustadora.

Cian ficou de pé, com a expressão perturbada enquanto passava os olhos rapidamente pela mesa. Ele parecia prestes a dizer algo antes de mudar de ideia, seguindo Kilian.

“Você deveria comer.” Easton avaliou Isobel enquanto o silêncio ao redor da mesa se tornava mais profundo e perturbador.

Ela olhou para a comida empilhada sobre a mesa que ninguém mais estava pegando, ouvindo as palavras que Easton *não* disse.

Ele queria que ela comesse para que ela pudesse ir embora.

Ela se moveu para empurrar a cadeira para trás novamente, mas Moses repetiu o mesmo movimento de antes, os dedos batendo em sua coxa, puxando-a para frente.

“Coma alguma coisa,” ele sugeriu.

Nenhuma voz Alfa.

Ela empurrou a cadeira para trás e saiu da mesa.



Theodore lutou contra a vontade de parar Isobel enquanto ela se afastava vários passos da mesa, e depois vários mais, só para ter certeza de que estava fora do alcance de qualquer pessoa. O cheiro tentador e xaroposo que ele conseguiu transformar em um perfume inebriante apenas dez minutos atrás já estava ganhando um toque amargo, encolhendo de volta em suas veias até que ele não estava mais reprimindo a necessidade de fazer algo incrivelmente estúpido na frente de nove de seus amigos mais próximos.

Já era ruim o suficiente que ele tivesse coberto os dedos com o gozo dela e espalhado sobre o pau. *Isso* foi uma coisa completamente perturbada de se fazer, e foi a razão pela qual ele ainda estava meio duro. Mesmo agora. Provavelmente para sempre. Apesar de tudo.

Ele notou Niko relaxando um pouco e os ombros de Elijah caindo lentamente. Kalen e Mikel não pareciam mais querer se jogar do telhado... mas

um tipo diferente de tensão havia descido, e nenhum deles parecia saber exatamente o que fazer com isso. A situação era ruim, Isobel poderia ter simplesmente estragado o disfarce deles, mas nenhum deles estava zangado com ela. Com a situação, sim, mas não com ela.

Infelizmente, ela não parecia perceber isso.

“Eu realmente sinto muito,” Isobel repetiu, olhando para o chão com a testa franzida. Havia um limite para o que ela poderia dizer, embora tivesse se afastado das câmeras.

Ela estava lutando, lutando pelas palavras, mas isso não importava. Eles sabiam por que ela estava se desculpando.

“Você contou a mais alguém essas... histórias?” Kalen perguntou.

Bem, agora Theodore queria *empurrá-lo* do telhado.

Exceto que Kalen só diria que isso era culpa de Theodore. Todos disseram a ele desde o início que não podiam confiar seus segredos a ela quando mal a conheciam. Havia muita coisa em jogo. Mas também foram eles que mentiram para ela primeiro, e eram dez. Havia apenas uma dela. Todos eles tinham um ao outro e ela não tinha ninguém.

Eles realmente seriam idiotas só porque ela queria *um* amigo ao seu lado?

Pelo amor de todas as coisas sagradas, mantenham suas malditas bocas fechadas.

Ele olhou para eles um por um.

“Não. Eu não contei a mais ninguém.” O cheiro de Isobel era o de uma cerejeira enfiada em um cortador de lenha, lascas e poeira voando por toda parte, suco maduro escorrendo pelas engrenagens até ficar oleoso e contaminado.

Kalen a estava tratando como um de seus Alfas. Fazendo as perguntas necessárias para controlar os danos antes de se concentrar no lado emocional das coisas, ou deixar Niko ou Kilian se concentrarem no lado emocional das coisas. Theodore só esperava que Isobel não pensasse que ele estava com raiva dela. Kalen parecia estar com raiva o tempo todo, mas ela só precisaria vê-lo realmente irritado uma vez para saber a diferença.

Isobel se endireitou ligeiramente, seus olhos brilhando para Kalen antes de se voltarem para os outros rostos. “A agressão não foi culpa minha. Eles planejaram isso. Eles tinham suas suspeitas e iriam me torturar, não importa o que eu dissesse. Eve tem me torturado desde que cheguei aqui. Fui estúpida

demais para ver isso porque ela estava certa. Eu sou ingênua. Eu acredito em tudo que me dizem.”

Seus olhos se voltaram para Theodore, seu olhar pousou com mais força do que o tapa que ele havia dito que ela deveria dar nele.

Aí está.

Apesar da dor vazia que sentiu ao ver a expressão de decepção dela, ele ficou feliz por ela ter dito isso. Ele assentiu levemente, mostrando que entendia o que ela estava dizendo, e algumas das linhas que marcavam sua testa diminuíram.

“Você tem razão.” Gabriel levantou-se da mesa, jogando o guardanapo para baixo. Ele não iria comer a comida de qualquer maneira. Não com a quantidade de copos quebrados e com a possibilidade de um caco ter caído em seu prato. “Eve já estava mirando em você. Todos os alunos nomeados por ela no ataque antes das férias de primavera estavam diante das câmeras em locais diferentes. Eles têm álibis sólidos. Ela mentiu para você e para os diretores. Não sei quem te atacou, mas não foi o grupo habitual de amigos Delta dela. A única pessoa em Ironside com habilidade registrada de criar escuridão e sombra é uma Beta do segundo ano, Kiki Rayne. Quanto à outra coisa... ignore Moses. Ele só está preocupado com Kilian.”



Isobel ficou um pouco mais ereta, chocada com a defesa que Spade fez dela. Ela observou quando ele pegou um pãozinho e começou a se afastar, pensando que estava seguindo Cian e Kilian... só que ele parou na escada, olhando para ela. “Vamos, filhote.”

Ela correu até ele, tão grata pela fuga que poderia tê-lo abraçado, mas ele provavelmente não teria gostado disso. Então, em vez disso, ela apenas o seguiu em silêncio.

“Você está garantindo que eu não tente falar com Kilian?” Ela perguntou, enquanto eles passavam pela porta do quarto dele.

Spade não respondeu, apenas entregou-lhe o pãozinho e continuou

andando.

“Coma,” ele sugeriu enquanto contornavam o lago.

O pão tinha gosto de papelão e suas mãos tremiam de novo, mas ela obedeceu, mordiscando-o lentamente enquanto caminhavam.

Quando eles estavam na metade do caminho de volta para o Dormitório O, ele finalmente respirou fundo, lançando lhe um olhar rápido e de soslaio. “Como você está se sentindo?”

Ela encolheu os ombros. “Honestamente? Nada mal agora.”

“Orgasmos farão isso. O sexo fará mais, mas eu teria que desaconselhar fortemente isso.”

Ela engasgou com a própria saliva e quase tropeçou nos próprios pés, mas pelo menos eles estavam do lado de fora e as câmeras provavelmente não conseguiam ouvir o que diziam. Os alunos passando em ambos os lados do caminho, no entanto...

Isobel olhou para eles descontroladamente, mas eles pareciam estar muito ocupados tentando tirar fotos dela e de Spade, enquanto ele segurava seu cotovelo para firmá-la, para prestar atenção no que ele dizia.

“Não vou nem tocar nisso,” ela finalmente disse. “Mas obrigada pelo conselho.”

“A qualquer momento.” Ele chutou uma pedra para fora do caminho, diminuindo o ritmo quando ela se cansou. “Você é inexperiente. Você pode interpretar mal as coisas.”

“Eu não interpretei nada mal. Theo me disse por que estava fazendo isso.”

“Oh?” Spade pareceu sorrir um pouco. “Bom para ele.”

“Spade? Isso é estranho.”

“Gabriel.”

“Sim, acho que isso é estranho também.”

Seu sorriso se contraiu um pouco mais, mas então ele lambeu os lábios e desapareceu num piscar de olhos. “Vamos ser amigos, Isobel. Quero ficar de olho em você.”

“Esse é um motivo terrível para propor amizade a alguém.”

“Não é meu único motivo.” Ele diminuiu ainda mais a velocidade e então virou de repente para a direita, forçando-a a virar com ele para que ele não

colidisse com seu ombro. Ele a conduziu até a beira do lago, onde havia menos pessoas, e então sentou-se no banco solitário com vista para a água, com o olhar voltado para o cais com o qual ela estava desconfortavelmente familiarizada.

Ele bateu no banco ao lado dele, e ela se sentou, colocando as mãos frias entre as coxas e revirando os lábios, escolhendo olhar para qualquer lugar, exceto para o cais.

“Por que estamos parando?” Ela perguntou.

“Porque você precisa recuperar o fôlego. Sua frequência cardíaca está muito alta. Posso ver sua pulsação acelerando em seu pescoço. Mesmo com a... assistência de Theo, essa ainda é sua primeira noite fora do hospital e você entrou imediatamente em uma situação de alto estresse, em vez da atividade calmante de vínculo com vários de seus substitutos, como Elijah havia planejado.”

“Ok.” Ela chutou os sapatos, aproveitando o roçar das solas nas tábuas de madeira. “Então, qual é a outra razão pela qual você quer ser meu amigo se não for apenas para ficar de olho em mim?”

“Tenho dois melhores amigos que compartilham uma única qualidade definidora. Eles se sacrificaram muito por mim. Você exibiu a mesma qualidade. Pela minha definição, já somos amigos íntimos. Estou apenas divulgando isso.”

Ela parou de chutar as pernas, franzindo a testa. “Hum... eu não acho que eu...”

Ele baixou a cabeça para o lado, de repente dando-lhe toda a atenção, e a frase morreu em seus lábios.

“Você se sacrificou,” ele assegurou a ela. “Deliberadamente, embora não conscientemente.”

“Sim.” Ela estudou o rosto dele, tentando não murchar sob tanta atenção. “Eu me sacrifico deliberadamente, mas não conscientemente, pelas pessoas o tempo todo. É minha praia.”

“Você deveria usar um tom de voz diferente ao expressar sarcasmo.”

“Você é um dicionário?”

“Tente uma entonação zombeteira. Se você esquecer de deixar isso óbvio no momento, você pode adicionar uma risada no final.”

“Oh meu Deus.” Ela olhou para ele. “Você está com mal funcionamento.”

Ele zombou, balançando a cabeça. Uma mecha de cabelo loiro caiu em seus

olhos, e ele a penteou para trás, acariciando a lateral da cabeça para ter certeza de que todas as outras mechas estavam no lugar antes de deixar sua atenção voltar para o lago. Ele esticou as pernas, cruzando-as na altura do tornozelo, os braços sobre o peito, as mãos dobradas em lados opostos.

“É apenas uma teoria...” ele baixou a voz até ficar quase inaudível. “Mas acho que você está absorvendo a maioria dos efeitos colaterais que deveríamos ter. Acho que é uma extensão do seu poder Sigma.”

“Parece certo,” ela murmurou, não tão surpresa quanto deveria. “Você sentiu quando...?”

Quando eles arrancaram minha luz.

Ela não queria dizer isso em voz alta, mas Gabriel pareceu entender. Sua boca imediatamente se apertou, seus braços se fecharam como se de repente ele tivesse formado punhos.

“Sim,” ele rangeu baixinho. “Mas nem de longe o que você teria sentido. Isso não é normal. Devíamos estar incapacitados como você. Você pegou mais do que sua parte justa. Se alguém suspeitava que algum de nós era seu companheiro antes, essa suspeita diminuiu drasticamente. Devíamos ter sido hospitalizados ao seu lado. Elijah acha que estamos compartilhando os efeitos colaterais da Âncora igualmente entre nós, dividindo-os. Eu acho que é mais do que isso. Acho que estamos compartilhando com você e acho que você está levando mais do que nós.”

Ela estremeceu e ele a examinou lentamente.

“Vamos. Você precisa descansar.” Ele se levantou, esticando o pescoço para a esquerda e depois para a direita, a mesma mecha de cabelo caindo fora do lugar novamente. Ele colocou-a de volta no lugar com um movimento irritado dos dedos e começou a caminhar na direção do dormitório dela, esperando que ela o seguisse.



Oscar sentou-se na beira do terraço, uma longa perna pendurada e a outra entalhada na borda de pedra, muito depois de Gabriel voltar para casa. Mikel

veio procurá-lo depois de verificar todos os outros. Ele poderia ser como uma mãe galinha mal-humorada com um rosto estraçalhado às vezes.

“Precisa de uma sessão?” Mikel perguntou, com as mãos enfiadas nos bolsos, os olhos fixos em Oscar.

“Isso não é para mim,” Oscar respondeu. “Lembra da parte em que somos pagos no final delas?”

Mikel revirou os olhos. “Eu preferiria que você tentasse me bater, em vez da alternativa.”

“Que alternativa?” Oscar desafiou, saltando da borda e caminhando em direção ao professor.

Mikel passou a mão com cicatrizes no rosto, obviamente frustrado por não ser capaz de falar o que pensava. A câmera treinada neles estava muito perto, agora que Oscar se aproximou dele.

“Você machucando outra pessoa,” Mikel finalmente disse baixinho, antes de se virar e voltar para as escadas. “Vá para a cama, Oscar.”

Voz Alfa.

Oscar grunhiu, ficando imóvel enquanto lutava contra a influência de Mikel. Era pesada e sólida, como ferro. Demorou alguns minutos e muito desconforto, mas então ele estava livre para fazer o que quisesse, libertando-se do pesado poder que tentava envolvê-lo.

E ele gostou bastante da ideia de machucar alguém.

Alguém muito particular.

Seus passos eram leves e silenciosos enquanto descia as escadas, abrindo a porta do quarto de Theodore. Ele alcançou o Alfa adormecido com alguns passos fáceis, lançando-se sobre seu torso e capturando sua mão direita. Oscar bateu a mão capturada no travesseiro ao lado da cabeça de Theodore, tirando um canivete tático do bolso de trás e estendendo a lâmina para descansar contra os dedos que ainda carregavam vagamente o cheiro de Isobel.

A lembrança do xarope de cereja pegajoso no ar fez com que pontos pretos dançassem diante de seus olhos, e ele lutou para se controlar.

A Sigma era *dele*, porra.

Theodore havia acordado em algum momento, mas rapidamente parou de lutar, e agora se mantinha bem imóvel, com a respiração controlada, os olhos estreitados e atentos.

“Oscar.” Ele parecia milagrosamente calmo, sua voz rouca de sono. “Não sabia que você sentia o mesmo por ela.”

“Ela é *minha*,” Oscar rosnou, pressionando a lâmina com mais força contra a pele de Theodore.

Ele não queria dizer isso em voz alta.

Theodore nem sequer se encolheu. “Você a quer? Quer namorar com ela? Quer levá-la ao cinema em Ironside Row? Quer apertar a mão do papai babaca e pegar o café da manhã do jeito que ela gosta?”

“Eu a beijei primeiro,” Oscar rosnou, sua voz soando estranha aos seus próprios ouvidos. Algo não estava certo. Ele se sentia perturbado... mais do que o normal.

As palavras de Theodore foram registradas, mas por pouco.

Porra, não, ele não queria fazer essas coisas.

Apertar a mão do pai dela? Mais como arrancar o braço do pai dela e usá-lo para dar um tapa nele até que seu rosto ficasse roxo e azul.

“Você a ressuscitou,” Theodore corrigiu. “Moses a beijou primeiro. Mas eu a vi primeiro.”

A porta se abriu e a luz acendeu. Moses estava na abertura, seu nariz afiado provavelmente captando um vestígio de sangue no ar.

“Puta que pariu,” ele murmurou, vendo qualquer olhar perturbado que estava no rosto de Oscar e o sangue escorrendo pela mão de Theodore para encharcar seu travesseiro antes dele sair do quarto.

Oscar dispensou a porta aberta, voltando-se para Theodore. “Toque nela novamente e *cortarei* seus dedos.”

“Então eu vou tocá-la com malditos tocos,” Theodore rosnou de volta. “Eu não...” ele cerrou os dentes, olhando para a porta e baixando a voz. “Eu não me *vinculei* com ela, idiota. Eu apenas ajudei a aliviar os efeitos colaterais.”

“Oscar,” Elijah retrucou, entrando no quarto, Moses e Gabriel logo atrás dele. “Olhe para mim.” A porta se fechou atrás deles.

“Cai fora,” Oscar rosnou. “Estou ocupado.”

“Você precisa nivelar,” disse Elijah. “Você está emergindo. Foco, Oscar. Coloque sua cabeça no jogo.”

Emergindo.

Caralho.

Emergir era ruim. Emergir significava que ele tinha que parar o que quer que estivesse fazendo.

Mas ele *realmente* queria cortar os dedos de Theodore.

“Theo não é uma ameaça,” Elijah continuou, sua voz calma, profunda e ressonante. O fodido sabe-tudo. “Ele é um de nós. Parte do grupo, parte da matilha. Família. Olhe para ele, Oscar. Ele é da família.”

“Ele pode ser da família sem os dedos,” Oscar grunhiu, as bordas selvagens e irregulares de sua mente suavizando ligeiramente. Ele recuou, retraindo a lâmina e guardando-a.

Theodore finalmente estremeceu de dor, cerrando os dedos em punho. “Você tem um parafuso solto, Oscar.”

“O que desencadeou você?” Elijah perguntou, pegando seu telefone, pronto para fazer anotações.

Oscar respirou fundo, resistindo à vontade de arrancar o telefone de Elijah de sua mão e socá-lo nos dentes de Theodore.

“Acho que essa parte é óbvia,” Theodore resmungou, agitando o punho ensanguentado antes de voltar seu olhar para Oscar. “Cara, saia de cima de mim.”

Oscar empurrou o peito de Theodore, encontrando-se em pé e passando os dedos agitadamente pelos cabelos.

“Pode ser óbvio, mas preciso ouvir isso dele,” rebateu Elijah. “E preciso ouvir isso em detalhes.”

“Ele tocou nela.” Oscar apontou o polegar para Theodore, que agora estava procurando um kit de primeiros socorros embaixo da cama.

“Em detalhes,” Elijah repetiu irritado, digitando na tela do telefone.

“Eu poderia lhe dar detalhes,” Theodore ofereceu, batendo o kit entre as pernas e vasculhando-o. Apesar do tom zombeteiro, ele não expandiu a oferta.

Jogada inteligente.

“Não esses detalhes.” Elijah olhou para os dois através das lentes dos óculos de leitura. “O que *exatamente* desencadeou você, Oscar? Qual foi a sensação do surto?”

“Você sabe o quê?” Oscar agarrou a parte superior do telefone de Elijah,

tirando-o de seu rosto. “Parecia exatamente como sempre me senti.”

“Então… significativamente desequilibrado.” Gabriel pegou seu próprio telefone, fazendo anotações enquanto Elijah olhava para Oscar com uma expressão irritantemente paciente.

“Sim.” Oscar sorriu para ele. “Assim, mas com menos bobagens de sempre me impedindo.”

“Quão diferente foi do seu surto no quarto de hotel de Isobel durante o intervalo?” Elijah perguntou.

“Bem, eu não queria transar com Theodore,” Oscar admitiu, completamente inexpressivo.

“Espere, o quê?” Moses franziu a testa, olhando entre todos eles. Theodore estava emitindo um som baixo e resmungante. “Você perdeu o controle perto de Isobel?”

“Sim,” Gabriel respondeu por Oscar. “Quando a corrente apareceu.”

“Por que eu não sabia disso?” Theodore exigiu, saltando da cama, o kit de primeiros socorros esquecido.

“Porque você não é babá dela,” Moses respondeu, irritado, antes de voltar sua atenção para Elijah e Gabriel, que pareciam estar perfeitamente cientes de tudo. Eles provavelmente haviam escrito metade de um artigo de pesquisa sobre o assunto e estavam aguardando mais dados para finalizar sua tese.

“O surto no quarto do hotel foi porque você descobriu que Isobel estava ferida,” disse Elijah, lendo... *sim, suas anotações*. “E desta vez, porque outra pessoa tocou nela.”

“Agressão proprietária.” Gabriel suspirou.

“Deveria saber que seria um problema para ele,” concordou Elijah. “Ele não tem muito em seu nome.”

“Não preciso disso, porra.” Oscar começou a caminhar em direção à porta, mas Elijah rapidamente entrou em seu caminho, erguendo as palmas das mãos.

“Nenhum de nós precisa disso.” Elijah suavizou seu tom enquanto tirava os óculos e os enfiava no bolso. “Mas eu avisei a todos vocês o que aconteceria com tantos Alfas vivendo juntos em locais tão próximos. Era administrável antes de...”

“Isobel,” Gabriel forneceu.

Elijah lançou lhe um olhar estreito. “Eu sei o nome dela.”

“Então use.”

“Problemas no paraíso?” Oscar interrompeu, fazendo seu tom parecer entediado quando na verdade era muito divertido ver os gêmeos maravilha dividirem suas células cerebrais compartilhadas ao meio para trocar farpas.

“Era administrável antes de Isobel,” Elijah disse. “Precisamos controlar isso antes que todos entremos em espiral. Você.” Ele enfiou um dedo no peito de Oscar. “Aumente o seu tempo de treinamento. Aumente o seu tempo lutando. Não recue até que alguém esteja sangrando. Precisamos controlar sua agressão.”

“Estava planejando isso de qualquer maneira,” Oscar respondeu no tom menos agressivo que ele poderia se dar ao trabalho de reunir. Então... o tom normal dele, na verdade.

“Vou escrever um novo cronograma para todos.” Elijah suspirou, recolocando os óculos de leitura e contornando Oscar para alcançar a porta. “Acho que precisaremos adicionar uma sessão extra em pequenos grupos com Mikki.”

“Por mim tudo bem.” Oscar encolheu os ombros, enfiando as mãos nos bolsos e balançando sobre os calcanhares.

Elijah lançou lhe um olhar estreito antes de abrir a porta e acenar para o corredor. “Depois de você.”

“Não, depois de você.” Oscar deu sua melhor imitação de sorriso.

Gabriel bufou. “Não vamos deixar você aqui sozinho, Oscar.”

“Tudo bem,” Oscar retrucou. “Eu esperava poupar todas as suas delicadas sensibilidades, mas...” ele voltou para a cama, agarrou a mão de Theodore e estalou dois dedos para trás enquanto o Alfa mais jovem tentava fugir.

A ruptura foi agradável e limpa.

Dificilmente agressiva.

“Bons sonhos, para todos.” Oscar sorriu ao redor do quarto, caminhando em direção à porta.

A violência aliviou algo dentro dele, e ele não pôde deixar de sentir uma centelha de admiração por Theodore, que conseguiu não emitir um único som e ainda mantinha um silêncio ameaçador.

Felizmente, ele estava planejando vingança.

Isso poderia ser divertido.

3

Correntes e Estrangulamentos



Isobel não via Kilian há semanas. Ele pareceu desaparecer completamente. Até mesmo Theodore estava distante, passando cada vez mais tempo treinando ou praticando... embora ele ainda estivesse presente em todas as sessões de pequenos grupos com Easton todas as manhãs. Os Alfas tiveram muito cuidado em mantê-la cercada, enquanto ainda mantinham distância. Ela via todos eles diariamente, e pelo menos um deles havia sido transferido para todas as suas aulas, mas eles evitavam o assunto Kilian, e ela estava com muito medo de pressionar por mais informações.

Reed estava tão distante quanto os professores durante as aulas de piano, e Easton aumentou a ferocidade das sessões em pequenos grupos... para todos, exceto Isobel. Os outros nem fingiam mais fazer treinamento vocal e simplesmente se espancavam.

Brutalmente.

Eles se arrastavam para fora de cada sessão ofegantes e machucados, completamente sem energia. Ela estava muito intimidada por Easton para perguntar o que estava acontecendo, e Theodore habilmente evitou a questão sempre que ela ousou tocá-la.

Ironicamente, o único Alfa com quem ela ainda sentia alguma normalidade era Niko. Ele a chamava para sessões de treinamento algumas vezes por semana, eventualmente substituindo as sessões de fisioterapia no centro médico, e ela estava realmente começando a gostar da companhia dele. Especialmente depois de vê-lo solto sobre os outros Alfas durante as sessões de Easton. Agora era dolorosamente óbvio o quão drasticamente ele estava se segurando com ela.

Como agora.

“De novo,” ele disse, puxando-a para cima. Não havia nem uma gota de suor em sua testa.

A camisa dela já estava grudada na pele. Ela gemeu, plantando as mãos nos joelhos. “Só um minuto.”

Ela havia voltado à sua programação completa da academia há apenas uma semana, depois de várias semanas sendo proibida de aulas e treinos de dança. Seu corpo estava lutando com o aumento da quantidade de exercício.

“Dê um tempo.” Niko passou por cima das cordas, pegou duas garrafas de água e jogou uma para ela. Ele afundou no tapete, esticando as pernas e esvaziando metade da garrafa antes de fechá-la novamente e enrolá-la para longe.

Ela engoliu a água fria, desabando diante dele e tentando aliviar a cãibra na panturrilha com a mão livre. Ele revirou os olhos impressionantes para ela, agarrando seu tornozelo e puxando-a para mais perto, de modo que a perna dela pousou sobre seu colo. Ela quase derramou água em si mesma.

“Você não é um dos meus substitutos,” ela disse. “Você não precisa fazer isso.”

Ele lançou lhe um olhar inexpressivo e confuso. “Não, eu não sou. Eu sou seu treinador.”

“Estou muito suada.” Ela tentou afastar a perna novamente, mas ele se manteve firme, as sobrancelhas caindo mais.

“Pare com isso,” ele ordenou. “Deixe-me verificar o músculo e então você estará livre.”

Ela se mexeu desconfortavelmente. Niko não a tocava a menos que fosse para colocá-la de bunda e puxá-la para cima novamente para que ele pudesse derrubá-la com um olhar entediado em seu lindo rosto. Essa era a extensão do contato físico deles.

Não que *ele* a deixasse desconfortável, o problema era que o toque dele era... bom, e ela não sentia nada assim. Niko era tão desapegado e frio com ela quanto os professores, sempre mantendo limites rigorosos e mantendo seu relacionamento em preto e branco.

Ainda assim, seu corpo não estava captando a mensagem.

Sua pele se aqueceu quando os dedos dele afundaram em seus músculos, arrancando um gemido tenso de alívio de sua garganta. Seu olhar foi direto para

o dela, mas seus dedos não pararam, habilmente eliminando a cãibra do músculo.

“É meu aniversário,” ele disse em tom de conversa.

“O quê?” Desta vez ela derramou água sobre si mesma. Ela rapidamente enxugou o queixo e guardou a garrafa.

“Hoje.” Suas sobrancelhas bem formadas se arquearam como se perguntasse. *“Você vai fazer alguma coisa a respeito?”*

“Ah... feliz aniversário,” ela conseguiu dizer. “Por que você não disse nada antes?”

“Eu estava pensando em convidar você para sair hoje à noite.” Seus dedos talentosos roçaram toda a extensão de sua panturrilha, provocando um arrepio em seu corpo que ela tentou esconder, movendo-se sobre a bunda, fingindo ficar mais confortável. “Vamos fazer uma noite de cinema.”

“Nós?” Ela resmungou, embora soubesse a resposta.

Niko lançou lhe um olhar exasperado e depois levantou-se, levantando-a novamente. Ele nunca a deixava fazer longas pausas e não ficava com ela depois das sessões. Ela suspeitava que fosse por causa das câmeras. Depois de exibir suas primeiras sessões e dando o máximo de importância possível, a equipe de produção pareceu ficar entediada e seguiu em frente quando Niko não deu ao programa nada de interessante para ir ao ar. Ou isso, ou eles decidiram estocar filmagens para algum episódio diabólico futuro, o que sempre era possível.

“Eu compartilho um aniversário com Kilian,” ele disse enquanto a derrubava de bunda sem esforço novamente, só que desta vez, ela perdeu o fôlego por causa de suas palavras, bem como de suas ações. “Ele estará lá.”

“Ele está bem?” Ela se levantou, caindo na posição defensiva que Niko lhe ensinou. Ela aproveitou a oportunidade para falar sobre Kilian como uma tábua de salvação, seu sangue zumbindo freneticamente. Todos se recusaram a falar sobre ele, e ela não queria mandar uma mensagem para ele, caso ele precisasse de espaço dela.

“Eles o removeram de Ironside por um tempo,” Niko respondeu, seu tom casual, mas seus olhos cautelosos. “Só para ter certeza de que ele não sabia nada sobre o envolvimento de Aron no ataque em Vermont.”

O ataque em Vermont. Foi a primeira vez que alguém lhe disse essas palavras desde a noite do jantar desastroso. Até Teak e Charlie tiveram o cuidado de evitar o assunto durante as sessões, já que Isobel havia declarado que não

queria falar sobre isso. Ouvir isso ser mencionado tão casualmente foi como um chute físico no estômago. O ar saiu dela e ela estremeceu.

A corrente em volta de seu pulso aqueceu, apertando-a com força. Ela pulou alguns centímetros, olhando para ela. Ultimamente ela estava agindo de forma estranha, esquentando ou zumbindo quando suas emoções ficavam descontroladas, mas nunca nada parecido com isso.

Vibrava com tanta força que parecia que estava se movendo.

Não... *estava* se movendo.

Ela se desenrolou como se estivesse rígida por ter mantido sua forma por tanto tempo, esticando-se languidamente antes de subir pelo braço, o metal quente e suave contra sua pele. Ela gritou, mas Niko rapidamente agarrou seu pulso antes que ela pudesse retirá-la.

“Nunca mexa com um artefato da alma,” ele sussurrou, seus olhos duros quando a corrente passou por baixo da manga de sua camisa e rastejou pelo centro de seu peito, mergulhando em seu decote. Ela ficou espinhosa, como se os elos estivessem brotando pequenas pernas metálicas de lagarta, e Niko agarrou a outra mão quando ela tentou voar até seu peito. A corrente se acomodou ao longo de seu esterno e então se prendeu, aquelas perninhas metálicas perfurando sua pele.

Niko praguejou, sua expressão rasgada enquanto ela gritava.

“Que porra ela está fazendo?” Ele reclamou, seu tom geralmente controlado instável.

Um toque estridente soou pela sala. A princípio ela pensou que fosse um telefone, mas depois percebeu que estava ecoando ao seu redor. *Um alarme*.

“Eu não sei,” ela gaguejou, enquanto os olhos de Niko brilhavam com desconforto, seu aperto sobre ela aumentando ao ponto da dor. “O que é esse alarme? Nunca ouvi isso antes.”

“Que alarme?” Ele perguntou, enquanto o som diminuía para algo mais suave, quase como um brilho.

Ele soltou seus pulsos e suas mãos imediatamente entraram em sua camisa, as pontas dos dedos ficando molhadas de sangue.

“Está incrustada na minha pele,” ela respirou instável. “Mas... terminou. Eu acho.”

Ela agarrou o antebraço de Niko, usando-o para se manter em pé enquanto

um pequeno gemido de dor escapava de seus lábios. A corrente parecia *viva* novamente, como se estivesse descansando e se curando ao lado dela nas últimas semanas, mas agora queria desesperadamente fazer parte dela novamente.

Niko a puxou para fora do ringue sem avisar, puxando-a na direção do banheiro. “Vamos limpar você.” A declaração foi de boca fechada, sua voz rígida e contida.

Assim que passaram pela porta, ele mudou de repente, seu toque suave, seus olhos brilhando com uma energia frenética.

“Está brilhando,” ele sibilou, empurrando-a contra o balcão, seu corpo apertado atrás do dela.

Ambos se olharam no espelho para a luz sutil que espiava através de sua camisa, e ela puxou o decote para baixo com os dedos trêmulos, olhando para os elos aninhados em seu decote.

Estava mais fina do que antes, a mais delicada corrente de ouro tirando pequenas gotas de sangue que haviam manchado sua pele. Ela se inclinou para frente, em transe, a dor desaparecendo quando aquele tilintar se transformou em um zumbido quente e feliz antes de desaparecer no nada. Ela conseguia distinguir os pequenos elos que iam da corrente até a pele em ambos os lados: pequenos ganchos metálicos para prender a joia no lugar.

Quanto mais brilhava, menos doía, até que as feridas daqueles pequenos ganchos estivessem completamente curadas. Niko estava respirando com dificuldade contra o topo de sua cabeça, as mãos apoiadas em cada lado dela, segurando o balcão com força.

“Você está bem?” Ela perguntou a ele, observando seu rosto com cautela.

Ele se contraiu, seu olhar varrendo o dela no espelho.

Sua energia estava desligada.

Seu habitual aroma quente e convidativo de uísque estava coagulando, borbulhando e fervendo até que ele cheirava mais a gasolina, o verde desaparecendo de seus olhos até que um tom mais escuro e acastanhado assumisse o controle, escurecendo toda a sua expressão.

“Caralho.” A palavra foi dita entre dentes, mais um silvo do que qualquer outra coisa. “Dê-me um minuto, Sigma.” Sua voz soava completamente diferente.

Uma sensação de perigo percorreu sua pele, o poder dele de repente invadiu

o banheiro como uma nuvem sinistra, fechando-se contra sua mente como uma compressa de metal. Sua respiração ficou superficial, seus pensamentos tropeçando em si mesmos. Foi assustadoramente semelhante ao que aconteceu com Sato no quarto de hotel em Nevada, e exatamente como naquela vez, sua mente voltou para seu pai.

Para quando ele perdia o controle.

Sato não agiu como o pai, mas, confrontada novamente com aquela perigosa influência, a mente de Isobel ficou subitamente em branco, repleta do trauma da sua infância. Não havia espaço para ela se ajoelhar no chão, esticar as costas para receber o cinto do pai, virar a cabeça para o lado, encostada no chão, onde as fibras do tapete fariam cócegas em suas narinas.

E ela estava com muito medo de pegar o telefone e ligar para Reed.

Ela soltou um som baixo de angústia, virando-se com a camisa ainda puxada para baixo para mostrar a ele que estava bem. Ela não estava mais sangrando. Foi instintivo e pareceu funcionar. Os olhos de Niko se estreitaram em sua pele pálida. Suas mãos passaram do balcão para seus quadris, colocando-a na ponta dos pés. Não parecia ser suficiente porque ele a puxou cada vez mais para cima.

Ela se esforçou para levantar as pernas, precisando sentir algo embaixo dela, e ele a sentou no balcão, com as pernas dobradas embaixo dela. Isso a colocou um pouco mais alta que ele, o rosto dele na altura do peito dela. Niko estava com uma expressão completamente estranha, como se o verdadeiro ele tivesse saído por um tempo, permitindo que algum tipo de predador Alfa tomasse seu lugar. Isso a aterrorizava, mas ele era a última pessoa que iria machucá-la, fora do ringue de luta livre, e ela repetia esse fato dentro de sua cabeça. Niko a defendeu. Ele estava fazendo tudo isso para que ela pudesse se proteger. E ele a ajudou a superar um ataque de pânico com toda a paciência e gentileza de uma pessoa acostumada a cuidar de vítimas de violência... e não como se ele próprio fosse o autor disso.

Não importava que houvesse um barulho perigoso emanando de seu peito.

Suas mãos fortes subiram pelos lados dela, indiferentes ao fato de sua camisa ainda estar úmida de suor, seu foco se concentrando nas poucas manchas de sangue que apareciam através do material. Ela observou com cautela, ambos ignorando o tremor de seu corpo enquanto as mãos dele desciam, pegando a bainha de sua camisa e puxando-a para cima.

Seus olhos se voltaram para os dela uma vez, seu anel Alfa tão inchado que

quase parecia estar se fundindo com sua pupila, a mistura de cores preta e dourada transformando-o em um estranho por um breve momento, e então ele estava se abaixando, seu hálito quente se espalhando pela sua barriga. Ele pressionou o rosto contra a pele dela, respirando profundamente, como se estivesse tentando recuperar o controle de si mesmo, mas sua atenção foi arrastada para cima, passando pelo umbigo, até a parte inferior da corrente. Ele empurrou a blusa dela ainda mais, e um grunhido baixo vibrou de sua boca, provocando sua pele.

Ele encostou a língua na base da corrente, fazendo Isobel pular de choque, mas não parou por aí. Ele arrastou a língua por toda a extensão da corrente, empurrando a camisa dela cada vez mais para cima, até que o tecido estava no queixo dela, amontoado ali, bloqueando seu caminho. Ele enterrou o rosto na camisa dela, todo o seu corpo vibrando, e ela hesitantemente enfiou os dedos em seu cabelo, sentindo a violência do pânico que emanava dele.

Ela tentou concentrar toda a sua energia nele, ignorando a agitação em seu estômago, a frieza da saliva dele atingindo uma linha que subia por seu esterno. Seus murmúrios silenciosos a faziam se contorcer e ela lutou contra o desejo *insano* de tirar o resto da camisa e ver onde mais ele lamberia.

Cristo.

Talvez ela devesse ter passado um pouco mais de tempo com seus substitutos.

Ou *qualquer* momento com seus substitutos.

Niko de repente se afastou dela com um estremecimento, liberando sua camisa. “Como você sabia o que fazer?” Ele exigiu em um tom áspero. “Por que diabos parece que você já teve experiência com isso?”

Ela não conseguia entender o tom dele, ou a pressão confusa de emoções batendo em seu peito.

Fúria, posse, inquietação.

“Com Alfas?” Ela se atreveu a perguntar, as palavras pouco mais que um guincho. “Meu pai é um Alfa.”

“Ele é *um* Alfa.” As sobrancelhas perfeitas de Niko puxaram para baixo, seus lábios pressionando firmemente enquanto ele franzia a testa. “E ele morava fora dos assentamentos. Ele é praticamente humano.”

Ela mordeu o lábio, perguntando-se se eles estavam falando sobre a mesma coisa.

“Como você sabia o que fazer?” Ele perguntou novamente. Ele não estava recuando ou soltando-a, mas pelo menos seus olhos estavam focados apenas no rosto dela e a camisa dela tinha caído de volta no lugar.

“Meu pai tem ataques de raiva. Minha mãe me ensinou a sempre me submeter quando ele está com raiva.”

Niko respirou profundamente, suas narinas dilatadas.

Raiva.

A onda de sua emoção a atingiu, mas seu rosto permaneceu impassível, seus olhos ardendo. “Não é a mesma coisa,” ele sussurrou. “Não temos raiva. Nós temos... bem, de acordo com Elijah, é o nosso cérebro posterior. Seu pai é um abusador. É diferente. Não queremos machucar você. A *última* coisa que queremos é machucar você…”

Ele parou, recuando um pouco, seu rosto mergulhando no último segundo como se ele estivesse rapidamente cheirando a pele dela antes de levantá-la do balcão. “Sua pele rasgou. Eu provei sangue.” Ele a colocou de pé e depois recuou vários passos, passando as mãos pela frente da camisa amassada. “Não deve ter sido profundo o suficiente para deixar uma cicatriz em você.”

Ela congelou, percebendo o que poderia ter acontecido, antes de balançar a cabeça rapidamente. “A corrente curou a pele logo depois de perfurá-la. Como o que aconteceu com você é diferente do que acontece com meu pai?”

“Emergir só acontece em formações Alfa. Nosso rombencéfalo pode ser acionado para assumir o controle, transformando-nos em... bem, em nossos instintos básicos. Enquanto lutamos para manter a nossa humanidade, o gatilho geralmente precisa ser remediado. Você ficou ferida. Isso me desencadeou. Você ofereceu sua pele para eu provar e cheirar, o que me permitiu ter certeza de que você estava bem.”

Ela olhou para ele, uma lenta compreensão surgindo. “Você não deveria me dizer isso, não é?”

Ele sorriu levemente, balançando a cabeça. “Eu só... hum.” Ele apontou para o peito dela. “Achei que lhe devia uma explicação.”

Ela bufou uma risada trêmula. “Sim, talvez. Você foi um cavalheiro sobre isso, no entanto.”

Ele parecia estar corando. “Não deveríamos ficar aqui. Vejo você no dormitório em uma hora. Não entre cheirando a sangue, a menos que queira um tumulto em suas mãos e... vá com calma com Kilian.”

“Ir com calma com ele?”

“Mais uma coisa.” Ele se aproximou dela, ignorando sua pergunta. “Se é sobre Alfas e não é de conhecimento geral, é melhor você não repetir. Toda aquela coisa de instintos básicos nas formações Alfa? Os oficiais não precisam saber. Eu realmente não consigo enfatizar isso o suficiente.”

Ela assentiu, observando enquanto ele saía antes de molhar uma toalha de papel e limpar as manchas restantes de sangue em seu peito. A corrente agora parecia completamente inocente, o brilho desaparecendo.



Niko escapou da academia e caminhou de volta para o dormitório sem qualquer emoção para as câmeras, mas assim que foi fechado em segurança dentro de seu próprio quarto, ele rapidamente caiu no chão, com os olhos olhando fixamente pela janela, um tremor fixando-se em suas mãos.

Ele ainda podia sentir o gosto do sangue dela na parte de trás da língua e havia um desejo ardente e avassalador explodindo em algum lugar no fundo de seu cérebro, tentando convencê-lo a correr de volta para lá e lamber seu torso trêmulo repetidas vezes até sentir que o gosto metálico do sangue dela se misturava com o cheiro forte e doce que havia tentado sair dela quando a cabeça dele estava enterrada em sua camisa e ele estava tentando se controlar.

Isso deveria ter sido mais fácil.

Ele gostava da garota, mas não estava desesperadamente apaixonado por ela *ou* desesperado por uma companheira. Ele simplesmente gostava dela, como pessoa. Deveria ter sido fácil ignorar esse incidente, caçar Elijah e registrá-lo da maneira que deveriam estar fazendo. Mas egoisticamente, ele queria manter isso para si. Elijah não tinha fodidos limites. Ele poderia perguntar se Niko ficou excitado. Ele era pior que os malditos oficiais.

Niko gemeu, esfregando a mão no rosto. Estava ficando mais difícil não tocá-la... e pior que isso, ele sabia que não era o vínculo. Ela era pequena, doce e vulnerável e também não era nenhuma dessas coisas, e ele estava lutando para manter seus pensamentos sob controle quando suas mãos estavam *sempre* nela e o cheiro dela, pesado de suor, estava sempre grudado em suas roupas.

E agora o sangue dela estava em sua boca.

Ela o estava *invadindo*... e ele não gostou.



Isobel tinha uma hora. Ela provavelmente deveria correr de volta para seu quarto e se trocar, mas em vez disso, ela se viu caminhando em direção à capela, seus dedos percorrendo a corrente agora fundida a sua pele. Não estava mais dolorido e zumbia alegremente sob seu toque, ficando quase nivelada com sua pele, como uma tatuagem feita de metal.

Ela verificou primeiro a capela, mas quando encontrou apenas um aluno do primeiro ano encolhido diante de uma vela, foi até os fundos, onde havia uma pequena residência cercada por um pátio fechado. Ela apertou o botão do lado de fora do portão e balançou sobre os calcanhares, esperando.

Foi Sophia quem saiu, a cabeça de Luis apareceu na fresta da porta que a irmã deixou aberta. Ele olhou para Isobel com olhos grandes, os óculos pendurados no nariz novamente. Sophia colocou o cabelo preto atrás da orelha, exibindo um pulso repleto de pulseiras brilhantes de contas.

“Estava esperando você mais cedo, para ser honesta.” Sophia destrancou o portão, ficando de lado e acenando para Isobel entrar.

“Eu não tenho muito tempo,” disse Isobel, seus olhos percorrendo o que parecia ser um jardim desordenado coberto de ervas daninhas enquanto Sophia fechava o portão e seguia o caminho de volta para casa.

Luis saiu correndo, escondendo-se no quarto ao lado, seus olhos de coruja piscando em outra porta sombria enquanto Sophia a conduzia para uma cozinha apertada. “Chá?”

“Ah, claro.” Isobel olhou ao redor. “Onde está a Guardiã?”

“Mamãe está dormindo. Ela tem essas enxaquecas horríveis que a deixam inconsciente. Mas sejamos honestas, você veio aqui para falar comigo.”

“Eu vim?” Isobel franziu a testa para a outra garota.

Os lábios de Sophia se contraíram. “Você quer informações. Mas você quer

isso da Protetora da Alma *obviamente* superlegal e super bonita com o ajudante mais adorável do mundo, ou da Guardiã que cortou seu artefato da alma e negociou para mantê-lo?" Ela não esperou por uma resposta. Seu leve olhar cor de mogno capturou o topo da corrente que aparecia no decote agora esticado de Isobel e ela deixou cair a chaleira que havia pego, o som dela batendo de volta no fogão, fazendo Luis voltar para as sombras.

"Isso é..." Sophia avançou, os olhos arregalados de admiração.

"Simplesmente aconteceu." Isobel cobriu-a com a mão, sentindo-se estranhamente protetora. "Está... meio que embutida na minha pele."

Sophia assobiou, assimilando a linguagem corporal de Isobel antes de recuar e girar em direção à chaleira. Ela pegou três canecas e colocou saquinhos de chá em cada uma delas, olhando furtivamente para a porta onde seu irmão estava escondido. "Você tem alguma ideia do que isso significa?" Ela perguntou.

"Não sei mais o que significa alguma coisa," disse Isobel. "E eu... não confio em ninguém."

"Compreensível." Sophia encostou-se no balcão, cruzando os braços. "Depois do que aquela vadia fez com você. Ouvimos os diretores falando sobre isso no hospital. Eles não se importaram muito com a amizade de vocês no programa, mas os diretores disseram que vocês eram próximas e que ela sempre era a primeira pessoa a confortá-la depois de orquestrar um ataque contra você."

"Bem..." Isobel zombou. *Ela poderia ter passado sem saber que os diretores estavam fofocando sobre os ataques que permitiram que acontecessem.* "Sim. Foi muito confuso. Eu realmente pensei que ela estava do meu lado."

"Talvez ela estivesse?" Sophia encolheu os ombros. "Por um tempo, pelo menos. Quero dizer, faz sentido fingir ser sua amiga enquanto eles te confundem, de uma forma meio sádica. Mas quando você ganhou alguma popularidade no programa, talvez ela tenha tentado mudar as coisas para conseguir algum tempo na tela com você. Até que ela pensou que você estava vinculada à paixão dela, claro. Então imagino que ela teve que avaliar se o tempo de tela valia a pena."

"Você conhece o jogo muito bem para alguém que nem está jogando."

"Garota." Ela riu. "Todo mundo sabe como esse jogo funciona. No Ironside, você é um predador ou uma presa. Não há um meio termo. E a presa? Bem... eles nunca vão muito longe, não é? Estou surpresa que você ainda esteja chutando."

“Eu não sou uma presa.”

Sophia despejou água quente nas canecas, colocando uma na extremidade do balcão antes de levar as outras para a pequena mesa de jantar circular. Luis saiu do corredor, pegou a terceira caneca e ficou parado no balcão, indeciso.

“Esses Alfas estão definitivamente tentando empurrá-la para a categoria de predador, especialmente com toda aquela porcaria de ‘iniciação’ que Sato começou há pouco,” Sophia permitiu, puxando uma cadeira e sentando-se nela, cruzando as pernas enquanto soprava o chá dela. “É bastante óbvio o que ele estava tentando fazer. Mas você ainda não chegou lá. Talvez o ataque em Vermont tenha sido exatamente o empurrão que você precisava.”

Isobel sentou-se, puxando a caneca para mais perto, mexendo na etiqueta do saquinho de chá enquanto Luis se aproximava da irmã, os olhos fixos em Isobel enquanto ele mexia nervosamente nas mangas compridas.

“De qualquer forma,” Sophia acenou com a mão como se quisesse dispersar o assunto, “você disse que não tinha muito tempo. O que você queria perguntar?”

“Esses artefatos da alma.” Isobel tocou nos elos sob a camisa. “O que eles fazem?”

Sophia sorriu como se aprovasse a pergunta. “Literalmente qualquer coisa. Depende inteiramente do deus que o presenteou a você. Se você acredita nesse tipo de coisa.”

“O que nós acreditamos,” Luis guinchou. “É realmente real.”

“Achei que a Guardiã tivesse dito que era da mulher da imagem?” Isobel perguntou, trocando o olhar entre eles.

“Aphelina?” Sophia estalou a língua. “Acho isso difícil de acreditar. Você recebeu a corrente antes mesmo de saber quem era seu companheiro. Seus presentes geralmente estão preocupados com amor e desejo, então se você recebeu a corrente quando estava sozinha, então não há razão para que seja dela.”

Bem, isso respondeu a essa pergunta. Se tudo fosse real, então Aphelina estava tentando juntar ela e Sato. O que só poderia significar uma coisa.

A talentosa deusa do amor dos Superdotados era uma péssima casamenteira.

“E agora?” Isobel deixou cair a mão. “O que significa estar fazendo *isso*?”

“Posso?” Sophia passou a mão pelo cabelo escuro do irmão antes de se levantar, vasculhando as gavetas da cozinha para tirar uma lupa.

Isobel hesitou.

“Está tudo bem,” disse Luis timidamente, sentando-se em uma terceira cadeira. “Sophie...” Ele pronunciou como *Sof-ee*. “... é muito boa nisso. Ainda melhor que mamãe.”

“Eu sou apenas uma Protetora de Alma,” Sophia rapidamente inseriu, balançando a cabeça para Luis. “Tenho um longo caminho a percorrer para ser uma Guardiã.”

Ela ficou pairando até que Isobel finalmente suspirou e assentiu, virando-se na cadeira e puxando o decote da camisa para baixo. Sophia pairou a lupa sobre a corrente, emitindo sons pensativos de vez em quando enquanto a examinava. Ela foi mais minuciosa do que Isobel esperava.

“Não gosta de *mim,”* ela observou com uma risada, puxando a mão para trás rapidamente como se o metal tivesse lhe dado um pequeno choque. Ela caiu para trás na cadeira, colocou a lupa sobre a mesa e cruzou os braços sobre o peito para olhar atentamente para um ponto logo abaixo da clavícula de Isobel, aparentemente imersa em pensamentos.

Luis a observou, esperando com expectativa, parte de sua timidez se desvaneceu e foi substituída por uma ansiedade tímida. Isobel não tinha certeza de como se sentir em relação a tudo isso. Seu pai foi contundente quando falou sobre a religião dos Superdotados e os “fanáticos estúpidos” que ainda a seguiam. Mas, por outro lado, muita coisa estava acontecendo recentemente que ela não conseguia explicar. Ela estava vendo fantasmas. Ela tinha *dez* companheiros.

E agora seu corpo estava produzindo luz e ouro... que parecia ter vontade própria.

Era tudo um pouco demais.

“Não sei.” Sophia suspirou, mas a expressão em seu rosto contava uma história diferente.

“Você tem uma ideia,” Isobel solicitou.

Sophia estremeceu. “Não é nenhum dos bons deuses, vamos colocar dessa forma.”

“O único deus que conheço é… Artos? Artus?”

“Arterus,” ela corrigiu facilmente. “O Rei dos Deuses. Poderia ser dele, mas não há registro histórico dele dando presentes a mortais, então duvido. E não faria sentido ele dar um presente tão fortemente associado a Aphelina, como a corrente.”

“Registro histórico?” Isobel perguntou em dúvida.

Sophia sorriu, examinando suas unhas azuis metálicas. Algumas das contas azuis em suas pulseiras eram exatamente do mesmo tom. “Eles não podem proibir livros ou obras de arte de nenhuma coleção aos Guardiões. Eles são classificados como artefatos religiosos. Você sabe, porque é uma religião morta e tudo mais.”

Algo despertou dentro de Isobel, uma necessidade febril de colocar as mãos em alguns desses artefatos, mas ela não confiava em Sophia o suficiente para pedir. Especialmente porque os principais interesses de pesquisa de Isobel estavam focados em Alfas se tornando ferais e Sigmas vendo pessoas mortas.

“Stygian!” Luis exclamou de repente, batendo as mãos na mesa com um suspiro de excitação. “É Stygian, não é?”

Sophia estremeceu novamente. “Sim, acho que é.”

“Que deus é esse?” Isobel perguntou nervosamente.

Sophia levantou-se da cadeira, desaparecendo na outra sala por um momento e voltando com um enorme livro. Tinha uma lombada grossa e bordas douradas desbotadas, mas era claramente muito bem usado. Ela encontrou a página que procurava e colocou-o na mesa na frente de Isobel, batendo na imagem de uma ampulheta no primeira página. Estava meio cheia de luz cintilante e areia e meio cheia de sombras retorcidas e ameaçadoras, as duas misturadas na cintura da ampulheta como fumaça colorida.

“Stygian,” anunciou Sophia. “O Guardião do Crepúsculo. Ele mantém o equilíbrio entre escuridão e luz. Ele é muito poderoso e... aterrorizante. Pessoas que não entendem como funciona a religião dos Superdotados às vezes o chamam de Deus dos Mistérios.”

Isobel examinou os parágrafos detalhando o poder de Stygian, passando para a próxima página, onde mostrava a ilustração de um homem com olhos como estrelas, uma galáxia de luz brilhando através de seu olhar, embora não fosse uma expressão pacífica. Era dura e feroz, a maior parte de seu rosto delicado mergulhado em sombras pesadas, sua pele uma mistura de ébano profundo e crepúsculo sombreado. Ele usava cordões de estrelas em volta do pescoço e segurava uma maçã em cada mão. Uma delas estava podre, com

vermes rastejando pela carne marrom. A outra brilhava com cores vibrantes, a pele impecável e uma folha verde difusa desenrolando-se do caule.

“Por que um deus do mistério faria minha corrente se transformar em algum tipo de... piercing?” Isobel afastou-se da página, com o estômago embrulhado e a cabeça pesada.

“É exatamente por isso que acho que é ele,” enfatizou Sophia. “Porque não há nenhuma razão plausível. Se isso tiver alguma coisa a ver com Stygian, então tudo o que você pode fazer é esperar que ele revele seu propósito.”

“Ele é assustador,” disse Luis à mesa. Sua empolgação em adivinhar a resposta certa desapareceu. “Ele inverte boa sorte.”

Isobel tomou rapidamente alguns goles de chá antes de levar a caneca para a pia. “Talvez ele seja legal comigo.” Ela forçou uma risada fraca. “Tive uma péssima sorte.”

“Talvez não,” disse Sophia com cuidado, levantando-se para acompanhar Isobel de volta ao portão, o braço envolvendo os ombros estreitos de seu irmão. “Seu companheiro é extremamente forte. Stygian pode pensar que você recebeu demais.”

Dez companheiros definitivamente eram demais.

Maldição.

As mãos de Isobel tremeram quando ela abriu o portão e passou, mas ela parou para olhar para os irmãos. “Obrigada,” ela disse suavemente. “É bom conversar com pessoas que não estão... você sabe.”

“Lutando até a morte por um lugar de fama?” Sophia riu, um sotaque que Isobel não notou muito na primeira vez que conheceu a garota, tornando-se mais óbvio à medida que ela ficava mais à vontade. Havia uma leve cadência em suas palavras, o *som* era mais suave e as consoantes mais nítidas. Eles poderiam ser do México ou de outro país de língua espanhola.

“Sim, eu sabia que estava certa sobre você,” Sophia pareceu decidir em voz alta. “Você é exatamente como aparece na tela. Você deveria trabalhar nisso. Seja mais como Kane. Seja uma atriz melhor. Seja uma predadora.”

Sophia também viu.

O *verdadeiro* Theodore.

Por alguma razão, isso fez com que Isobel gostasse um pouco mais dela. A maioria das pessoas não via através da máscara do menino dourado de Theodore.

Ela manteve a boca fechada em vez de comentar sobre Theodore, mas seus lábios se curvaram em um sorriso.

“Você pode voltar,” Luis ofereceu, respondendo ao sorriso dela com um sorriso cheio de dentes. “Você pode terminar seu chá da próxima vez.”

“Talvez eu vá.” Isobel acenou para eles e seguiu em direção ao Dormitório A.

4

O Emoji Congelando



Isobel caminhou até metade do caminho para o Dormitório A antes que seus nervos tomassem conta dela e ela se redirecionasse para o Dormitório O. Ela não poderia aparecer com roupas de ginástica suadas e manchadas de sangue e sem presentes de aniversário. Niko nunca a convidou para nada e ela não via Kilian há semanas.

Ela ficou angustiada pensando no que vestir, seu estômago revirando de forma nauseante. Seus dedos coçavam para pegar uma das camisas de Kilian da prateleira, mas elas não tinham mais o cheiro dele. Ela considerou usar o vestido que ele comprou para ela, mas isso a lembrou de Eve... e do fato de que ninguém a atacou desde que Eve foi expulsa.

A notícia sobre Aron foi divulgada ao público na mesma noite em que ela contou aos caras, mas nenhum dos oficiais entrou em contato com ela para ouvir o que ela tinha a dizer. Nem mesmo o pai lhe perguntou o que aconteceu em Vermont. Ele lhe deu um sermão exaustivo sobre desperdiçar seu tempo com Ômegas e depois a ignorou por duas semanas por arruinar sua turnê pelos assentamentos, abandonando seu apartamento no centro familiar até que ela estivesse bem o suficiente para começar a jogar novamente.

Ela não tinha ideia do que havia acontecido com Eve.

Ninguém contava a ela, e as notícias se concentravam apenas em Aron, mantendo os detalhes vagos o suficiente para quase parecer que o estavam culpando pelo ataque... e somente a ele. Nada disso fazia sentido, mas isso era Ironside. Os diretores não precisavam se explicar. Eles decidiam que narrativa apresentar, e o resto do mundo nunca questionava o que via. A única coisa que faltava determinar era *porque* exatamente eles escolheram essa narrativa.

Isobel escolheu um vestido justo claro, uma das peças que seu pai trouxera

no último jantar. Ele pediu a um de seus assistentes que analisasse as últimas tendências da moda e comprasse peças de grife para Isobel usar. Uma postagem se tornou viral, de Isobel reciclando as mesmas cinco camisetas grandes, sempre enfiadas em meias pretas ou shorts, e alguns dos comentários ligavam seu guarda-roupa aparentemente limitado aos números nada estelares de bilheteria do último filme de seu pai.

Alguém de sua equipe decidiu chamar sua atenção para os comentários, e agora Isobel tinha mais roupas do que sabia o que fazer com elas.

Ele não se importava que as camisetas fossem de Kilian ou que ela passasse a maior parte do dia se exercitando. Ele havia dito a ela para se trocar entre cada aula para que ela nunca estivesse nada menos que absolutamente apresentável.

O vestido deslizava graciosamente em seu corpo, o tecido era macio e sedoso, deslizando contra suas coxas enquanto ela calçava as sandálias. O decote era sutil, as alças finas acentuavam suas clavículas pálidas. Ela rapidamente hidratou e escovou os cabelos, torcendo-os em um rabo de cavalo quando estavam soltos, um pouco selvagens demais depois de toda a atividade do dia.

Ela pegou cuidadosamente duas fitas de um dos vestidos mais extravagantes que provavelmente nunca usaria e correu para fora, quase esbarrando em Theodore, que parecia perturbado.

“Bom. Você está aqui,” ele disse. “Já verifiquei em todos os outros lugares.” Ele lançou um olhar rápido e desconfortável para a porta. “Podemos, por favor, sair, como agora? Eu meio que fui acidentalmente tateado duas vezes.”

Já se passaram semanas e ainda era difícil olhar para Theodore sem pensar na mão dele enfiada na calcinha dela. Na maioria das noites, quando ela se jogava na cama improvisada, aquele olhar intenso nos olhos dele enquanto a conduzia ao orgasmo era a primeira coisa que ela via. A maneira como o braço dele estremeceu quando ela gozou em seus dedos. A maneira como ele mordeu o lábio com tanta força que atraiu toda a sua atenção. A forma como os olhos dele arderam mais do que nunca ficou gravada na parte de trás das pálpebras dela.

“Oh.” Ela limpou a garganta. “Olá.”

“Olá para você, gracinha.” Ele agarrou a mão dela e começou a arrastá-la para longe do dormitório. Ele claramente não estava tão afetado quanto ela. “Para que servem as fitas?”

“Vou colher algumas flores para Niko e Kilian.”

“Para quê?”

“Pelo aniversário deles.”

“Eu não entendi.”

Ela estava correndo para acompanhar seus passos largos, mas não se importava nem um pouco porque o calor da mão dele estava percorrendo seu corpo, aliviando sua exaustão e acalmando a sensação de seu estômago revirando como um atração num parque de diversões... a mesma sensação desconfortável com a qual ela vinha lidando há semanas.

“Para dar de presente?” Ela tentou novamente.

“Oh.” Ele lançou lhe um sorriso tenso. “É claro. Tão... *você*.”

“Não sei dizer se você está me insultando ou não,” ela resmungou.

“Eu nunca iria insultar você…”

Ela cravou os calcanhares, forçando-o a diminuir a velocidade antes de continuar andando, analisando-o com os olhos estreitados. “Por que isso soou como se houvesse um mas?”

“Bem... eu não tenho a melhor opinião sobre seus mecanismos de sobrevivência mais íntimos,” ele admitiu gentilmente. Ela se encolheu, pensando que ele estava falando de Eve, mas ele rapidamente acrescentou: “Por causa de Oscar.”

“Sato?” Ela franziu a testa para ele, mas ele evitou seus olhos, ambos em silêncio enquanto caminhavam ao redor do lago.

Ela se separou dele quando chegaram ao Jasmine Field e rapidamente reuniu dois buquês de flores antes de se aproximarem de Alfa Hill. Só quando ela estava na metade dos degraus é que finalmente percebeu.

“O beijo,” ela sussurrou, quase tropeçando no próximo degrau.

Theodore a pegou e rapidamente a soltou. “Humm.”

“A corrente me fez fazer isso,” ela murmurou as palavras baixinho, embora as câmeras estivessem muito longe para captar qualquer palavra dita nas escadas.

Ele olhou imediatamente para o peito dela, o que não foi surpreendente. Niko provavelmente contou tudo a eles com uma mensagem no grupo assim que se afastou dela.

Bem… quase tudo.

Ela duvidava que ele tivesse dito algo sobre lambê-la. Eles pareciam

compartilhar muito um com o outro... exceto os momentos mais íntimos com ela. Theodore deve ter descoberto recentemente sobre o beijo com Sato, ou ela tinha certeza de que ele teria tocado no assunto antes.

“Isso dói?” Ele perguntou, desviando o olhar.

“Não mais.” Ela encolheu os ombros. “Curou imediatamente. Agora parece... confortável, eu acho. Visitei Sophia... a filha da Guardiã. Ela acha que é um presente de um dos deuses. Algo sobre ‘se é um mistério, então provavelmente é do deus do mistério’.”

“Isso parece certo.” Theodore sorriu. “Estou feliz que Niko estava lá.”

“Onde *você* esteve?” Ela estremeceu no segundo em que as palavras saíram de sua boca, mas não tentou retirá-las. Ela entendeu que havia quebrado a confiança dele, mas ele quebrou a dela primeiro e ela o ignorou por um curto período de tempo. Não que ele a estivesse *ignorando*, exatamente. Mas ele definitivamente recuou.

“Ordens de Kalen,” ele pronunciou calmamente. “Uma Corrente com dor, curando-se de uma infração de alma... você não deveria ser capaz de separar essa pessoa de seu companheiro com um cabo de reboque e um tanque. Como não saí do seu lado no hospital, ele queria fazer parecer que seria fácil ficarmos longe um do outro. Eu não queria te dizer por que você tem dificuldade em pedir ajuda, então adicionar um motivo pelo qual você não deveria entrar em contato comigo parecia uma má ideia. Eu queria ainda estar aqui para ajudá-la se você precisasse de mim.”

“Oh.” Ela parou novamente, querendo prolongar a conversa.

Ela se virou como se estivesse parando para observar a vista a meio caminho de Alfa Hill. A brisa soprava em seus cabelos, as flores do deserto vivas à luz da tarde, a academia parecendo calma, embora ela pudesse ouvir música tocando nos alto-falantes externos na direção do Dormitório A. Ele parou com ela, seus dedos dançando levemente em seu antebraço antes de deslizar de volta para o pulso. Ele parecia querer pegar a mão dela, encaixar os dedos nos dela, mas não o fez.

“Se você precisasse de mim, tudo o que você precisava fazer era dizer, Illy.” Sua voz era rouca, mas suave, como se ele estivesse tentando não falar muito alto. “Ou você poderia simplesmente vir para o dormitório. Você é sempre bem-vinda.”

“Nem sempre.” Ela forçou uma risada. “E se você estivesse com Wallis?”

“Ela não tem permissão para entrar no dormitório. Mikel disse que o cheiro dela é muito forte.”

Isobel piscou, surpresa. “Sério? Qual é o cheiro dela?”

“Uma suposta estupradora.”

Isobel fez uma careta. “Qual é o cheiro dela?”

“Um grupo de crianças tendo um dia de artesanato. Alto e bagunçado.” Ele lançou lhe um olhar de soslaio enquanto começavam a subir as escadas novamente.

Ela riu ocamente. “Como alguém pode cheirar alto? Ou bagunçado?”

Ele encolheu os ombros. “Da mesma forma que você pode cheirar bagunçado… mas no bom sentido.”

“Como é o bom sentido?”

“Esqueça que eu disse isso.”

“Ok, então... as outras... hum, namoradas? Qual é o cheiro delas?” Ela perguntou, evitando os olhos dele. “James e Ellis?”

“Jornais e pipoca.”

“Os jornais não são tão ruins,” disse ela. “Gabriel pode gostar disso.”

“Jornais mofados,” ele corrigiu.

“E pipoca? O que há de errado com isso?

“Pipoca queimada.”

Ela revirou os olhos. “Acho isso difícil de acreditar. Todos vocês têm um cheiro... incrível. Sem mencionar que Wallis já esteve no Dormitório A. Eu estava lá.”

“Você estava mais do que lá. Foi você quem as convidou para ficar. E os aromas das pessoas mudam dependendo dos seus sentimentos em relação a elas. Se uma pessoa te enoja, o cheiro dela evoluirá para algo que te enoja.”

Eles chegaram ao topo da escada e Isobel foi salva de responder quando chutou o último degrau em estado de choque, seus olhos se arregalando com o número de estudantes que se reuniram ao redor do Lago Alfa. Eles estavam espalhados em cadeiras de piquenique ou cobertores, todos de frente para uma tela de projeção gigante que havia sido desenrolada do terraço do Dormitório A para cobrir uma parte da frente do edifício.

A equipe do Ironside ocupava barracas de lanches ao lado, e havia uma pequena área isolada bem na posição privilegiada, em frente à tela, uma plataforma de madeira montada para abrigar oito cadeiras aconchegantes, várias câmeras em tripés voltadas para o área de estar para captar até o menor sussurro.

“Que diabos?” Isobel murmurou, tentando absorver tudo. “Quem *organizou* isso?”

“Os diretores.” Theodore encolheu os ombros casualmente, desinteressado por toda a cena... que para Theodore poderia significar absolutamente qualquer coisa.

“Eles estão esperando um show,” sussurrou Isobel, erguendo as sobrancelhas para a plataforma no meio de tudo isso. Havia até holofotes fracos instalados, um brilho suave emoldurando cada cadeira individual.

Moses abriu caminho pela multidão, parando diante deles. Seu nariz enrugou-se de uma forma que teria sido adorável se sua expressão não estivesse pintada de irritação... e se não fosse Moses.

“Vocês dois estão atrasados,” ele retrucou, seus olhos escuros vagando sobre a figura dela no vestido como se ele não pudesse se conter antes de notar os dois buquês de flores aleatórios em seus braços. “Achei que os Sigmas deveriam ser generosos.”

“Achei que os Alfas deveriam ser legais,” ela disse rigidamente.

Seus lábios se torceram, exibindo a mais breve sombra de um sorriso antes de tirar as flores dela. “Relaxe, Carter.” Ele revirou os olhos ao som de protesto dela. “Estou apenas deixando-as na plataforma.” Ele se virou, caminhando em direção à área isolada.

O aperto de Theodore passou suavemente acima de seu cotovelo, puxando-a em direção às barracas de lanches. Isobel avistou Wallis indo direto para Theodore, sua atenção fixa nele, sua boca apertada em uma linha de determinação. Ele soltou um som suave de frustração e esboçou um sorriso de boas-vindas, que era vários centímetros a mais do que qualquer coisa que Isobel pudesse reunir, antes de soltá-la.

“Aí está você!” Wallis passou os braços em volta do pescoço dele e tentou beijá-lo, mas ele se virou e os lábios dela pousaram em sua bochecha.

Isobel ocupou-se com os recipientes de diferentes doces colocados à sua frente, colocando pequenos quadrados de chocolate com cobertura de caramelo em um cone de papel e fingindo que não estava ouvindo o falso casal a um braço

de distância.

“Estou esperando aqui há uma hora,” reclamou Wallis. “Estamos desperdiçando um tempo valioso das câmeras.”

Se Isobel não soubesse que Wallis havia abusado sexualmente de Sato, ela poderia ter pensado que a voz de Wallis parecia rouca e sedutora. Em vez disso, fez sua pele arrepiar.

“As cadeiras são apenas para... o grupo de aniversário,” Theodore respondeu gentilmente. “Elas realmente têm nossos nomes nelas.”

“Vou sentar no seu colo,” ela ronronou.

Isobel espiou-o por baixo dos cílios. Ele fez um bom trabalho parecendo adorável e à vontade, mas seu doce aroma havia azedado, e seu desconforto estava chegando até ela, martelando seu peito e pedindo reconhecimento.

Ela estava prestes a abrir a boca e dizer algo estúpido quando Reed apareceu, passando o braço em volta dos ombros de Theodore e se inclinando para sussurrar para Wallis.

“O quanto você realmente quer irritar os fãs de Theo, hein? Eles esperaram anos para ter uma sessão ao vivo de horas de duração de seu rosto repugnantemente bonito de perto, e você quer *bloquear a visão deles*?” Ele balançou a cabeça, assobiando em tom de advertência. “Que maneira de ser cancelada, Wally.”

“É Wallis,” ela disse, parecendo chocada por Reed estar falando com ela, e até mesmo saber seu nome.

“Certo. Aproveite sua noite.” Ele arrastou Theodore e Isobel rapidamente se afastou, caso Wallis decidisse agarrá-la.

Ela deu uma volta, mantendo-se atenta a Kilian ou Niko antes de parar novamente diante da barraca de doces e encher sua casquinha de papel com mais caramelos de chocolate.

“Hum... Carter?” A mulher atrás da barraca de doces perguntou nervosamente.

Isobel rapidamente concentrou sua atenção na mulher. “Eu posso comer isso, certo? Merda, eu nem perguntei. Desculpe...”

“Não, não! É tudo grátis!” A mulher estava agitando as mãos como uma louca, com as bochechas vermelhas. “Eu só ia sugerir isso, já que você gosta muito de caramelos.” Ela estendeu outro cone de papel, já cheio, parecendo

muito nervosa. “Sou uma grande fã, aliás. Eu sei que não devemos falar com os alunos, mas...” ela parou quando o homem na cabine ao lado dela pigarreou, lançando lhe um rápido olhar de advertência. “Grande fã,” ela repetiu em um sussurro enquanto Isobel pegava a segunda casquinha.

“Eu também,” uma voz familiar falou atrás dela, fazendo os olhos da mulher se arregalarem de choque.

Isobel também congelou, com a pele formigando.

Que porra é essa?

Que porra absolutamente fodida é essa?

Ela se virou lentamente, os dois cones caindo de suas mãos e os chocolates se espalhando pelo chão.

Eve Indie estava mais magra, com olheiras, mas ela estava *lá*. Vestida com jeans largos de cintura alta e uma regata justa, uma fileira de colares de ouro pendurados brilhantemente em volta do pescoço.

“É bom ver você de novo, Iz...”

“Saia de perto de mim.” Isobel cambaleou para trás, batendo o quadril em um dos recipientes de plástico para doces.

“Não fui eu.” O lábio inferior de Eve estava tremendo, sua mão estendida para Isobel. “Aquele cara... Aron. Foi tudo ele, ele me forçou, me ameaçou... ele tem esse poder que droga as pessoas...” Ela deu mais um passo à frente e Isobel disparou para o lado, recuando rapidamente. “Você realmente acha que eles me deixariam voltar aqui se eu fosse culpada? Ele demonstrou isso na frente de todos os oficiais!” Eve a chamou, o grito chamando a atenção dos estudantes ao seu redor. “Sou apenas uma Ômega sem habilidades!”

A cabeça de Isobel estava girando, sua visão ficando embaçada, o pânico subindo por sua nuca e enchendo sua visão com uma névoa instável. Ela cambaleou em direção ao dormitório, sem saber para onde ir.

Talvez ela pudesse se barricar no quarto de Theodore ou...

Uma mão forte envolveu seu bíceps antes que ela pudesse ir longe, e ela balançou em direção ao cheiro familiar de pétalas esmagadas e seiva derramada. Até Moses era um farol em seu atual estado de pânico.

“Venha comigo,” ele murmurou. “Continue respirando, Carter.”

Respirando.

Certo. Ela deveria estar respirando.

Ela soltou uma respiração trêmula após a outra.

“Não tão rápido,” Moses disse enquanto a manobrava através da multidão de pessoas. “Tome-as devagar.”

Ela se concentrou em fazer o que ele lhe disse até encontrar a voz novamente. “Eve...”

“Eu sei.” Sua voz era um rosnado. “Kalen acabou de nos mandar uma mensagem. Eles a inocentaram de todas as acusações e adiaram a notícia até agora para que a fodida *surpresa* não fosse arruinada.”

“O quê?” Ela gritou, uma onda de dor ecoando por seus braços. Ela olhou para baixo, mas não havia feridas novas, apenas as longas cicatrizes rosadas e enrugadas.

Ele parou de andar de repente, fazendo com que ela colidisse com suas costas. Eles haviam chegado ao palco com as oito cadeiras, as câmeras apenas alguns passos à frente. Ele se virou, fixando-a com um olhar sombrio antes de se abaixar para sussurrar em seu ouvido, suas palavras quase inaudíveis.

“Você é uma *atriz* para eles, Carter. E eles querem fazer de você a vítima repetidamente porque acham que você é boa nisso. Você não quer reproduzir o roteiro que acabaram de lhe entregar? Então não faça isso. Não reaja. Não dê a eles essa satisfação.”

Ela sufocou o que quer que pudesse ter respondido enquanto ele se afastava, agarrando sua mão e arrastando-a para a plataforma. O assento com o nome dele estava no meio, com o crachá de Theodore ao lado. Ele soltou a mão dela pouco antes da linha de câmeras e sentou-se em seu lugar, arqueando uma sobrancelha pesada para ela. Ela respirou fundo e instável, sua mente girando continuamente em choque e descrença.

Eve a *torturou*. Quase *a matou*. E eles a deixaram voltar para a academia para... *um episódio surpresa?*

Por visualizações?

Para uma reviravolta na história?

Moses estava certo.

Não havia como ela seguir esse roteiro. Ela subiu na plataforma e afundou no assento de Theodore, cruzando braços e pernas. Ela deixou a cabeça cair para trás, seu corpo cedendo ligeiramente como se ela não tivesse nenhuma

preocupação no mundo antes de inclinar o queixo para Moses, tentando agradecê-lo sem palavras.

Seus lábios se inclinaram para o lado e depois voltaram ao lugar. “Porcaria,” ele murmurou. “Esqueci os lanches.”

“De jeito nenhum eu vou pegar isso para você,” ela resmungou. *Ela não estava tão grata*. “Não tenho chance de arrancar Theo desta cadeira se a deixar sem supervisão.” *E ela tinha certeza de que suas pernas não estavam funcionando.*

Moses enfiou a mão no bolso, tirou o celular e, enquanto seus dedos voavam pela tela, o telefone de Isobel começou a vibrar. Ela o tirou de sua pequena bolsa transversal, abrindo no bate-papo em grupo.

Moses: *Estou com Carter.*

Moses: *Alguém nos traga lanches.*

Theodore: *Qual é o dano?*

Elijah: *Alguém está de olho em Eve?*

Mikel (admin): Sim. Ela está com as amigas, tentando encontrar um lugar perto do palco. Não acho que ela vá tentar nada. A história que estão divulgando agora é que Eve foi forçada por Aron. Estão dizendo que é ele quem tem o poder ilegal de drogar. Aparentemente, isso escapou dele quando os oficiais o interrogaram, mas Eve também estava na sala.

Isobel: *Não é verdade. Eu senti o poder dela enquanto estava aqui na academia. Ela já usou isso em mim antes.*

Mikel (admin): Nós sabemos.

Kalen (admin): Não tiraremos os olhos dela até que a noite de cinema termine. Continue agindo sem ser afetada. Você está indo perfeitamente.

Isobel: *Ok.*

Theodore: *Que lanches vocês querem?*

Moses: *O que quer que você esteja recebendo.*

Moses de repente olhou para cima. “O que eram aqueles chocolates que você estava inalando?”

“Algo com caramelo. Não sei.”

Moses: *E chocolate com caramelo, sejam quais forem os tipos.*

Theodore: *Eles têm sete tipos.*

Moses: *É para Carter.*

Theodore: *Vou pegar todos eles.*

Oscar: *Pegue alguns para mim.*

Theodore: *Não.*

Oscar: *Por que não, porra?*

Cian: *Você não é fofo o suficiente.*

Isobel sorriu para a tela, lançando uma rápida olhada ao redor para ter certeza de que Sato não estava perto dela.

Isobel: *É verdade. Você não é.*

"É tudo diversão e brincadeira até que alguém se machuque," cantou Moses, com um tom de advertência na voz.

"Por que todo mundo tem tanto medo de Sato, afinal?" Isobel aproveitou a oportunidade para obter mais informações sobre ele com o Alfa, que parecia passar a maior parte do tempo com ele, e para tirar sua mente em pânico de Eve. Os caras eram notavelmente bons em manter a cabeça fria em situações estressantes... a menos que houvesse feralidade envolvida, e então o inferno desabava.

Era mais fácil imitar sua tranquilidade forçada, distrair-se com suas interações, do que confrontar o que acabou de acontecer e o que isso significava para ela seguir em frente.

Moses sorriu, balançando a cabeça. "Tenho certeza de que os fãs apreciam sua tentativa sutil de fofocar para as câmeras, mas você terá que se esforçar um pouco *mais* se é sobre Oscar que você quer fofocar."

Seu telefone anunciou uma nova mensagem e ela voltou sua atenção para a tela.

Theodore: *Oscar levou a porra dos snacks. Eu tenho que voltar e pegar mais.*

Oscar: *A bajulação o levará a todos os lugares.*

Isobel: *Lamentamos por antes. Você é incrivelmente fofo, Sato.*

Moses: *Incrivelmente.*

Theodore: *Eca.*

Isobel: *Podemos ter os lanches?*

Oscar: *Diga por favor.*

Isobel: *Por favor.*

Oscar: *Mais uma vez.*

Isobel: *Por favor?*

Oscar: *Novamente.*

Elijah: *Pare com isso.*

Gabriel: *Vocês dois estão flertando?*

Isobel: *Não.*

Oscar: *Sim.*

Isobel: *NÃO. Por que você perguntaria isso?*

Oscar: *Porque ele não sabe como é flertar.*

Elijah: *Como é flertar, Oscar?*

Elijah: *Aqui vai uma dica: não começa com "tor" e termina com "mento".*

Moses: *De agora em diante, chamarei Oscar de "sujo" e Elijah de "mal lavado".*

Gabriel: *Moses tem razão nisso.*

Elijah: *Vocês três podem calar a boca.*

Isobel olhou para cima e encontrou Moses reprimindo um sorriso malicioso, seus olhos cinza escuro cheios de humor enquanto ele lia as mensagens. Cian subiu na plataforma antes que Isobel pudesse olhar de volta para o telefone e deu-lhe um leve sorriso. Sua pele dourada e escura estava um pouco mais pálida do que o normal, seu cabelo preso em um coque bagunçado, sua boca se contraindo em uma linha dura depois de tentar sorrir para ela.

"Tudo certo?" Ele perguntou a ela, sentando-se no assento do outro lado dela, embora tivesse o nome de Kilian nele. Seus dedos brincaram em seu antebraço, um toque suave ao longo da parte externa de sua cicatriz antes de sua mão cair para descansar em sua própria coxa. Era quase como se ele quisesse que ela soubesse que tudo estava normal com eles, que toda a tensão na expressão dele não era voltada para ela.

Ela assentiu, lançando sua atenção por cima do ombro dele por um breve momento, tentando avistar onde Eve estava situada. Em vez disso, ela viu Kilian

e Niko tentando abrir caminho no meio da multidão.

“Não é grande coisa,” Isobel mentiu, seus olhos voltando para o olhar penetrante e safira de Cian. “Ela está de volta. Tanto faz.”

“Não vamos perder tempo com ela,” ele concordou, uma faísca de satisfação brilhando em suas feições angulosas. “Tenho certeza de que os oficiais a puniram adequadamente.” Seus olhos se estreitaram ligeiramente, vários micro músculos em seu rosto se contraíram antes que ele transformasse sua expressão em algo calmo e despreocupado. Apesar de todo o esforço, ele não conseguiu suavizar a covinha profunda gravada em sua bochecha, demonstrando seu descontentamento. “E quanto ao seu vínculo? Você não tem nos pedido um substituto ultimamente.”

Ela recuou um centímetro, perguntando-se por que ele tocaria no assunto com uma câmera mirando neles de frente e microfones colados nas cadeiras.

“Estou sobrevivendo,” ela se esquivou.

“Você está mais pálida do que o normal, mais magra do que o normal, e Gabriel e Elijah disseram que você não está cumprindo todo o seu tempo de prática. Você continua saindo cedo como se não tivesse energia para continuar.”

Ela franziu a testa para ele. “Não tenho tido muito apetite e estou um pouco fraca no momento. Não é grande coisa.”

“O que tem na sua bolsa?” Ele perguntou, seu tom combativo.

Que diabos?

“Coisas.” Ela franziu ainda mais a testa e ele se inclinou em sua direção, puxando rapidamente o zíper até que pudesse abrir a bolsa para espiar dentro.

“Lenços,” ele observou. “Pastilhas para tosse, comprimidos...”

“Medicamentos para alergia e anti-inflamatórios,” ela corrigiu. “Não são *comprimidos*.”

“Quem os prescreveu?”

“Alguém da equipe do meu pai.”

“Exatamente.” Ele fechou o zíper da bolsa dela novamente, afastando-se dela novamente, embora a mantivesse presa em seu olhar. “Mas sua *especialista em vínculos* receitou outra coisa, não foi?”

Isobel queria bater nele.

Ele esperou, e quando ela não respondeu, sua expressão severa se

transformou em um sorriso suave e irônico. “Só temos um pouco mais de uma semana até as férias de verão. Você já pensou em quem vai levar para casa?”

Ela parou. Ele estava certo.

Eles estavam quase no final do último semestre, e ela tinha dois prazos impossíveis se aproximando... prazos que ela havia convenientemente esquecido enquanto superava o que Eve e Aron haviam feito com ela.

Ainda havia a mensagem anônima que lhe ordenou que descobrisse como entrar no clube Ícone, e havia Wallis, cuja vida ela deveria de alguma forma arruinar.

No início, ela ingenuamente esperava que Eve fosse a pessoa que enviou a mensagem, mas, apesar da ausência de Eve, as mensagens continuaram. Normalmente, o remetente da mensagem apenas enviava alguns dias até o final do semestre, às vezes acompanhado de uma garantia de não mexer com ele. Às vezes era apenas uma foto dela caminhando para a aula com a cabeça baixa. Era um esforço constante manter a pressão sobre ela, para garantir que ela não esqueceria.

“Espere.” Ela piscou para afastar os pensamentos pesados. “Posso levar alguém para casa comigo?”

“De que outra forma você sobreviverá às férias de verão?” Cian ergueu as sobrancelhas douradas escuras, os dentes brilhando em um sorriso preguiçoso.

“Eu não tinha pensado tão longe,” ela admitiu. Ela *não conseguia* pensar além das tarefas impossíveis que tinha pela frente. “Terei que conversar com meu pai sobre isso.” O tempo estava escapando. Ela parecia estar presa no trauma do que Eve tinha feito, incapaz de pensar em muitos passos no futuro antes que as memórias a arrastassem de volta, uma dor fantasma percorrendo seus braços.

“Ainda esperando que o Príncipe Encantado entre em um dos assentamentos e relate uma cor de olhos estranha?” Cian perguntou com conhecimento de causa.

Ela revirou os olhos, tentando dar uma cotovelada nele, mas ele apenas agarrou seu cotovelo e o usou para colocá-la de pé. Ele a puxou para seu colo, sua mão livre rapidamente girando as pernas dela para o lado para que ela não mostrasse sua calcinha para as câmeras. Ela se viu sentada de lado, olhando para Moses, que havia levantado os olhos do telefone com todo o movimento.

“Isso é necessário?” Moses perguntou, parecendo irritado.

“Ela tem uma bolsa cheia de remédios e perdeu peso,” Cian retrucou. “Então, acho que sim.”

Moses revirou os olhos, recostando-se na cadeira e batendo distraidamente o telefone na coxa. “Onde diabos estão os chocolates? Chocolate vai ajudar.”

“Chocolate?” Cian perguntou, examinando a multidão.

A mão dele ainda estava na perna dela, logo acima do joelho, aquele toque sozinho inundando seu corpo com calor enquanto seu polegar tatuado roçava para frente e para trás, o contraste de sua pele escura e tatuada contra a pele clara e sem adornos atraindo seus olhos repetidas vezes.

“Bem, comida em geral,” Moses murmurou como se de repente não quisesse se envolver na conversa. “Você deveria lembrá-la de comer.”

Niko subiu ao palco e Moses apontou para as flores na base do suporte da câmera. “Isso é para você.”

Niko olhou das flores para Moses e de volta para as flores, a confusão tomando conta de suas feições.

Isobel rapidamente deu um pulo ficando de pé, correndo até ele e pegando os dois buquês. Ela empurrou um deles em seus braços. “Apenas um deles.” Ela queria se preocupar com as pétalas já murchas, mas puxou a mão para trás, forçando-se a não se mexer. “Sinto muito… não tive muito tempo para me preparar.”

Niko deu-lhe um sorriso torto... o brilhante e lindo flash de dentes que ele compartilhava com a câmera, e nunca com ela.

“Obrigado, Carter.” Sua atenção se voltou para o peito dela por um segundo, seus olhos escureceram brevemente antes de clarearem tão rápido que ela poderia facilmente ter imaginado a sombra da emoção. “Você está bem?”

Ela assentiu com a garganta apertada.

Ele a examinou por mais um segundo antes de passar por ela e encontrar seu lugar, deixando-a encarando Kilian. Ela congelou, esperando enquanto Kilian se aproximava dela, seus olhos claros roçando as flores em seus braços. “Isso é para mim, Illy?”

Ele usou o apelido dela. Isso parecia significativo, de alguma forma. Como se ele estivesse dizendo secretamente a ela que estava tudo bem. Theodore era o único que usava o apelido dela, o resto deles escolheu chamá-la pelo primeiro nome, pelo sobrenome, pela posição ou por um apelido aleatório... às vezes

depreciativo. E às vezes o nome de um *animal de estimação*, literalmente.

Ela assentiu, segurando o ramo de flores silenciosamente.

Seus olhos brilharam, enrugando nos cantos, seus lábios exuberantes se curvando. Seu coração ameaçou escapar do seu peito. *Caramba, ela estava nervosa*.

Theodore passou, os braços transbordando de lanches, as sobrancelhas escuras levantando-se ligeiramente com a maneira como eles estavam ali, tentando encontrar palavras para falar um com o outro. “Uma ajuda?” Ele resmungou, entregando metade dos cones de papel para Kilian.

“Não há flores para os outros dois?” Elijah perguntou, atravessando a plataforma e sentando-se, sua atenção mudando distraidamente. Ele parecia agitado por ter uma lente próxima focada nele. Seus olhos pousaram em Isobel, catalogando sua expressão confusa. “Você não sabia,” ele concluiu antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. “Amanhã é aniversário de Moses e Theo. Por isso é uma festa tão grande, estamos fazendo todos os aniversários de uma vez.”

Isobel deu um tapa no peito de Theodore. “Por que você não me contou!”

Ele encolheu os ombros, sorrindo para ela enquanto se sentava, lembrando-a de que ela nunca deveria ter desocupado o lugar. Cian havia se mudado para o assento com seu crachá, Kilian se acomodando ao lado de Theodore, oferecendo-lhe uma única margarida do ramo que ele segurava. Theodore colocou-a atrás da orelha, ainda sorrindo para Isobel. Moses olhou para o buquê de Niko, esperando por uma flor de pena, mas Niko apenas a moveu para o outro lado, fora do alcance de Moses, fingindo não notar.

Gabriel subiu na plataforma, encontrando seu próprio assento silenciosamente, e então Oscar caminhou até o último assento livre enquanto a maioria dos holofotes ao redor do lago diminuíam de repente, a tela de projeção ganhava vida, o som explodindo nos alto-falantes ao redor deles. Luzes suaves permaneceram focadas nas oito cadeiras, destacando-as com um suave brilho dourado.

Kilian apontou o dedo para ela e ela lançou um rápido olhar para a multidão. Sua proximidade com Kilian foi exatamente o que a colocou em tantos problemas em primeiro lugar... mas *foda-se* Eve. E Aron.

E todo o resto deles.

Kilian era o único Alfa de quem ela poderia estar perto com segurança, sem que isso significasse nada. Ele era a primeira pessoa com quem ela se sentiu

realmente confortável desde a mãe, e isso não era algo que ela pudesse ignorar.

Ela começou a caminhar até ele, mas Theodore chamou sua atenção antes que ela chegasse, segurando vários cones de papel cheios de chocolate. Ela mordeu o lábio enquanto os reunia, agradecendo silenciosamente e lançando um rápido olhar para o assento mais distante à direita. Sato estava recostado o mais preguiçosamente possível na cadeira, o capuz da jaqueta puxado até o rosto, lançando a maior parte dele na sombra, agora que as luzes não estavam tão fortes. Ele ainda tinha todos os cones de papel que tinha aparentemente confiscado de Theodore, e ele não parecia disposto a compartilhá-los tão cedo.

Ele estendeu um para ela, balançando-o um pouco antes de passá-lo para Cian, murmurando algo no ouvido do outro Alfa. Cian passou para Kilian, com o rosto completamente inexpressivo. Kilian estava sentado de pernas cruzadas, já tendo tirado os sapatos, as cadeiras quase largas o suficiente para acomodar duas pessoas nelas.

“Acho que isto é para você,” ele disse, quando ela o alcançou.

A casquinha estava cheia de mini cenouras.

“Para variar,” explicou Sato, de alguma forma forçando sua voz áspera a soar quase amigável.

“Obrigada,” ela disse, tentando não olhar para ele.

Ele apenas sorriu de volta. Ou pelo menos ela pensou que ele estava sorrindo. Ele poderia estar olhando maliciosamente. Era difícil dizer por que ela não tinha certeza até que ponto os lábios dele eram capazes de se esticar.

Kilian puxou-a para seu colo e ela se recostou nele, abraçando todos os seus lanches contra o peito enquanto o filme começava. Era um clássico cult[1], que ela já tinha visto algumas vezes antes.

Kilian passou um braço em volta da cintura dela, a outra mão mergulhando em uma de suas casquinhas para roubar um chocolate. “Devíamos assistir ao filme?” Ele perguntou levemente. “Por que todas as câmeras? É como se esperassem que fizéssemos outra coisa.”

“Poderíamos fazer outra coisa.” Niko se inclinou em torno de Theodore para falar com Kilian. “Não estou apegado ao filme.”

“É *nosso* aniversário,” Kilian refletiu, sua voz roçando seu ouvido, fazendo-a querer se contorcer.

“O que você quer fazer?” Cian perguntou, parecendo entediado.

“Vamos jogar um jogo.” Theodore pegou seu telefone. “Vamos deixar os fãs escolherem.” Seus dedos voaram pela tela. “Essa coisa toda está ao vivo, então…”

“Eles já estão nos pedindo para fazer confissões, não é?” Elijah perguntou.

“Literalmente cinquenta comentários dizendo exatamente isso,” respondeu Theodore.

“Isso é ao vivo?” Isobel sussurrou.

“Você não olhou para a câmera?” Kilian falou as palavras contra sua têmpora desta vez, baixo o suficiente para que o microfone não as captasse.

Ela encolheu os ombros. Ela absolutamente não tinha, mas fez isso agora, olhando diretamente para a lente e notando a pequena placa no topo da câmera, informando que eles estavam sendo gravados ao vivo.

“Tudo bem,” Cian falou lentamente. “Vamos brincar de confissões. Todo mundo recebe três passes. Precisamos de uma punição para o primeiro a sair e de uma recompensa para o último que ficar.”

Kilian puxou o telefone, apoiando-o na coxa de Isobel enquanto a puxava com mais força contra ele, encostando o queixo no ombro dela para olhar para a tela. Ele abriu a transmissão ao vivo e foi até o chat, onde os comentários estavam inundando. Isobel fingiu que os estava lendo também, mas sua mente já estava divagando.

Talvez Moses não a obrigasse a tentar arruinar a vida de Wallis?

Ela passou os olhos por Theodore, observando a postura relaxada e a expressão sombria e taciturna de Moses. Ele suspirou com um som infeliz, desviando sua atenção do filme e inclinando a cabeça para frente para espiar a fileira de cadeiras. Ele parecia estar olhando para Sato, mas então seus olhos se voltaram para ela. Ela rapidamente desviou o olhar.

“Tirem as mãos dos lanches, pessoal. Empilhe-os no meio,” Moses ordenou de repente, desenrolando-se da cadeira e largando a comida que havia trazido.

Os outros seguiram o exemplo sem questionar, e Kilian desligou o telefone, liberando Isobel. Ela acrescentou seus cones de papel à pilha crescente, Kilian deixou cair a pequena caixa de papelão que havia trazido e então a pegou novamente. O movimento foi tão fácil, fazendo-a sentir-se leve como o ar quando ele se sentou e a aninhou em seu colo novamente.

“Ok, então o vencedor ganha todos os lanches,” disse Cian, lendo seu

telefone. “O perdedor tem que dar massagens a todos durante a segunda metade do filme.” Ele olhou para a zombaria de Moses. “Esse veio dos comentários, não de mim. Quem quer ser o orador?”

“Nós vamos ser.” Kilian pegou o telefone novamente e voltou para a seção de comentários. “A primeira confissão é para Kane.” Ele ergueu os olhos para Theodore. “Quando você vai cantar de novo?”

“Não sabia que alguém queria que eu cantasse de novo,” respondeu Theodore, sorrindo diretamente para a câmera apontada para seu rosto.

Kilian voltou para o vídeo ao vivo e Isobel engoliu em seco ao ver a imagem de Theodore na tela. Ele parecia *além* de lisonjeado. Tocado. Em êxtase. Seu sorriso largo e perfeito e olhos brilhantes fizeram seu estômago revirar, seu olhar tempestuoso tão lindo que ela nem ficou surpresa ao ver links para a loja de lentes de contatos Superdotadas aparecendo nos comentários. Eles haviam lançado uma edição especial chamada *Kane - Uma Tempestade Perfeita (Edição Clara)*. Ela adivinhou que Moses seria a “edição escura”.

“Muito esmagador?” Kilian sussurrou, as palavras agitando seu cabelo suavemente.

Ela enfiou o cotovelo em sua barriga, fazendo-o grunhir e quase deixar cair o telefone. Ele riu, pulando a seção de comentários enquanto ele fluía com respostas entusiasmadas à resposta de Theodore. Vários deles mencionaram o Dia da Consolidação, que marcava o fim do último semestre e o início das férias de verão. Eles estavam implorando para que ele lhes desse um concerto, embora o concerto do Dia da Consolidação sempre fosse apresentado pelos Ícones concorrentes do quinto ano.

Também seria em dez dias. Outro lembrete de que seu tempo estava se esgotando.

“Sua vez,” Kilian murmurou.

Ela escolheu uma pergunta aleatoriamente, vendo o sobrenome de Kilian. “Gray: O toque físico é sua linguagem de amor?”

Kilian riu, seu braço envolvendo-a ainda mais forte. Na verdade, era meio... adorável.

“É tão óbvio?” Ele perguntou à câmera. Isobel manteve sua atenção no telefone, mas rolou a tela para ver que ela e Kilian haviam substituído a imagem de Theodore. Kilian estava fazendo beicinho para a câmera, seus lábios lindamente curvados fazendo seu coração pular algumas batidas frenéticas antes

de derreter em uma pilha patética de gosma.

“Ele é um pegajoso filho da... uh... cara,” disse Cian. “Estou surpreso que ele não tenha repassado a pergunta imediatamente, apenas para poder perder e nos dar massagens.”

Alguns dos outros Alfas riram, mas Isobel estava muito distraída com a seção de comentários, e quantas pessoas estavam dizendo que Kilian era o homem mais precioso e adorável do mundo, que ele precisava ser protegido a todo custo, e que todos os outros Alfas devem amar secretamente quando ele se apega a eles, porque você teria que estar morto por dentro para não amar Kilian.

Uau.

“Ok, próximo.” Kilian ignorou todos os comentários, indiferente aos elogios esmagadores dirigidos a ele, eliminando as perguntas entre os elogios. “Sato: Você tem uma habilidade Superdotada?”

“Passo.” Sato olhou de frente para a câmera e a seção de comentários se encheu de emojis.

Isobel riu antes que pudesse se conter, porque todos estavam usando o mesmo emoji. O rosto azul congelado com gelo pingando. Deve ter sido algum tipo de piada interna que os fãs do Ironside começaram, porque de repente, a seção de comentários era uma parede azul. O Sato na tela estava olhando para a direita, e a tela foi dividida para mostrar também ela e Kilian... que estavam sentados à sua direita, com apenas Cian os separando.

Ela podia sentir a atenção de Sato como uma carícia física em seu rosto. Era quente. Abrasadora. Kilian escondeu um sorriso malicioso em seus cabelos, mas ela ainda podia ver os olhos dele sorrindo na tela.

“Ok, próximo.” Ela limpou a garganta, ignorando Sato. “Ashford: Quantas tatuagens você tem agora e planeja fazer mais?”

Cian levantou a camisa, revelando tinta cobrindo sua lateral, tão grande que ela não conseguia ver a parte superior dela, a base do desenho desaparecendo sob o cós da calça. O menor indício de seu piercing no mamilo brilhou para ela antes que ele o cobrisse com os nós dos dedos. Ela conseguia distinguir padrões geométricos e outros desenhos entrelaçados, com objetos aleatórios escondidos nos detalhes, como balas caindo, cobras retorcidas, uma gaiola pendurada ou uma constelação de estrelas, mas ficou chocada demais com a enorme quantidade de tinta exposta que ela mal categorizou um único deles em detalhes.

“Eu adicionei algumas durante o intervalo,” disse ele. “Os diretores me

deram permissão especial para fazer o resto no salão de Ironside Row. Foi uma recompensa por concordar em se tornar o principal substituto de Carter."

Moses zombou alto. "O *principal* substituto dela?"

"Isso não é uma coisa," disse Theodore, parecendo calmo. Um pouco divertido. "E quanto a todos os outros?"

"Nem todos nós somos seus substitutos." Niko limpou a garganta, parecendo desconfortável. "É melhor esclarecer isso."

Isobel não desviou o olhar de Cian e ele percebeu. Ele também não tinha deixado cair a camisa. Ele nem estava sentado direito ou tentando se flexionar, e ela não conseguia distinguir um centímetro de suavidade. Fazia sentido agora que ela tinha visto o que Easton gostava de fazê-los passar.

Sua pele quase parecia dourada sob a luz suave dos holofotes, lisa e esticada. Ele mordeu o lábio inferior e depois o soltou, forçando um rubor a percorrer a curva exuberante, avermelhando a carne. Seus olhos brilhantes ficaram encapuzados quanto mais ela olhava para ele, e o sorriso malicioso de Kilian na parte de trás de sua cabeça se transformou em uma risada aberta, sacudindo seu corpo e o dela, tirando-a do feitiço que Cian havia lançado sobre ela.

Cian deixou cair a camisa, mas seus dedos tatuados roçaram seus músculos no caminho para baixo, fazendo com que seu foco se estreitasse nos anéis espalhados por seus dedos enquanto ela se perguntava como seria o metal frio se ele agarrasse sua pele.

Apropriadamente.

Não as pequenas pinceladas que ele costumava dar a ela.

Ela balançou a cabeça, tentando desalojar o pensamento, mas ele se enterrou mais fundo, cravando garras nela e fazendo-a apertar as coxas com força. Kilian parou de rir imediatamente, puxando-a de volta até que ela estivesse rente ao peito quente dele, o queixo encostado em seu ombro novamente.

"Spade," ele disse, seu tom mais profundo do que o normal enquanto se fixava em um dos comentários. Gabriel inclinou-se para a frente na cadeira para ouvir Kilian. "Quando você vai estrear a dança? Estamos observando você e Reed praticarem há dois anos. Por que os Alfas estão sendo tão reservados sobre suas especializações?"

"Passo." Gabriel recostou-se, olhando para a câmera com desaprovação. A

seção de comentários foi preenchida com repreensões imediatas para quem fez uma pergunta tão “agressiva”. Eles eram protetores com Gabriel por algum motivo. Ou talvez fossem apenas os Alfas em geral.

“Hart.” Isobel localizou o sobrenome de Niko, mantendo o dedo na tela para se manter no lugar, já que os comentários estavam fluindo muito mais rápido do que ela conseguia acompanhar. “Você está planejando se especializar em tênis no próximo ano?”

“Não.” Niko balançou a cabeça, jogando as mechas platinadas que deslizavam sobre seus olhos. Ele passou as duas mãos pelo cabelo, puxando as ondas descoloridas para trás enquanto compartilhava um sorriso caloroso e secreto com a câmera. “Próxima pergunta.”

A seção de comentários explodiu.

@reed's_rhapsody: *NIKO HART TEM UMA ESPECIALIZAÇÃO SECRETA? O QUE ESTÁ ACONTECENDO?*

@kannoisseur: *Por que Sato parece que o único lanche que ele está disputando está sentado no colo de Gray? Não sei dizer se estou excitado ou aterrorizado.*

@wildestdreamer: *Não é Niko Hart aqui jogando xadrez 3D e fazendo até mesmo os competidores a Ícones do quinto ano parecerem despreparados.*

@tune_tracker: *Niko Hart pode se especializar em mim, se não tiver mais nada para fazer.*

“Carter.” Kilian encontrou uma pergunta para ela em meio ao caos. “Você está sendo intimidada pelos Ômegas?”

“Não.” Isobel forçou uma risada leve, desejando ser uma atriz tão boa quanto Theodore, ou Niko, que parecia capaz de ligar e desligar seu charme com a mesma facilidade. “É tudo apenas uma competição normal e saudável.”

Os comentários imediatamente se transformaram em perguntas sobre Eve e Aron e o que aconteceu em Vermont, mas Kilian rapidamente passou por todos eles, parando em uma que parecia ser dirigida a Reed.

“Reed.” Ela limpou a garganta. “Por que você acha que eles deixaram Eve Indie voltar para Ironside? Ela não estava lá quando Carter... quando fui atacada em Vermont?”

Elijah piscou, olhando para a câmera por cima da borda dos óculos. Ele não os estava usando quando se sentou. Talvez ele esperasse que fossem uma

barreira extra contra a câmera. “O que isso tem a ver comigo?”

“Acho que isso é um passe,” murmurou Kilian quando o emoji “congelado” começou a aparecer na seção de comentários novamente, o resto dos comentários advertindo o autor da postagem por tal pergunta desencadeadora. “Moses, o que você achou do seu beijo com Carter? As pessoas estão dizendo que você nunca teve uma namorada antes. Isso é verdade?”

“Meu irmão namorou todas as garotas do nosso grupo de volta ao assentamento,” disse Moses suavemente. “E eu não gosto de compartilhar.” Sua imagem na tela levantou uma sobrancelha desafiadora. “Eu beijei Carter? Quando?”

Outro ataque de emojis congelados.

“Responda ou passe,” Reed inseriu, seu tom divertido.

Em vez de gritar com Reed, Moses relaxou ainda mais na cadeira, erguendo a mão bronzeada para acariciar o queixo cheio de cicatrizes. Seus olhos tempestuosos se estreitaram em pensamento, uma de suas pernas se apoiando na borda da cadeira, seu joelho balançando distraidamente para frente e para trás.

“Passo,” ele finalmente disse, a sombra de um sorriso fantasmagórico em seus lábios, como se soubesse que tinha acabado de levar todos ao frenesi pensando que poderia realmente responder à pergunta.

Isobel se contorceu no colo de Kilian, percebendo que a tela havia mudado para uma visão dividida novamente, mostrando seu próprio rosto. “Sato,” ela disse rapidamente, escolhendo uma pergunta e depois fazendo uma pausa... desejando ter revisado primeiro. “Por que você...” ela limpou a garganta sem jeito. “Você se ofereceu para ser de Carter, quero dizer, meu substituto?”

“Passo.” Ele respondeu instantaneamente, dando à câmera o mesmo olhar inexpressivo, o capuz ainda levantado e os olhos semicerrados. Ele iria perder o jogo neste ritmo.

Isobel sabia que seu rosto estava ficando vermelho, mas Kilian já estava seguindo em frente.

“Theodore, quem é seu Alfa favorito?”

“Moses.” Theodore revirou os olhos e o clima começou a melhorar imediatamente, com Cian e Niko pulando em Theodore e exigindo que ele mudasse sua resposta.

Isobel e Kilian tentaram escolher perguntas alegres depois disso, mas Sato

ainda se recusou a responder qualquer uma delas, ganhando o último lugar, enquanto Isobel, Kilian e Theodore empataram em primeiro lugar.

“Como devemos resolver isso?” Theodore perguntou, sua veia competitiva surgindo, enquanto ele passava os olhos por Isobel e Kilian aconchegados em uma cadeira antes de voltar sua atenção para a câmera.

Sato de repente começou a rir e então se levantou. “Essa aqui,” disse ele, mostrando a tela do telefone antes de colocá-lo no bolso. “Eu gosto desta ideia. Quem durar mais tempo trancado sozinho comigo em um quarto escuro, vence. Exceto que em vez disso faremos no galpão do jardim. Se algum de vocês interromper antes de três minutos, eu fico em primeiro lugar e todos vocês têm que dividir o último lugar.” Ele começou a se afastar, mas parou na beirada da plataforma. “Kilian, você vem primeiro.”



Kilian não teve exatamente tempo para discutir antes de Oscar se afastar e ficou sentado em silêncio com todos os outros. Trancar-se em um espaço apertado e escuro com Oscar estava *muito* abaixo em sua lista de prioridades, especialmente com Isobel aconchegada em seu colo, mas de repente havia um membro da equipe com uma câmera encaixada em seu ombro e um cronômetro puxado em seu telefone correndo para a plataforma, e todos os outros se viraram para ver o que ele faria.

Ele levantou Isobel e a colocou de volta em seu assento antes de sair sem dizer uma palavra. O cinegrafista o seguiu, então ele tentou relaxar sua expressão, mas logo ficou óbvio que todos os estudantes que se reuniram no topo de Alpha Hill para onde a noite de cinema tinha suas telas iluminando seus rostos e assistiam à transmissão ao vivo com muita atenção.

Ele entrou no galpão do jardim e bateu à porta atrás de si, acendendo a lanterna do telefone e deixando-o cair em uma das bancadas.

“O que deixou sua calcinha torcida?” Oscar perguntou, sentando-se no banco e examinando as unhas.

“Eu estava confortável onde estava,” Kilian ficou de mau humor, cruzando os braços.

Oscar sorriu. “Você sabe que alguém já a roubou, certo? Provavelmente Cian. Talvez até Gabe, só para foder com Theo.”

Kilian ansiava por verificar a transmissão ao vivo para ver se era verdade, mas em vez disso forçou seus braços a se estirarem exageradamente. “Vamos dar uns amassos ou o quê?”

Oscar riu, seus olhos brilhando sombriamente. “Boa deflexão. Que tal eu descrever como foi dar uns amassos na pessoa que você *realmente* quer pegar?”

“Quando você ficou com Cian?”

“Quando você ficou tão engraçado?” O sorriso de Oscar desapareceu de repente, e todo o brilho se extinguiu em seu olhar, tornando-o mais preto que preto. “Eu não quero distribuir massagens, então aqui está, Kili. Ela tinha o mesmo gosto que eu sabia que ela teria. Como medo, suor e punhados de cerejas esmagadas escorrendo por toda a sua pele. Seus pequenos gemidos e suspiros e a maneira como ela pressionou contra meu pau...”

“Sim, estou fora. Isso foi ótimo. Nunca mais faremos novamente.” Kilian saiu furioso do galpão, ignorando o cinegrafista que verificava o cronômetro de seu telefone enquanto corria de volta ao palco.

A pior parte era... Oscar não estava mentindo. Esse *era* o gosto de Isobel, pelo menos parcialmente. Mas Oscar não disse nada sobre o cheiro rico e inebriante de xarope que ela exalava, e como sua pele tinha aquele gosto quando ela apertava as coxas e chupava o lábio como se estivesse tentando saborear o sabor de seu doce favorito.

Kilian se viu agarrado a esse fato, mas rapidamente ficou irritado porque Oscar conseguiu transformar isso em algum tipo de competição fodida em sua cabeça.

Isobel não pertencia a nenhum deles e nunca pertenceria.

Era impossível.

Não havia competição. Quer Oscar a provasse ou Kilian, ela sempre seria inatingível. Mais agora do que nunca, porque o ex de Kilian foi quem ajudou a abri-la e contaminar seu vínculo.

5

Sete Minutos no Inferno



Theodore não esperava muito, mas definitivamente esperava mais do que Kilian durou, e suspirou ao se levantar para ser o próximo. Isobel roubou seu assento assim que ele se levantou, como se precisasse dar um descanso a Kilian, e ele tentou reprimir a onda de satisfação que isso lhe proporcionou.

Não porque Kilian ficaria desapontado, ele não podia invejar Kilian por precisar de contato físico o tempo todo, isso era quem ele era, mesmo que Theodore achasse infinitamente irritante ter seu aroma de bergamota e casca de árvore saturando Isobel.

Tinha mais a ver com o desejo ilógico de *reivindicar* e *possuir*. Isobel pertencia à cadeira dele porque pertencia a ele.

Pare. *Puta que pariu, apenas pare.*

Ele saiu e irrompeu no galpão do jardim pronto para uma briga. Oscar riu enquanto fechava a porta atrás de si, jogando-os na escuridão.

“Você torna tudo muito fácil, Theo.” Oscar ligou a lanterna do celular, colocando-o ao lado da coxa. Ele estava sentado em uma das bancadas, parecendo já ter vencido o jogo.

“Não sei do que você está falando.” Theodore abriu um sorriso largo. “Você não tentou ficar com Kilian, tentou? Ele praticamente voltou correndo.”

“Se eu tivesse, ele estaria correndo para tomar um banho frio. Por que você pergunta? Com ciúmes por ter seduzido seus *dois* melhores amigos?”

“Você não seduziu Isobel. As correntes a hipnotizaram.”



Oscar não tinha vontade de contrariar Theodore. O Alfa mais jovem era muito... *receptivo*. Ele manteve a cabeça fria com Oscar a segundos de arrancar dois de seus dedos e nem soltou um grito quando Oscar os quebrou. Ou tentou ir atrás dele.

Theodore não ficou de mau humor no dia seguinte nem tentou levar o assunto a Kalen ou Mikel. Ele continuou como se nada tivesse acontecido, sorrindo e brincando como a pessoa irritantemente bem-humorada que ele era.

Oscar suspirou, apertando o nariz. Era por isso que ele preferia Moses. O filho da puta temperamental estava sempre pronto para brigar.

“Saia agora,” ele expeliu com um suspiro curto, “e não vou desencadear o caos no segundo em que ela passar por aquela porta.”

“Aceito.” Theodore girou nos calcanhares e abriu a porta, desaparecendo imediatamente.

Oscar recostou-se, a cabeça batendo contra a parede, os dedos batendo agitadamente na coxa. Ele teria simplesmente saído e se recusado a jogar, mas a noite de cinema não era negociável. Kalen deixou isso claro.

Ele queria colocá-los na frente de uma câmera. Já era hora deles começarem a intensificar as coisas para que os fãs os tivessem em mente durante o intervalo.

Isobel entrou no galpão, fechando a porta atrás de si e recostando-se nela com os braços cruzados firmemente sobre o peito, os olhos dela contornando-o, mas recusando-se a realmente olhar para ele.

“O que você fez com os outros?” Ela perguntou, finalmente levantando o olhar para ele.

Ele lambeu os lábios, avançando para encostar os antebraços nas coxas. “Me sentei aqui e não movi um músculo. Aproxime-se.”

“Não.”

“Por que não?” Ele sorriu para ela. “Eu só quero ver sua corrente.”

Ela deu passos deliberadamente lentos em direção a ele, provavelmente

tentando prolongar os três minutos. “Por que todo mundo tem tanto medo de você, Sato?”

“Porque eles sabem o que é bom para eles.” Ele se inclinou para frente quando ela estava perto o suficiente, agarrando o decote do vestido e arrastando-a entre as pernas até que ela estivesse pressionada contra a bancada, sujando o tecido claro que flutuava contra sua pele como uma provocação mais leve e suave.

Suas roupas de garota rica o deixavam de queixo caído.

Ele odiava poder vender um de seus vestidos e preencher a conta da irmã no armazém durante os próximos três meses, e odiava o quão linda ela parecia envolta em pequenas fortunas. Ele ainda se lembrava do deslizamento do pijama sedoso de menina rica sob suas mãos ásperas.

Ele rapidamente a soltou, agarrando a borda da bancada para controlar a vontade de puxar e rasgar até que ela ficasse tão pobre e imunda quanto ele.

“Mostre-me.” Ele tentou enquadrar isso como uma sugestão, mas saiu de sua língua como um comando rouco, e seu estômago se apertou com a maneira como as mãos dela se levantaram instintivamente, puxando o decote para baixo o máximo que podia, revelando apenas o topo da corrente.

“O que Niko disse a você?” Ela perguntou baixinho.

Ele queria tocar a corrente. Afinal, era a *sua* corrente, mas ele não podia confiar em si mesmo. A Sigma estava lentamente o deixando louco, e ele ainda não tinha descoberto se estava obcecado por ela desde sua primeira experiência no telhado da capela, ou se secretamente desejava nunca tê-la salvado.

“Ele disse que aconteceu de repente,” ele grunhiu, olhando para os pequenos elos dourados incrustados suavemente em sua pele, parecendo que sempre fizeram parte dela. “Ela chegou ao seu peito, enganchando-se na sua pele e depois curou você. Você teve sorte do vínculo não ter sido concluído.”

“Eu estive pensando sobre isso,” ela sussurrou. “Talvez não conte por que é um artefato da alma? Quero dizer, Teak disse que o vínculo não pode me *forçar*, e se um artefato me marca e completa o vínculo para mim, bem... isso é forçar...”

Ela mordiscou o lábio, sua mente se afastando. Foi apenas um momento em que a atenção dela não estava nele, mas foi o suficiente para quebrar seu controle, para tirar suas mãos da bancada.

Exceto que ela não estava mais lá.

Ela havia desaparecido e reapareceu contra a porta do galpão, os braços cruzados com força sobre o peito, o rosto pintado de confusão, a respiração áspera nos lábios rosados.



Isobel ofegou quando uma pontada de calor penetrou em seu peito. Sato já estava fora da bancada, parado diante dela, as sobrancelhas franzidas de confusão. “Você acabou de se teletransportar?”

“Não sei. Não parecia um teletransporte.” Ela puxou a parte superior do vestido para baixo novamente, olhando para a corrente... ou mais especificamente, para a pequena pedra preciosa que se materializou a meia polegada do topo da corrente. Era âmbar amarelada, um dourado claro e malicioso que a lembrava do olho piscante de uma fera rondando.

“O que isso significa?” A voz de Sato era baixa e áspera, transbordando de sua têmpora enquanto ele se inclinava sobre ela, olhando para seu vestido.

“Eu não sei,” ela murmurou distraidamente, tentando descobrir o que tinha acontecido. “Tudo simplesmente... embaçou. Como se o tempo tivesse retrocedido e eu estivesse de volta aqui novamente.” Ela abriu os braços, olhando para a porta.

Sato passou por ela, abriu a porta e chamou o cinegrafista que estava por perto. “Quanto tempo falta?”

“Uh...” A resposta confusa foi dada. “Quero dizer... ela simplesmente entrou? Acabei de iniciar o cronômetro...”

Sato fechou a porta, interrompendo a resposta do homem. Ele a afastou da porta antes de soltá-la e respirar fundo, seus olhos voltando para a frente do vestido dela.

“Kalen,” ele respirou. “Esse é o poder de Kalen.”

Isobel empalideceu. “O quê?”

“É um efeito colateral. Você está pegando poder emprestado... *foda-se*, você poderia pegar o de Theo, ou de Moses, ou o meu, ou...”

“Eu sabia que você tinha uma habilidade ilegal. Qual é?” Era mais fácil apegar-se aos fatos do que deixar o pânico penetrar.

Ela poderia ficar feral.

Sua atenção se voltou para o rosto dela, sua expressão escurecendo. “Você quer algo de mim, Isobel?” A mão dele pousou em seu pescoço de repente, o polegar acariciando a coluna de sua garganta. “Dê-me algo primeiro.”

Seu toque a lembrou de quando ele agarrou seu pescoço enquanto enfiava a língua violentamente em sua boca.

“E então você vai me contar?” Ela não pôde deixar de engolir.

Ele sentiu isso. Seus lábios se contraíram, seu aperto aumentou ligeiramente. “Se valer a pena.”

“Eu... não tenho nenhum segredo.”

“Bem, pelo menos você está melhorando em mentir.” Seu sorriso se curvou um pouco mais, seus caninos prendendo seu lábio inferior como se ele estivesse tentando mordê-lo de volta. “Vamos começar com o que mais aconteceu com Niko.”

“Do que você está falando?”

“Você queria saber o que ele disse. Isso significa que havia mais que ele poderia ter dito.”

Ela o considerou, percebendo que estava se inclinando para seu abraço... mas Sato já havia se oferecido como substituto para ela, então pelo menos ele não se sentiria insultado pela reação do corpo dela a ele.

“Acho que aprendi minha lição sobre contar segredos,” ela finalmente disse.

Ele já estava balançando a cabeça. “Não é assim que funciona. Os segredos sufocam e morrem no Dormitório A. Contá-los para *estranhos* é o que fará com que você seja morta.”

“Certo.” Ela encolheu os ombros. “Mas só porque você obviamente sabe tudo sobre isso. O que quer que tenha acontecido com você no hotel, aconteceu com Niko no banheiro, quando a corrente cravou na minha pele.”

Sato ficou muito quieto, a voz baixando para um timbre baixo e áspero. “*Niko* emergiu? O que ele fez?”

“Nada realmente.” Ela olhou para baixo, ocupada em tentar tirar a poeira da

frente do vestido. “Ficou realmente quieto... e lambeu, hum... a corrente.”

“Você já tomou banho?” Ele perguntou, seu tom de repente neutro.

“Não?” Ela puxou a cabeça um pouco para trás, tentando ler a expressão dele.

“Eu não quero a porra da saliva dele na sua pele.” Seu tom casual quebrou, um grunhido acompanhando suas palavras. “Eu direi qual é a minha habilidade se você me deixar apagá-lo.”

“Por quê?” Ela estava tremendo, arrepios aparecendo por toda a sua pele ao sentir a influência dele empurrando através dela.

Seu cheiro de oleandro era fumegante e ardente, sua emoção um lento rastejar de névoa venenosa, infiltrando fúria possessiva em seus poros até que ela o vestisse como uma capa.

“Porque ou você me deixa apagá-lo ou eu volto ao palco e corto a língua dele ao vivo na televisão,” Sato sussurrou com sua voz rouca e quebrada, os olhos cheios de escuridão suave.

Ela engoliu em seco, mas foi doloroso, sua garganta ameaçando fechar em pânico. “Isso não é engraçado, Sato.”

“Isobel,” ele murmurou, inclinando-se até que seu rosto estivesse a poucos centímetros do dela. “Eu não estou brincando.”

“Você está me assustando.” Ela tentou desviá-lo, mas ele a seguiu, apoiando-a na bancada.

“Você está mentindo,” ele respondeu calmamente. “Eu sei como você cheira quando está com medo de mim. Eu até sei qual é o seu *gosto* quando você está com medo de mim.”

Ela empurrou contra o peito dele, mas em vez de movê-lo, isso a moveu, o mundo se confundindo ao seu redor novamente quando suas costas de repente bateram na porta.

Sato se virou, ainda parado perto da bancada, um sorriso lento e perigoso erguendo o canto dos lábios. “Você não está revertendo o tempo para mim,” disse ele, passando a mão na boca para apagar a emoção do rosto, deixando a expressão cuidadosamente pensativa. “Somente para todos os outros.”

“Kalen é tão poderoso?” Ela guinchou, seu coração batendo forte. *Ela* estava segurando esse poder dentro dela? *Por que ela não conseguia sentir isso?* Além do formigamento quente em seu peito onde a pedra preciosa apareceu, ela

não conseguia sentir nada.

Na verdade... até o formigamento parecia ter desaparecido.

Ela puxou o decote para baixo novamente, percebendo que a pedra amarela não estava mais brilhando e olhando maliciosamente, a cor desbotando para um âmbar normal e opaco.

“O tempo acabou,” disse Sato de repente, aparecendo diante dela, com os olhos na pedra preciosa. “Chega de retrocessos. Vire-se, Carter.”

Ela obedeceu antes que pudesse realmente pensar no assunto e, então, já era tarde demais. No segundo em que ela lhe mostrou as costas, ele estava trabalhando no zíper oculto do vestido, puxando-o até a cintura. Ele a girou novamente, o vestido ainda no lugar, embora agora estivesse pendurado desajeitadamente em seus ombros.

Ele parecia inquieto de repente, suas mãos desaparecendo em seus bolsos, o material se amontoando enquanto ele fechava os punhos e mudava seu peso, oscilando em algum tipo de ação da qual ele finalmente se conteve, balançando para trás enquanto seus olhos escuros varriam sobre ela.

“O que é isso?” Ela perguntou, fechando os punhos em torno das alças finas do vestido. “Por que você tem que fazer isso?”

“Cian nos disse que você está vendo pessoas mortas.” Ele respirou fundo, seu olhar inquieto finalmente pousando no rosto dela. “E eu sei que você viu meu pai. O que ele te contou, hein? Ele te contou coisas legais? Coisas boas?”

“Ele me disse que você iria me machucar. Ele disse que outros Alfas tentam esconder seu lado animal, mas ele ensinou você a abraçar o seu.”

A expressão de Sato ficou tensa e o choque perfurou seu peito antes que ele conseguisse controlar a emoção.

“Isso mesmo.” Ele passou um dedo pelos nós dos dedos cerrados, quase provocando-os a relaxar e liberando o aperto nas alças. Sua influência era confusa, seu aroma de oleandro enjoativo, tão doce e sedutor. Ela teve que dissipar a névoa e lembrar-se com bastante veemência que Sato era perigoso.

“Eu não estou totalmente lá.” Ele bateu na lateral da própria cabeça. “Eu tenho impulsos e eles são difíceis de controlar. Você deveria pertencer a mim, e meu impulso é reivindicá-la de todas as maneiras possíveis, mesmo que eu não queira você. Eu me recuso a compartilhar. Me recuso a saber com quem devo acasalar, a quem pertencer. Mas o *impulso*...” ele agarrou as mãos dela, afastando-as, e então deslizou os dedos por baixo das alças do vestido e puxou-

as para baixo sobre os braços dela. “Você não teve sorte comigo, Carter. Eu sou sua maldição agora. Você vai ter que aprender a viver comigo da mesma forma que estou aprendendo a viver com você.”

“Como exatamente você está aprendendo a viver comigo?” Ela parecia sem fôlego quando a metade superior do vestido caiu, prendendo-se em sua cintura. Revelou seu bralette fino e rendado e toda a extensão da corrente de ouro embutida em sua pele.

“Estou me comprometendo,” disse ele, com os olhos ainda fixos nos dela, mesmo enquanto sua mão se deslocava para a corrente, a parte de trás do punho pressionando contra a parte inferior, logo abaixo do sutiã, forçando-a a se inclinar mais fortemente para trás contra a porta. “Eu te dei opções, não foi? Um evento pacífico e divertido.”

“Por que se preocupar se isso não é divertido?” Ela não pretendia parecer sarcástica, mas algo em seu tom carregava um toque de aspereza, e os olhos dele brilharam em um breve lampejo de humor antes de descerem de seu rosto para examinar a corrente.

Ou seus seios.

Era difícil dizer.

“Você tem razão.” Ele se abaixou e agarrou seus quadris. “Eu só considero opções que gosto.”

Ele enrolou os dedos em seu bralette enquanto pressionava a língua contra sua pele, bem na parte inferior da corrente. Ele subiu, arrastando a língua para o meio do peito dela enquanto puxava o punho para trás, rasgando o bralette para que sua jornada até a clavícula fosse ininterrupta. Ele a empurrou para trás contra a porta enquanto lambia todo o caminho até seu pescoço, parando em sua orelha enquanto pressionava todo o comprimento de seu corpo no dela.

Ele estava respirando pesadamente e ela não estava respirando.

Ela agarrou as mangas da jaqueta dele, tentando puxá-lo com mais força, seu corpo absorvendo o calor e o conforto dele estar tão deliciosamente perto. Sato não era alguém em quem ela pensava que poderia encontrar conforto, mas seu vínculo ainda não formado não se importava. Isso a lembrava de que ela se sentia vazia há semanas, faminta por todo o amor e devoção que seus companheiros deveriam ter dado a ela...

Espere aí, que diabos?

“Você sangrou.” Ele rosnou as palavras contra sua garganta, seu corpo

vibrando. “Ele provou seu sangue, não foi?”

Antes que ela pudesse reagir, os dentes dele roçaram a pele do pescoço dela, logo abaixo da orelha. Ela congelou, sua respiração era um arranhão. “Não.”

“Você é minha,” ele murmurou contra sua pele.

“Eu não posso deixar você fazer isso.”

“Por que, baby?” Ele ronronou as palavras em seu ouvido, tão pouco parecido com Sato que seus olhos se fecharam e uma onda de calor se acumulou em sua barriga, forçando-a a apertar as pernas juntas.

Puta merda, ele precisava nunca mais fazer isso.

“Eu não posso pertencer a nenhum de vocês,” ela guinchou quando ele se afastou um pouco, seu anel Alfa inchado, sua expressão tensa enquanto suas narinas dilatavam. “Há dez de vocês. Isso nunca vai funcionar.”

Ele agarrou seus quadris, atraindo-a contra seu corpo. “Posso sentir o quanto você quer que eu faça alguma coisa.”

“É o vínculo.”

“Mentira,” ele rosnou, empurrando-a de volta para a porta. “O tempo está quase acabando, coelhinho. Minha habilidade é o caos. Eu causo ele. Prospero com ele. Não posso viver sem ele. Fique se quiser provar. Vá embora se estiver com medo.”

Ela examinou seu rosto, sua mente girando com sua admissão. O caos combinava com ele. O mesmo acontecia com o brilho na escuridão de seu olhar, dizendo a ela que ele *queria* que ela fosse embora.

Ele queria que ela tivesse medo dele.

E de repente, a ligação dela com Sato fez sentido. Ela *queria* sentir o gosto do caos, mas não queria admitir. E ele queria perseguir, caçar, forçar isso para fora dela.

Ele não conseguia esconder a necessidade, mesmo que tentasse. Estava em cada linha de sua expressão. Estava em seu perfume enjoativo, pois tanto avisou-a quanto tentou persuadi-la a se aproximar. Estava na batida escura da emoção dele contra o peito dela.

Ela nunca havia sentido a necessidade de um Alfa antes, porque a necessidade geralmente não era uma coisa negativa, uma coisa sombria.

Até Sato.

Sua necessidade a pressionava como todos os outros sentimentos obscuros e sujos que as pessoas não queriam manter.

Eles se complementavam, dessa forma.

Sua respiração engatou, sua cabeça de repente ficou tonta com a compreensão, mas ela não estava nem perto de ter ideia do que fazer a respeito. Sato despertou algo sombrio e *errado* dentro dela, uma espécie de curiosidade mórbida que a fez querer cobrir os olhos e descobrir o pescoço, esperando pelo melhor.

Mas isso era suicídio.

Ela olhou para a renda rasgada que ainda cobria seus seios. “O que eu faço?”

“Vá sem,” ele sugeriu, sabendo que ela não estava falando sobre os pedaços de renda que mal cobriam seus mamilos. “Tire o resto. Eu não dou a mínima para a noite de cinema.”

Ela deu-lhe um sorriso irônico, embora não parecesse que ele estava brincando. “Você é assustador.”

“E você está literalmente desafiando o destino.” Ele puxou as bordas desgastadas de seu sutiã, amarrando-as apressadamente com o menor nó antes de respirar fundo e dar vários passos para trás dela. “Quanto custou isso?”

“Não sei. A equipe do meu pai está organizando meu guarda-roupa.”

Ele passou a mão pela boca. “Durma no meu quarto esta noite.”

Ela riu ocamente. “O que sobraria de mim pela manhã?”

Seus olhos brilharam, como se ele pensasse que ela queria dizer algo diferente, e sua voz estava rouca quando ele falou novamente.

“Você já dormiu comigo antes. Sou um dos seus substitutos. Você claramente precisa de um substituto agora.”

“Eu não dormi sozinha com você, e ninguém sabe que dividimos a cama durante a turnê, exceto Cian.”

“Traga um amigo.” Seu sorriso era sem humor. Letal. “Vamos chamar isso de festa do pijama.”

“Isso é algum tipo de manobra? Vocês não querem me deixar no Dormitório O com Eve de volta?”

“Não fale o nome da garota morta,” ele rosnou asperamente.

“Isso não é uma resposta.”

Ele passou a mão pela nuca e depois encolheu os ombros. “Sim, é uma manobra. Era para ser uma manobra de Theodore. Só não quero quebrar os dedos dele de novo, então estou perguntando primeiro.”

“O quê?” Ela olhou para o rosto dele, tentando encontrar a menor centelha de humor. Não havia nada. “Que diabos?”

“Ele colocou os dedos dentro do que era meu.”

“Eu não sou sua!” Ela avançou sobre ele, mas se conteve antes que pudesse empurrar seu peito.

“Você cheira como minha. Você tem gosto de minha. Você até parece minha quando tenta insistir que não é minha.” Ele se inclinou, plantando sua expressão fria a poucos centímetros da dela, sua atenção nas roupas desgrenhadas. “Você definitivamente se parece como minha agora.”

Ela rapidamente colocou o vestido de volta na posição, torcendo o braço atrás das costas para puxar o zíper. Ele observou, frio e calmo, e então passou por ela, abrindo a porta.

“Que bom que resolvemos isso,” disse ele, antes de sair.

Ela deu um sorriso trêmulo para o cinegrafista que mostrou a tela do telefone para ela com entusiasmo, provavelmente tentando mostrar que ela havia durado mais de três minutos, mas ela não conseguiu focar nele enquanto voltava para o palco. No segundo em que viu Kilian, sentiu todo o seu corpo relaxar e quis correr até ele, mas então Theodore chamou sua atenção, uma pergunta em seus olhos tempestuosos enquanto ele a examinava, verificando se ela estava bem. Ela se perguntou se poderia se aconchegar em seu colo como fez com Kilian.

Claro que não, ela imediatamente se repreendeu. Ele poderia ter se oferecido em particular para ajudá-la a aliviar seu vínculo, mas publicamente ele tinha uma namorada. Mesmo que as pessoas provavelmente adivinhassem que ele era um substituto para ela, provavelmente se tornaria um problema se começassem a *exibilo*.

Ela tentou dar-lhe um sorriso tranquilizador enquanto se aproximava do assento de Kilian, a mão dele já estendida para ela. Ele a puxou de volta para seu colo, e ela lutou contra a vontade de se fundir completamente nele, cautelosa com a câmera.

“Bem?” Moses se inclinou para a frente na cadeira, os olhos dançando entre Sato e ela. “Isso foi definitivamente mais de três minutos. Como você fez isso, Carter?”

“Ele realmente queria falar sobre seus sentimentos,” ela disse, forçando sua expressão a parecer despreocupada. “Literalmente não calava a boca. Ele é um verdadeiro tagarela quando você fica sozinho com ele.”

A maioria dos Alfas riu e ela se encolheu contra Kilian, evitando o calor do olhar de Sato. Kilian puxou o telefone na frente deles, navegando até uma tela de mensagem em branco.

Tudo bem? Ele digitou.

Ela puxou o telefone para mais perto para responder. *Você vai ficar comigo esta noite?*

“Mhmm,” ele retumbou contra o lado de sua cabeça, abaixando a cabeça em um aceno de cabeça.

No quarto de Sato, acrescentou ela.

Ele enrijeceu atrás dela, uma risada curta e surpresa saindo dele. “Ah, okay…”

“Ei, vocês dois?” Cian cutucou Kilian. “Querem compartilhar com a turma?”

“Ela está apenas fazendo preparativos para esta noite,” afirmou Sato calmamente. E alto. Na frente das câmeras.

“O quê?” Theodore olhou para a fileira de cadeiras.

“Ela está ficando doente de novo. Ela precisa de um substituto... mas está preocupada com os rumores.” Ele levantou o capuz novamente, recostando-se com os braços cruzados como se essa fosse toda a explicação que precisava dar.

De certa forma, foi… uma abordagem inteligente. Explicando as coisas antecipadamente para as câmeras. “Hm, sim.” Ela limpou a garganta nervosamente. “Eu pensei… pensei que se fossem Sato e Kilian, os fãs saberiam que não é nada romântico, certo?”

“Porque a ideia de romance de Oscar é...” Theodore se interrompeu, sorrindo antes de aparentemente repensar sua declaração. “... não é uma discussão para a sociedade educada.”

Sato zombou baixinho.

Gabriel prendeu a respiração entre os dentes, balançando o telefone. “Os fãs estão perguntando se você pode escolher os Alfas para substitutos, porque realmente parece que você pode escolher os Alfas para substitutos.”

Isobel não precisou forçar a risada. Saiu naturalmente. “Não,” ela disse, outra risada passando por seus lábios. “A oferta de substituto de Sato foi aterrorizante e não tem como ser genuína. Perguntei aos Alfas por que a energia deles é a mais potente. Fui rejeitada por vários deles. De forma bastante brutal, em alguns casos. Eu absolutamente *não* tenho “minha escolha” de Alfas. Eles são apenas... caras decentes e se ofereceram para ajudar. Apenas alguns deles.”

“Aí está.” Theodore ergueu as mãos como se o assunto estivesse resolvido. “Somos um bando de santos, como sempre suspeitei. Pena que o filme já tenha terminado.” Ele apontou para os créditos que agora rolavam na tela grande. “Vocês vão ter que esperar até a próxima noite de cinema para provarmos isso.”

6

Limites e Vínculos



“Precisa de um momento?” Theodore perguntou enquanto eles saíam do palco.

Isobel olhou para ele de lado, perguntando-se se isso era tão óbvio ou se ele a conhecia tão bem.

“Só me sinto um pouco sobrecarregada,” ela admitiu calmamente. O vínculo a fazia sentir coisas, ou talvez os Alfas a fizessem sentir coisas, mas ela não tinha espaço dentro dela para entreter emoções conflitantes. Ela ainda tinha dois prazos intimidantes no horizonte e agora, para completar, os diretores deixaram Eve voltar para a academia.

Ela sempre soube que eles eram apenas peões para os diretores, apenas fantoches em uma peça para serem balançados de um lado para outro, mas ver uma evidência tão brutal e indiscutível disso bem diante de seus olhos era outra coisa.

Moses estava certo no dia em que disse a ela para arruinar a vida de Wallis. Não havia justiça para os Superdotados e, especialmente, nenhuma justiça para os Sigmas. Ela tinha que fazer isso sozinha.

Theodore a observou atentamente, com o rosto sombrio e preocupado. “Eles não transmitiram nenhuma filmagem de você dormindo no meu quarto ou no quarto de Kilian.”

“Ainda não,” ela resmungou.

Ele assentiu, ainda considerando-a. “Com o que você está preocupada, exatamente?”

“Retaliação.” Ela deixou que ele a puxasse para o lado, mais perto do lago, enquanto as pessoas giravam ao redor deles, arrumando suas toalhas e cadeiras

de piquenique. Ela abraçou-se, olhando para ele brevemente. “O que as pessoas vão dizer. Acho que isso deixaria meu pai feliz, mas acalmá-lo é como estar no fio de uma navalha. Ele poderia rapidamente se virar e me dar um tapa por ser uma vagabunda.”

Theodore respirou fundo e estremeceu, virando o rosto por um momento. “Muitas câmeras,” ele murmurou. “Entre.”

Ele marchou e ela correu para alcançá-lo, avistando Wallis tentando ziguezaguear no meio da multidão cada vez menor para chegar até ele. Wallis começou a correr quando viu que Theodore estava indo para o dormitório, e Isobel rapidamente entrou em seu caminho. A Beta alta tentou desviá-la, mas ela se colocou no caminho novamente.

“Wallis,” ela disse. “Pare.”

A outra garota olhou para Isobel, uma carranca tensa marcando suas feições. Ela ainda era linda, mas a expressão mostrava algo feio em seus olhos. Uma faísca maligna que Isobel viu refletida em tantas pessoas desde que chegou a Ironside.

No início, era apenas o pai dela.

Mas descobriu que Braun Carter não era tão único assim.

A academia estava cheia de Brauns... ele teve a sorte de ser um Alfa: de ser maior, mais forte e mais poderoso do que todos os outros.

“Sério, *o quê*?” Wallis exigiu. “Por que você está *sempre* atrapalhando?”

“Porque você é o tipo de pessoa que não deveria ficar sem supervisão,” rebateu Isobel. “E você deveria interpretar isso como um aviso.”

“Fui legal com você, Sigma.” Wallis se inclinou, plantando os lábios bem perto da orelha de Isobel. “Sato me fez prometer. Mas Sato me fez prometer muitas coisas e estou começando a perceber que suas condições são um pouco restritivas. Então saia da minha frente antes que eu garanta que Ironside tenha uma boa reprise de Vermont, desta vez diante das câmeras, já que os diretores aparentemente querem ver você levar uma surra.”

Isobel recuou, surpresa com o veneno na voz sibilante de Wallis. Wallis aproveitou a surpresa dela, jogou o cabelo por cima do ombro e passou, caminhando em direção ao Dormitório A, embora Theodore já tivesse desaparecido lá dentro.

“Vai ter que fazer melhor do que isso.” Moses também passou por ela,

virando-se para lhe lançar um olhar desafiador. “Deveria ter dado um tapa nela com tanta força quanto você deu em mim,” acrescentou ele, alto o suficiente para chamar a atenção da maioria das pessoas ao seu redor.

Isobel balançou a cabeça, seguindo-o enquanto ele seguia Wallis, que havia batido na porta e não obteve resposta. Moses abriu-a, ignorando completamente Wallis enquanto batia novamente na cara dela.

Isobel abriu-a novamente, mas antes que pudesse passar, Wallis agarrou as costas do seu vestido.

“Você não entra no Dormitório A, a menos que seja *convidada*.” Wallis de alguma forma tornou sua voz açucarada, como se ela estivesse fazendo um favor a Isobel ao arrastá-la um passo para trás. A porta caiu fechada.

Isobel se afastou. “Não me toque.”

“Por quê? Você deixou todo mundo tocar em você.” Wallis de repente pareceu magoada, e Isobel de repente sentiu vontade de dar um tapa nela, exatamente como Moses sugeriu que ela fizesse.

Não havia nem câmeras vigiando a entrada do dormitório, então a ação era em vão. Talvez Wallis tenha passado tanto tempo fingindo que era difícil desligá-lo.

Em vez de reagir, Isobel abriu novamente a porta e entrou, parando na soleira da sala de estar, com Wallis segurando a porta aberta e olhando para ela.

Reed e Gabriel estavam parados do outro lado do corredor, as cabeças unidas enquanto olhavam para o telefone de Gabriel. Niko e Cian estavam descansando na sala comum, com controles de vídeo game no colo. Ambos olharam para ela, mas Niko a dispensou quase instantaneamente.

“Wallis quer entrar,” anunciou Isobel, seu tom sem emoção.

“Diga a ela para gentilmente ir se foder,” Niko murmurou, os olhos ainda na tela da TV.

Ele havia dito isso de forma baixa o suficiente para parecer que ele estava falando consigo mesmo, em vez de dar a ela uma instrução real, então ela olhou para o outro lado do corredor, para onde Reed e Gabriel olharam por cima do telefone.

“Não,” disse Reed. “Theo está ocupado.”

“Theo está ocupado,” Isobel retransmitiu para a garota que ainda estava na porta, que podia ouvir Reed muito bem. “Desculpe.”

“Ocupado com o quê?” Wallis pressionou, fazendo beicinho e piscando suplicante com seus lindos olhos delineados com brilho.

“Ocupado com o quê?” Isobel perguntou, olhando para Reed, seus dedos se fechando em punhos.

Os lábios de Reed se curvaram em um sorriso malicioso. “Vá perguntar a ele você mesma, Carter. Ele está no quarto dele.”

“Acho que vou verificar,” ela murmurou, mal dirigindo as palavras para Wallis.

Ela entrou no quarto de Theodore depois de bater suavemente na porta. Ele estava sentado na cama, tirando os sapatos e parecendo tão irritado quanto ela.

“Ela está ficando mais agressiva,” ele rosnou, seus olhos brilhando escuros enquanto mergulhavam sobre ela, seu nariz enrugando. “Ela realmente tocou em você?”

“Por muito pouco.” Isobel recostou-se na porta, cruzando os braços.

Theodore já havia perdido o moletom, suas roupas jogadas ao acaso pelo quarto. Ele arrancou as meias e depois pulou de pé, andando em direção a ela, os músculos do peito e do pescoço se contraindo e pulsando como se ele estivesse a segundos de derrubá-la no chão, como Niko fazia em suas sessões de treinamento.

Assim que a alcançou, ele parou, estendendo um braço, com uma expressão infeliz.

“Abraço e depois discutiremos o que fazer em relação à festa do pijama,” disse ele.

Ela engoliu em seco. “Você tirou metade da roupa.”

“Illy.” Sua voz era rouca, sua expressão iluminada por uma escuridão perturbada. “Abraço.”

Ela engoliu em seco, se aproximando dele, levantando os braços hesitantemente para envolver sua cintura. A rigidez em sua postura suavizou, mas ele não a abraçou de volta. Ele roçou o rosto no topo da cabeça dela, e ela cerrou os punhos nas costas musculosas dele para esconder o tremor repentino em seus dedos. Sua pele estava derretida, seu calor penetrando em seus músculos e fazendo-a ceder contra ele com um gemido baixo.

“Você deveria ficar,” ele sussurrou. “Pelo vínculo e porque não vamos deixar você sair.”

“Eu não posso me esconder de Eve no Dormitório A para sempre,” ela murmurou contra seu esterno, seus lábios roçando sua pele. Ele tinha gosto de suor e doçura e ela lambeu os lábios para saborear a combinação. Era estranhamente viciante. “Ela está de volta para sempre, não é?”

“Isso foi o que Mikki disse,” ele grunhiu, suas mãos finalmente envolvendo-a, roçando sua coluna para cima e para baixo, alisando as rugas invisíveis em seu vestido.

Seu aperto se acomodou na cintura dela, arrastando-a com força contra seu corpo, e então ele se afastou rapidamente, balançando os braços agitadamente. “Eu irei lidar com Wallis. Quer se trancar no meu banheiro por um tempo?”

“Literalmente mais do que tudo,” ela admitiu. “Tudo bem?”

“Roube todas as roupas que você precisar e leve o tempo que quiser. Vou dar um jeito de você ficar aqui esta noite que não cause nenhum boato, ok?”

“Você é meu herói.” Ela sorriu para ele, maravilhada com o tom de cor que apareceu em suas bochechas antes que ele vestisse o moletom novamente, ignorando o resto de suas roupas enquanto saía do quarto.

Ela pegou uma camiseta e uma boxer do guarda-roupa dele e entrou no banheiro. Ela apenas ficou ali por um pequeno momento privado, maravilhada com o design bonito e fluido e o chuveiro curvo com vários jatos. O luxo nunca a impressionou realmente. Sempre foi normal para ela. Mas há dois anos ela dormia no chão e dividia o banheiro com um grupo de Ômegas que a odiavam. Era estranho a rapidez com que o seu “normal” se tornou outra coisa.

Ela tirou a roupa e ligou o chuveiro no máximo, entrando sob o jato e passando os dedos pela parede de azulejos brilhantes. Ela se sentia segura ali... o que era estúpido.

Ela não estava segura em lugar nenhum.

Seus olhos se fecharam contra as lágrimas que ameaçavam transbordar, bloqueando a visão de suas cicatrizes.

“Eu gostaria de saber como ajudar,” uma voz suave sussurrou, forçando sua cabeça a se levantar.

A aparição de sua mãe estava de volta, encostada na bancada do banheiro.

Isobel rapidamente desligou a água, saiu e se envolveu em uma toalha. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes antes de cair contra a parede oposta, simplesmente olhando nos lindos e familiares olhos de Caran Carter.

“Minha filha está mudando,” observou sua mãe, com um sorriso triste curvando seus lábios. *“Estou aqui, então você deve estar com medo, mas está levando isso com calma.”*

“Sim, bem.” Isobel riu sem humor. “Tenho praticado.” Sua risada curta morreu e ela respirou fundo. “Mãe, o que diabos é você?”

Caran olhou para si mesma, segurando a manga do roupão. “Um remanescente,” disse ela, ainda com aquele sorriso gentil. “Sinto muito, Illy. Não posso ser mais nada.”

Isobel engoliu em seco, lutando novamente contra as lágrimas. “O que aconteceu com você, mamãe?”

Por um momento, a aparição vacilou, o rosto de Caran estremeceu tão violentamente que parecia que ela estava prestes a desaparecer da existência, mas então ela se acalmou, sua expressão se suavizando. *“O que você disse, Illy?”*

Isobel franziu a testa, abraçando-se com os braços ainda úmidos. “Eu perguntei o que aconteceu...”

Sua mãe estava balançando a cabeça, levando um dedo aos lábios. *“Ele não gosta que as pessoas nos perturbem. Você não pode nos perguntar isso.”*

“O quê? De quem você está falando?”

“Illy.” As mãos de Caran pairaram sobre os ombros de Isobel, mas ela não sentiu nada, nem mesmo uma mudança de temperatura ou um sussurro de ar. *“Estou segura agora. Estou bem. Assim como todos os outros remanescentes.”*

“Mas como você está *aqui*? Como estou *vendo* você?”

Houve uma batida suave na porta atrás de Isobel, mas ela ignorou, implorando à mãe, tentando tocar as mãos fantasmagóricas que cobriam seus ombros.

“Eu não estou.” Caran sorriu novamente, apontando para a testa de Isobel. *“Estou aqui.”*

“Isobel?” Kilian estava batendo mais alto e, depois de um segundo, tentou a maçaneta, descobrindo que estava destrancada. Ele abriu a porta e assim que a viu ali parada, se abraçando, entrou no banheiro e fechou a porta atrás de si.

A mãe dela desapareceu.

“O que está errado?” As mãos de Kilian pousaram em seus ombros, e ela quase cedeu de alívio com a sensação tangível, seus olhos se fecharam enquanto

ela balançava para frente, batendo a cabeça contra o peito dele.

“Nada,” ela mentiu.

Ele riu, colocando algumas mechas de cabelo molhado atrás das orelhas. “Claramente. Você tomou banho? Ainda posso sentir o cheiro de Oscar em você.”

“Tipo isso. Não realmente. Você está se oferecendo para ajudar de novo?”



Kilian forçou uma risada apenas para dissipar um pouco da tensão, mas havia uma forte constrição em seu peito. *Ela não estava bem*. Ela passou por muita coisa, e ele viu tudo derrubá-la, pino por pino, tão lentamente que seu declínio foi quase imperceptível.

Mas esta Isobel não era a mesma Isobel de antes da turnê aos assentamentos.

“Eles pegaram meu telefone,” ele murmurou contra o topo de sua cabeça. “Tive um pequeno colapso na noite em que você nos contou sobre Aron… e algumas horas depois, os oficiais chegaram para me tirar da academia. Me desculpe por não estar lá para você.”

“Eu não preciso que você esteja lá para mim.” Ela fungou em peito e a teimosia em sua voz era adorável.

Ele a recostou novamente, examinando o rubor rosado em suas bochechas. Era difícil dizer se ela estava envergonhada ou com febre.

“Você tem cinco substitutos,” ele repreendeu gentilmente. “Por que você tem ignorado os outros se precisa tanto deles?”

Ela fungou novamente e a cor ficou mais brilhante. “Não entendo por que eles ofereceram.” Ela o contornou, entrando no chuveiro para abrir a água novamente.

Seus olhos caíram para a toalha antes de forçá-los a subir novamente. “Vende os meus olhos,” ele deixou escapar.

Ela se virou, um som de surpresa em algum lugar entre um suspiro e uma

risada saindo daqueles lábios lindos e exuberantes, com os olhos arregalados. “O quê?”

“Eu não quero ir embora. Você precisa tomar banho. Precisamos conversar longe das câmeras. Os outros só vão nos deixar sozinhos aqui por um certo tempo. Então vende os meus olhos.”

“Kili.” Ela fez aquele som de risada chocada novamente. Quase uma zombaria. “Eu não carrego vendas por aí.”

Seu coração se aqueceu com a maneira como ela encurtou seu nome, o calor se espalhando pelos enormes cortes que as últimas semanas haviam deixado no órgão. Ele revirou os olhos, apagando a luz.

Ela riu. “Ok, agora também não consigo ver.”

“Bom.” Ele não estava com vontade de rir, mas ainda gostava do som da dela. Era clara, arejada, tilintante como um sino. Esplêndida. Surpreendeu-o que ela pudesse parecer tão pura e inocente depois de tudo o que tinha sido feito com ela.

“Porque bom?” Ela estava desenrolando a toalha, virando-se para ele para procurar o cabideiro.

Porra. Merda.

Se ele saísse repentinamente do banheiro, talvez tivesse que explicar a ela que sua visão de Alfa era um *pouco* melhor que a dela.

“Porque não vou entrar aí com todas as minhas roupas.” As palavras foram expelidas dele com uma respiração aguda, um pouco rápida demais, mas ela estava ocupada demais tateando o toalheiro para perceber.

Ele fixou sua atenção no rosto dela, recusando-se a olhar para baixo enquanto tirava os sapatos e tirava todas as camadas, exceto a boxer. Ele passou por ela enquanto ela entrava no chuveiro, mergulhando sob o jato apenas para clarear a cabeça antes de recuar para o banco de azulejos colocado na alcova, sentando-se e concentrando-se no jato que banhava suas pernas quando Isobel pisou sob o chuveiro.

“Sinto muito,” ele murmurou. “Não é suficiente, eu sei, mas eu...”

Ela se virou, os braços dobrados sobre o peito, as mãos em volta da garganta. Ela estava coberta o suficiente para ele arrastar os olhos para cima, mas ele ainda conseguiu ver o decote pressionado entre seus braços e o jeito que ela estava fazendo beicinho em sua direção.

Aquela fina corrente de ouro mal era visível, exceto a parte superior e inferior dela.

Ele realmente não tinha força de vontade para sair do lado dela e precisava desesperadamente de um momento para conversar com ela e esclarecer as coisas... mas agora ele se sentia um pervertido porque *aquela* imagem iria ficar em seu cérebro por um tempo.

Ou talvez ele tenha orquestrado isso.

Agora ele estava questionando tudo.

“Você não fez nada de errado,” ela disse, alcançando o ombro dele. Ele rapidamente desviou o olhar, voltando para as pernas dela enquanto ela dava um passo à frente, os nós dos dedos roçando seu peito antes de tocar seu ombro e apertar.

Ele lambeu os lábios, estreitando os olhos. “Eu sei. Me desculpe de qualquer maneira. Sinto muito que toda essa merda caia sobre você. Não é justo.”

“Eu dou conta disso.” A voz dela estava triste, e o calor que seu toque percorreu através do corpo dele de repente esfriou novamente.

“Gabriel disse que você está roubando a maioria dos efeitos colaterais e toda a merda de prolongar o vínculo,” ele disse entorpecido. “O mínimo que podemos fazer é facilitar. Você deveria estar nos usando.”

“É *estranho!*” Ela exclamou de repente, soltando o ombro dele e tateando em busca dos frascos do produto. “Quero dizer que não é estranho quando nos tocamos, mas *pedir* é estranho. E esquisito. E eu não acho que posso.”

“Theo ajudou?”

Ela ficou imóvel, deixando cair o frasco de xampu. Ela teve que se agachar para encontrá-lo novamente. “Não sei do que você está falando,” ela murmurou, levantando novamente.

Havia *muito* movimento acontecendo, mas ele conseguiu manter os olhos no chão, contando os minúsculos ladrilhos de safira para manter o foco.

“Isobel.” Ele riu.

Ela bufou. “Sim, ajudou.”

“Quanto?”

“Bastante. Fiquei aquecida por dias.”

Ele cantarolou no fundo da garganta, a frustração o corroendo. Ele poderia oferecer... mas ele não era estúpido. Isobel pensava que ele era gay e isso fazia dele o *único* lugar seguro para ela recorrer no Dormitório A. Parte dele queria confessar tudo e dizer a ela que nem tudo era preto e branco, que ele se ressentia de alguma maquinação do destino que lhe dizia que, de repente, ele estava restrito a uma pessoa, a um gênero... mas que isso não tinha nada a ver com *ela*.

Ela era deslumbrante, não importava a situação. Ele sempre pensou assim.

Mas ele era seu único lugar seguro. Sua única opção fácil para o contato físico que ela precisava desesperadamente.

Ele não poderia isolá-la disso.

Ele se levantou e saiu do chuveiro, pegando a boxer que ela havia trazido do balcão e o sutiã do chão, voltando em sua direção. Ela guinchou quando o sentiu atrás dela, girando-a. Ele se ajoelhou diante dela, segurando suas coxas.

“Pise,” ele grunhiu, segurando a boxer contra as pernas dela.

Ela pisou em uma das pernas e depois na outra. Ele a arrastou até suas panturrilhas perfeitas, sobre suas coxas macias, e fechou os olhos enquanto se levantava, colocando-as em seus quadris.

“Você pode ver,” ela acusou, estreitando os olhos no queixo dele.

“Sim.” Ele deslizou um dos braços dela por dentro do sutiã e depois o outro, puxando-o contra o peito. “Eu não olhei. Até agora.” Ele engoliu em seco, percebendo que estava olhando para os seios dela. Seus mamilos estavam cobertos, mas a renda se agarrava desesperadamente à pálida protuberância de carne enquanto ela torcia os braços atrás das costas para prender a roupa.

Maldição.

“O que aconteceu?” Ele perguntou, tocando o nó entre os seios dela, onde a renda havia sido amarrada às pressas.

“Sato,” ela cortou. “O cara está desequilibrado. Niko lambeu minha corrente então aparentemente Sato teve que lamber minha corrente. Você quer tentar também?”

Sua boca imediatamente se encheu de saliva e seu pau se contraiu desesperadamente. “Não. Mas Theo vai. Então não conte a ele.” Ele saiu do chuveiro, roçando levemente a corrente com os nós dos dedos antes de abrir a porta o suficiente para olhar o Alfa sentado em sua cama, mexendo em seu telefone, uma expressão tensa marcando suas feições.

“Bem?” Kilian perguntou enquanto os olhos de Theodore se arregalavam, passando por seu peito molhado e se estreitando em sua boxer antes de voltar para seu rosto. Ele tentou ver além do ombro de Kilian, seus olhos escurecendo com a falta de luz no banheiro. “A oferta não ficará aberta para sempre,” Kilian resmungou.

Eles se entreolharam por um momento, uma compreensão passando entre eles. Isobel precisava de alguém para cuidar do vínculo, e Kilian não iria confundir esses limites.

Theodore se levantou e foi até a porta de seu quarto, virando a fechadura.



Isobel abraçou os braços sobre o peito, perguntando-se o que diabos Kilian estava fazendo até que ele recuou... e Theodore apareceu na porta iluminada. Seus olhos a percorreram encolhida no chuveiro por um breve momento antes de entrar totalmente no cômodo, fechando a porta atrás de si.

“Hum,” ela disse, enquanto a sala estava inundada de escuridão novamente. “Eu não quis dizer... uh...”

“Não precisa significar nada, Illy.” A voz de Theodore estava próxima, mas ela não tinha ideia do que ele estava fazendo.

Um peito largo roçou o dela, mas estava rico com o cheiro de Kilian, então ela não pulou.

“Deixe-o ajudar,” sugeriu Kilian. “Estarei bem aqui. Você está bem.”

“Eu... ainda estou lavando o cabelo,” ela disse, sem muita convicção.

A risada de Theodore foi profunda e *próxima*, mas ele apenas passou por ela, sua sombra volumosa se estabelecendo em algum lugar perto da de Kilian. Parecia que os dois estavam sentados no banco de azulejos na alcova do chuveiro. Ela ficou ali estupidamente, nem mesmo sentindo a água batendo em suas costas.

Kilian falou, sua voz sedosa: “Você disse que era estranho pedir...”

“Eu nunca tive um namorado,” ela rapidamente o interrompeu. “Nunca.”

“Isto não é um encontro, baby.” Desta vez havia um sorriso malicioso na voz de Kilian, e ela deu um passo em direção a ele, estendendo a mão na esperança de dar um tapa em algum lugar perto do peito dele. Dedos envolveram firmemente seu pulso antes que ela pudesse fazer contato.

“Chuveiro,” Theodore sugeriu, perto o suficiente para convencê-la de que foi ele quem a pegou, um estrondo suave e persuasivo em sua voz quando ele a soltou. “Você toma banho, nós conversamos.”

“Sobre o que você quer falar?” Ela perguntou, retornando roboticamente à tarefa de lavar o cabelo.

“Eu não planejei o que aconteceu na noite em que você saiu do hospital,” admitiu Theodore, “mas isso ajudou?”

“Sim,” ela rangeu.

“Você gostaria que eu fizesse isso de novo, Illy?”

“Fizesse o quê?” Ela perdeu completamente a coragem, decidindo se fazer de boba. Ambos os Alfas riram.

“O que você quiser,” disse Theodore. “Podemos apenas nos abraçar, se você quiser. Você poderia vir aqui, sentar no meu colo, e eu poderia te abraçar até nossos telefones começarem a tocar, e talvez isso fosse o suficiente.”

“Kilian poderia ter feito isso.” Isso saiu como uma acusação, e ela esperava que a visão de Alfa deles não fosse boa o suficiente para captar sua expressão mal-humorada.

“Mas você nunca pediria a Kilian para fazer mais do que isso. Talvez um beijo fizesse você se sentir melhor.”

“Ou eu poderia dizer a Theo para ir se foder e podemos nos abraçar,” Kilian ofereceu com voz rouca, antes de limpar a garganta. “Se isso é realmente o que você queria. Só queremos ajudar, Illy.”

“Por que agora, de repente?” Ela franziu a testa na direção deles enquanto enxaguava o condicionador do cabelo... ou pelo menos ela esperava ter lavado e condicionado na ordem certa. Eles não responderam imediatamente. Ela deu um passo em direção a eles até esbarrar no joelho de Theodore. “Isso tem algo a ver com o aparecimento de Eve? Vocês têm me deixado lidar com o vínculo do meu jeito há semanas.”

“Talvez seja um pouco,” Theodore retumbou suavemente, seus dedos percorrendo a parte externa de sua coxa. “Estou me sentindo muito protetor

agora, mas pode ter um pouco mais a ver com a maneira como você se fundiu com Kilian esta noite. Você é tão boa em esconder isso, então só percebemos esta noite."

Theodore de repente se inclinou para frente, um braço enrolado sob seus joelhos e derrubando suas pernas, o outro envolvendo firmemente sua cintura. Ele a ergueu em seu colo e Kilian pegou as pernas dela, puxando-as sobre seu colo, as mãos algemando seus tornozelos.

"Conte-nos o que aconteceu com a corrente." Theodore puxou o cabelo molhado dela por cima do ombro, o nariz roçando sua têmpora. Ela relaxou contra ele, percebendo que ele realmente quis dizer o que disse sobre apenas deixá-la sentar em seu colo enquanto continuava acariciando seus cabelos, esperando que ela falasse.

Ela se atrapalhou ao recontar tudo o que havia acontecido, começando com a corrente aparecendo. Eles ouviram em silêncio enquanto ela lhes contava sobre o emergir de Niko e como ele havia provado sua pele, assegurando-se de que ela estava bem. Ela lhes contou sobre as teorias de Sophia, sobre o grande livro dos deuses e a imagem de Stygian. Ela até contou a eles tudo o que aconteceu no galpão do jardim com Sato, e sobre a pedra preciosa que apareceu em sua corrente quando ela pegou emprestado brevemente o poder de Kalen.

Theodore manteve suas emoções sob controle o tempo todo, apenas uma vibração constante de cautela cutucando seu peito enquanto ele a segurava perto, sua mão subindo e descendo ao longo de sua coluna em padrões hipnotizantes. Quando Kilian começou a esfregar suas panturrilhas, seu toque passando de carícias leves para uma massagem mais profunda, ela gemeu e deixou cair a cabeça para descansar no ombro de Theodore.

"O que mais?" Theodore ronronou, seus golpes a embalaram para dormir enquanto ela terminava de divagar.

Havia *mais*. Havia muito mais. E ela estava cansada de não ter ninguém em quem se apoiar, ninguém para ajudá-la.

"Alguém está me ameaçando," ela sussurrou contra a pele de sabor doce de Theodore. "Ele sabe sobre a habilidade de Mikel e sabe que entrei no meu estágio de morte na cobertura. Ele tem fotos e vídeos. Ele disse que se eu contasse a algum de vocês, ele entregaria todas as evidências."

De alguma forma, nenhum deles interrompeu seus golpes calmantes contra sua pele.

"Boa menina," Theodore sussurrou, seus lábios movendo-se sobre sua

têmpora. Ele ergueu o queixo dela e ela estava com tanto sono que mal registrou o beijo suave até que ele se afastou, os polegares roçando suas têmporas novamente. “Obrigado por nos contar.”

“Estou ficando sem tempo,” ela murmurou suavemente, imaginando o enorme peso que acabara de tirar de seu peito, o rio sedoso e quente de sentimentos que serpenteava através dela. “Estou cansada de segredos.”

Ele beijou suas têmporas, seus aromas combinados envolvendo-a como um cobertor felpudo, quente, terroso e doce. Suas pálpebras começaram a cair.

“Você se importa se eu pegar seu telefone esta noite?”

Ela mal registrou a voz de Theodore e assentiu apenas para fazê-lo voltar a acariciar e beijar suas têmporas, mas ele agarrou seu queixo suavemente, exigindo sua atenção.

“Posso pegar seu telefone, Illy?”

“Ele vai descobrir que eu te contei?” Ela perguntou, odiando o tremor em sua voz.

“Nunca.” Ele beijou seus lábios novamente, outro toque suave e calmante antes de se afastar, um gemido crescendo em seu peito. “Acho que é hora de dormir. Kili? Você pode trazer Oscar sem que ninguém veja?”

“Nisso.” Kilian gentilmente abaixou as pernas e ela pôde ouvi-lo se secando antes de sair do banheiro.

Theodore a abraçou com mais força, um arrepio percorreu seu peito enquanto beijava o canto da boca dela novamente. “Ele vai garantir que você esteja dormindo sozinha no meu quarto. Por que Oscar quis ficar com você esta noite?”

“Eu esqueci.” Ela se aninhou contra seu peito, as mãos envolvendo seu pescoço, seu suspiro se espalhando por sua pele molhada. Ele parecia estar quase nu, mas ela podia sentir o tecido sob suas coxas, onde sua boxer emprestada havia subido.

A porta se abriu novamente e ela se virou ainda mais contra o peito de Theodore, fechando os olhos com força ao breve clarão de luz.

“Eu tenho roupas,” disse Kilian.

Theodore ficou de pé, ainda segurando-a com um braço enquanto desligava o chuveiro, e então a colocou no tapete macio do banheiro, segurando-a pelos quadris enquanto ela continuava apoiada nele.

“Por que me sinto tão engraçada?” Ela murmurou contra sua pele. “Tão sonolenta.”

“Acho que o vínculo está um pouco sobrecarregado, baby.” Kilian espremeu a maior parte da umidade do longo comprimento de seu cabelo com uma toalha grossa. “Vamos tirar essas roupas agora, ok? Theo fechará os olhos.”

“Como por...” Theodore começou a rosnar, seus dedos apertando seus quadris, antes de se interromper com uma vibração áspera de som, que rapidamente se transformou em algo mais reconfortante, como um estrondo suave. “Eles estão fechados.”

Kilian deslizou a boxer molhada pelas pernas sem dizer uma palavra, Theodore a manteve firme enquanto Kilian levantava cada perna. Ela se sentia drogada ou bêbada. Como se sua alma estivesse morrendo lentamente de sede e de repente tivesse sido jogada em uma piscina do vinho mais doce, e tivesse simplesmente absorvido tudo, gole desesperado após gole desesperado.

Kilian secou suas pernas e ela suspirou satisfeita contra a pele de Theodore, que estava esquentando a um nível quase desconfortável. Kilian se levantou novamente, a mão coberta pela toalha empurrando entre as pernas dela. Ela se encolheu quando um raio de calor percorreu seu clitóris até seu peito, queimando um caminho direto de fogo por seu corpo, um gemido escapando de seus lábios.

“Mas que,” Theodore disse, “caralho.”

Kilian moveu a toalha até seus quadris e barriga como se nada tivesse acontecido.

“Sutiã,” ele murmurou baixinho. “Já está rasgado.”

A mão de Theodore subiu tão rapidamente que ela nem sentiu o toque dele em seu peito. Num minuto, seus seios estavam contidos pela renda amarrada, no seguinte, a roupa foi arrancada de seu corpo.

“Puta que pariu,” Kilian praguejou. “Você está bem?”

Theodore ainda estava atrás dela, rígido como uma estátua, com a respiração irregular. Ele não respondeu, e Isobel estava bêbada demais com todos os toques para se importar de com quem Kilian estava falando. Ela se virou nos braços de Theodore, choramingando enquanto agarrava seu pescoço.

“Cansada de ficar em pé,” ela reclamou, puxando seus ombros.

Theodore era grande, forte e quente. Ela deveria apenas fazer com que ele a pegasse para que ela pudesse dormir.

“Foda-se. A camisa,” Theodore grunhiu.

Um segundo depois, uma camisa estava sendo puxada por cima de sua cabeça, e então Theodore a estava levantando.

7

Mikel é Apenas um Espectador Inocente



Mikel andava de um lado para o outro pelas tábuas polidas do piso, a agitação correndo por suas veias enquanto ouvia o chuveiro ser desligado no outro cômodo. Ele olhou para Oscar, que estava reclinado na cama de Theodore, com o braço dobrado sobre os olhos como se nem quisesse estar ali.

“Você realmente não precisa ser acompanhante,” Oscar murmurou, sua voz rouca divertida. “Eu já dormi com ela antes.”

“Kilian disse que ela está drogada.” Mikel lutou para manter a voz calma, sabendo perfeitamente que suas palavras estavam prestes a gerar uma reação.

Oscar baixou o braço, os olhos escuros brilhando. “E você acha que eu tiraria vantagem disso?”

“Não.” Mikel parou de andar, lançando lhe um olhar exasperado. “Mas não posso permitir que você quebre dedos ou ameace cortar membros se ela fizer algo estúpido com outra pessoa. Não dentro do grupo. Você sabe que o grupo está fora dos limites.”

“Bah.” Oscar cobriu os olhos novamente. “Serei um bom menino. Você pode ir.”

“Estou aqui para ver como ela está.”

O braço baixou novamente, só um pouco. “Por quê?”

“Mesma razão pela qual você exigiu dormir com ela esta noite.” Mikel cruzou os braços, os músculos se contraindo, todo o corpo vibrando com a necessidade de *fazer* alguma coisa. “Por causa da...”

“Não fale o nome da garota morta,” Oscar disparou em um rosnado, levantando-se da cama antes de deliberadamente, e lentamente, se deitar

novamente, e forçar o braço de volta sobre os olhos.

A porta do banheiro se abriu e Kilian saiu. Desta vez, Theodore estava atrás dele, a Sigma embrulhada em seus braços. Ela estava ofuscada por uma camiseta enorme, a cabeça encostada no pescoço de Theodore e os olhos fechados.

Kilian colocou um dedo nos lábios e Mikel observou, um pouco chocado, enquanto Theodore deitava a garota adormecida no meio da cama. Ela choramingou, mas Oscar ficou de lado, atraindo-a para a curva de seu corpo, e ela se acomodou imediatamente, roçando o nariz no braço dele.

Foi a primeira vez que Mikel viu Oscar abraçar alguém que não fosse sua irmã... e mesmo assim, era mais como se ele suportasse os abraços de sua irmã do que os iniciasse.

Oscar *mataria* por sua irmã.

O que diabos isso deveria significar?

Kilian, que já havia pegado emprestada uma calça de moletom de Theodore, deitou-se na cama do outro lado de Isobel.

Theodore voltou para o banheiro e voltou com um telefone, desaparecendo no closet para trocar a toalha que tinha enrolada nos quadris.

Mikel apontou a cabeça em direção à porta quando Theodore apareceu novamente com roupas secas, e o Alfa mais jovem assentiu, lançando um rápido olhar para a cama antes de desviar sua atenção. Mikel começou a conduzi-lo até seu escritório, mas Theodore balançou a cabeça e caminhou em direção ao quarto de Elijah. Ele abriu a porta sem bater, Mikel o seguiu e fechou a porta atrás deles.

Elijah estava sentado à sua mesa, franzindo a testa para um de seus monitores. Ele nem olhou para cima quando perguntou: “O que aconteceu?”

“Eu fiz tudo que você disse para fazer.” A voz de Theodore não estava certa. Muito tensa. Muito abrupta, como se ele não estivesse inspirando no ritmo normal. “E você estava certo. Ela estava completamente sobrecarregada. Praticamente desmaiou.”

“Bom.” Elijah empurrou a cadeira para trás e arrancou os óculos, jogando-os sobre a mesa. “Mas só funcionou porque ela tem ignorado o vínculo. Não podemos fazer isso todas as noites. Precisamos descobrir outra maneira de mantê-la aqui e mantê-la segura até o final do semestre. Eve já revistou seu quarto, aparentemente ela tem uma chave. Ela não mexeu em nada, mas parecia estar procurando alguma coisa. Possivelmente os fios brilhantes.”

Mikel sentou-se no assento da janela de Elijah, pegando o telefone e olhando para a mensagem que todos receberam no bate-papo em grupo em algum momento da noite de cinema.

Elijah: *Carter está mal. Felizmente, aquelas olheiras fazem parecer que ela não está dormindo, ou talvez tenhamos que explicar por que ela está se fundindo com Kilian como se ele fosse uma maldita nuvem agora. Ela obviamente não vai voltar para seu dormitório sozinha esta noite, então quem decidir ser guarda-costas enquanto finge ser um substituto, ouça.*

Elijah: *Colocá-la em um espaço menor com o mínimo de roupas para que seu perfume possa penetrar nela adequadamente é uma boa ideia. Sexo é uma má ideia. Muito contato com a pele é uma boa ideia. Sexo é uma má ideia. Tocar os pontos de pressão e onde as veias estão mais próximas da pele é uma boa ideia. Sexo é uma má ideia. Falar com ela de maneira suave e gentil é uma boa ideia. Sexo é uma má ideia. Mantê-la segura e colocá-la em um ambiente harmonioso e de baixo conflito é uma boa ideia. Sexo é uma má ideia.*

Mikel leu a mensagem novamente, tentando descobrir como isso nocautearia a Sigma. Ele guardou o telefone no bolso novamente e olhou para Theodore. “O que você fez exatamente? Prefiro saber que ela desmaiou de um jeito bom e não de choque.”

“Nós a esfregamos em todos os lugares certos.” Theodore revirou os olhos antes de perceber o que havia dito e rapidamente corrigiu: “Como as têmporas, o pescoço, os tornozelos. Ela relaxou muito rapidamente e desmaiou ainda mais rápido.”

Elijah estava assentindo enquanto Theodore falava como se já soubesse que era exatamente assim que Carter reagiria. Ele também estava folheando o telefone que Theodore lhe entregou, lendo simultaneamente o que estava na tela.

“É ruim,” disse Elijah, olhando para Mikel e estendendo o telefone.

Mikel se levantou e examinou as mensagens, as fotos… o vídeo.

“Bem.” Ele devolveu o telefone, todo o seu corpo ficando imóvel e calmo, como sempre acontecia antes de uma luta. “Ela é ainda melhor em guardar segredos do que eu pensava. Pena que a única pessoa em quem ela escolheu confiar fosse uma boceta traidora. Ela poderia ter um amigo.”

“O que aconteceu?” Cian entrou no quarto, seu olhar brilhante e inteligente passando entre eles. “Quem está protegendo ela?”

“Oscar e Kilian.” Theodore não tirou os olhos do telefone enquanto

examinava as mensagens com uma expressão estrondosa no rosto, mas quando Cian se aproximou, ele respirou fundo, fechou os olhos e entregou o telefone.

“Temos opções limitadas aqui,” disse Elijah, recostando-se na cadeira e cruzando os braços. “E temos que considerar que o *clube...”* ele revirou os olhos ao dizer a palavra, “pode estar por trás de tudo isso, para começar. Esta pode ser uma tarefa de iniciação.”

“Combina com o modus operandi deles,” Mikel concordou, com a voz tensa de aborrecimento. “Você não ouviu nenhum deles mencionando ela?”

“Não,” Elijah confirmou, a boca se estreitando ainda mais. “Você e Kalen?”

“Nada.” Mikel se levantou, começando a andar. “Se eles quisessem recrutá-la, por que não nos usariam para chegar até ela?”

“Pela mesma razão pela qual eles não usaram você para chegar até mim.” Elijah encolheu os ombros. “Pela mesma razão pela qual eles não usaram a mim, Gabriel ou Oscar para chegar até qualquer um desses caras.” Ele acenou com a mão para Theodore e Cian. “O Track Team[2] não *deve* favores, eles os coletam.”

“Isso é muita sujeira,” Mikel rosnou, lançando um olhar furioso para o telefone. Mas, novamente... eles também não hesitaram em suas tentativas de recrutamento com ele.

Esses segredos eram piores.

Se esta fosse o Track Team, então eles estavam pegando leve com Carter. Elijah não respondeu a ele, em vez disso optou por observar enquanto ele próprio chegava à conclusão.

“Nós temos que fazer alguma coisa.” Theodore estava saltando na ponta dos pés, seus olhos ficando escuros e turvos.

“Vá treinar.” A ordem de Mikel saiu como um latido. “Nós temos isso.”

Theodore nem sequer parou para discutir, apesar dos olhos semicerrados indicarem que ele queria. Ele girou e saiu do quarto, seus movimentos bruscos e agitados.

Apesar de tudo, Mikel teve que admirar silenciosamente o Alfa mais jovem. Theodore estava completamente apaixonado por Isobel. Obcecado, possessivo e territorial da maneira que os Alfas poderiam ser. Mas ele estava se mantendo extremamente sob controle.

Mikel não teria conseguido se conter.

Quando uma mulher era *dele*... não.

Não.

Nada disso.

“Eles estavam no chuveiro?” Elijah perguntou, no segundo em que Theodore estava fora do alcance da voz, erguendo as sobrancelhas para Mikel.

Talvez ele estivesse repetindo os pensamentos de Mikel.

“Humm.” Mikel pegou seu telefone, pairando sobre o contato de Tilda, parando ali e repassando todos os cenários em sua mente.

“Você iria?” Elijah perguntou baixinho, observando-o. “Eu sei que é uma grande pergunta.”

“Eu posso lidar com ela,” prometeu Mikel, antes de apertar o botão.

Ela atendeu no terceiro toque, seu tom curioso. “Por que você está me ligando do quarto de Reed?”

Ele imediatamente caminhou até a porta, trocando um rápido olhar com Elijah antes de sair pelo corredor e voltar para seu escritório. “Estava saindo. Você está livre mais tarde?” Ele perguntou, fechando-se em seu escritório.

“Não estou disponível à sua disposição,” ela cortou.

Normalmente, ele jogava esse jogo com ela. Esta noite, ele não tinha tempo nem paciência... então ele deixou aquela parte mais sombria dele assumir o controle.

Todos eles tinham algum tipo de demônio. Foi o que os uniu e ainda os unia. Foi por isso que vários deles foram atraídos por Isobel como se não pudessem evitar.

Não foi o vínculo. Foi a escuridão... porque ela estava igualmente danificada.

Todos eles tinham monstros vivendo sob sua pele: mantos proverbiais que eles podiam colocar e tirar quando quisessem, o material tecido com obscura malevolência. Eles poderiam usá-lo para fazer coisas inomináveis, ou poderiam usá-lo para fazer o impossível. Isobel não usava sua escuridão da mesma maneira. Ela não conseguia controlá-la ou exigir que a servisse.

Talvez tenha sido isso que a atraiu para eles. Ela precisava de alguém para tirar isso dela.

Chega de pensar em Sigma.

Ele abandonou sua compostura cuidadosamente protegida e acolheu aquela

fera enjaulada em sua pele com facilidade praticada. Ele sentiu a mudança em sua postura e, quando falou, pôde até ouvir a cadência sedosa que marcava seu tom geralmente cauteloso.

“É hora de sair do trabalho,” disse ele. “Volte para o seu apartamento, Tilda.” Uma emoção calma e fria tomou conta dele. *Pelo controle.* Lindo e doce *controle*. “Quero que você espere de joelhos a quatro passos da porta. Você será punida por cada peça de roupa deixada em seu corpo. Você tem vinte minutos.” Ele desligou, parando por um momento para dar-lhe tempo suficiente para deixar a mesa como havia ordenado antes de voltar para o quarto de Theodore.

Ele não precisava questionar se Tilda iria ou não obedecê-lo. Ela iria. Apesar de tudo, ela faria. Apesar de sua própria natureza, até. Isso era o que ela queria, o que ela estava sempre implorando, sempre tentando pressioná-lo a dar a ela.

A única parte dele que ele nem sempre estava disposto a compartilhar.

O quarto de Theodore estava escuro quando ele fechou a porta, as figuras na cama ficaram tensas. Todos eles, exceto Carter. Mesmo na escuridão, ele podia vê-la claramente enrolada em uma confusão de cobertores amassados, o rosto apoiado no braço de Oscar, os punhos fechados na camisa de Kilian, puxando-a para perto do rosto.

“O que é?” Kilian perguntou.

Oscar não disse nada.

“Eu preciso do cheiro dela.” Mikel parou na ponta da cama, estendendo as duas mãos. Não foi um pedido.

Oscar ficou de joelhos, envolvendo Carter em seus braços. “Para que porra?” Ele perguntou baixinho, seu peito roncando com um aviso.

“Kilian contou tudo a você.” Mikel cruzou os dedos, fixando Oscar com um olhar frio, firme e exigente. Ele não estava fazendo uma pergunta, mas Oscar assentiu de qualquer maneira. “Preciso de informações de Tilda.”

Os dois olharam para ele por um momento, os olhos claros de Kilian se arregalando, os olhos escuros de Oscar estreitando-se com força.

“Agora.” O tom de Mikel ficou baixo e aveludado, quase um sussurro, seu poder se expandindo e se contraindo pela sala. Ele não se incomodou com a voz Alfa.

Oscar caminhou até a beira da cama e Mikel estendeu a mão, tirando

cuidadosamente a garota adormecida de seus braços.

“Não acho que isso vá funcionar,” disse Kilian gentilmente. Hesitantemente. “Mikki, não acho que você possa simplesmente enganar seu sistema desse jeito.”

“Veremos,” Mikel rosnou, mantendo a voz suave para não agitar a Sigma.

Ele prendeu a respiração, reorganizando-a cuidadosamente para colocá-la em sua frente, sustentada pelos braços presos sob suas coxas e nas costas, a cabeça dela caindo na curva de seu pescoço.

“Você não pode mais ficar duro com Tilda?” Oscar perguntou, confuso. Ele estava coçando o pescoço, sua atenção vagando por Mikel e Isobel.

Kilian disparou uma perna, chutando Oscar na coxa. Oscar o ignorou, olhando fixamente para o braço de Mikel.

Mikel tentou manter a respiração curta, quando era forçado a respirar, e bloqueou o cheiro que tentava se curvar enjoativamente ao seu redor, assim como estava bloqueando a sensação do corpo macio pressionado contra o seu. Ela havia perdido peso. Ele não gostou disso.

Também não tinha nada a ver com ele.

“Ela está desesperada para que eu a domine,” ele disse calmamente.

“Então, domine ela.” Oscar encolheu os ombros.

Kilian revirou os olhos. “Tenho certeza de que não é tão simples.”

“Não é.” Mikel lançou a Oscar um olhar depreciativo. Isobel se mexeu como se estivesse acordando, o nariz roçando o pescoço dele. As mãos dela subiram pelo peito dele, descansando nas clavículas, os dedos dela enrolando-se contra o colarinho de sua camisa. As pernas dela se levantaram, como se ela estivesse tentando se agarrar a ele, e ele considerou entregá-la rapidamente, mas então as pernas dela se separaram, envolvendo em volta da cintura dele, as coxas apertando com um suspiro de satisfação. Ele podia sentir o calor dela em todos os lugares, de repente, e se esqueceu de retomar sua respiração superficial, inspirando acidentalmente o cheiro de satisfação dela.

Cereja quente, úmida e pegajosa. Era como se ela tivesse virado xarope para pingar sobre sua pele. Era ao mesmo tempo exatamente o que ele precisava e tudo o que ele não queria. Ele fechou os olhos, forçando todas as sensações para baixo. Quando ela se acalmou novamente, sua respiração voltando a ser suave e controlada contra seu pescoço, ele abriu os olhos.

Kilian estava errado.

Ele *definitivamente* poderia enganar seu sistema.

“Tilda é inerentemente infeliz.” Ele voltou a falar como se nada tivesse acontecido, sua voz perfeitamente composta. “É por isso que ela era um alvo tão bom em primeiro lugar. Ela estava vulnerável o suficiente para que eu entrasse e lhe desse tudo o que ela precisava, mas isso foi no ano passado. Eu deveria tê-la cortado e passado para outra pessoa, mas fiquei com preguiça e ninguém mais despertou meu interesse, então ficamos presos a ela. Eu não sou um sádico.” Ele deixou seus olhos pousarem em Oscar por um breve momento. “Sou um Dom experiente. Não gosto de exercer meu poder sobre as pessoas e vê-las sofrer. Gosto de mulheres se submetendo a mim.”

“Você está me pedindo para subjugá-la para você?” Oscar perguntou, relaxando contra a cabeceira da cama, ignorando o segundo chute que Kilian apontou para suas pernas.

“Pare com isso,” Kilian resmungou.

Oscar sorriu, ele *adorava* provocar Kalen e Mikel por causa de seu estilo de vida. Era uma pena. Eles provavelmente poderiam ensiná-lo a aproveitar e controlar alguns de seus impulsos mais selvagens, mas ele não estava interessado em regras e estrutura, e a comunidade kink girava em torno de regras e estrutura.

Mikel bufou, seus lábios se erguendo em um meio sorriso. “Tilda não gosta de medo. Ela gosta de controle, e esse é o problema. Mesmo amarrada e vendada, ela nunca entrega o controle, e estou achando cada vez mais difícil convencer meu pau de que ainda precisamos dela.”

“Por que se preocupar em jogar, então?” Kilian perguntou. “Basta fazer sexo normal. Pense em outra coisa.” Ele conseguiu manter a cara séria e não olhar para Isobel enquanto dizia isso. Por muito pouco.

“Ela entende quando preciso de algo dela. É transacional e ambos estamos cientes disso. Peço algo dela, e ela consegue algo de mim que sabe que não quero compartilhar com ela. É como ela se sente no controle.” A pele de Mikel queria arrepiar-se de nojo, mas parecia ser uma tarefa impossível com sua companheira enrolada em torno dele como um gatinho.

E ele quis dizer isso de uma forma puramente científica. Ela *era* sua companheira. Ela estava geneticamente predisposta a acalmá-lo, a suavizá-lo, a torná-lo duro o suficiente para dobrar outras mulheres sobre móveis em troca de informações. Ele não dormiu com Tilda desde que descobriu sobre Carter, mas isso não poderia durar para sempre. Havia tantas maneiras de agradá-la e

apaziguar seu ego sem transar com ela antes que ela começasse a ficar desconfiada, e ele nunca poderia admitir *porque* não estava transando com ela. Ele não estava totalmente ligado a Carter e não tinha nenhuma conexão emocional com Tilda, então o sexo provavelmente não prejudicaria o vínculo de forma alguma, mas ele devia alguma consideração a Carter. Ele tinha certeza de que, se houvesse alguma repercussão através do vínculo, provavelmente o ignoraria e seguiria direto para a Sigma.

“Deixe-a,” Oscar grunhiu, talvez lendo algo no rosto de Mikel. “Não vale a pena, Mikki.”

“Estou aqui há muito tempo,” Mikel murmurou, gentilmente afastando Carter e passando-a para os braços de Kilian.

Kilian a pegou gentilmente, mas sua atenção examinou o rosto de Mikel, absorvendo sua linguagem corporal. “Concordo com Oscar,” arriscou ele. “Você claramente não está mais se divertindo. Você não deveria estar fazendo isso se não quiser.”

Mikel os ignorou. Ele *precisava*.

Ele devia a eles.

Ele devia a Kalen.

Ele não estava contribuindo para o jogo da mesma forma que eles.

Ele precisava fazer isso.

Pegando o laptop de Theodore na mesa, ele saiu do quarto e o deixou no quarto de Elijah, dando-lhes uma desculpa distraída sobre a necessidade de um motivo para entrar no quarto de Theodore para falar com os outros, e então saiu do dormitório.

Ele deveria saber que Kilian não iria deixar isso de lado.

Aquele garoto era um coração sangrando.

“Hora de acabar com isso,” Kalen grunhiu, aparecendo do nada com aqueles passos silenciosos dele. Ele ficou ao lado de Mikel quando se aproximaram das escadas que desciam Alpha Hill.

“Não.” Mikel não diminuiu o passo.

Kalen segurou seu ombro, os dedos cravando-se, girando-o com força. “Vá vê-la, mas acabe com isso, Mikki.” Seus olhos amarelo-âmbar avaliaram Mikel lenta e cuidadosamente, chegando a algum tipo de conclusão enquanto seus lábios endureciam. “Você terminou.”

Mikel afastou a mão do outro homem e, com ela, sua influência. Kalen raramente tentava dominá-lo ou superá-lo, mas ele já podia ver nos olhos do Alfa mais velho que esta seria uma daquelas raras situações, se Mikel resistisse. “Não posso. Você não sabe com o que estamos lidando. Vá ver Elijah...”

“Elijah já me ligou e me contou tudo.” Kalen cruzou os braços, sua camisa escura esticada em seu peito e bíceps. “E eu estou fazendo a ligação. Você terminou. Encontraremos outra maneira de lidar com o Track Team.”

“Tilda é a nossa maneira de lidar com *tudo* dentro da sala de controle,” Mikel rosnou de volta, antes de passar as mãos pelos cabelos, com os dedos tremendo.

Ele não queria fazer isso.

Ele estava adiando desde que descobriu sobre Carter: parando antes de foder Tilda, distraindo-a com seu próprio prazer e mantendo distância em geral. Elijah havia informado a todos que diferentes formas de intimidade fora do vínculo poderiam ter consequências, e ele realmente queria acreditar que isso era parte do motivo...

Mas ele atingiu algum tipo de limite.

Ele não podia mais fingir que se importava. Ele não podia mais jogar aquele jogo. Ele precisava mudar de tática.

Kalen apenas esperou em silêncio, com uma centelha de simpatia em sua expressão.

“Ok, merda.” Mikel balançou a cabeça. “Sim, terminei.”

“Bom.” Kalen virou-se, mas fez uma pausa, olhando para Mikel. “Eu sei que você está bravo consigo mesmo, mas precisa encontrar outra maneira de canalizar isso. Você precisa encontrar outra maneira de se punir ou precisa lidar com suas merdas. Depois do que aconteceu com Elijah e Gabriel, este é o último exemplo que você deveria dar.”

Mikel acenou com a cabeça, endurecendo a mandíbula enquanto cerrava os dentes com muita força. Forçando-se a relaxar, ele murmurou. “Eu sei.”

“Não demore muito, precisamos traçar estratégias.” Kalen saiu sem dizer mais uma palavra e Mikel lutou contra as emoções até chegar à calma que havia dentro dele.

Ele já havia se recuperado completamente quando chegou ao prédio vizinho ao centro familiar, onde estavam alojados os diretores locais, e estava

concentrado ao sair do elevador e abrir a porta do apartamento de Tilda.

Ela estava ajoelhada, como ele havia dito, mas vestindo uma lingerie rendada, sempre tentando forçá-lo a puni-la. Ela sempre *pensou* que queria ser machucada, empurrada, disciplinada... mas Mikel a conhecia. Ela não era feita do tipo de material com o qual ele poderia trabalhar.

Ele precisava de alguém que dobrasse, mas não quebrasse.

Se ele realmente punisse Tilda do jeito que ela implorava, do jeito *dele*, a mulher se quebraria em mil pedaços irregulares, e Mikel realmente não tinha jeito para arruinar a vida das pessoas.

“Terminamos aqui,” ele disse calmamente, observando enquanto a cabeça dela se levantava, seus olhos se estreitando.

Expectativa.

Tilda era muitas coisas, mas não era idiota.

“Isso não é muito sensato,” ela o avisou imediatamente, levantando-se de um salto e pegando o roupão que havia jogado nas costas de um banco do bar. Ela deu um nó apertado, um tremor familiar de fúria sacudindo seu lábio inferior carnudo. “Você perderá todos os seus pequenos privilégios especiais, *Professor Easton*.”

“Vou sobreviver.” Ele ficou lá, esperando. Porque certamente haveria mais.

Ela contornou o pequeno balcão da cozinha, abrindo a garrafa de vinho que havia deixado de fora, com duas taças já esperando.

“Sente-se?” Ela não olhou para ele enquanto servia duas taças. “Você me deve isso.”

Ele foi até um dos bancos do outro lado do balcão, aceitando a taça que ela lhe entregou, embora não tenha tomado um gole. Ele já estava saturado com o cheiro de Carter e fazendo o possível para ignorá-lo. Ele não precisava adicionar álcool à equação.

“Você está fodido, Mikel.” Tilda olhou para ele com seu nariz fino. Como se ela tivesse acabado de ler sua mente.

Ele sorriu, decidindo tomar um gole de vinho, afinal. Ele a encarou com um olhar frio enquanto esperava por qualquer outra coisa que ela quisesse jogar nele. Era justo que ele permanecesse como saco de pancadas por alguns minutos. Ele *tinha* acabado de terminar com ela sem explicação.

“Ainda podemos brincar, você sabe.” Ela pousou a taça, brincando com a

haste, os dedos da outra mão enroscando-se alegremente na faixa do vestido, seu humor mudando abruptamente.

Tilda era o tipo de mulher que imploraria para que ele a marcasse, antes de se virar para os oficiais no dia seguinte para alegar que ele a havia forçado.

Ela tinha uma mente para estratégias tortuosas.

Eles não dariam a *qualquer um* o cargo de Diretora Criativa para todo o projeto Ironside. Ela tinha uma mente ampla e um compartimento muito pequeno reservado para sentimentos e emoções... a maioria dos quais eram dela.

Ele vinha dizendo a si mesmo há meses que estava com *preguiça* de terminar, mas o verdadeiro motivo era... ele estava preocupado com as repercussões.

Ele precisava amarrar isso da maneira certa.

Colocar um lindo laço nele.

“Venha aqui,” ele disse baixo, colocando a taça de volta no balcão.

Ela se moveu em direção a ele imediatamente, parando entre suas pernas, as mãos em suas coxas, a língua passando pelos lábios. Ela era uma mulher bonita, de língua afiada e inteligente. Uma boa década mais velha que ele, mas em forma e cheia de vida. Ela tinha um sorriso irônico e olhos que cortavam todas as besteiras. Um lábio superior fino e rígido e um inferior carnudo e sensual.

Pena que ela estava se desintegrando por dentro.

Ela poderia ter transformado algum diretor humano importante em um homem muito aterrorizado um dia.

Ele desfez o laço do roupão dela e depois arrancou-o das alças, rasgando uma delas e forçando-a a tropeçar para frente, com os olhos arregalados.

Ele jogou o material sedoso sobre os olhos dela, batendo em suas mãos quando elas se ergueram em protesto.

“Você quer isso ou não?” Ele rosnou, ignorando a bile no fundo de sua garganta.

As mãos dela caíram novamente, e ele deu duas, três voltas na faixa, amarrando-a acima do nariz.

Aí, um lindo laço. Ele poderia riscar isso de sua lista de tarefas.

Ele deslizou do banquinho, forçando-a a recuar alguns passos enquanto tirava o telefone do bolso e o puxava para cima para iniciar um vídeo do rosto

dela com gravata borboleta. Ele deliberadamente pressionou o dedo sobre o microfone, mantendo a voz baixa enquanto falava.

“Você quer isso, Tilda? Diga-me quanto.”

Ele descobriu o microfone e ela emitiu um som baixo e choroso com a garganta. Parte frustração, parte aborrecimento. Ela não era boa em implorar.

“Apenas me foda,” ela disse com voz rouca, e ele largou o telefone por um momento, cegando a câmera. Ele a ergueu sobre o balcão, tirou os copos do caminho e colocou a garrafa de vinho pela metade entre suas coxas.

“Mostre-me,” ele sussurrou em seu ouvido. “Prove e eu darei uma boa nota a você.”

Ela deveria ter percebido que ele estava atrás dela aqui e ali, mas em vez disso, ela pensou que estava quilômetros à frente. Dando voltas ao redor dele.

Ela não tinha ideia.

Ele já havia estudado todo *mundo* em Ironside muito antes de até mesmo chegar.

Ele pegou o telefone novamente, recuando vários passos e levantando a câmera para focar nela. Ela tirou o roupão e tirou a lingerie rendada, chutando as peças no chão, sua respiração ficando ofegante. Enquanto ele estava gravando, uma notificação de mensagem em grupo apareceu em sua tela, e ele clicou nela, deixando a câmera continuar gravando em segundo plano.

Cian: *Alguma novidade, Mikki?*

Kalen (admin): Mikel está encerrando seu acordo. Não haverá novidades esta noite.

Mikel observou Cian e Theodore começarem a digitar, antes de pararem novamente. Não era o melhor momento, mas nenhum deles questionaria Kalen ou ele.

Mikel (admin): Obterei as informações de uma forma ou de outra, mas talvez não esta noite.

Kalen começou a digitar e Mikel revirou os olhos, digitando rapidamente uma mensagem antes que Kalen perdesse a cabeça.

Mikel (admin): Eu ainda terminei.

Kalen também parou de digitar e então Mikel voltou brevemente sua atenção para a mulher no balcão da cozinha. Ela estava derramando o vinho

delicadamente sobre os seios, os dedos seguindo o fluxo até o quadril, onde as gotas oscilavam e escorriam para o lado da cintura. Seus dedos continuaram descendo, entrando em sua boceta. Não era quente, aquelas garras pintadas desaparecendo entre os lábios rosados. Ele precisava de mais do que isso.

Ele cobriu o microfone. “Beba o vinho, Tilda, não brinque com ele. Esvazie a garrafa.”

Seu telefone vibrou novamente.

Theodore: *Estou feliz que acabou. Nós não precisamos dela.*

Moses: *Hum. Eu sei que você é um bastardo excêntrico e tudo mais, mas nem você consegue domar a loucura. Saia enquanto pode.*

Mikel (admin): Teste-me.

Cian: *RIP Tilda.*

Moses: *Você será lembrada.*

Moses: *Por alguém.*

Moses: *Oh, a quem estou enganando, ela nem tem gato.*

Gabriel: *Tente não fazer bagunça.*

Niko: *O que diabos você está fazendo com ela?*

Mikel (admin): Não estou fazendo nada.

Elijah: *Tenho medo de perguntar.*

Niko: *Não, você não tem.*

Elijah: *Ok, não tenho.*

Mikel (admin): Tudo o que está sendo feito com ela, ela mesma está fazendo. Estou aqui parado no meu telefone. Mas o vídeo deve mantê-la ao nosso lado por um tempo.

Ele ergueu os olhos do telefone novamente, percebendo que Tilda havia terminado a garrafa. Desleixadamente. Havia vinho escorrendo pelos cantos de sua boca.

“Coloque dentro de você,” ele ordenou friamente.

Ele nem estava mais fingindo.

“Não,” ela choramingou. “Venha aqui e me bata em vez disso. Me sufoque. Arranhe-me.”

Previsível.

“O que mais?” Ele perguntou.

“Me machuque!” Ela exigiu, agarrando a garrafa.

“Você sabe o que precisa fazer,” ele respondeu, voltando ao bate-papo em grupo enquanto cobria o microfone. “Goze com essa garrafa e eu vou garantir que você esteja coberta pela minha marca amanhã.”

Para todos verem.

Para você registrar um relatório.

Ele odiava estar certo.

Ele odiava que não houvesse lealdade dentro dela.

Ele *odiava* tanto que foi um choque para seu sistema quando ele passou a mão pelo rosto, irritado, e sentiu um cheiro inebriante de cereja. Isobel estava saturada em seu próprio cheiro. Contente com os esforços de Theodore e Kilian para confortá-la... mas ainda assim foi uma surpresa que o cheiro dela permanecesse tão forte em sua pele.

Ele engoliu em seco enquanto sua raiva e frustração se fundiam em outra coisa, sua mão apertando o telefone. Por um breve e perturbador segundo, sua visão vacilou e ele imaginou outro corpo no balcão, pingando líquido e seguindo suas ordens. Um grunhido surgiu no fundo de sua garganta e ele largou o telefone, cortando a gravação.

Ele saiu, batendo a porta, fechando os olhos por um breve segundo enquanto desejava que seu pau meio duro murchasse.

Ele entrou no elevador e mandou uma mensagem rápida para o grupo.

Mikel (admin): Estamos cobertos. Não haverá nenhuma repercussão de Tilda.

Para Tilda, ele enviou a gravação.

Mikel: *Ninguém viu e ninguém precisa ver. Nunca mais tente me pegar em uma armadilha, Tilda.*

Ele considerou brevemente enviar outra mensagem mais gentil. Algo como *eu gostei do nosso acordo mutuamente benéfico*, ou talvez desejar a ela o melhor para o futuro, mas Tilda não era uma pessoa sentimental e provavelmente não apreciaria as tentativas vazias de gentilezas.

Era melhor apenas ser honesto, e ele honestamente não estava pensando no

acordo deles ou no futuro dela quando seus pés tocaram no caminho que levava de volta ao Dormitório A.

Seu foco sempre esteve nos Alfas, e esta noite não foi diferente.

8

Que Tal Ir se Foder?



Foi difícil para Isobel sair das profundezas quentes e confusas do sono, e quanto mais perto ela chegava da superfície da consciência, mais ela sofria. Era uma dor lenta, uma faísca de cinzas contra uma parede áspera e cavernosa, mostrando o quão fria e vazia ela estava por dentro.

Era confuso, porque ao mesmo tempo ela se sentia *incrível*.

Ela se sentia leve como o ar, quente até o âmago e extasiada com o aroma mais delicioso. Como um prado florido na primavera, a mistura de bergamota e oleandro era inebriante e sonolenta, doce e ensolarada. Leve e perfumada, mas totalmente viciante. Ela abriu os olhos, focando vagamente no teto do quarto de Theodore, seus braços e pernas se abrindo enquanto ela se desenrolava em um alongamento pesado e preguiçoso.

A cama estava vazia, mas ainda quente dos dois lados dela.

Ela fez uma pausa, franzindo a testa enquanto tentava lembrar o que havia acontecido na noite anterior. Kilian. Theodore. O banho. E então... *nada?*

O pânico tomou conta dela, pesado e agudo, mas não havia novas cicatrizes em seus braços. Na verdade, as cicatrizes que ela *tinha* pareciam ter desaparecido ligeiramente. Elas eram menores. Mais finas. Menos irregulares.

A cama cheirava apenas levemente a Theodore e fortemente a Kilian e Sato. Eles devem ter ficado com ela.

Ela respirou fundo, tentando limpar os restos de seu pânico quando a porta se abriu, Cian apareceu com uma xícara de café e um prato de torradas de abacate.

“Bom dia, luz do sol.” Ele chutou a porta atrás dele, olhando-a cuidadosamente. “Pronta para se tornar viral porque o Alfa mais sexy do

Dormitório A acabou de trazer o café da manhã para você...” ele congelou, seus olhos se fixando em seu peito.

Ela olhou para baixo, congelando ao ver o leve brilho através de sua camiseta emprestada. Ela puxou o decote, puxando o suficiente para revelar a pedra preciosa brilhante. A *nova* pedra preciosa. Estava alguns centímetros abaixo da pedra que momentaneamente lhe deu os poderes de Kalen. Era de um cinza frio e gelado, como um diamante turvo.

O pânico tentou agarrá-la de volta, mas o pânico de Cian foi mais forte, abafando o dela. Ele largou o prato, empurrando a caneca na mesinha de cabeceira enquanto caía na cama, agarrando a cabeça dela entre as mãos.

“Concentre-se em mim,” ele disse calmamente. “Respire fundo cinco vezes. Conte-as para mim.”

Pânico, pânico, pânico.

Ele martelou nela, amassando sua barricada, desequilibrando-a.

“V-você é quem está pirando,” ela rangeu os dentes. “N-não eu.”

Ele soltou um suspiro que era meio risada, meio zombaria, sua emoção se acalmando um pouco. “Certo. Desculpe. Diga-me o que você está sentindo?”

Ele ainda segurava o rosto dela, as mãos fazendo-a sentir-se minúscula, a aspereza das palmas tentando-a a virar o rosto para o lado e roçar a bochecha contra a textura, mas ela se conteve.

“Eu me sinto... quente. Tipo nada realmente. Você está tentando me segurar pela cabeça para que eu não volte no tempo?”

Ele fez aquele som bufante novamente, suas mãos vagando, uma delas deslizando pela nuca dela, a outra caindo em sua blusa, pesando no decote enquanto ele olhava para a pedra preciosa... e quase expôs seus seios um pouco demais. “Não sabemos o que esta faz. Poderia ser...” ele parou, dando-lhe um olhar cauteloso.

“Eu sei.” Ela pegou seu antebraço, roçando sua pele, tentando acalmá-lo do jeito que ele parecia ser capaz de fazer apenas tocando-a.

Sua atenção se desviou, seus dentes prendendo seu lábio enquanto ele pressionava os nós dos dedos contra a corrente embutida em sua pele. Seus olhos se voltaram para os dela, observando sua reação, antes de desenrolar os dedos, pressionando toda a palma da mão em seu peito. Suas próprias mãos caíram de volta em seu colo, seu coração gaguejando sob seu aperto.

Ele pressionou, empurrando-a em suas costas, centímetro por centímetro, até que sua cabeça afundasse no travesseiro, seu cabelo se espalhando desordenadamente ao seu redor. Ele respirou fundo, lambendo os lábios.

“Como você está se sentindo?” Ele repetiu.

Bem, *agora* ela não queria contar a ele.

Ela cruzou os braços, prendendo inadvertidamente a mão dele entre os seios. Algo se iluminou em seu olhar brilhante, a cor água-marinha cintilou enquanto seu poder crescia ao redor dela, banhando-a em sol e água salgada. Acumulou-se no fundo de sua garganta, ameaçando sufocá-la. Ela estava quase convencida de que uma onda alta a havia salpicado com a névoa do mar enquanto pequenas gotas de suor tentavam se acumular em sua pele.

“Eu me sinto bem,” ela deixou escapar, parecendo completamente dispersa. “P-Posso tomar meu... hum... café? Não creio que nada vá acontecer.”

Ele levantou-se dela imediatamente, pegando a xícara da mesa de cabeceira, gotas de café grudadas na lateral devido à pressa em colocá-la para baixo. Ele pressionou-a nas mãos dela e ficou ali sentado, olhando para a caneca com uma carranca pesada e sombria, antes de seus olhos se arregalarem.

“Puta que *pariu*,” ele gemeu, examinando o rosto dela. “Diga-me para fazer alguma coisa.”

“Como o quê?” Parte do nervosismo dela desapareceu com a expressão chocada no rosto dele.

Ela engoliu o café, mas ele estendeu a mão e pegou a caneca novamente.

“Qualquer coisa.” Ele roubou o café dela, jogando-o de volta na mesa de cabeceira, claramente querendo que ela se concentrasse.

“Que tal ir se foder?” Ela resmungou, rapidamente pegando o café novamente. Ela podia ser uma Sigma, mas qualquer coisa que se interpusesse entre ela e a cafeína logo pela manhã a transformava em uma Beta irritada e mandona.

Cian estava puxando o cadarço da calça de moletom.

“O-o que você...” ela começou, mas sua pergunta foi interrompida quando a mão dele passou por baixo do cós, abaixando-o apenas o suficiente para mostrar a ela a sugestão de outra tatuagem subindo de onde deveria estar o cós de sua cueca. Se ele estivesse usando alguma.

“Você pode querer me dizer para parar antes que o *Ironside Show* seja

banido do horário familiar, amor.”

Ele parecia estar brincando. Não havia câmeras no quarto, mas sua expressão era totalmente séria. Sua mão se moveu e parecia que ele a havia enrolado em seu comprimento, com a mandíbula cerrada. “Isobel…”

“Pare! Jesus Cristo, pare!”

Ele deu um breve suspiro de alívio, tirando a mão da calça e segurando as duas em um gesto inocente. “Você tem o poder de Elijah, amor. Hipnose.”

“O quê?” Ela disse com voz rouca, olhando para a mão dele.

Seu cheiro havia mudado. Ele não a lembrava mais do oceano, mas de suspiros sufocados pelo vapor e da pele coberta de suor. Ele era um sexo encharcado de sol, e era o *perfume* mais entorpecente que ela já havia experimentado.

Ela agarrou a mão dele, movida inteiramente pelo instinto, mas parou antes de pressioná-la contra o rosto, deixando os dois olhando para as mãos entrelaçadas, mantidas entre eles sem motivo.

Ela rapidamente o largou, e ele se inclinou para trás, nivelando-a com um olhar calmo que não revelava nenhum de seus pensamentos, mas ele estava meio duro, fazendo sua calça de moletom parecer um pouco obscena enquanto o material se agarrava ao contorno de seu pênis, a borda de sua tatuagem ainda aparecendo. Parecia algum tipo de galho, com flores.

“Isso não pareceu muito hipnótico,” disse ela, tentando imitar a postura relaxada dele, ignorando os batimentos cardíacos acelerados e forçando a voz a soar normal.

E o olhar dela a ficar em seu rosto.

“Você não tem prática nisso como Elijah.” Seus lábios se curvaram em um meio sorriso divertido. “E agradeça a todos os níveis do inferno por isso.”

“Parece super ilegal.” Ela puxou as pernas até o peito, envolvendo os braços em volta dos joelhos. “São cinco de vocês: Theo, Moses, Easton, Sato e Reed.”

“Sato, hm?” Sua cabeça inclinou para o lado, mechas douradas de cabelo escapando do jeito que ele os havia amarrado na parte de trás da cabeça, curvando-se ao redor de seu rosto. “Essa é nova.”

“Ele me disse.” Ela estendeu o pé para ele, cutucando sua coxa com os dedos dos pés, desenhando um pequeno sorriso em seu rosto para afastar o olhar

de inquisição arrogante que havia tomado conta de suas feições.

“Bem desse jeito?” Cian perguntou. “Não pediu nada em troca?”

Ele estava olhando para ela como se *soubesse*.

Talvez Kilian e Theodore já tivessem contado a ele, e ele estava apenas fingindo ouvir pela primeira vez.

“Por que você não verifica as mensagens do seu grupo?” Ela sugeriu, empurrando-o com os dedos dos pés novamente. “Aposto que eles contaram tudo a vocês.”

Desta vez, ele agarrou o pé dela, prendendo-o na cama. “O conteúdo das mensagens no grupo ficou um pouco explícito ontem à noite. Eu não acho que você queira ver isso.”

“Explícito?” Ela piscou para ele, sua mente correndo. “Como? O que você quer dizer?” Ela sentiu o desejo antes que realmente florescesse em sua mente como uma ideia, e Cian enrijeceu assim que leu a intenção em seu rosto.

“Isobel, não...”

“Diga-me,” ela disse.

Ele gemeu. “Você vai pagar por isso.” Ele balançou a cabeça, fechando os olhos como se estivesse lutando contra alguma coisa, mas então olhou para ela com seriedade. “Mikki terminou as coisas com a namorada. Gravou ela se fodendo com uma garrafa de vinho enquanto implorava para que ele a machucasse... só para mantê-la sob seu controle. Ele não nos enviou a gravação, mas explicou o que aconteceu depois... ah, pelo amor de Deus, Carter, não me faça dizer isso...”

“Pare,” ela guinchou, piscando para ele com espanto. “Uau. Sinto muito. Não esperava por isso.”

Ele balançou a cabeça, mas havia um sorriso tenso em sua boca. “Impossível,” ele murmurou. E então a cabeça dele levantou novamente, a atenção se concentrando no peito dela. “Por que você está tendo efeitos colaterais? Especialmente depois de ontem à noite? Você não deveria estar mais tranquila?”

Ela encolheu os ombros. “A namorada de Easton não é uma diretora? Você não *precisa* me dizer.”

Ele riu, escorregando da cama. “Tilda é uma diretora... nossos olhos e ouvidos dentro da sala de controle. Isso significa que ela é humana. Ela está um

pouco obcecada por Mikki. Praticamente o perseguiu antes dele ser colocado aqui como professor, mas ela tem vergonha do relacionamento deles porque ele é Superdotado."

"Por que ela pediria a ele para machucá-la? Por que ela... ah, quero dizer, aquela coisa da garrafa de vinho?"

Cian balançou a cabeça, sua expressão se transformando em diversão. "Isso é assunto de Mikki. Como você se sente agora?"

Ele estava olhando para o peito dela, onde o brilho da pedra preciosa não estava mais aparecendo através da camisa.

"Honestamente?" Ela franziu a testa. "Não me sinto diferente. Eu não deveria ser capaz de sentir esses poderes? Você sabe como é quando Elijah usa sua hipnose?"

"Ele não usa." Cian levantou-se da cama, inclinando-se para arrastá-la para o lado dele. "Também não é minha história para contar. Kilian foi ao Dormitório O pegar algumas roupas para você. Ele deve voltar a qualquer minuto. Quer mais torradas?"

Era domingo, então ela não tinha aulas, mas isso não significava que ela teria um dia livre pela frente. Ela balançou a cabeça. "Vou tomar café da manhã depois da prática. Já estou atrasada."

"Tudo bem então." Ele ficou de pé sobre ela, olhando para o modo como a camisa de Theodore ameaçava cair de seu ombro. "Só para avisar... você não vai voltar para o Dormitório O. Nem hoje, nem na próxima semana, nem nunca. Kilian está trazendo de volta o essencial. Você pode mantê-los no quarto dele até o final do semestre."

"Eu não posso simplesmente..."

Ele se abaixou, beijando um centímetro do canto da boca dela, chocando-a e deixando-a quieta e silenciosa.

"Isto não é uma negociação." Ele baixou a voz para um ronronar que ressoou através dela, fazendo-a balançar para mais perto dele.

"Deveria ser," ela conseguiu dizer.

"Você tem razão." Ele sorriu. "Deveria. Mas não é. Eve, e cada um de seus amiguinhos patéticos e covardes, são idiotas mortos andando, mas isso não significa que podemos acabar com eles na televisão ao vivo. Então, até que possamos pensar em uma maneira de expulsá-la permanentemente, você não

pode ficar sozinha.”

“Vocês nem *querem* o vínculo,” ela retrucou, completamente consciente de que estava com raiva de *Eve*, não de Cian... mas ela não conseguia evitar que o temperamento queimasse em sua voz. “O que importa se...”

O idiota a beijou novamente. Os lábios dele pressionaram o outro lado da boca dela, sem realmente tocar seus lábios, descendo até que seus dentes morderam sua mandíbula. “Não somos amigos?” Ele rugiu, com o nariz na bochecha dela, os olhos cor de safira escondidos da visão dela. “Você gosta de ver seus amigos sendo quase assassinados?”

“Eu não tentaria controlar suas vidas,” ela guinchou, sua voz fina e vacilante. *Por que ele continuava fazendo isso?*

Cian estava sempre flertando, sempre brincando com ela, mas ele estava agindo... quase doce e sensual. Não como ele.

“Se você morrer, seremos atingidos por tudo o que você está retendo,” ele disse humildemente. “Theo e Moses sentirão toda a força de terem sua companheira arrancada deles e provavelmente perderão a cabeça. Então estamos todos fodidos. E quem quer que esteja perto deles quando isso acontecer estará *morto*. E eu nem quero pensar em quem Oscar vai matar se alguém quebrar o seu...” ele se interrompeu, recuando para olhar para ela enquanto tentava encobrir o que estava prestes a dizer.

“Brinquedo?” Ela brincou.

“Eu quis dizer companheira.” *Ele* deu a *ela* um olhar severo. “E eu...” ele mordeu o lábio perfeito e sinuosamente curvado, olhando-a fixamente nos olhos. “Você é uma garota doce, Illy. Você é gentil e suave, mas teimosa e leal, e gosto de ter você por perto. Não suporto a ideia de alguém como você se machucar. *De novo*. Não tem nada a ver com o vínculo.”

“Obrigada?” Ela engoliu em seco, perguntando-se como reagir. Ela deveria elogiá-lo? A primeira coisa que passou pela sua mente foi o quão incrível sua nova tatuagem parecia contra sua linda pele dourada. Talvez isso não fosse apropriado.

Seus olhos mergulharam em sua boca novamente e ele gemeu. “De nada. Por que diabos você cheira tão bem esta manhã?”

“É Sato e Kilian.”

Ele riu com voz rouca. “Não, não é. Eu devo ir. Estou atrasado para a sessão de grupo.”

“Vocês também têm sessão de grupo no fim de semana?” Ela perguntou, surpresa.

“Sim. É três vezes mais longa.”

Ele pegou o prato que havia deixado cair ao entrar e abriu a porta, deixando-a refletindo sobre suas palavras enquanto tocava sua mais nova pedra preciosa.

Havia espaço para mais.

Havia espaço para mais *oito.*

Eventualmente, ela poderia obter a habilidade de Theodore e Moses. Ela precisava ter certeza de que estivesse pronta para isso. Ela precisava ter certeza de que não estivesse na frente das *câmeras* para isso.



Gabriel caminhou ao lado dela quando ela estava saindo do dormitório meia hora depois. Ela tomou banho e se vestiu para o dia com um short de spandex e uma das camisetas de Kilian que ela fingia ter pegado por acidente depois que ele descarregou a maior parte de suas roupas em seu armário.

“Filhote.” Gabriel bocejou, olhando para Alpha Hill enquanto o sol subia mais alto, transformando as coloridas flores do deserto em tons vívidos e lindos de amarelo, laranja e vermelho. “Posso persuadi-la a remarcar seu horário de prática e vir para a sessão de grupo?”

Seus ombros se curvaram um pouco, sentindo as restrições de sua situação apertando-se ao seu redor, mas ela lutou para manter seu tom livre de qualquer tensão. “Claro. Obrigada por, você sabe...” ela acenou com a mão sem jeito. “... a ajuda.”

Ele apenas olhou para ela, seus olhos castanhos turvos, suas feições tão perfeitas e simétricas que quase a distraíram do fato de que não havia nenhuma emoção em seu rosto. “Sem problemas. Já resolvemos a situação.”

Ela pegou o telefone para remarcar suas sessões de prática, sabendo que quem estivesse de olho em sua agenda informaria seu pai. Ele geralmente voltava para a academia nas noites de domingo, mas não esperava que ela o visse até segunda-feira. Ele gostava de questioná-la sobre cada mudança em sua

rotina, suas aulas e seu feed de mídia social.

Reed os alcançou quando chegaram ao pé da escada, caindo do outro lado dela sem dizer uma palavra.

No meio do caminho, ela tropeçou e os dois pararam, uma mão em cada um de seus bíceps, olhando para ela com olhos semicerrados e atenção aguçada, vigilantes e alarmados.

Eles pareciam ainda mais preocupados com o retorno de Eve do que *ela*.

“O que é?” A atenção de Reed desceu para seu peito.

“Cian disse que esta sessão vai demorar algumas horas.” Ela engoliu em seco quando eles a soltaram. “Desculpe, eu só estava me perguntando como vocês aguentam algumas horas de... isso.”

Reed revirou os olhos e ambos começaram a andar novamente, a mão de Gabriel na parte inferior de sua coluna, incitando-a a manter o ritmo.

“É uma aula de canto,” Reed... *Elijah* disse. Ela poderia muito bem usar o nome dele, já que ele agora era uma espécie de colega de quarto dela e ela uma espécie de prisioneira dele.

Ela poderia muito bem usar todos os seus nomes.

“Não é nada cansativo,” acrescentou Reed. *Elijah*, *porcaria*.

Era mais difícil com ele. Ele era tão frio, tão insensível, tão analítico. Ela não sentia que eles eram amigos em tudo.

“Certo.” Ela se concentrou no caminho à sua frente, a vontade de perguntar a Elijah sobre seu poder ilegal e porque ele se recusava a usá-lo surgindo de volta em sua garganta, não importa quantas vezes ela o empurrasse para baixo.

Quando a necessidade ficou insuportável, ela pegou o telefone e enviou uma rápida mensagem no grupo.

Isobel: *Eu deveria saber exatamente quais são todas as suas habilidades se elas vão aparecer de repente dentro de mim sem aviso prévio.*

Ambos os Alfas pegaram seus telefones enquanto Elijah abria a porta do centro fitness, levando-os para a sala habitual de Easton. Ele gemeu baixinho. “Moses vai saltar sobre isso.”

Eles entraram na sala, encontrando-a vazia. Foi a primeira vez que ela chegou antes de todo mundo.

Elijah e Gabriel se moveram para jogar suas bolsas no chão ao lado da porta

e Isobel deixou cair seus próprios pertences, amarrando o cabelo para o caso de Easton incluir seu exercício com os outros.

Theodore e Moses entraram na sala, ambos acrescentando suas coisas à pilha que agora crescia.

“Você realmente quer saber?” Moses perguntou do nada, seus olhos escuros brilhando com algum tipo de desafio enquanto ele passava por ela, balançando o telefone no ar.

“Ah, sim?” Ela disse para as costas dele.

Theodore colocou o telefone de volta na bolsa antes de colocar o braço sobre os ombros dela e conduzi-la até o tapete de alongamento.

“Como você está se sentindo, linda?” Seus lábios entregaram a pergunta em seu cabelo um segundo antes de pressioná-la contra o tapete, e então se afastou alguns centímetros para começar a se alongar.

Ela se preparou para copiar os exercícios dele, mas antes que pudesse responder, Moses estava pairando na beirada do tapete.

“Só para constar, não acho que ninguém aparecerá[3] dentro de você sem avisar, então você não precisa se preocupar com o nível de habilidade deles.”

“Cale a boca, seu idiota.” Theodore avançou, jogando Moses no tapete, o impacto de seus corpos por pouco não a atingiu.

Ela se aproximou da parede, continuando seus alongamentos com um olhar irritado no rosto para esconder o constrangimento que queria tomar conta de suas bochechas.

“Você é um animal,” ela resmungou, enquanto se curvava sobre as pernas estendidas e se encontrava cara a cara com Moses, Theodore segurando a cabeça dele firmemente contra o tapete.

Ele riu sombriamente, jogando Theodore para longe dele e trocando de posição.

“Isso é o que você deveria ser capaz de fazer agora,” Niko afirmou secamente, parando na beira do tapete e apontando para Moses.

Ela olhou por cima do ombro, notando que Kilian, Cian e Sato - *Oscar* - também haviam chegado.

“Sim, exatamente.” Ela mordeu o lábio enquanto olhava para Niko. “Então por que não posso?”

Eles provocavam um ao outro às vezes quando estavam lutando, mas ele geralmente não reagia do jeito que estava agora: ficando em silêncio, com as narinas dilatadas, os olhos traçando a maneira como ela se alongava antes de disparar para o lado.

“Acho que você dormiu bem,” ele murmurou, caindo ao lado dela e pressionando-a novamente, forçando-a a se alongar ainda mais. “Mas não há desculpa para ser preguiçosa.”

Ela bufou, tentando afastá-lo. “Esta é a sessão do Professor Easton, não a sua.”

Ele bufou. “Esta é a sessão vocal do *Professor Easton.* Ele pode manter sua garganta. Eu sou o responsável pelo seu corpo.”

“*Ni-ko*.” Moses caiu em cima de Theodore, sua risada repentina e profunda. “Você torna isso muito fácil.”

Niko fez uma careta. “Eu obviamente não quis dizer isso.”

Moses rolou para o lado, aquela sobrancelha diabólica saltando novamente enquanto ele se apoiava no cotovelo, apoiando o queixo na mão. “A coluna dela está na posição errada.”

“Não está,” Isobel retrucou.

“Na verdade, está,” disse Niko. “Sente-se.”

Ele esperou que ela obedecesse antes de se mover parcialmente atrás dela, espalmando a mão em sua barriga, a outra mão pressionando logo acima do meio das costas.

“Se endireite,” ele instruiu, sua respiração roçando seu pescoço. “Você não quer aquela curva quando começar a dobrar.”

Niko *nunca* a tocou assim.

Ela tentou corrigir a posição de sua coluna, mas Niko fez um som insatisfeito, ambas as mãos caindo em seus quadris, os dedos cavando logo acima dos ossos do quadril e puxando para trás.

Aquela sensação estranha e vazia com a qual ela acordou voltou à vida, ainda mais vazia e cavernosa, uma coceira gelada subindo por seus órgãos.

“Melhor,” Niko grunhiu. “Agora mantenha a rotação dos quadris, mantenha a coluna reta e...” ele pressionou contra as costas dela, forçando-a a se curvar sobre as pernas novamente. Ele estava certo. Sua coluna estava na posição errada.

Ela estava muito distraída para se alongar adequadamente.

Houve uma centelha de satisfação no olhar de Moses que a lembrou de Oscar por um momento desconfortável. Um brilho de prazer sádico, como se ele tivesse acabado de arquitetar um momento de caos. Um desenrolar privado de algo apenas para sua visualização privada.

Theodore agarrou sua coxa e arrastou-a até metade do tapete, recusando-se a olhar para os outros enquanto voltava silenciosamente aos seus exercícios. Ela voltou a copiá-lo e Moses sorriu como se tivesse vencido.

“Eu sei quando as pessoas estão mentindo.” Niko estava falando com o tapete e várias cabeças se levantaram com sua confissão. “Essa é a minha habilidade.” Ele dirigiu sua atenção para a porta, ignorando todos os outros. “O que está prendendo Mikki?”

Isobel quase mordeu a língua para conter a enxurrada de perguntas. Não era educado interrogar as pessoas sobre suas habilidades. Mas ser capaz de saber quando as pessoas estavam *mentindo*? Isso era poderoso. Isso a fez pensar em seu próprio pai e em suas afirmações de que ele não tinha habilidade. Até agora, todos os Alfas que ela conheceu possuíam habilidades muito poderosas. A capacidade de controlar o tempo? De controlar o clima? De se transformar em assassino... ou *alguma coisa*? De ler o futuro? De ficar invisível? De criar o caos? De *controlar* as pessoas? Ela ainda não sabia qual era a habilidade de Gabriel, mas tinha certeza de que ele tinha uma, e tinha certeza de que seria ilegal.

De repente, não parecia tão viável que seu pai tivesse nascido sem nenhuma habilidade.

“Ele teve uma noite difícil,” Cian respondeu, apenas um segundo antes de Easton entrar na sala, batendo a porta atrás dele.

“Vocês quatro...” ele apontou para Moses, Theodore, Cian e Elijah. “...e Carter. Nas esteiras. Agora.” Ele grunhiu as palavras, mal olhando para eles. “Oscar, Gabriel e Kilian. Nas máquinas de remo. Quinze minutos forte e rápido e depois troquem.” Ele bateu palmas, fazendo Isobel se contorcer alguns centímetros mais perto de Theodore. “Vão!”

Theodore puxou-a com ele, dando-lhe um sorriso despreocupado, assegurando-lhe que o humor agitado de Easton não era nada com o que se preocupar. Mas ela acidentalmente olhou para Easton ao passar por ele, avistando uma nova cicatriz em sua bochecha, profunda e rosada, e hematomas manchados em volta de seu pescoço, aparecendo no topo de seu colarinho.

Ela tropeçou, seus olhos se arregalaram enquanto a atenção dele se concentrava nela, suas pálpebras baixando sobre as pupilas incompatíveis para tornar seu olhar mais severo enquanto uma pitada de aborrecimento pingava contra seu peito vindo de sua direção.

“Algo que você queira dizer, Carter?” Seu tom não era tão áspero como quando ele se dirigiu ao grupo, mas havia uma tendência profundamente infeliz que a fez querer encolher o queixo e fugir.

“N-Não, professor.”

“Esteira!” Theodore se colocou entre ela e Easton, empurrando-a rapidamente em direção a uma das máquinas. “Depressa agora.” Ele esperou até que ela apertasse os botões para aumentar a velocidade, seu pescoço formigando como se Easton ainda a estivesse observando antes de Theodore se inclinar na esteira ao lado dela.

“Mantenha a cabeça baixa nesta sessão,” ele sussurrou. “Se você precisar sair, basta sair. Um de nós irá com você.”

Ela ergueu a cabeça para cima, piscando para ele em confusão. “Por causa de Ea...” ela começou a perguntar, mas ele apenas colocou um dedo nos lábios e aumentou a velocidade de sua máquina, acelerando. Ele até tirou fones de ouvido, mas lançou lhe um sorriso curto e de desculpas no espelho enquanto se desligava do resto da sala.

Ela percebeu que sua atenção se desviava para a esquerda, estudando Easton no espelho enquanto ele navegava pelo telefone, rosnando para os meninos nas máquinas de remo por relaxarem. Ele estava definitivamente nervoso, mas ela não sabia dizer exatamente qual era o estado, porque todos os Alfas na sala pareciam estar sentindo algo negativo, e isso a atingia de todas as direções.

Cautela. Frustração. Exasperação. Temor. Angústia.

Eles estavam todos nervosos, mas escondiam isso muito bem. Em seus rostos, pelo menos.

Ela pescou seus próprios fones de ouvido no bolso do short, escolhendo a última playlist que havia finalizado para suas sessões de prática. Com a ajuda da música, seu corpo pareceu se ativar, subitamente disposto e ansioso para se mover, a esteira movendo-se devagar demais para a batida da música que ela escolhera. Ela ultrapassou a velocidade que costumava definir, percebendo que poderia ter uma chance de escapar da ansiedade de todos na sala se tentasse o suficiente.

Ela se perdeu na música, no processo, sugando lentamente indícios de suas emoções irregulares até que seu coração pulou uma batida e suas pernas quase falharam. Uma mão disparou, apertando o botão de parada de emergência de sua esteira, e ela pulou para o lado, perdendo o equilíbrio.

“Você terminou.” A voz de Elijah era fria, pegando-a facilmente, seu braço em volta de sua cintura enquanto a colocava no chão, segurando-a enquanto ela tentava se equilibrar. Seus fones de ouvido haviam caído, sua música ecoando de volta para ela de onde eles estavam no chão.

“Carter.” *Easton*. *Merda*.

“Boa sorte.” Elijah foi embora, deixando-a levantar a cabeça e confrontar o professor com cicatrizes.

Parecia que ele estava andando diante do tapete de alongamento, onde o resto dos Alfas estava alinhado, metade deles de costas, a outra metade de pé com bolas medicinais[4].

Gabriel estava apoiado, observando-a de perto enquanto Elijah voltava para ele e pegava a bola medicinal, jogando-a para baixo com tanta força que poderia ter quebrado as costelas de Gabriel se ele não a tivesse pegado com tanta habilidade, jogando-a de volta levemente. O tempo todo, ele ficou olhando para ela, até que Elijah murmurou algo para ele, e ele voltou toda a atenção para a tarefa.

Quando ela ainda não tinha se movido, Easton franziu a testa, seu dedo tremendo. Ele estava apontando para o chão à sua frente, mas não havia levantado a mão... era quase como se o movimento fosse completamente inconsciente.

Ela engoliu em seco, aproximando-se dele, seu sistema em estado de choque. Ela não tinha notado os outros saindo das esteiras ou começando seus outros exercícios. Ela nem sabia há quanto tempo estava correndo, mas podia sentir o peso de tudo que aos poucos havia roubado deles. Estava dentro de seu peito, girando dolorosamente, um vórtice escuro faminto por mais. Combinado com aquele vazio horrível e persistente em suas entranhas que ainda a atormentava, foi o suficiente para fazer seus membros tremerem quando ela parou diante de Easton.

“Assuma o controle, Niko,” Easton ordenou, antes de caminhar para o outro lado da academia, lançando lhe um olhar rápido e carregado, como se esperasse que ela o seguisse.

Ela se arrastou até uma área menor de alongamento, onde os tapetes apoiavam-se em uma seção espelhada da parede. O ar-condicionado estava bem acima dela, fazendo os pelos de seu braço se arrepiarem enquanto seu suor secava sob a brisa gelada. Ele puxou um tapete de ioga da parede e o jogou no chão.

“Eu posso fazer tudo o que os outros estão fazendo,” ela insistiu calmamente, apenas por pura teimosia. Ela *obviamente* não poderia. Havia força, e então havia força *Alfa*. Se Elijah jogasse uma bola medicinal nela com tanta força, ela não apenas quebraria suas costelas, mas também a quebraria, e provavelmente passaria pelo chão abaixo dela.

Easton sorriu como se soubesse o que ela estava pensando. “No tapete, Carter. Trabalho de chão para você. Lamento que você tenha que estar aqui, mas tenho certeza que você pode aproveitar o tempo?”

Ela encolheu os ombros, sua atenção se voltando entre ele e o tapete. “Claro.”

“Professor.”

Ela piscou. “Desculpe, professor.” Normalmente, Easton deixava passar quando ela não o chamava de professor. Kalen era quem a puxava para cima todas as vezes, um toque de ferro revestindo a suave reprimenda.

Easton olhou para ela por um segundo antes de suspirar e afundar no assento da máquina de musculação mais próxima. “Carter.” Ele fez uma pausa, apertando a boca. “Por que você está olhando assim para mim?”

“Como o quê?” Ela guinchou.

Seus olhos incompatíveis se estreitaram. Eles eram quase fendas. “Cian enviou uma mensagem...”

“É claro que sim,” ela resmungou.

“Professor,” ele sibilou.

Ela fechou a boca e ele respirou fundo, recuando até que seu ombro descansou contra a máquina atrás dele. Ele parecia quase preguiçoso, mas sua atenção estava muito concentrada.

Ela esperou que ele continuasse e ele esperou que ela se corrigisse.

Engolindo em seco, ela murmurou: “Professor.”

Por alguma razão, ele riu. O som foi curto e agudo, e sua cabeça caiu entre as mãos enquanto seus ombros largos tremiam, e então ele se endireitou

novamente. “Eu sei que você pegou emprestado o poder de Elijah,” ele disse, balançando a cabeça agora. “Você fez Cian contar o que aconteceu ontem à noite, não foi?”

Ela rapidamente se moveu para o tapete, sentando-se de frente para o espelho em vez dele, com as pernas cruzadas.

“Desculpe, professor. Não sei do que você está falando.” Ela esticou o braço direito, colocando-o fora do joelho esquerdo, e torceu a coluna dessa maneira.

Quando ela finalmente, felizmente, se afastou totalmente dele, sua expressão finalmente se rompeu, seus olhos se arregalaram e seus lábios se contraíram com o desejo de falar: “Que diabos?” para alguém. Exceto que os outros Alfas estavam ocupados batendo uns nos outros.

Todos eles, exceto Kilian.

Como Niko era seu parceiro, ele apenas se movia entre os outros pares, dizendo coisas que ela não conseguia ouvir, seus olhos claros voltando-se regularmente para monitorar ela e Easton.

“Socorro,” ela murmurou.

Um sorriso divertido apareceu em seu rosto, mas foi rapidamente apagado, e ele balançou a cabeça.

“Isobel.”

Sua cabeça virou para o lado, conectando-se com o olhar de Easton antes que ela pudesse controlar sua reação. Ela mudou o alongamento para o outro lado, fingindo que tudo fazia parte do plano.

“Diga-me o que você sabe,” ele disse claramente.

“Eu realmente não acho que você queira que eu repita isso, professor.” Ela tentou direcionar sua atenção para o queixo dele para não suar nervosamente, mas só encontrou sua atenção presa nos hematomas que saíam de seu colarinho. “Não sei onde você conseguiu essas marcas,” acrescentou ela.

“Você gostaria de saber?” Ele perguntou, um pouco casualmente.

Um alarme imediatamente soou dentro de sua cabeça, dizendo que ela estava sendo convidada para uma armadilha, mas ela não conseguia se conter. Ela assentiu. Um pequeno movimento, facilmente esquecido.

“Chama-se Stone Dahlia.” Ele baixou a voz até que ela teve que se inclinar para frente para ouvi-lo. “O *clube* sobre o qual seu admirador secreto está

mandando mensagens para você.” Ele enfatizou a palavra “clube” como se nem sequer começasse a descrevê-lo. “Mas temos certeza de que não é um dos estudantes. Achamos que é alguém do Track Team.”

“O… Track Team? Como em...”

“Não.” Ele nem esperou que ela expressasse a pergunta corretamente. “Quero dizer, o grupo de velhos estupidamente poderosos que comandam todo esse show.” Ele sacudiu a mão, indicando as câmeras posicionadas ao redor da sala. “Os bilionários que decidem quais alunos serão colocados na Trilha Ícone. Eles administram o Stone Dahlia e vamos garantir que você dê a eles o que eles querem.”

“Primeiro...” ela rapidamente se virou para se sentar de joelhos de frente para ele, olhando boquiaberta para ele enquanto levantava um dedo. “*Por quê?* E segundo...” ela imitou o movimento da mão dele para as câmeras. “... como você sabe que eles não estão ouvindo agora?”

Ele puxou o telefone do bolso e acenou para ela. “Elijah e Gabriel estão desenvolvendo um aplicativo de segurança. Se eles tentarem ligar as câmeras para nos espionar durante nossas sessões privadas, todos receberemos uma notificação.”

“Posso obter esse aplicativo?” Ela mordeu o lábio, observando enquanto a expressão dele relaxava ligeiramente.

Ele esperava que a conversa fosse diferente?

“Sim.” Ele se inclinou para frente, os antebraços plantados nas coxas, as mãos penduradas entre os joelhos. Elas pareciam ter uma nova série de cicatrizes recém-curadas espalhadas sobre elas. “Você fez a coisa certa ao contar a Theo e Kilian, Carter.”

“Hum... você pode me chamar de Isobel, uh, se quiser, professor.”

“Você não me diz como devo chamá-la. Eu decido isso.” Ele recuou, como se estivesse reagindo ao seu próprio tom áspero, as palmas das mãos passando sobre as coxas. “Desculpe.” Ele fez uma careta. “Foi uma longa noite.”

“Eu soube.”

“Sobre o quê?”

“Sobre a namorada.”

“Hum.” O som foi um estrondo em seu peito. “Eu não tenho uma dessas.”

“Bem, você se *esqueceu* dela bem rápido.”

Easton riu. “Não seja uma pirralha, Isobel. Você pode provocar os outros Alfas o quanto quiser, mas isso não levará você a lugar nenhum comigo. Em nenhum lugar onde você queira estar, de qualquer maneira.”

Ela mordeu a língua.

“Eu peguei leve com você porque você ainda não tinha sido aceita no Dormitório A, mas você está praticamente mudada agora, o que faz de você minha responsabilidade. Sou mais do que um supervisor de dormitório ou mentor desses meninos. Estou aqui para tudo o que eles precisarem, mas na maioria das vezes também sou eu quem decido o que eles precisam. Você está pronta para isso?”

“Não sou muito boa em ouvir o que preciso.” Ela rapidamente baixou os olhos para os joelhos, confusa sobre quando ela se virou para encará-lo tão prontamente, como uma fã ansiosa se esforçando para ouvir cada palavra sua. Ela relaxou a postura, esticando as pernas à frente para aliviar a dor nos músculos. Não foi por causa da corrida, mas pelo peso que ela sugou de cada um deles, e aquela dor oca que persistia sob sua pele.

Easton a observou. “Já reparei.”

“Já tenho alguém ditando o que preciso.”

“Esse é o seu primeiro passe livre,” ele informou calmamente. “Compare-me com Braun Carter novamente e mostrarei como um homem de verdade disciplina.”

Ela franziu a testa, mexendo os dedos dos pés. “Você é muito ameaçador para um professor.”

“Você não tem medo para uma garota que quase foi assassinada há um mês.”

Ela sentiu seus lábios puxando para os lados. Ela estava gostando de *conversar* com Easton? Parecia que ela estava. “Já passei por coisas piores.”

“Não, você não passou,” ele disse suavemente. “Mas você é uma das minhas agora. Nada disso acontecerá com você novamente.”

Um arrepio percorreu sua espinha, tornando sua visão turva com aquela palavra.

Minha.

Os dedos dos pés dela pararam de se mexer, curvando-se em estado de choque, antes que ela reprimisse a reação.

“Você... eu...” ela tropeçou. “Obrigada, professor?”

Seus lábios se ergueram nos cantos. “De nada, Isobel.”

Ela olhou para ele, muda. “Eu me sinto estranha,” ela deixou escapar. “Eu sinto que você simplesmente tirou todos os meus problemas e fez com que todos parecessem tão simples, mas não *são*. Tipo, por que o Track Team estaria me ameaçando para tentar descobrir uma maneira de contatá-los? Por que eles simplesmente não *falariam* comigo? E se os diretores sabem da sua... habilidade, o que eles sabem, se tiverem o vídeo da chantagem, como você ainda está aqui?”

“Nem todos os diretores,” disse Easton. “O Track Team representa apenas uma porcentagem deles e eles *querem* saber coisas prejudiciais sobre as pessoas. É como eles os escravizam. Se eles não conseguirem encontrar nada de prejudicial sobre você e quiserem você do lado deles, eles irão forçá-lo a fazer algo incriminador, apenas para ter certeza de que você está sob seu controle antes de levá-lo a bordo.”

“E você quer que eles me recrutem?” Ela perguntou, franzindo a testa.

“Eles precisam saber que o que têm sobre você é suficiente.” Seus olhos ficaram escuros, sua emoção de repente pressionando fortemente contra ela, turbulenta e amarga. “Se você resistir, eles vão se esforçar mais. Se forem eles, e achamos que é, então eles estão pegando leve com você, o que significa que estão desesperados por você.”

“Por mim... o quê? O que eles fazem?”

“O que eles não fazem?” Ele respirou fundo entre os dentes. “O Stone Dahlia é quase do mesmo tamanho da academia, abrindo um túnel tão abaixo de nós que eles poderiam hospedar um programa inteiro lá e nunca suspeitaríamos de nada aqui.”

“Para baixo... para baixo *onde?”* Ela balbuciou.

“Abaixo do lago principal. A entrada é pela casa de barcos... bem, a entrada dos Superdotados, pelo menos. A entrada humana fica do outro lado da colina que leva à academia. Eles alugam quartos. Contratam Superdotados. Eles nos colocaram em exibição. Nos fazem entreter multidões de humanos que pagaram quantias obscenas por um convite. O Track Team tem informações sobre *todos*. Não apenas nós, mas seus convidados humanos e uns aos outros.”

Ele estava lhe dando tantas informações, tantas informações *malucas*, mas por alguma razão, ela só conseguia pensar em uma coisa naquele momento. A parte de trás da porta de Gabriel e a mensagem que havia sido escrita com post-

its individuais, dispostos de maneira tão dolorosa e obsessiva.

Eu não estou à venda.

Ela engoliu em seco, as lágrimas brotando antes que ela pudesse detê-las. Horrorizada, ela olhou de volta para seu colo. “Meu... meu pai sabe disso?”

“Sem dúvida.” A voz de Easton se aprofundou. “Parece um jogo de popularidade, mas é o Track Team quem *decide* o vencedor todos os anos. E eles continuam a controlar seus Ícones muito depois de deixarem as muralhas de Ironside.”

Ela bateu em uma sarda na coxa. “Não quero me envolver com eles.”

“Você não tem motivos para confiar em mim, mas protegi cada um dos meus Alfas desde o dia em que chegaram aqui e protegerei você também. Estou pedindo que você confie em mim. Confie em Kalen. Confie em Elijah. Confie em seus amigos.” Ele limpou a garganta. “Não confie em Oscar.”

Ela ergueu a cabeça, surpresa. “Você, Kalen e... Elijah?”

“Há muitas contingências para planejar na situação em que nos encontramos.” Seu sorriso quase voltou a existir. “Elijah é nosso planejador. Se ele lhe disser para fazer algo, você deverá fazê-lo. Ele geralmente tem um bom motivo.”

Ela mordeu o lábio. “E Oscar?”

“Está danificado.” A expressão de Easton se fechou. “E reacionário. Sintonizado com seu instinto em vez de com sua consciência. Antes de ter uma companheira, ele era administrável. Mas você acabou de adicionar um novo nível de primalidade ao cérebro dele que pode tornar as coisas um pouco difíceis com você morando no dormitório. Você precisará aprender a gerenciá-lo.”

“Por que ele não pode aprender a me gerenciar?” Ela resmungou.

Easton sorriu... seu primeiro sorriso completo e verdadeiro desde que começaram a conversar, e mesmo que isso distorcesse todas as suas cicatrizes e tornasse as sombras sob seus olhos ainda mais escuras, ela sentiu algo em seu peito se revirar, a dor vazia dentro dela se tornando apenas um pouco mais dolorosa.

“Receio que Oscar tenha o hábito de quebrar seus brinquedos,” alertou Easton.

Isobel gemeu. *Isso de novo*. “Não sou um brinquedo.”

O sorriso de Easton desapareceu e ele se inclinou para frente novamente.

“Você é um *fantoche* nascido e criado, Carter. Não estou dizendo isso para ser cruel. Estou dizendo isso porque é a verdade. Você é um brinquedo para quem quiser brincar com você. Quer você *permita* ou não, bem, essa é a parte que depende de você. Eu protegerei você dos outros Superdotados, da vadia psicótica que te machucou, do idiota do seu pai e dos diretores de Ironside... mas você precisará se proteger dos outros Alfas. Decida seus limites. Deixe-os claros. Aprenda como gerenciar as personalidades voláteis e encontrar seu espaço com as pacíficas. Ninguém mais vai fazer isso por você. Temos muito respeito um pelo outro para ditar como você interage com cada um de nós. Esses são *os nossos* limites. Eu fui claro?”

“Como cristal.” Ela mordeu o lábio e os olhos dele brilharam divertidos, como se soubesse que ela tinha mais a dizer. Eventualmente, ela simplesmente deixou escapar: “Todo mundo te chama de Mikki.”

“Você terá que merecer isso,” ele disse, levantando-se, seus olhos passando por ela. “Exercícios de chão apenas durante o resto da sessão. Não quero ver você de volta naquela esteira e se eu te pegar desviando o mau humor de alguém, você estará em apuros. Acho que você já tomou o suficiente por hoje.”

Ela engoliu em seco, esperando que ele fosse embora, mas ele não o fez. Ele esperou. Ela abaixou o queixo e ele se ajoelhou diante dela.

“Acene com a cabeça se for obedecer,” ele disse gentilmente, sentindo que ela estava completamente sobrecarregada.

Ela assentiu, seu olhar ainda preso às pernas.

“Boa menina,” ele disse, baixo e suavemente, as palavras eram uma carícia que flutuou através dela em uma brisa suave, levantando seu queixo enquanto ele se levantava e se afastava para que ela pudesse observá-lo.

Ela não tinha ideia de que tipo de homem Easton... *ah, foda-se.* Seu nome era *Mikel*. Ela não tinha ideia de que tipo de homem ele era, mas seu peito doía com a necessidade de confiar nele, de ver o que poderia acontecer se ela se tornasse um de “seus Alfas”. Embora ela nunca fosse ser um *deles,* ela ainda se perguntava como seria ser *dele*.

Durante toda a sua vida, as pessoas alegaram que a estavam protegendo. Fazendo as coisas para o seu próprio bem. Mas nenhum deles jamais se pareceu com Mikel quando a reivindicaram.

Nenhum deles a fez sentir que era verdade.

9

Sexo Adorável no Palito



Elijah e Gabriel vieram para sua sessão de prática naquela tarde, usando a outra metade da sala para fazer suas próprias coisas em silêncio enquanto ela escolhia sua música e fazia alguns alongamentos, lançando olhares furtivos para eles por baixo dos cílios.

Eles disseram que não iriam se intrometer em sua sessão, mas ela ainda estava desconfortável o suficiente para espioná-los disfarçadamente por alguns minutos.

Eles haviam emparelhado os dois fones de ouvido com o telefone de Gabriel e pareciam estar elaborando a coreografia de uma música que ela não conseguia ouvir. Parecia complicado... complicado demais para ela acompanhar, até que percebeu que não era apenas uma dança para uma ou duas pessoas. Era uma coreografia de grupo.

Ela se forçou a ignorá-los, pegou o telefone e assistiu à última gravação que fez de sua peça de fim de ano para Dança Acrobática. Depois de identificar suas áreas problemáticas, ela reiniciou a música e percorreu a rotina. Uma vez, e depois duas, e depois três vezes.

A cada repetição, ela ficava ainda mais frustrada. Os movimentos eram bons, mas não eram *ótimos*, e o Professor Lye anunciou que avaliaria suas performances finais, nos últimos dois dias de aula. Ele estava restringindo sua turma do terceiro ano aos dez melhores alunos, o que a tornava incrivelmente competitiva, especialmente quando a maioria dos outros alunos formava dupla para aumentar suas chances. Ela não tinha certeza se era sua lenta recuperação do ataque em Vermont ou não, mas algo estava errado com sua dança.

“Precisa de uma mão?” O tom calmo de Gabriel fez sua cabeça se levantar.

Ela se concentrou no banco para onde ele e Elijah se mudaram em algum momento sem que ela percebesse.

Ela girou nos calcanhares, aproximando-se deles e apertando Pause em sua música. “Isso foi ruim?”

“Um pouco forçado.” Elijah se encostou na parede, sua postura relaxada. “Mas você ainda está se curando.”

Gabriel encolheu os ombros, aparentemente concordando com o outro Alfa.

“Forçado como?” Ela exigiu, um pouco rápido demais, antes de se concentrar em Elijah. “E o que você está fazendo para sua apresentação final?”

“Para Lye?” Ele perguntou, inclinando a cabeça. “Eu coreografei uma dança, mas tive problemas com o elenco.”

“Problemas com o elenco?” Ela perguntou, enquanto Gabriel bufava.

“Ele não quer dançar com ninguém,” Gabriel forneceu. “Mas como a turma do terceiro ano de Lye é uma turma em parceria, ele ainda preparou coreografias de pares.”

“Oh.” Ela olhou entre eles, esperando que Elijah ficasse chateado porque Gabriel estava brincando com ele, mas Elijah permaneceu relaxado, um pequeno sorriso aparecendo nos cantos de sua boca. “Eu não percebi. Você mal vem para a aula. Não sei como você consegue se safar disso.”

“Envio a Lye gravações semanais do meu progresso.” Elijah se inclinou um centímetro para frente, uma faísca iluminando seu olhar. “Ele parece… contente. Você está me observando, Sigma?”

“Você é minha competição.” Ela fungou, cruzando os braços. “Eu quero entrar na aula de Lye no próximo ano também.”

“Por quê?” Gabriel levantou uma sobrancelha. “É uma aula de Acro Duo. *Duo* é a palavra-chave.”

Ela arregalou os olhos para ele fingindo horror. “Você está dizendo que não tenho amigos?”

Ele sorriu, mas não foi cruel. Foi... estranhamente íntimo. E era *Gabriel*, então isso adicionou toda uma outra camada de estranheza à intimidade.

“Ele está dizendo que você é muito seletiva sobre quem se aproxima de você.” Elijah parecia quase entediado.

“Yep,” os lábios de Gabriel estalaram na palavra. “E o trabalho do Acro

Duo envolve muita aproximação.”

“Você está na lista de espera?” Ela perguntou, porque realmente parecia que sim, o que foi surpreendente. Ela não conseguia imaginar Gabriel suando, com as mãos sujas de giz, enrolado com um parceiro de dança.

Gabriel torceu o dedo para ela em vez de responder. Ela olhou para Elijah, mas ele apenas inclinou a cabeça para o lado, seus olhos varrendo-a, um brilho desafiador entrando em sua expressão. Ela deu um passo em direção a Gabriel, parando entre seus joelhos.

“Venha aqui,” ele murmurou, levantando o queixo.

Ela se abaixou, presumindo que ele não queria que suas palavras fossem ouvidas, seus olhos piscando nervosamente entre os dele.

Ele estava mostrando a ela aquela centelha de personalidade novamente, aquela pequena pitada de interesse que ele normalmente enterrava atrás de uma parede de serenidade, calma e indiferença.

“Mais perto, filhote.”

Ela fez uma careta para ele. Provavelmente parecia assustada.

Elijah riu, e o som a incentivou a abaixar rapidamente o rosto ao lado de Gabriel, o cabelo loiro escuro roçando seu nariz. Seu perfume era suave e fresco, tão sutil que a fez querer pressionar o nariz contra sua pele e inalar. Ele era limpo e fresco como roupa lavada pendurada para secar ao sol. Era tão reconfortante quase fez seus dedos dos pés se curvarem quando ela se imaginou deslizando para uma cama com lençóis de algodão frescos flutuando contra sua pele.

“Precisaremos saber todas as turmas que você deseja colocar na lista de espera para o próximo ano.”

“Por quê?” Ela recuou apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos novamente, mas ele empurrou a cabeça para o lado, exigindo silenciosamente que ela se aproximasse novamente.

Quando ela colocou a cabeça de volta ao lado da dele, desta vez, ela sentiu os dedos dele na parte de trás de seu joelho. O toque parecia experimental, apenas um leve toque das pontas dos dedos testando a superfície de sua pele. Ela imediatamente ficou arrepiada, a dor oca dentro dela ficando um pouco mais aguda.

“Porque precisamos ter certeza de que há pelo menos um de nós em cada

uma de suas aulas," ele sussurrou.

Ela começou a recuar novamente, para perguntar *por que* de novo, mas desta vez as duas mãos dele envolveram a parte de trás de suas coxas, puxando-a para frente até que seu peito bateu contra o dele, suas coxas pressionando entre as dele. Ela podia até sentir o roçar dos músculos contra seu estômago através das roupas. Seu cheiro era algo que ela poderia facilmente ter engolido apenas pela sensação de conforto que lhe proporcionava, mas seu toque tinha o efeito oposto, deixando-a tão nervosa que quase se sentia enjoada.

"*Porque*," ele murmurou, respondendo ao "por que" ela não teve a chance de perguntar, "coisas ruins acontecem quando deixamos você sozinha."

"Bem-vindo ao mundo," ela sussurrou de volta, sentindo a atenção silenciosa de Elijah em seu rosto. "Coisas ruins acontecem. Você não pode detê-las."

"Dance com Elijah."

"Não," ela disse reflexivamente.

"Por que não?" Ele parecia divertido.

"P-Porque." Ela recuou novamente, e desta vez ele permitiu. Ela lançou um olhar para Elijah, mas sua expressão estava vazia e relaxada... *ainda*. Na verdade, era um pouco irritante neste momento. Ela queria vê-lo irritado.

"Porque...?" Gabriel solicitou.

"Não sei." Ela se desembaraçou e rapidamente reiniciou sua playlist, repetindo sua rotina mais algumas vezes antes de finalmente desistir. Estava piorando. Ela não estava tão fluida como antes da turnê ao assentamento e sua resistência não era a mesma.



Depois de estudar na biblioteca o resto do dia com Gabriel e Elijah, ela os acompanhou até o refeitório para jantar, ainda preocupada com a tarefa de escolher suas aulas para o próximo ano. Seu pai já havia lhe enviado um e-mail para aconselhá-la sobre quais aulas ela *deveria* fazer e para informá-la que eles decidiriam sua lista de aulas na noite de segunda-feira, depois que ele voltasse para Ironside.

Foi uma melhoria em ele decidir tudo e ela descobrir o que estava reservado sem sequer conversar, mas ela não tinha certeza se gostava do fato de que havia progresso. Ele estava tentando envolvê-la porque achava que ela estava jogando o jogo e estava *orgulhoso* da astúcia que achava ter percebido nela.

Mas ela estava apenas tentando sobreviver, como fazia todos os dias naquele apartamento de cobertura com a mãe. A única diferença era que seu pai não era mais o único monstro debaixo de sua cama.

“Essa é a nossa cabine.” Elijah apontou para a alcova onde ela normalmente via os Alfas. “Encontre-nos aqui depois de pegar a comida.”

Ela os observou ir embora com uma expressão confusa. Eles *sabiam* que as cabines não eram reservadas, certo? Eles tinham que saber. Mas ainda… agora que ela pensou sobre isso, ninguém mais se atreveu a se aproximar daquela mesa em particular.

Devia ser bom ser intocável.

Ela pegou uma bandeja e parou diante do balcão de comida. Tinha temática japonesa, com uma extensa seção de macarrão e ramen, uma colorida seção de sushi e uma seção de carnes e tempura, pela qual ela passou sem olhar. Ela pegou uma tigela de arroz, uma tigela menor de legumes e um pouco de macarrão em caldo de missô, o vapor subindo da comida fazendo seu estômago apertar.

Ela não estava com muito apetite ultimamente, então demorou alguns momentos para perceber que estava com *fome*. Ela também não teve que interromper nenhuma de suas atividades para ter um ataque de espirros ou tosse, e sua cabeça estava livre da sensação confusa e desorientada que a atormentava há semanas.

Franzindo a testa, ela pegou o telefone e navegou rapidamente para o bate-papo em grupo, sem realmente olhar para onde estava indo.

Isobel: *O que vocês fizeram comigo ontem à noite?*

“Você está ficando sem tempo.”

Ela parou, sua atenção passando pela bandeja quando alguém agarrou o outro lado dela.

Crowe estava olhando para ela, parecendo querer virar a bandeja no rosto dela. Depois de um momento, ele a soltou à força, derramando sopa de missô pela superfície.

“O quê?” Ela conseguiu dizer, avistando Eve pairando a algumas mesas de distância, fingindo conversar com suas amigas, seu olhar fixo em Isobel e Crowe.

“Você está ficando sem tempo.” Ele pronunciou cada uma das palavras como se ela tivesse dificuldade de ouvir. “Estamos quase nas férias de verão.”

Sua mente ficou em branco, seus lábios se separaram em choque. “Foi você.”

Ele não respondeu.

“As mensagens?” Ela pressionou, uma faísca desconhecida de fúria acendendo em algum lugar dentro dela. “Você gravou aquele vídeo.”

Ele ainda não respondeu, mas sua completa falta de choque ou confusão parecia dizer muito.

“Você me ouviu, vagabunda?” Ele se inclinou sobre a bandeja, cheirando a suor e medo. “Você está sem tempo, porra. Você tem uma resposta ou não?”

Não... ele não cheirava a medo. Ele *sentia* medo. Era tão forte que a alcançou mesmo que ele não fosse um Alfa e suas paredes ainda estivessem solidamente erguidas.

Ele estava *nadando* nele.

“Eu tenho,” ela disse, simplesmente.

A expressão de ódio em seus olhos ficou ainda mais intensa. “Como se chama, então?”

“Stone Dahlia.”

“E como você entra, Sigma?”

“Você entra pela antiga casa de barcos à beira do lago.”

“Então por que você não fez isso?” Ele virou a cabeça, cuspindo no chão. “Eles farão a oferta para você amanhã de manhã. É apenas uma formalidade. Você não pode realmente recusar.”

Ele se afastou e ela olhou para Eve, mas a outra garota agora fingia não ter notado a interação, rindo facilmente com a mão no braço de uma garota Ômega. Isobel estreitou os olhos, notando novamente que Eve parecia ter perdido peso, com suas roupas habituais penduradas no corpo. As olheiras sob seus olhos eram incessantes.

Não era problema de Isobel.

Ela correu até a cabine dos Alfas, escorregando para a beirada do banco sem olhar para ver quem mais estava lá, exceto Gabriel, que estava sentado à sua frente e estava meio levantado de seu assento como se estivesse prestes a ir atrás dela. Ele recuou quando ela o fez, e ela sentiu sua atenção nela. Não apenas ele. Ela sentiu cheiro de água salgada e sol, e de uísque inebriante por perto. Cian e Niko.

Ainda assim, ela não desviou a atenção de Crowe, concentrando-se na mesa dele. Ele se sentou sozinho, olhando para uma bandeja intocada, com uma expressão vazia no rosto. Bellamy sentou-se separadamente, cercado por seu habitual grupo de apoiadores leais. O cabelo de Crowe tinha ficado mais comprido e agora estava desgrenhado e emaranhado, o comprimento sujo pendurado sobre os olhos. Ele havia emagrecido, e sua pele estava encovada e pálida. Sempre que alguém passava muito perto de onde ele estava sentado, seus olhos se arregalavam em pânico antes de voltarem resolutamente para a bandeja.

Ele parecia *terrível*. Derrotado. Com medo. Traumatizado.

“Era ele?” O sussurro suave de Elijah invadiu seus pensamentos. “O Behemoth?”

Ela assentiu levemente, ciente de que não poderiam discutir nada abertamente.

“O que vocês…” ela limpou a garganta, olhando para cima para fazer um rápido inventário de quem estava sentado na cabine: Elijah, Gabriel, Cian e Niko. “Quero dizer... algum de vocês fez alguma coisa com ele?”

“Isso não fomos nós, boneca.” Cian acenou com a cabeça em direção a Crowe. “Isso é obra de outra pessoa.” Ele se aproximou, sua respiração roçando sua orelha enquanto sussurrava: “Várias pessoas.”

“Tem certeza?” Ela pressionou, mordendo o interior da bochecha para não deixar escapar acusações. Principalmente direcionadas a Theodore ou Oscar.

Cian colocou um guardanapo na bandeja para absorver o líquido derramado. “Quase certeza. Acho que você recebeu uma mensagem.”

Ela pegou o telefone com uma carranca.

Theodore: *Você esqueceu?*

Kilian: *Do que você se lembra?*

Oscar: *Coisas ruins.*

Moses: *Coisas imundas.*

Theodore: *Moses, que merda é essa.*

Ela balançou a cabeça, digitando uma resposta.

Isobel: *Eu sei que você não estava lá, Moses. Você cheira a flores pisoteadas. É difícil perder.*

Moses: *VOCÊ PODE SENTIR NOSSO CHEIRO?*

“Lobinho.” Niko riu alto, lendo seu telefone como se fosse um romance no qual ele estivesse particularmente interessado enquanto colocava comida na boca com a outra mão.

Kilian: *Do que você se lembra, baby?*

Cian gemeu ao lado dela, murmurando: “Esse maldito cara.”

Isobel: *Lembro de tomar banho?*

“Adequadamente vago,” Elijah murmurou.

Eles estavam todos ao telefone, preferindo ter essa conversa longe dos ouvidos curiosos de Ironside.

“Sim, podemos precisar de detalhes, Carter.” Niko parecia estar se divertindo.

Ela fez uma careta, digitando rapidamente outra mensagem.

Isobel: *Lembro de tomar banho com Kilian e Theo.*

Kilian: *Você adormeceu.*

Isobel: *No chuveiro?*

Theodore: *Em mim.*

Isobel: *… No chuveiro?*

Cian bufou.

Theodore: *Há alguns passos para sair do chuveiro.*

“Não se desculpe.” A sombra de Theodore caiu sobre ela, seus olhos olhando para a tela do telefone dela, onde ela havia começado a fazer exatamente isso.

Ela rapidamente se afastou no banco, esbarrando acidentalmente em Cian. Ele deslizou até o fundo da mesa, puxando-a com ele, e então arrastou as bandejas. O resto dos Alfas entrou, alguns deles trazendo comida extra para Niko, que devia estar mandando mensagens para eles com ordens.

Kilian deslizou um prato de sushi pela mesa para Niko e depois sentou-se, anunciando: “Pedimos aos diretores que colocassem um sofá grande o suficiente no meu quarto para eu dormir.” Ele deixou sua voz fluir naturalmente, provavelmente querendo que as câmeras captassem essa conversa em particular. “Eles devem ter terminado quando terminarmos o jantar.”

“Você não teve nenhum problema?” Elijah perguntou.

Kilian balançou a cabeça, engolindo meio copo de água antes de puxar a bandeja para mais perto. “Alguns de nós estão agindo como substitutos de Isobel. Isso significa mantê-la segura. Eles devem ter esperado que fizéssemos alguma coisa quando trouxeram Ev...”

“Não diga o nome dela,” Oscar rosnou. Ele estava sentado em silêncio com Moses do outro lado da cabine, agindo desinteressado na conversa animada entre Theodore, Cian e Niko, mas agora sua cabeça estava levantada da comida, seus olhos escuros furiosos.

“Quando eles trouxeram a Ômega de volta,” Kilian corrigiu suavemente, em vez de agir como se Oscar estivesse sendo ridículo. “De qualquer forma, você pode dormir na minha cama e eu dormirei no sofá.” Kilian olhou para ela, sua expressão moldada em um arranjo educado e amigável de suas feições angelicais. “Você já tem pontos de popularidade suficientes para uma vaga no Dormitório A, certo?”

Isobel assentiu. “Meu pai disse que a campanha Buscando Companheiro cuidou disso.” Na verdade, seu pai havia dito que o *ataque em Vermont* resolvera o problema, mas se ela repetisse exatamente essas palavras, poderia vomitar antes de chegar ao final da frase.

“Bom.” Kilian ergueu um ombro e encolheu os ombros, seus músculos se movendo sob a camisa. Uma camisa que parecia muito boa, na verdade. Ela poderia ter que caçá-la no armário dele mais tarde. “Então estamos de acordo, certo? Você vai ficar comigo até que eles lhe deem seu próprio quarto? Você mais do que mereceu.”

Seu telefone vibrou antes que ela pudesse responder e ela verificou suas mensagens.

Desconhecido: *Ei.*

Desconhecido: *É Sophia.*

Ela piscou surpresa para a tela. Cian e Theodore se aproximaram, olhando para seu colo, sem lhe dar privacidade.

“A garota do hospital?” Theodore murmurou baixinho, parecendo confuso.

Desconhecido: *Peguei seu número nos registros da mamãe.*

Ela salvou o número e estava prestes a responder quando Cian pegou sua mão, impedindo-a.

“Vamos ver o que ela tem a dizer,” ele murmurou contra o topo de sua cabeça.

“Quem?” Gabriel perguntou do outro lado da mesa.

“Te conto mais tarde,” disse Theodore, observando enquanto os pontos de digitação apareciam em sua tela novamente.

Sophia*: Preciso da sua ajuda.*

Sophia: *É urgente.*

Sophia: *Eu me sinto uma idiota, mas... ninguém mais vai me ouvir. Eu preciso de você.*

Sophia: *Divulgação completa, quando digo você, quero dizer seus Alfas.*

O aperto de Isobel aumentou, um arrepio percorreu sua espinha.

Ao lado dela, Cian soltou um assobio baixo. “Isso foi muito corajoso.”

Sophia: *Por favor.*

“Termine sua comida.” Theodore fechou a mão em volta do telefone dela, forçando-o para baixo em seu colo.

Ela havia perdido completamente o apetite, seu estômago se contraía de forma nauseante enquanto ela olhava para a bandeja. Ela forçou a mandíbula a se abrir, os dedos a apertarem os pauzinhos, mas ela estava tremendo demais, sua respiração soando muito alta em seus ouvidos. Ela nem sabia por que estava exagerando tanto.

“Estou indo.” Ela largou os hashis, esperando que Theodore abrisse espaço para ela.

Ele não o fez, mas suspirou, olhando para sua bandeja. “Claro que você vai. E eu irei com você, mas você precisa comer alguma coisa primeiro. Se você perder mais peso, vou arrastá-la para o meu colo durante as refeições e alimentá-la pessoalmente. Isso é realmente algo que você quer?”

Objetivamente, não era... sua *mente* sabia que ela não gostaria que toda a academia visse isso, muito menos todos ao redor do mundo. Mas o corpo dela achou que parecia uma ideia maravilhosa. As coxas firmes de Theodore sob as

dela, seu braço musculoso envolvendo-a, apertando-a com força, enquanto ele brincava com os lábios dela com salgadinhos e guloseimas açucaradas.

Seu estômago desceu, aquela dor oca se tornando aguda com dor suficiente para fazê-la estremecer. Theodore virou-se para ela lentamente, com as narinas dilatadas.

“Oh.” Os olhos dele mergulharam no rosto dela. “Você gostaria.”

“Não seja ridículo,” ela rosnou.

“É natural.” Elijah a examinou do outro lado da mesa, acariciando a borda da tigela de arroz com os pauzinhos. “As infrações da alma lembram ao corpo e à mente que deveriam ter perecido no Estágio da Morte. Você está procurando seu companheiro para lembrá-la de que há motivos para permanecer neste mundo. Prazeres, confortos. Como comida. Infelizmente, seu companheiro não está aqui, então está olhando para nós. Imploro que faça uso de seus substitutos. Kilian, Cian e Oscar estão todos bem cientes do motivo pelo qual se voluntariaram.”

Ele pareceu deixar Theodore e Gabriel de fora de propósito. Provavelmente por causa de suas “namoradas”.

Ela fez um som de frustração para ele, querendo chutá-lo por vocalizar tudo isso diante das câmeras, mas então ela percebeu que provavelmente era algum tipo de manobra para esclarecer os rumores que circulavam online de que todos os Alfas estavam sendo substitutos para ela.

“Cian,” ela bufou, recusando-se a olhar para o Alfa alto ao lado dela, sua pele quente enquanto seu braço roçava o dela. “Você está ocupado mais tarde?”

“Quanto tempo mais tarde?” Ele respondeu, sua voz carregando aquela qualidade rouca que ele normalmente reservava para flertar com todos na frente das câmeras.

Ele não parecia dar a mínima para sua reputação.

“Cinco minutos.” Ela enfiou um pouco da comida na boca, comendo o mais rápido que pôde.

“Para quê?” Cian estava encostado na mesa agora, curvando-se para olhar para ela, seus olhos enrugando de diversão enquanto suas bochechas ficavam inchadas com a quantidade de comida que ela tentava empurrar pelos lábios.

Ela engoliu em seco. “Eu quero ir até a capela.”

Ele assentiu sabiamente. “Você definitivamente deveria expiar antes de me

usar para aliviar seu vínculo.”

“Eu não vou fazer nada com você.” Ela revirou os olhos, enchendo rapidamente a boca novamente na esperança de que ele deixasse cair a questão.

Ele não fez isso. “Devo usar você, então?”

Houve um baque forte debaixo da mesa, e Cian soltou uma risada baixa e profunda. “Bem, bem. Vamos confessar, Carter.”

“Obrigada.” Ela conseguiu contornar a borda da tigela de sopa, levantando-a para esconder o rubor que se espalhava por suas bochechas.

Ela tentou pousar os hashis várias vezes, mas a cada vez Theodore apenas balançou a cabeça, apontando para a comida inacabada em sua bandeja. Depois da terceira vez, ele abaixou a cabeça ao lado da dela, sussurrando em seu ouvido.

“Eu deixo você ir se você concordar em assistir a um filme comigo antes de dormir esta noite.”

Ela olhou para ele, respirando fundo ao ver o quão próximo seu rosto estava antes de se virar rapidamente novamente.

“Por quê?” Ela murmurou.

“Sobremesa,” ele respondeu.

“Pelo amor de Deus.” Oscar se levantou de repente, empurrando a bandeja. “Deixe-me sair.”

Ele fez uma pausa quando saiu da cabine, olhando para ela e Theodore. “Noite de cinema em grupo,” ele disse rigidamente. “Na sala comum.”

“A oferta ainda está de pé,” Theodore sussurrou.

Ela baixou a cabeça em um leve aceno de cabeça e ele se levantou, puxando-a para fora da cabine. “Pronto?” Ele perguntou a Cian.

O outro Alfa assentiu, seguindo-os para fora do salão e ao redor do lago. Isobel estava prestes a sair e ir para a residência do outro lado da capela quando Cian a pegou pelo braço, encorajando-a a entrar na capela.

“Há outra saída por aqui,” disse ele, liderando o caminho para uma porta quase toda escondida ao longo da parede dos fundos, atrás do altar. Ele experimentou a maçaneta, mostrando que estava destrancada, e abriu-a para revelar a parede externa da residência da Guardiã.

“Como você sabia que isso estava lá?” Ela perguntou.

“Venho à capela às vezes.” Por alguma razão, os olhos dele mergulharam

em seu peito. *Para a corrente escondida debaixo da camisa dela…?*

“Você segue a religião dos Superdotados?” Ela adivinhou.

Ele apenas encolheu os ombros, apontando para a porta aberta. Ela passou saltitante, Theodore a seguiu sem dizer uma palavra, e os três contornaram o muro, encontrando-se no portão aberto.

Ela se aproximou da porta da frente, batendo suavemente, mas ela também estava entreaberta e rangeu, abrindo-se ainda mais quando os nós dos dedos a atingiram.

Um soluço suave e estrangulado chegou até onde eles estavam, e ela quase disparou para frente, mas Cian agarrou seu ombro, impedindo-a de avançar. Theodore empurrou a porta completamente, entrando na pequena cozinha.

“O que aconteceu?” Ele parecia alarmado. “Tem mais alguém aqui? Ele está bem?”

“Somos só nós.” Sophia parecia tensa.

Isobel se livrou do aperto de Cian e entrou na sala, encontrando Sophia e Luis no chão, encostados nos armários da cozinha. Luis estava enrolado como uma bola, os braços em volta das pernas, os soluços pequenos e aterrorizados.

“Carter.” Sophia olhou para ela, tensão e alívio lutando em sua expressão. “Você veio.”

“O que aconteceu?” Isobel tentou dar um passo à frente, mas Cian a segurou novamente, desta vez com as mãos em seus quadris.

Ela olhou por cima do ombro, captando seu olhar de desculpas antes que ele a puxasse de volta, pressionando-a com força contra seu corpo.

Com um breve suspiro, ela percebeu que nenhum dos Alfas iria deixá-la se aproximar de estranhos tão cedo.

“Ele tem sonhos,” Sophia explicou, enquanto Theodore se ajoelhava do outro lado de Luis.

“Você está bem, amiguinho?” Ele colocou a mão no ombro de Luis, diminuindo completamente o menino.

“Que tipo de sonhos?” Cian e Isobel perguntaram ao mesmo tempo, a mesma nota de cautela em ambas as vozes.

Luis levantou a cabeça, olhando para Theodore e depois para Cian, com os olhos arregalados. Quando olhou para Isobel, ele fez uma pausa, os óculos

escorregando da ponta do nariz, pendurados precariamente perto da orelha esquerda, o rosto encharcado de lágrimas.

“Nós va-vamos m-morrer,” ele choramingou.

Cian amaldiçoou, liberando Isobel. Os dois caíram de joelhos diante de Luis, que ficou olhando para Isobel como se pensasse que ela poderia de alguma forma salvá-lo.

“O-Os deuses gostam de v-você,” ele gaguejou, apontando para onde a corrente dela estava escondida. “V-você pode pedir ajuda a eles.”

Sophia pressionou as mãos sobre os ouvidos de Luis, sua atenção passando entre Isobel e os Alfas. “Ele disse que ouviu sirenes, gritos, alarmes disparando. E ele disse que viu a mim e a mamãe mortas na capela.”

Ela soltou Luis, levantando para encher um copo com água antes de retornar e colocá-lo em suas mãos.

“Oi.” Cian estendeu a mão depois que Luis empurrou o copo longe. “Eu sou Ashford.”

“Eu sei.” Luis rapidamente tentou endireitar os óculos, sua mão tremendo violentamente enquanto desaparecia nas mãos de Cian. “Eu sou L-Luis.”

“Com que frequência você tem sonhos que se tornam realidade, Luis?” Cian estendeu a mão e ajeitou os óculos.

Luis fez um som agudo, como se de repente não conseguisse falar.

“Talvez uma ou duas vezes por ano,” respondeu Sophia por ele. “Eles nunca são bons… mas sempre se tornam realidade.”

“Esse é o primeiro erro dele.” Cian pintou um sorriso tranquilizador. “A habilidade de adivinhação nunca é certa. Usuários inexperientes realizarão suas próprias previsões simplesmente acreditando que sim.”

O olhar aguado e cor de mogno de Luis aumentava a cada segundo.

“A que distância estão os sonhos dos incidentes que ocorrem?” Cian perguntou a Sophia.

“Às vezes um mês, às vezes no dia seguinte.” Ela deslizou as mãos sob os braços de Luis. “Vamos, gafanhoto. Vamos deitar, ok?”

Todos ficaram de pé, observando enquanto seus olhos ficavam desfocados, sua postura vacilante enquanto Sophia o colocava de pé.

“Ele está prestes a bater forte,” explicou Sophia. “Se você tiver alguma

outra pergunta para ele, terá alguns minutos até que ele desmaie.”

“Eu vou levá-lo.” Cian se abaixou, passando um braço em volta das pernas de Luis e puxando-o até seu peito largo. A cabeça do garotinho imediatamente caiu sobre o ombro de Cian, seus olhos se fecharam.

“Quarto?” Cian perguntou.

Sophia deu-lhe instruções antes de apontar para a mesa da cozinha. “Por favor, sente-se. Vou fazer chá.”

Seu sotaque se aprofundou e seus olhos se encheram de lágrimas agora que Luis estava fora de vista. Isobel segurou-a pelo ombro e conduziu-a até uma das cadeiras.

“Sente-se,” ela instruiu a outra garota gentilmente. “Vou fazer o chá.”

Isobel olhou para Theodore enquanto enchia a chaleira, esperando que ele entendesse que ela queria que ele distraísse Sophia para que ela pudesse desviar um pouco da preocupação. Sua expressão escureceu, e ele olhou uma vez para a garota Delta, que estava muito ocupada olhando para a mesa e tentando não chorar para notar o pequeno movimento de sua cabeça. Isobel esticou o lábio inferior, implorando silenciosamente.

Seu olhar se estreitou, seus braços cruzaram firmemente sobre o peito antes de soltar um suspiro curto e agudo, voltando-se para Sophia. “Se isso for *algum* tipo de truque ou...”

“Não é,” murmurou Isobel, interrompendo a ameaça antes que ele pudesse expressá-la. Ela havia aberto as paredes e estava sorvendo lenta e sutilmente a emoção de Sophia. Era um coquetel arrepiante de terror e descrença, tornado gelado pelo choque.

“Não estou aqui para jogar esse jogo estúpido,” retrucou Sophia, imediatamente furiosa com Theodore. “Estou aqui para *ajudar* as pessoas. Eu não dou a mínima para truques e artimanhas, a menos que possam causar danos à *minha família*.”

“Onde está sua mãe?” Theodore perguntou, sem perder o ritmo, seu tom sem remorso.

Isobel reprimiu uma onda de náusea, isolando-se das emoções de Sophia enquanto tirava quatro canecas do armário, podendo ver onde elas estavam através das portas de vidro manchadas do armário.

“Ela estará no hospital pela próxima hora,” respondeu Sophia. “Ela vai ficar

brava se descobrir que eu contei isso a qualquer um de vocês. Ela não confia em nenhum desses narcisistas de Ironside. Sem ofensa."

Isobel serviu a água quente e levou as xícaras até a mesa antes de se sentar.

"Você está aqui." Theodore disse. "Você também é uma pessoa de Ironside."

"Estou aqui para *servir* o pessoal de Ironside, então na verdade não." Sophia encolheu os ombros, enrolando as mãos em volta da caneca como se precisasse do calor para aquecê-la. "Olha, sinto muito... não sei por que pensei que vocês poderiam ajudar." Ela balançou a cabeça. "Luis estava tendo um grande ataque de pânico e eu simplesmente… por um segundo pensei que isso iria acontecer tipo *agora*. Eu não estava pensando direito."

"Você estava tentando chegar até mim?" Cian perguntou, entrando na sala novamente. Ele pegou a cadeira de Isobel, encostando-a na de Theodore antes de arrastar outra cadeira para o outro lado e sentar-se nela, prendendo-a.

Isobel se mexeu nervosamente, desconfortavelmente ciente da tensão que revestia ambos os Alfas, da dureza em seus olhos cautelosos e da maneira como eles estavam tratando Sophia como uma espécie de agente dupla tentando atrair Isobel para um covil secreto cheio de espiões de Ironside, apenas salivando pela oportunidade de rasgar sua pele.

Ela se inclinou um pouco para frente, atraindo o foco de Sophia. "Ignore-os," ela sugeriu. "Cian estava lá em Vermont e Theodore teve que passar todo esse tempo no hospital comigo. Eles estão apenas sendo cuidadosos. Mas… estou um pouco confusa. Isso não é algo que você deveria levar aos oficiais? Para sua mãe? Se suas vidas estão em perigo, vocês precisam contar a alguém."

"Oh, eu vou." Ela riu secamente, todo humor apagado do som. "Observá-los dobrar a segurança para si e para seus preciosos Alfas. Sem ofensa." Ela lançou um rápido olhar para ambos os lados de Isobel. "De novo." Desta vez ela parecia um pouco culpada pelas palavras duras.

Theodore e Cian ficaram quietos, a mão de Theodore caindo no topo da coluna de Isobel, seus dedos roçando a base de seu pescoço.

"Você disse em sua mensagem que precisava dos Alfas," ela estimulou Sophia.

Sophia assentiu, olhando para sua caneca. "Ashford, especificamente." Ela olhou para Cian, sua expressão cautelosa. "Você viu alguma coisa?"

Ele respondeu: "Preciso já estar ciente de algo antes de poder usar a

adivinhação para descobrir mais sobre isso.”

“Então?” Sophia engoliu em seco, seu rosto estremecendo. “Você poderia? Descobrir mais?”

“Sobre alguém correndo pela academia assassinando pessoas?” Cian perguntou secamente. “Sim, acho que poderia poupar tempo. Obrigado por trazer isso à minha atenção.”

“O primeiro passo é levar isso aos oficiais,” disse Theodore com firmeza, seu aperto subindo para que as pontas dos dedos pudessem alcançar mais da pele de Isobel, acima da gola da camisa. “Torne isso oficial, faça um grande alarde sobre e faça isso esta noite. Em seguida, siga novamente pela manhã. Pergunte-lhes abertamente o que estão fazendo a respeito. Você está certa, eles vão reforçar a segurança para si mesmos, mas nos destacar do resto do corpo discente é muito mais difícil e impraticável do que simplesmente aumentar a segurança nos pontos de entrada e saída da academia. Isso deve resolver a situação se o invasor for de fora.”

“E se ele já estiver aqui?” Isobel perguntou, mascarando um arrepio.

Ela já tinha visto o suficiente de morte e quase morte.

“É isso que preciso descobrir,” anunciou Cian, levantando-se. “Devíamos ir. Manteremos contato. Você precisa convencer Luis de que *acreditar* que as coisas vão acontecer faz metade do trabalho.”

Sophia arqueou uma sobrancelha escura para Cian, parte de seu medo dando lugar à curiosidade. “Você segue a religião, não é?”

“O que isso tem a ver com você?” Ele respondeu, olhando para Isobel como se estivesse pensando em jogá-la por cima do ombro para que ele pudesse ir embora.

Ela se levantou, movendo-se com ele até a porta.

“Só estou me perguntando o que você acha do vínculo de longa distância de Carter,” disse Sophia, usando a manga para limpar a umidade que ainda marcava suas bochechas. “Se você segue a religião, sabe que isso nunca aconteceu antes.”

“Olhe para ela.” Cian de repente girou Isobel, com as mãos apertadas em seus ombros, a tensão vazando em seu aperto. “Sexo adorável em um palito aqui mesmo, e é ainda mais doce porque ela nunca se sujaria com alguém como eu, mesmo que eu seja um Alfa. Tenho uma certa reputação por aqui, não tenho? A única coisa que *penso* é que sou um bastardo que será amaldiçoado por cada um dos deuses por cada dia que eu tirar vantagem dessa situação.”

As sobrancelhas de Sophia se ergueram. “Tudo bem.”

Isobel ficou ali parada, com o rosto esquentando.

“Acho que isso é suficiente por um dia.” Theodore abriu a porta, conduzindo-os para fora.

“Carter!” Sophia gritou quando eles estavam a meio caminho do portão. “Obrigada.”

Isobel assentiu para ela, esperando até que voltassem à capela antes de voltar sua atenção para Cian. “Isso foi um pouco demais.”

Ele sorriu, esfregando as mãos tatuadas contra a boca, mostrando-lhe um piercing na língua que a fez parar.

Quando você conseguiu isso? Estava na ponta da língua, mas ela reprimiu a pergunta porque não era da sua conta.

“Qual parte?” Ele perguntou, cheio de falsa inocência.

“Pare com isso.” Theodore deu um soco em seu ombro. “Vamos. Temos coisas para resolver.”

10

Problemático



Isobel encostou-se na parede de azulejos do chuveiro de Theodore, completamente exausta. Os Alfas convocaram uma reunião de grupo para revisar cada detalhe do “Funcionário de Ironside” com habilidade de adivinhação, que havia previsto “um ataque terrorista” em Ironside. Os detalhes foram distorcidos tanto quanto possível para garantir que a história não pudesse ser ignorada.

Cian e Theodore fizeram parecer que estavam na capela com ela, os três “rezando para que os oficiais encontrassem seu companheiro com boa saúde”, quando dois funcionários da Ironside apareceram e a situação piorou a partir daí.

O nível de desempenho necessário para toda a conversa a esgotou.

Ela lavou o cabelo e esfregou a pele, desejando pela primeira vez em anos que seu pai não tivesse organizado a remoção dos pelos do seu corpo com laser. Ele estava ficando irritado com o quanto a rotina do banho matinal dela estava afetando sua agenda rígida, mas agora ela desejava ter outra coisa para fazer, algo para ocupar mais de seu tempo antes que ela tivesse que se arrastar novamente para lidar com *outro* ataque que podia ou não acontecer.

Não que ela não estivesse levando aquilo a sério, mas havia uma espécie de bloqueio em sua mente, seus pensamentos retrocedendo sempre que ela tentava reconhecer a possibilidade do que Luis tinha visto.

Havia um lugar horrível e escuro dentro dela que sussurrava: *Você não sobreviverá pela terceira vez.*



Gabriel fechou a porta de seu quarto com um *estalo* silencioso, tirando a camisa e jogando-a no cesto de roupa suja enquanto entrava no banheiro. Todos estavam tomando banho antes de se reunirem novamente para a “noite de cinema”. Ele tinha certeza de que todos queriam apenas dormir, mas era difícil seguir caminhos separados. Isobel passou o dia todo dando pequenas dicas sobre sua própria dor e nem percebeu que estava fazendo isso. Ela deveria estar completamente estabelecida depois da noite passada, mas algo estava errado e ele não conseguia descobrir o que era.

Ele a observou a maior parte do dia. Sempre que ela tocava a barriga, aquela curva confusa pesando em sua testa, era quando ele sentia. A pequena pontada de dor. Elijah também sentiu isso e sabia, pela mudança nos cheiros de todos durante o jantar, que eles também sentiram algo.

Fosse o que fosse, ele sabia que todos queriam ficar de olho nela.

Talvez fosse aquela corrente infernal presa em sua pele, ou talvez fosse uma nova camada de inferno na forma de um novo efeito colateral que eles ainda não haviam encontrado. Fosse o que fosse, ela era uma deles agora, e eles lidariam com isso juntos.

Bem... isso e ninguém queria deixá-la sozinha com Theodore.

Ele abriu a água e tirou o resto da roupa, colocando o telefone ao lado da pia. Depois de dobrar uma muda de roupas limpas no banco do banheiro, ele entrou sob o jato de água. Ele tinha acabado de abaixar a cabeça sob a água morna quando o mundo ao seu redor saiu do eixo. Ele tropeçou na parede, estendendo a mão para se firmar enquanto sua visão ficava turva.

De repente, ele não estava olhando para *seu* chuveiro.

Ele estava olhando para um piso de chuveiro semelhante, os pequenos azulejos azuis brilhando com o jato do chuveiro enquanto pés pequenos e pálidos andavam de um lado para outro.

Ele podia sentir tudo.

Sua frustração, seu medo e o enorme bloco de trauma que pairava sobre sua cabeça, ameaçando esmagá-la se sua mente tomasse o caminho errado. Ela caminhou de um lado a outro do chuveiro, murmurando baixo para si mesma.

“Você pode lidar com isso. Você consegue fazer isso. Você já lidou com coisas piores. *Nada aconteceu ainda*. Controle-se.”

Ela se sentia sozinha.

Ela não percebeu que ninguém jamais iria machucá-la novamente?

Eles não podiam controlar todas as variáveis do mundo conhecido, mas a garota tinha *dez* companheiros semi-vinculados. Foi o mais perto que ela conseguiu chegar da proteção completa e absoluta.

Exceto que eles já haviam falhado uma vez, não é?

Ela afundou na saliência de azulejos, a cabeça inclinada para trás para olhar a água que escorria do gigantesco chuveiro estilo chuva.

“Pense literalmente em qualquer outra coisa,” ela se instruiu estritamente.

Gabriel continha um sorriso malicioso, apoiando-se pesadamente na parede, já que a sensação de estar dentro de dois corpos era tão desorientadora. Ele não a considerava uma pessoa que falava sozinha, mas talvez fosse o estresse que a afetava.

De repente, ela olhou para baixo e ele congelou, vendo os mamilos exatamente do mesmo tom de seus lábios macios e as pernas longas e pálidas se esticando para pegar o jato de água.

Merda. Ele conseguiu se afastar da parede, tateando para sair do chuveiro e encolhendo-se com a água que escorria por todo o chão enquanto procurava seu telefone.

Ele voltou para o banco, provavelmente encharcando o telefone enquanto tentava focar na tela. O suspiro cansado de Isobel percorreu seu corpo e ele lutou contra uma dor de cabeça latejante enquanto se concentrava apenas o tempo suficiente para navegar até uma tela de mensagem segura.

Ele voltou direto para a cabeça dela assim que parou de lutar, observando enquanto ela descansava as mãos nas coxas, esfregando para cima e para baixo na tentativa de se acalmar. Foram necessárias várias respirações profundas para combater a sensação de mal-estar que ameaçava fazê-lo desmaiar devido à sua breve rebelião contra o efeito colateral.

O vínculo *não* estava para brincadeira, aparentemente. Ele teria que anotar isso mais tarde.

Gabriel levou o telefone à boca, sabendo intuitivamente onde estava o botão de conversão de voz em texto.

“Estou na sua cabeça.”

Ela olhou para cima quando ouviu o telefone, inclinando-se para fora do chuveiro para pegá-lo do balcão.

Membro oculto: visualização indisponível.

Ela tocou na mensagem.

Desconhecido: *estou na sua cabeça.*

Ela praguejou baixinho, clicando no contato “desconhecido”. Isso deu a ela o erro padrão quando as mensagens seguras foram ativadas.

Este recurso está atualmente oculto.

Seus dedos voaram pela tela.

Isobel: *Quem é?*

“Você tem dez palpites.” Ele falou a mensagem, ouvindo sua leve risada quando ela apareceu na tela.

Ela começou a digitar novamente, antes de parar, fixando o olhar na parede. “Por que estou digitando?” Ela balançou a cabeça, outro suspiro cansado escapando. “Você pode me mandar uma mensagem quando estiver fora da minha cabeça, por favor?”

“Sim.” Ele manteve o dedo no botão, parando. “Você está bem?”

“Eu só quero pensar em algo *diferente* da morte ou do desastre por um segundo,” ela bufou. “É um professor?”

“Não.”

“Você está dizendo a verdade?”

“Sim.”

Ela esperou antes de sussurrar: “Então por quê? Isso é...”

“Isobel.” Ele enviou a mensagem, interrompendo-a enquanto ela olhava para a tela.

Ele engoliu em seco. Ela não percebeu que havia deixado cair a mão que segurava o telefone, e ele deu outra olhada quando ela olhou para a tela.

Ele não conseguia fechar os olhos, não conseguia bloqueá-la.

“Ligar para Isobel,” ele resmungou, levando o telefone ao ouvido.

“Gabe... Gabriel?” Ela viu o nome dele piscar na tela antes de responder.

“Sim.”

“Você está bem?” Ela perguntou, fixando os olhos na parede depois de clicar no botão do viva-voz e colocar o telefone em uma pequena prateleira atrás

de sua cabeça, provavelmente para que ela não ficasse olhando acidentalmente para seu colo. “Sinto muito...”

Por que a boceta dela era completamente raspada? Devia ser coisa de garota rica, porque ele duvidava muito que fosse para se manter arrumada para ter um parceiro sexual. Ele nunca *conheceu* uma virgem mais óbvia.

“Por algo que você não pode controlar? Estou bem. Você está bem?”

“Claro.” Ela baixou a voz como se isso pudesse impedi-lo de detectar sua mentira.

Ele estava começando a sentir a pressão de precisar que tudo desse certo, mas conteve sua própria agitação, trabalhando duro para suavizar seu tom.

“Algo está acontecendo com você o dia todo. Você quer me dizer o que é?”

“Apenas essa sensação estranha.” Ela estava segurando a barriga novamente. Ele não podia ver, mas podia sentir. Pele macia envolvendo músculos sutis, suave como seda sob seu toque, água pingando das pontas dos dedos. Ela tinha um corpo lindo. Era como se tivesse sido criado especificamente para dançar. Não parecia importar o que ela vestia ou o que estava fazendo, as roupas se ajustavam ao seu corpo como se fossem feitas especialmente para ela, mesmo quando eram cinco tamanhos maiores.

“Descreva-a?” Ele solicitou.

“Apenas... dor oca. Afiada. Não sei. Há apenas um vazio dentro do meu estômago.”

“Como fome?”

“Eu acho, mas diferente.”

“Anseio?”

Ela fez uma pausa, mas suas carícias suaves nos músculos suaves de seu estômago continuaram. Ela não deve ter percebido que ele podia sentir o que ela estava fazendo.

“Talvez,” ela sussurrou. “Algo parecido.”

“Feche os olhos,” Gabriel ordenou, esquecendo-se de suavizar a voz.

Ela estremeceu em estado de choque, mas a visão dele de repente se encheu de escuridão e ele soltou um suspiro de alívio.

“Bom.” Ele manteve sua voz não mais do que um suspiro suave. “Quero que você pressione a mão sobre a dor e pense no que você quer, no que você

precisa.”

Ela o obedeceu novamente, como sempre fazia. Isso o fez coçar com a necessidade de lhe dar outra ordem, mas também o deixou inexplicavelmente furioso.

Foi assim que a cadela Ômega conseguiu prender os ganchos com tanta facilidade?

Isobel agradava as pessoas. Ela era muito fácil de tirar vantagem.

Ele se concentrou no corpo dela, na dor vazia que ela compartilhava com ele. Era terrível. Afiada e cavernosa. Não tanto saudade, mas desespero agudo.

“Não sei.” Suas palavras eram trêmulas. “Eu acho...” ela puxou a mão, dando um suspiro entrecortado. A dor diminuiu um pouco. “Me tocar torna tudo pior.”

Ah, foda-se.

De todos os efeitos colaterais, ela teve que pegar *esse*.

“Acho que sei o que é.” Ele praguejou baixinho, mudando de posição no banco. “Mas não há nada que possamos fazer para consertar isso.”

“Do que você está falando?” Ela estava tocando sua barriga novamente como se não pudesse se conter.

“É um dos efeitos colaterais mais brutais. Uma espécie de frenesi que só diminui quando você faz sexo com seu companheiro.”

Ela riu, repentina e vazia. “Quantos deles?”

“Eu não estava aconselhando.” Um grunhido tentou acompanhar o tom de Gabriel, mas ele o reprimiu com força. Ele se importava mais do que pensava... não que a Sigma pudesse foder um dos outros Alfas, mas porque ela não estava pronta, e ele sabia disso.

E talvez ele também se importasse se ela transasse com um dos outros Alfas.

Isso seria muito inconveniente, se fosse verdade. Porque era inevitável, pelo menos com Theodore.

Os dois eram como ímãs, orbitando em torno da borda de uma força que os unia no segundo em que chegavam perto o suficiente. Era como se eles pertencessem um ao outro.

E talvez Gabriel se importasse um pouco com isso.

Talvez ele se importasse muito com isso.

Talvez isso o deixasse extremamente desconfortável.

“Eu sei,” disse ela. “Quanto tempo isso dura? É suportável no momento.”

Ele sentiu uma pontada silenciosa de algo em seu próprio corpo, mas estava muito sintonizado com ela para reconhecer o que era, não que ele fosse muito bom em reconhecer sentimentos em primeira instância, de qualquer maneira.

“Posso realmente sentir o que você pode sentir agora,” ele decidiu dizer a ela.

“E?” Ela parecia combativa. Teimosa. “Realmente não é tão ruim.”

“Poderia piorar.” Ele grunhiu quando os dedos dela subiram, sobre a corrente embutida em sua pele. “Mas se bem me lembro, não vai durar mais do que um dia.”

Ela olhou para baixo e todo o fôlego deixou seu corpo. Ele a tinha visto nua no início do ano, quando ela saiu do lago e foi para o cais. Ele se lembrou de ter pensado naquela época que ela parecia uma pintura, e a observação errônea apareceu novamente.

O tom de alabastro de sua pele parecia brilhar, uma névoa de água espalhada por seu peito, cada pequena gota se deslocando e pingando com cada suave aumento de sua respiração. Seu cabelo se enrolava em sua pele em espirais molhadas, parecendo que um artista os havia pintado ali com pinceladas de adoração.

“Merda,” ela sibilou, desviando sua atenção da corrente e de volta para a parede. “Você ainda está... hum, comigo?”

“Sim.” Seu tom era rouco e ele odiava isso.

“Desculpe,” ela murmurou. “Vou tentar me vestir sem olhar.” Ela se levantou, pegando as torneiras.

“Sente-se,” Gabriel disse, seu tom suave, mas cheio de aço. Ela o fez, e ele respirou fundo. “Agora olhe para baixo. Mostre-me a corrente.”

Ela baixou o queixo, uma mão cobrindo delicadamente a junção entre as pernas firmemente cruzadas, o outro braço cruzado sobre o peito.

Uma risada tentou borbulhar em seu peito. “Já vi tudo, Illy.”

“Illy?” Ela repetiu, com uma nota de confusão em seu tom.

“Só desta vez, enquanto estamos sozinhos.”

“Eu não entendo você,” ela murmurou, antes de deixar cair o braço. Ela manteve a outra mão no colo.

“Parece alguma coisa?” Ele perguntou.

Ela passou os dedos pelos delicados elos, parando nas duas pedras preciosas que haviam aparecido. “Só quando muda.”

“Eu já a teria arrancado,” ele admitiu calmamente. “Nunca entendi pessoas como Cian, pessoas que conseguem injetar tinta e metal na pele. É nojento.”

Ela zombou baixinho, parecendo gostar da sensação dos elos patinando contra as pontas dos dedos. “Eu acho que é... lindo, na verdade.”

Bem, era *nela*. Tudo era lindo na pintura em si.

“Você é assexuado?” Ela perguntou, conversando.

Era mais fácil falar assim. Ela aparentemente concordava.

“Não,” ele disse. “Ou às vezes, talvez. Tenho certeza de que existe uma classificação para isso, mas nunca gostei de me classificar. É preciso alguém especial para eu ultrapassar um certo ponto.”

“Não acho que seja assexuada,” disse ela. “Acho que sou muito, muito, não assexuada.”

Seu estômago apertou. “Maneira estranha de anunciar que você está com tesão.”

Ela afastou os dedos da corrente, a mão caindo na coxa. Ela não se incomodou em desviar o olhar enquanto esticava as pernas para pegar água novamente.

“Eu gostaria de não ser virgem,” ela resmungou. “Eu gostaria que não fosse grande coisa. Gostaria de poder arranjar um namorado normal que não fosse um companheiro e simplesmente me *livrar* de todos esses sentimentos...” ela parou, e ele percebeu que havia um estrondo baixo emanando de seu peito. Era áspero e furioso, e ele podia sentir a faísca de medo que a percorreu.

Cacete. Gabriel lutou contra o lampejo de possessividade furiosa, não querendo perder o momento. “Sinto muito,” ele rosnou. “Eu gosto... de falar com você assim. Estar dentro de você me faz sentir como se estivesse completamente no controle. Eu posso ver tudo e você... não pode. Eu sinto que poderia te contar qualquer coisa. Acho que nunca me senti assim antes.”

“E quanto a Elijah?” Ela perguntou, mantendo a voz livre do alarme que ele podia sentir passando por ela de qualquer maneira.

Ela pensava que ele estava fodido.

Ela estaria correta.

“Além de Elijah,” disse ele.

“Você disse que tem dois melhores amigos. Você disse que ambos se sacrificaram por você. Quem é o outro?”

“Niko.”

Ela ficou em silêncio por muito tempo e, quando falou novamente, sua visão estava turva, como se houvesse lágrimas em seus olhos. “Gabe?” Ela sussurrou.

“Hum.” Ele não podia confiar em sua voz.

“Você acha que podemos fazer isso?” As lágrimas transbordaram, limpando brevemente sua visão antes de preenchê-la novamente. “Tipo... para sempre? Não quero sentir dor para sempre. Não quero dançar essa dança para sempre.”

“Você não vai.” *Que porra você está dizendo, idiota?*

“Como você sabe?” Ela fungou.

“Porque estou prometendo a você.” *Porra, porra, porra, não faça isso*.

“Diga isso corretamente.” Ela tremia à beira de chorar abertamente. Sua respiração engatou enquanto ela esperava que ele a puxasse de volta, e *caramba,* ele não queria vê-la cair.

“Eu prometo, Isobel.”

Seu suspiro foi trêmulo, seu corpo caiu mole contra a parede.

“Onde está sua mão?” Ele precisava se distrair. Ou a ela. Ou ambos.

Ela ergueu a mão diante do rosto e Gabriel sentiu seu rosto se contorcer em confusão. “Certo, ela...”

“Não aquela.” Seu ronronar deveria ser deliberado. Em vez disso, escorregou antes que ele pudesse *forçá-lo.* “A outra.”

“E-Entre minhas pernas,” ela gaguejou. “Eu não queria me mostrar a você acidentalmente.”

“Você já está coberta de água e lágrimas. Você também pode estar molhada em todos os lugares. Esfregue seu clitóris até que você esteja.”

“P-Por quê?” Sua respiração falhou. A pobre garota achava que precisava de um motivo para gozar.

“Porque assim que você estiver molhada o suficiente, você vai enfiar um dedo no seu mel e depois chupá-lo para que eu saiba qual é o seu gosto. Nunca fui um grande fã de frutas, mas desde que te conheci, tenho vontade de comer cerejas.”

Ela engasgou com um pequeno gemido, uma onda de prazer surpreso percorreu seu corpo. Ecoou no dele, e ele sentiu seu pau se enchendo de sangue enquanto os dedos dela desciam sobre a superfície plana de sua barriga.

Isso o *quebrava*, a maneira que ela sempre obedecia.

Ela passou direto pelo pequeno botão, encontrando um canal quente e úmido já esperando por ela, como se a ordem dele tivesse enviado instantaneamente uma onda de néctar onde ela precisava. Orvalhou suas coxas quando ela enfiou um dedo dentro de si.

“Jesus Cristo, essa é uma boa menina.” Gabriel nem percebeu que estava sentindo a extensão pesada de seu próprio desejo contra sua coxa. Estava engrossando com cada som ofegante que ela prendia em sua garganta.

“V-Você está...” ela pareceu ficar tímida, antes de colocar os dedos na boca.

Cereja doce e pegajosa estourou em sua língua.

“Foda-se. Merda.” Ele se agarrou com força, bombeando uma vez, o movimento áspero. “Eu estou o quê, Isobel?”

“Tem certeza que você pode ser assexuado?” Ela explodiu, seus dedos caindo da boca.

Ele riu, uma estranha faísca de alegria iluminando-se dentro dele, a sensação tão brilhante que ele não conseguia descobrir se tinha vindo dele ou dela. “Dedos de volta na sua boceta, pirralha.”

“Eu normalmente não faço isso,” ela admitiu sem fôlego, seus toques preguiçosos, quase tímidos. “Quer dizer, eu já *fiz* isso, eu só...”

“Você esteve muito ocupada tentando sobreviver,” ele resmungou. “Você se esqueceu de viver. Para sua sorte, prefiro assumir o controle. Toque seus mamilos, garota bonita.”

“Você nunca fala assim comigo,” ela ofegou, seus quadris balançando com a reverência em sua voz.

“Só desta vez, enquanto estamos sozinhos,” ele repetiu seu sentimento anterior.

Ela beliscou um daqueles lindos mamilos. “Acho que você seria melhor

nisso do que eu.”

“*Estou* fazendo isso.” O pau de Gabriel estava molhado antes, mas agora ele podia sentir sua própria excitação vazando pela ponta, tornando o deslizamento de sua mão ainda mais suave enquanto pensava sobre seu irritante efeito colateral de teletransporte e como seria muito conveniente se fosse ativado naquele momento. Era melhor assim, no entanto. Ele não tinha certeza se seria capaz de manter as mãos para si mesmo com a essência de cereja em sua língua e o conhecimento de quão suave e macia era sua pele em sua mente.

“Tem certeza de que quer viver sem dor, Illy?”

“O-o quê?”

“Dois dedos,” ele grunhiu. “Agora. Bom. *Boa menina*. Agora três.”

Controle-se, idiota.

Ele só poderia fazer sexo quando estivesse no controle total de tudo o que acontecia, e às vezes precisava pressionar seu parceiro, apenas para ter certeza dupla de que ele *ainda* estava no controle, que eles ainda obedeceriam a todos os seus comandos. Mas ele não estava fazendo sexo com Isobel.

Ele estava... *merda*, era muito pior que sexo.

Ele só queria que ela se sentisse bem pelo menos uma vez.

“Diga-me o que é bom.” Ele tentou moderar o domínio querendo subir pela sua garganta, gritar ordens para ela, empurrar e empurrar e empurrar até que ela chorasse de novo, porque havia algo errado nele, e ele achava que ela parecia bonita quando estava fungando e chamando-o de *Gabe*.

“Gosto da sua voz,” ela sussurrou de volta. “Isso é bom.”

Ela iria matá-lo.

Gabriel tirou a mão de seu comprimento latejante, esticando os dedos enquanto a necessidade de penetrá-la até que ele tivesse algum lugar úmido e quente para se soltar se apoderava de sua espinha.

Ele preferia usar camisinha, normalmente, e arrancá-la no último segundo para poder gozar na parceira, em vez de deixá-la grudar na própria pele.

Essa fantasia era nova e ele não tinha certeza se gostava dela.

Ele precisava acabar com isso.

“Hora de gozar,” ele exigiu, o tom áspero voltando à sua voz.

Mas ela gostou. Claro que sim. Ela gostava quando ele tirava a pressão de

seus ombros e exigia que ela se sentisse bem. Seus dedos escorregaram de seu canal, esfregando seu clitóris, e ela se encolheu quando beliscou o mamilo com muita força, quase fazendo-o explodir sobre si mesmo.

“Eu disse para você fazer uma coisa,” disse Gabriel calmamente. “Então faça isso agora, Illy.”

Ela soltou um pequeno gemido, seu orgasmo inundando seu corpo em uma onda forte que o fez morder o lábio com força suficiente para tirar sangue. A sensação intensa deve tê-lo trazido de alguma forma de volta ao seu próprio corpo, mas ele mal percebeu.

Ele pretendia negar a si mesmo, mas sua mão era um ímã, atraída pela carne que já estava se contorcendo, já explodindo junto com ela. Ele não poderia ter se contido mesmo que tentasse, e pensou que poderia ter tentado, mas isso era quase uma memória distante, deixada de lado enquanto seus pensamentos se enchiam com o gosto dela, sua respiração, seu cheiro e as ondas de seu orgasmo que pulsaram através de ambos, deixando-o com violentos tremores.

Ela praguejou baixinho, o som atravessando o alto-falante do telefone enquanto ele se acomodava novamente em seu corpo. Seu próximo gemido foi nervoso. Ele se acariciou lentamente, sentindo seu próprio gozo contra seu pênis ainda duro, distraído demais para ficar enojado com isso.

“Acho sua corrente linda,” disse ele expirando.

Eu acho você linda, ele quis acrescentar, porque ela merecia palavras bonitas e banalidades, mas merecia ainda mais limites claros. Não haveria um relacionamento romântico entre eles.

Não poderia haver.

Os Alfas eram sua família, e ele apostou toda a sua vida no que eles faziam em Ironside.

Um passo errado com Isobel era tudo o que precisavam para derrubar toda a fundação.



Isobel ficou imóvel, a dor afastando os tremores secundários que faziam seu

corpo tremer. Ela apertou a barriga, o sensação cavernosa vazia se transformando em um ciclone de agonia horrível e aguda. Quando Theodore a tocou, ajudou... *muito*.

Talvez Gabriel estivesse certo sobre esse efeito colateral específico... mas se ele pensava que o prazer sexual a ajudaria, estava *muito* errado.

“Você não está mais na minha cabeça, não é?” Ela rangeu.

“Não.” Seu tom ficou afiado com o choque. “O que aconteceu? Parece que você está com dor.”

“Está pior,” ela gemeu.

Ele xingou cruelmente. “Vou desligar para poder juntar algumas coisas. Você precisa de ajuda para sair do banho?”

“Não.” Ela se levantou para provar isso, mas seus joelhos imediatamente dobraram quando a dor percorreu seus membros como um choque elétrico.

“Isso é um sim, não é?”

“Kilian,” ela sussurrou, enrolando-se em uma bola e abraçando os joelhos.

Ele ficou em silêncio por um momento, mas quando falou novamente, foi com uma expiração suave. “Ok. Vou mandar Kilian.” Ele desligou e ela se concentrou em tentar tomar uma respiração após a outra até que a porta se abriu.

“Ei, baby.” Kilian desligou o chuveiro, ajoelhando-se diante dela, as mãos levantando suavemente seu rosto. “Você está bem? O que aconteceu?”

Ele estava acariciando suas bochechas, seus olhos claros arregalados de preocupação, sua bela boca apertada em uma linha rígida.

“Dor,” ela gemeu. “No meu estômago.”

“Ok. Merda. Tudo bem.” Ele arrancou uma toalha do cabide, espremendo a água do cabelo dela e fazendo o possível para secá-la sem perturbar sua posição. “Você está quente.” A mão dele pressionou contra a testa dela, uma carranca aprofundando os cantos da boca. Ele trocou a toalha por uma nova, usando-a para embrulhá-la e colocá-la sobre o balcão do banheiro. Ele segurou as pernas dela enquanto ela abraçava a toalha, ajudando a abaixá-las lentamente.

Ela estremeceu. “Sinto muito que você tenha que cuidar de mim o tempo todo.”

“Eu gosto de cuidar de você,” ele rosnou, estreitando os olhos no rosto dela. “Tire isso de mim e você descobrirá como é um grudento de estágio dez no

corpo de um Alfa. Não é bonito. Você tem vontade de ser esmagada em uma panqueca?”

Ela riu, mas foi interrompido imediatamente por um gemido de dor. Kilian tirou a calcinha da trouxa de roupas que ela havia trazido para o banheiro, os dedos enfiados em cada lado enquanto passava elas pelos seus pés, as palmas das mãos deslizando pelas laterais das canelas, das coxas...

A dor dobrou.

Ela caiu para frente, a testa encostada no ombro dele, um gemido saindo de sua garganta. Ele se colocou entre as pernas dela, levantando-a rapidamente com um braço enquanto puxava a calcinha ao redor de seus quadris.

“Quase pronto,” ele a acalmou, segurando os lados do rosto dela e beijando cada uma de suas têmporas. “Você está indo tão bem.”

Ele puxou a camisa enorme pela cabeça dela, fingindo não notar que era dele, o que só a fez querer chorar e abraçá-lo ao mesmo tempo. Ele levantou o short de seda que ela trouxera, arqueando uma sobrancelha.

“Você nem consegue vê-lo por baixo da camisa,” ela defendeu.

“Vou pegar algo mais confortável.” Ele saiu do banheiro e ela teve um vislumbre de Theodore e Gabriel do outro lado antes que a porta se fechasse novamente.

Quando Kilian voltou, estava com uma calça de moletom larga que engoliu suas pernas e precisou ser enrolada cinco vezes na altura dos quadris para permanecer vestida.

“Vamos estabelecer você.” Ele a levantou, atravessando metade do quarto de Theodore, obviamente pretendendo entrar no corredor. Ela abriu a boca para protestar por ele estar carregando-a, e ele lançou lhe um olhar penetrante.

“Você não se sente bem.” Theodore apareceu ao lado de Kilian, sua voz profunda e irregular, a mão esfregando o peito enquanto estendia a mão para abrir a porta para eles. “Normalmente não consigo sentir você.”

Ela olhou para Gabriel, mas ele estava com uma expressão vazia, apenas uma leve ruga entre as sobrancelhas. A culpa a atingiu, mas não era dela. Era dele. Arranhou e rasgou seu peito, deixando-a ofegante quando Kilian entrou no corredor, caminhou até a sala comum e cuidadosamente a sentou no sofá.

Niko, Cian, Oscar e Moses já estavam lá, deixando bastante espaço ao redor do sofá que alguém obviamente havia preparado para ela. Eles observaram em

silêncio, Cian pausando o que quer que estivessem assistindo. Elijah entrou com Mikel e Kalen, e ela torceu os dedos, completamente sem saber o que fazer ou dizer com todos os olhos sobre ela, a preocupação e a confusão amortecendo seu peito já apertado.

Assim que Kilian a colocou para baixo, Gabriel o empurrou para o lado. Não foi forte, mas Kilian ainda arqueou as sobrancelhas para ele, seu olhar atento percorreu a expressão tensa de Gabriel antes de recuar, murmurando algo baixo para Theodore, que também observava Gabriel com a testa franzida.

Gabriel colocou uma coisa quente e fofa em seu colo, e ela piscou surpresa.

“Bolsa de água quente,” ele grunhiu.

“É rosa.” Sua voz falhou de dor.

“E horrível.” Ele observou enquanto ela a abraçava. “Era a única capa que restava e eu não queria esperar que chegasse mais em estoque, caso você precisasse.”

Era realmente horrível. A capa parecia ser feita de pele de carneiro grossa, espumosa e fofa e deliciosa de afundar os dedos, mas era uma visão e tanto. Além disso... *quando Gabriel pediu uma bolsa de água quente para ela?*

Ele extraiu um dos braços dela da penugem rosa, colocando um copo de água fria em sua mão, e então ele estava tirando comprimidos de um frasco, segurando-os diante de sua boca.

“Abra,” ele exigiu.

Ela abriu os lábios e ele deixou cair os comprimidos em sua língua, o olhar feroz ainda penetrando em suas feições. Ela engoliu o remédio e ele pegou o copo dela novamente, batendo um termômetro em seus lábios.

“Debaixo da sua língua,” ele exigiu.

Ela o deixou medir sua temperatura, o que ele pareceu anotar em seu telefone, antes de puxar uma sacola do chão.

“Eu não sabia do que você poderia gostar, então...” ele colocou a sacola no sofá ao lado dela, e ela olhou dentro dela, vendo uma dúzia de tipos diferentes de chocolate e doces.

“Eu...” ele olhou para o lado, sem realmente olhar para ninguém, embora todos definitivamente estivessem olhando para *ele* com vários graus de curiosidade e confusão. “Se é o que eu acho, o açúcar supostamente ajuda. Tem sorvete no freezer. Você quer sorvete? Eu pego.” Ele girou nos calcanhares,

saindo da sala.

Elijah lançou lhe um olhar ilegível antes de se virar e segui-lo.

“Que porra está acontecendo com ele?” Oscar grunhiu.

Kilian a pegou e reivindicou seu lugar, colocando-a em seu colo. Theodore moveu a sacola de guloseimas e caiu ao lado deles, arrastando uma manta do encosto do sofá e passando para Kilian.

“Obrigado.” Kilian levantou-a um pouco para poder envolvê-la com o cobertor, fechando as bordas sobre sua desastrosa bolsa de água quente.

Mikel e Kalen trocaram um olhar, Kalen arqueou uma sobrancelha escura para o outro Alfa antes de partir. Mikel se concentrou nela novamente. “Avise-me imediatamente se precisar ir ao hospital.”

Ela assentiu e ele também saiu.

Ela supôs que pareceria estranho para as câmeras se eles pairassem ao seu redor como mães galinhas preocupadas.

Cian pegou o controle remoto, apertou play no filme e aumentou o som até encher a sala, vibrando ao longo das paredes.

Eles estavam tentando minimizar todo o incidente, provavelmente com medo de dizerem a coisa errada ou agirem de maneira errada. Seja qual fosse o motivo, Isobel ficou imensamente grata. A última coisa que ela precisava, além da dor, era que todos discutissem como o vínculo estava tentando forçá-la a fazer sexo com um deles.

“Alguma novidade sobre o sonho de Luis?” Ela perguntou a Kilian suavemente, o barulho repentino do filme permitindo que ela falasse livremente.

“Cian está recebendo avisos semelhantes sobre morte, mais ou menos,” ele sussurrou de volta, enquanto Theodore puxava as pernas dela para seu colo. “Mas não temos ideia do que é ou quando vai acontecer, o que geralmente significa que não vai acontecer hoje.”

“O que nós vamos fazer?” Ela sussurrou.

“Estamos juntos até o final do semestre. Um de nós precisará sempre estar com pelo menos outro Alfa, e temos que responder às mensagens de checkin de Mikel no chat em grupo assim que ele as enviar. Portanto, certifique-se de que você sempre possa ver ou ouvir seu telefone, mesmo enquanto estiver dançando.”

E todos os outros? Ela queria fazer a pergunta. Estava na ponta da língua,

mas ela engoliu de volta. Ela não conseguia nem se proteger e de repente tinha mais com que se preocupar.

Uma Corrente não sobreviveria sem uma Âncora.

Se algo acontecesse com um dos Alfas, o que aconteceria com ela?

Theodore estava roçando o polegar ao longo do arco do pé dela, mas de repente cravou a unha na pele sensível do tornozelo dela, chamando sua atenção para ele com um estalo, os lábios dela se abrindo em choque. Ele arregalou os olhos, dando-lhe aquele olhar inocente que ele costumava usar tão bem.

Já não tanto.

“Ele tem certeza de que nada vai acontecer esta noite.” Theodore passou a mão em volta do tornozelo dela, apertando-o para tranquilizá-la. “Tente relaxar. Não há mais nada que possamos fazer sobre *aquele* problema esta noite, então vamos nos concentrar neste.”

Ela treinou seu rosto em uma expressão vazia. “Que problema?”

“Sim,” Moses falou lentamente, com as mãos atrás da cabeça, seu olhar cinza escuro fixo na tela. “Que problema?”

“Há um problema?” Niko conseguiu parecer confuso e genuinamente preocupado.

“Uau,” Oscar falou lentamente, também se recusando a desviar os olhos da tela. “Você acabou de chamar sua pequena namorada de problema. Realmente suave, Theo.”

“Wallis é um problema?” Gabriel perguntou distraidamente, voltando para a sala com um pote de sorvete, uma tigela e um punhado de colheres.

“Wallis é bastante alta,” acrescentou Elijah, dirigindo a declaração a Oscar.

“Essa conversa ficou problemática muito rápido,” Kilian murmurou contra sua têmpora.

Gabriel lançou lhe um olhar, estendendo o pote de sorvete para Isobel. Ele balançou quando ela não o pegou imediatamente. Assim que chegou às mãos dela, ele rapidamente colocou um pouco na tigela e colocou uma colher na tigela para ela, distribuindo o resto aos outros. A tigela era para ele, é claro. Não havia como ele mergulhar duas vezes aquela colher dele.

Theodore se inclinou sobre as pernas dela, enfiando a colher na mistura gelada e cremosa.

“Vocês todos são péssimos,” ele disse, depois de lamber pedaços de chocolate e creme de menta do metal frio.

11

Kinky Sour



Aconchegada no casulo dos braços de Kilian, Isobel sentiu algo se instalando dentro dela que vinha incomodando-a há meses. Ela foi inundada por seu cheiro calmante, com Theodore traçando suavemente os dedos sobre suas panturrilhas e o resto dos Alfas espalhados ao redor deles. Durante uma preciosa meia hora, com braços musculosos e aleatórios estendidos sobre o colo para roubar chocolate ou doces, ela sentiu como se pertencesse a algum lugar.

Mas, na verdade, não tinha nada realmente a ver com *ela*.

Era assim que os Alfas eram uns com os outros. A camaradagem fácil e calorosa que possuíam. As piadas internas que surgiram em seus lábios sem esforço, causando gemidos e risadas familiares em resposta. Foi a tensão que se dissolveu completamente no rosto de Moses, o sorriso fácil que surgiu no de Niko e a maneira como Oscar fechou os olhos e colocou as pernas no colo de Gabriel, que imediatamente as empurrou com um chute de retaliação.

Eles pareciam estar tão confortáveis um com o outro que quase esqueceram que ela estava ali. Apenas mais um corpo quente no sofá, outro aroma doce misturado com o aroma de Theodore e Kilian para criar uma fragrância leve e harmoniosa que se equilibrava perfeitamente. Eles agiam mais como irmãos do que amigos ou colegas de quarto, o vínculo deles era tão óbvio que a aquecia, mesmo que ela não fizesse parte dele.

Cian, Niko e Moses foram para o chão bem na frente dela, descansando em almofadas que arrastaram dos sofás e poltronas, seus membros longos e tonificados se espalhando em todas as direções. Moses estava com a mão atrás da cabeça, uma das pernas dobrada, balançando de um lado para o outro para colidir com a perna de Niko em um toque casual que nem parecia intencional. O pé de Niko balançava como se ele preferisse fazer algo mais ativo, mas ele ria de

maneira relaxada sempre que Moses murmurava algo sarcástico baixinho.

A camisa de Cian tinha subido e ele estava distraidamente acariciando sua própria pele, seu polegar passando para frente e para trás através da sugestão de uma tatuagem preta enrolada no cós de suas calças. Quando Niko bateu em seu peito, ele se sentou rapidamente, respirando fundo, e Elijah olhou para eles com desaprovação.

“Cuidado, ele vai infeccionar,” Gabriel resmungou.

Cian colocou a mão sobre onde um de seus mamilos estaria, fazendo beicinho para Niko. “*Acabei* de fazer isso, idiota.”

“Existe algum lugar que você ainda *não tenha* acabado de fazer?” Niko jogou de volta casualmente. “Você está realmente aproveitando essa coisa de permissão especial. Você não deveria terminar apenas uma tatuagem?”

“Substituir é difícil.” O beicinho de Cian se aprofundou, mas só o fez parecer deliciosamente sensual, em vez de verdadeiramente patético. “Sem ofensa,” acrescentou ele, inclinando a cabeça para trás para olhar para Isobel.

“Você tem minha simpatia,” ela respondeu secamente.

“Agradeço, boneca. E...” ele virou a cabeça para Niko... “para que conste, definitivamente ainda tenho alguns lugares sobrando.” Ele balançou as sobrancelhas.

Niko revirou os olhos, voltando-se para a tela. Isobel pegou o telefone, espiando Theodore por baixo dos cílios enquanto considerava a mensagem que queria enviar.

Hoje era seu aniversário, dele e de Moses, mas será que eles haviam comemorado na noite anterior? Realmente não parecia que eles comemoraram nada. Eles apenas se apresentaram para as câmeras e depois foram dormir.

Ela puxou uma mensagem para Theodore, mas depois ficou presa, percebendo que se enviasse uma mensagem privada para Theodore, teria que enviar uma mensagem privada para Moses. Ela mudou para o bate-papo em grupo.

O que ela deveria dizer?

O queixo de Kilian roçou sua cabeça enquanto ele olhava para o que ela estava fazendo, e ela perdeu completamente a coragem. Havia uma dúzia de coisas que ela queria dizer a Theodore, mas não muitos sentimentos pelo irmão dele.

Ela largou o telefone bufando, olhando para Elijah, que estava anotando coisas em seu tablet com uma caneta eletrônica, voltando sua atenção para o filme de vez em quando. Ele estava sentado mais próximo dela no sofá perpendicular, o cotovelo apoiado no braço, perto o suficiente para que ela estendesse a mão e batesse hesitantemente.

“Você se importaria se eu pegasse isso emprestado quando você terminar?” Ela perguntou, inclinando-se para ele o máximo que podia, sem querer testar se muito movimento faria seu estômago doer ou não.

“Esse?” Ele ergueu o tablet, uma sobrancelha loira se arqueando de surpresa.

Ela prometeu: “Só um pouquinho.”

Sua atenção mudou entre a tela e o rosto dela algumas vezes, e então ele tocou e entregou.

“Obrigada, Elijah.”

Sua outra sobrancelha levantou-se ao ouvir seu primeiro nome. “Tão casual, de repente.”

“Você se importa?” Ela colocou o tablet no braço do sofá, tentando gentilmente mudar de posição para inclinar-se ligeiramente sobre ele, aceitando a caneta que ele lhe entregou.

“Eu poderia.” Ele não parecia se importar. “Mas como vou te chamar? Estamos ficando sem animais que se possa acariciar no zoológico.”

Gabriel zombou, seus olhos ainda fixos na tela.

Oscar lançou olhos escuros para Elijah, mas era impossível dizer se ele estava franzindo a testa por causa do que Elijah havia dito, ou se era apenas seu rosto relaxado.

“Animais que se possa acariciar no zoológico?” Theodore perguntou distraidamente, prestando mais atenção ao filme do que à conversa.

“Coelho e cachorrinho,” Kilian forneceu.

Elijah a estava observando com muito cuidado para que pudesse brincar com ela. Era como se ela tivesse tirado sua principal fonte de entretenimento, então ele voltou seu intelecto para ela. Ele estava cutucando ela como se ela fosse um quebra-cabeça que ele tinha apenas três minutos para resolver, e ele estava feliz em desmontá-la se ainda conseguisse chegar ao seu centro secreto.

Por um momento, ela foi atingida pela estranheza de seus próprios

pensamentos, mas então percebeu que a agitação dele estava coçando seu peito, os dedos dele se contraindo em busca do telefone como se precisasse de algo mais para fazer agora que ela havia pegado o tablet.

“Só vou desenhar alguma coisa,” disse ela, inclinando a cabeça para ele, o cabelo caindo sobre a tela.

Sua testa se suavizou, relaxando com a breve conversa como se tivessem acabado de ter uma daquelas conversas silenciosas que ele e Gabriel tinham o tempo todo.

Oh meu Deus. Talvez eles *tivessem*.

Ele estendeu a mão e pegou o cabelo dela. Ela pensou que ele estava apenas tirando-o da tela do tablet, mas ele segurou-o levemente enquanto se aproximava, empurrando os óculos de leitura para cima com a outra mão antes de tocar no tablet, abrindo um aplicativo de desenho para ela.

Ele a soltou sem dizer uma palavra quando Oscar se virou na direção oposta, com a cabeça apoiada na coxa de Gabriel enquanto colocava os pés no colo de Elijah, seus olhos alternando entre Elijah e ela. Elijah empurrou as pernas com um murmúrio de desgosto; Oscar imediatamente as puxou de volta, e então eles estavam sorrindo e se chutando com muita força, até que Gabriel se juntou a ele, empurrando Oscar para fora do sofá.

Isobel reprimiu o sorriso porque não estava confiante de que não enfrentaria retaliação se Oscar a visse sorrindo. Ela voltou sua atenção para sua tarefa e começou a traçar um esboço.

Desenhar nunca foi um de seus pontos fortes, mas não havia uma única atividade artística para a qual seu pai não tivesse pago aulas particulares, então ela pelo menos já conhecia o básico. Ela detalhou um buquê de flores, perdendo-se lentamente na tarefa. Theodore era ousado e charmoso, astuto e malandro, apenas às vezes permitindo que ela vislumbrasse o garoto de olhos arregalados de seu primeiro ano em Ironside.

Ela desenhou flores selvagens do deserto e espinhos escuros, caules emaranhados em barbantes, desgastados em lugares onde os espinhos cortavam como garras. Mas ela também acrescentou suavidade: ramos de botões delicados, selvagens como ervas daninhas, e tufos de cor pálida e espumosa.

Não era um buquê tipicamente bonito, mas era atraente. Difícil de desviar o olhar. Assim como Theodore.

“Lindo,” Kilian sussurrou, seu braço esticado sobre a mesa enquanto ele se

inclinava ao lado dela.

Ela sorriu para si mesma, salvando a imagem e começando a segunda. Ela pensou que seria difícil, mas não foi. Moses não era *tão* ruim assim. Ele era durão e espinhoso, mas também brincalhão e irreverente, ferozmente leal ao irmão e aos amigos. Ela fez uma pausa para pegar o telefone e pesquisar no Google quais flores estavam associadas à lealdade.

Íris.

Ela delineou um monte de íris, usando-as como base de seu arranjo e colorindo-as de um azul escuro profundo. Ela acrescentou flores silvestres de todas as cores, brilhantes e dramáticas, indomáveis e ameaçando explodir dos limites do barbante que ela as envolveu. Espinhos escuros surgiram entre flashes de cores vivas, completando a imagem.

“Para quem são essas?” Kilian sussurrou, lembrando-a de que ele ainda estava enrolado em volta dela, ainda inclinado com ela, como se não a quisesse fora do casulo de seu abraço.

“Sobre o que vocês dois estão sussurrando?” Theodore resmungou.

O corpo de Kilian sacudiu, Theodore o empurrou do outro lado.

“Nada,” ela disse, enviando as duas imagens para o telefone antes de bloquear o tablet e deslizá-lo sobre a mesa, de volta para Elijah. “Para os aniversários deles,” ela acrescentou baixinho para Kilian, enquanto se levantava suavemente, tomando cuidado para não mover muito a bolsa de água quente.

Kilian parou com ela e ela percebeu que os créditos do filme estavam rolando. Cian, Moses e Niko pularam de pé, voltando para uma disputa sobre todos os “privilégios especiais” que Cian estava conseguindo arrancar dos diretores. Oscar rolou para fora do sofá, esticando todo o corpo antes de se inclinar sobre Isobel e pegar o Twizzler de sua boca, que ela estava chupando preguiçosamente enquanto desenhava.

“Boa noite, coelho.” Ele bateu no nariz dela antes de enfiar a ponta ainda úmida entre os dentes e sair da sala.

Ela imediatamente limpou o nariz, franzindo-o como... como um... *como um coelho*.

Theodore, que a observava, engasgou com uma risada repentina e tentou disfarçar tomando um grande gole de sua garrafa de água. Ele se levantou, obviamente pensando muito em alguma coisa enquanto olhava para ela.

“Como você está se sentindo, linda?”

Como lixo. “Incrível.”

Suas sobrancelhas ficaram mais franzidas, seus olhos se estreitaram.

“Kalen e Mikki vão querer conversar rapidamente com você antes de ir para a cama,” Elijah avisou, levantando-se para ajudar Gabriel, que começou a recolher todas as almofadas bagunçadas com uma carranca no rosto.

“Oh... tudo bem.” Ela deixou a bolsa de água quente de lado e abriu o cobertor, testando como era fácil ficar de pé.

Gabriel parou o que estava fazendo, o resto deles olhando para ela enquanto ela estendia a mão, Kilian a pegou facilmente enquanto ficava atrás dela. Sua cabeça girou vertiginosamente por um momento, mas não houve nenhuma dor debilitante. Em algum momento, havia diminuído para uma pulsação fraca, provavelmente por causa da medicação que Gabriel lhe dera.

“Eles estão... hum...” ela olhou para o corredor. Ela não tinha ideia de onde eles dormiam. “Em um dos escritórios?”

“Tente o escritório de Kalen,” Gabriel sugeriu, seus olhos castanhos viajando lentamente sobre ela, um olhar estranhamente calculista apertando suas feições. “É a primeira porta depois que você entra no dormitório. Suas residências ficam acima dos escritórios, mas provavelmente ainda estão no andar de baixo.”

Ela assentiu, dando a Kilian um sorriso agradecido antes de seguir para o corredor.

“Você pode ficar na cama quando estiver pronta,” Kilian gritou atrás dela. “Vou dormir no sofá do meu quarto.”

Ela torceu o nariz novamente, perguntando-se se ele praticamente gritou aquilo de propósito. Theodore e Niko precisavam lhe dar aulas de atuação. E isso vinha *dela*. Ela bateu na porta do escritório de Kalen.

“Entre,” ordenou sua voz profunda, viajando fracamente pela madeira espessa.

Ela abriu a porta, olhando rapidamente para Kalen e Mikel antes de passar e fechá-la atrás dela. Por mais confortável que estivesse há alguns minutos cercada por todos os outros Alfas, ela agora estava igualmente desconfortável diante dos professores. Eles estavam quietos, ambos sentados em cadeiras perto da janela, um livro numa mão e uma bebida na outra. Mikel também parecia ter seu laptop

empurrado para o lado, e Kalen segurava outra pequena pilha de livros ao lado do cotovelo, como se mudasse regularmente de ideia sobre o que queria ler.

Ela ergueu a cabeça novamente, o rosto corando enquanto ela mudava de um pé para o outro.

“Isobel,” Kalen cumprimentou. “Puxe um assento.”

Ela percebeu o movimento da mão dele apontando para uma cadeira não muito longe deles, e se moveu para empurrá-la até a mesa, antes de se sentar na beirada dela. Seu coração batia forte, a respiração presa no peito e ela não sabia por quê.

Mikel estendeu o copo para ela. “Foi um longo dia, hein?”

Ela levou um momento para perceber que ele estava oferecendo a ela. Ela aceitou, olhando para o líquido amarelo, decorado com uma cereja brilhante e uma fatia de laranja torcida. Ele deve ter feito isso porque parecia que ainda não tinha tomado um gole, mas não se levantou para preparar outro. O copo estava frio, com pequenos padrões de diamantes nas laterais formando uma palma da mão.

“Whisky sour[5],” explicou Mikel, observando-a com calma.

Ela tomou um gole e depois lambeu os lábios para saborear o sabor. Era rico e suave, com um sabor picante, um toque de doçura e uma corrente de amargor para equilibrá-lo. Ela gostou da bebida... mas passou muito tempo treinando com Niko no último mês, familiarizando-se com o cheiro de uísque em seu nariz e o gosto que enchia sua garganta.

Mikel colocou um marcador de couro em seu livro, fechou o laptop e colocou o livro em cima dele, com o olhar especulativo enquanto a observava saborear sua bebida.

“O Track Team abordou você através de um Beta,” Kalen foi direto ao ponto, mudando de posição na cadeira para dar-lhe toda a atenção. Ele adicionou seu livro à pilha perto do cotovelo, sem marcar a página.

Seu estômago embrulhou imediatamente e ela concentrou sua atenção na fatia de laranja brilhante em sua bebida enquanto assentia. “Crowe disse que eles fariam a oferta amanhã, mas que eu não poderia recusar.”

Kalen afirmou: “É assim que funciona.”

Ele não estava usando sua lente de contato.

Ela não percebeu quando entrou, mas olhou para cima enquanto ele falava,

e agora de repente ela estava olhando para ele, os lábios entreabertos em surpresa, incapaz de desviar a atenção de sua íris marrom-mel. Manchas douradas familiares a observavam de volta, ainda circuladas por seu anel Alfa de ouro.

“Elas irritam a porra dos meus olhos,” explicou ele, tomando um gole de seu copo.

“S-sinto muito.” Ela mexeu no copo de Mikel, sem saber mais o que dizer.

“Não é sua culpa.” Ele compartilhou uma rápida olhada com Mikel. “E o Beta estava certo, você não pode recusar o Track Team. Você viu como eles recrutam pessoas. Jogar duro para conseguir, apenas aumenta a quantidade de garantias que eles reúnem para controlá-lo. Você precisa parecer muito fácil de controlar.”

Ela assentiu, bebendo mais do líquido doce e picante para acalmar seus nervos em tumulto. “O que acontece quando eles me recrutarem?”

“Você terá que esperar até que alguém se ofereça para ser seu patrocinador. Normalmente, eles desfilam novos recrutas pelo Stone Dahlia por uma noite, e então eles não são autorizados a voltar até que uma oferta de patrocínio seja apresentada ao Track Team por alguém que já é membro. Ou você poderia encontrar seu próprio patrocinador e evitar tudo isso. Como estamos tão perto do final do semestre, você provavelmente poderá adiá-lo até o início do próximo ano. O clube não funciona durante as férias de verão.”

“Um patrocinador?” Ela ficou imóvel, olhando entre ele e Mikel, esperando por mais explicações. Kalen fechou os olhos, esfregando a ponta do nariz e então colocou a bebida na mesa, inclinando-se para frente, o rosto inclinado em direção ao dela, os cotovelos entalhados sobre as coxas fortes.

“Você precisa ser patrocinado por um membro de pleno direito para se tornar membro pleno do Stone Dahlia,” explicou ele. “Você é responsabilidade do patrocinador por um ano antes de obter seu próprio cartão de acesso. É a maneira deles de garantir que você aprenda as regras corretamente e também de ficar quieto.”

“Ok.” Ela sentiu que havia mais e, por algum motivo, os dois professores estavam achando difícil lhe dizer. Não era pouco o desconforto emanando deles, formando um arco dentro dela e dançando dentro de seu peito.

“Qualquer um de nós poderia patrocinar você.” Mikel estava recostado onde Kalen estava inclinado para frente. “Mas isso significaria que você não pode entrar no clube sem nós.”

“Isso não parece tão ruim?” Sua confusão se aprofundou. Se ela tivesse que ficar com *alguém* dentro do clube, ela preferiria que fosse um deles.

Eles eram fortes, severos e... dominantes. Mas eles ainda eram Superdotados. Eles não eram cidadãos secundários porque nem sequer eram cidadãos, e se os humanos comandassem o Stone Dahlia, então haveria pessoas lá muito mais poderosas do que Kalen e Mikel.

“O clube é grande.” Kalen reclinou-se novamente, pegando sua bebida como se estivesse irritado com a centelha de esperança que brevemente passou por ela, e poderia ter aparecido em seu rosto. “Abrange atividades variadas…. a maioria delas ilegais. É aí que o dinheiro é ganho.”

“Vocês fazem coisas ilegais?” Ela perguntou.

Seus lábios se contraíram e Mikel soltou uma risada baixa.

“Não, eu não.” Foi Kalen quem respondeu, Mikel permanecendo quieto. “Mas isso não significa que outras pessoas não façam.” Ele a deixou absorver isso antes de continuar. “O que Mikel e Oscar fazem é muito perigoso. Você não *precisa* terminar na mesma parte do clube que seu patrocinador. Você poderia ser transferida para uma seção diferente após o período de patrocínio, mas na maioria das vezes, as pessoas permanecem com seus patrocinadores após o término do ano. Portanto, não achamos que seja uma boa ideia você acompanhar nenhum deles.”

“Elijah e Gabriel são opções,” acrescentou Mikel, antes que Isobel pudesse pronunciar uma única palavra surpresa. “Mas os dois se divertem na mesma seção que Kalen, ele patrocinou os dois. Eu patrocinei Oscar.”

“Então não importa se você está comigo ou com eles, você ainda estará na mesma seção,” resumiu Kalen.

“E os outros?” Ela murmurou baixinho. “Todos foram recrutados?”

“Ainda não.” A carranca de Kalen era profunda. “Eles geralmente não começam a recrutar nos primeiros dois anos. Oscar, Elijah e Gabriel foram casos especiais. E agora você. Eu suspeito que eles não queriam sentar em você. Você é muito... imprevisível.”

“Sou *muito* previsível,” ela rebateu.

“É mesmo?” Os lábios firmes de Kalen se curvaram.

Sua atitude tranquila a deixou repentinamente constrangida, sua atenção voltando-se para Mikel novamente. Kalen pediu que ela falasse informalmente

com ele quando estivessem sozinhos, mas Mikel não o fez.

“Eu...” ela engoliu em seco após a falha em sua voz. “Eu deveria chamar você de professor?”

“Enquanto estou permitindo o consumo de álcool por menores?” Mikel estremeceu. “Eu acho que não, porra. Quando você estiver fora desta sala? Sim.”

Ela rolou a língua contra o céu da boca, tentando manter a surpresa longe de seu rosto. “Então o que você quer dizer com 'entreter'? O que os Superdotados realmente fazem lá embaixo?”

“Alguns deles simplesmente preenchem o espaço,” respondeu Mikel. “Voando de seção em seção e socializando até que alguém importante decida gastar uma pequena fortuna para ter toda a atenção por uma noite...”

“Você quer dizer como...” ela interrompeu imediatamente, horrorizada, mas Mikel já estava balançando a cabeça.

“Eles apenas jantam e bebem ou assistem a outros entretenimentos em cabines privadas. Os humanos literalmente pagam *apenas* pela sua companhia. Estamos falando dos Superdotados mais populares e mais famosos do Ironside. As maiores celebridades do mundo, além dos próprios Ícones. As pessoas pagam caro só para fazer parte da cena, e somos nós que criamos a cena.”

“O que vocês dois fazem?” Ela levantou um dedo do copo, gesticulando nervosamente entre os dois. Eles estavam dançando demais ao redor e isso a estava deixando impaciente.

“O que eu faço não é exatamente legal,” admitiu Mikel. “Há um anel de luta não regulamentado lá embaixo. Nós lutamos e os humanos apostam em nós. É uma das seções mais populares do clube.”

“Eles *obrigam* você a fazer isso?” Ela perguntou baixinho, incapaz de ler seu rosto. “E Oscar?”

“Não.” Seus olhos brilharam de diversão. “Eu estava originalmente com Kalen, mas quando percebi que eles estavam tentando recrutar Oscar, mudei. Achei que seria uma boa saída para ele.”

“Você levou uma surra por causa do Oscar?” Ela deixou escapar, antes de afundar os dentes no lábio inferior, seu rosto inundado de cor.

Mikel apenas a olhou com um ar divertido. “Não, Carter. Isso implicaria que eu *perderia*. Eu nunca perco.”

“Nem mesmo contra Niko?”

Sua diversão se aprofundou. “Você acha que Niko nasceu assim? Alguém teve que ensiná-lo.”

“Certo.” Ela se arrastou de volta na cadeira. “É claro.” Ela estava começando a suar. Ela cruzou as pernas distraidamente e depois descruzou-as novamente, a calça de moletom gigante tornando seus movimentos desajeitados.

“E-e você?” Ela mal conseguiu olhar para Kalen por tempo suficiente para deixá-lo saber que ela estava falando com ele antes de se esconder atrás de seus cílios novamente.

“Eu também machuco pessoas,” admitiu ele, tentando suavizar a voz. Em vez disso, saiu apenas como um estrondo baixo e rouco. “Mas eles me pedem. O clube tem salas de fetiche.”

“Tipo... chicotes e couro?” Os olhos dela se arregalaram, voltando-se para os dele, só que não passaram do queixo anguloso.

“Tenho certeza de que há alguém vestido de couro em uma das salas e, sim, já usei chicotes antes. Os membros do clube podem se atribuir a uma sala de fetiche e os humanos pagarão para jogar ou para assistir. Alguns dos quartos são tão populares que têm listas de espera que duram meses. Todos nós do Dormitório A enviamos nossos salários do Ironside para casa e aqueles de nós que trabalham no Stone Dahlia disponibilizam nossos ganhos para os outros.”

Então era *assim* que os meninos estavam comprando presentes caros do Ironside Row.

Ela finalmente conseguiu manter o olhar de Kalen, sua atenção passando pela máscara severa de suas feições. Ele a observava com cuidado e cautela, exibindo uma pequena faísca de diversão que desaparecia de seus olhos quando ele piscava para afastá-la.

“Você disse que Elijah e Gabriel trabalham com você?”

“Não *comigo*, exatamente,” Kalen especificou. “Eles administram uma sala juntos.”

“Qual é o... o que eles... você sabe...?”

“Pergunte-me corretamente de algum jeito,” Kalen sugeriu. Ele parecia estar tentando falar de maneira leve e casual, provavelmente por causa dela, mas sua voz era muito profunda e texturizada, seu olhar muito pesado e focado.

Mikel arqueou uma sobrancelha afiada para ela, de alguma forma capaz de avisá-la sem dizer uma palavra, como se estivesse lhe dando um empurrão no

meio das costas.

“Qual é o fetiche deles?” Ela perguntou rapidamente, escondendo seu rubor atrás do copo de Mikel enquanto engolia apressadamente o resto de sua bebida. A cereja escorregou em sua boca e ela pegou o caule, sugando o sabor de uísque que cobria sua casca.

Por um único e insano momento, ela se perguntou se seria esse o gosto que ela sentiria se beijasse Niko. Ácido e esfumaçado.

E então ela percebeu que estava tendo pensamentos *ridículos* e rapidamente os empurrou para fora do cérebro.

E então Mikel decidiu jogar uma bomba nela.

“Degradação,” ele disse claramente. “Humilhação. Tortura sexual e física.”

Sua boca se abriu e a cereja caiu em seu colo. Os dois professores observaram em silêncio enquanto ela rolava pela coxa dela e tombava no chão, quicando duas vezes.

Ela tinha tantas perguntas que todas tropeçavam na ponta da língua, dando-lhe os preciosos segundos que precisava para perceber que não deveria verbalizar nenhuma delas. Ela não tinha o direito de julgar o que as pessoas escolhiam fazer por vontade própria.

Se um humano quisesse que Elijah e Gabriel os *humilhassem* e *torturassem*, então... tudo bem? Certo?

E se Elijah e Gabriel quisessem...

Ela engoliu em seco, colocando cuidadosamente o copo na mesa ao lado do de Kalen. Ela mexeu com os dedos no colo enquanto esperava que eles continuassem. Eles estavam tentando envolvê-la nessa conversa, e ela já havia deixado isso desconfortável o suficiente.

Os olhos de Kalen traçaram seu rosto, lendo algo ali que despertou satisfação em sua expressão.

Ele lambeu os lábios, dizendo: “Minha especialidade é Shibari. É uma forma de escravidão por corda. Não é tudo sobre sexo. É uma forma de arte, uma espécie de meditação para algumas pessoas.”

Escravidão por corda e tortura.

Expressão artística e humilhação.

Degradação e meditação.

Ela balançou a cabeça, tentando visualizar o que Kalen estava falando antes de perceber que eles estavam expondo suas opções diante dela, esperando que ela decidisse.

Ela poderia seguir Gabriel ou Elijah e vê-los torturar as pessoas, ou ela poderia seguir Kalen e vê-lo amarrar as pessoas. Não parecia que Mikel e Oscar estivessem na mesa como opções, e ela estava chegando à desconfortável compreensão de Mikel poderia ter ficado tão marcado quanto estava por causa daquelas lutas, e ela não tinha certeza se teria estômago para ver isso acontecer noite após noite.

“Com que frequência?” Ela perguntou baixinho.

“Geralmente uma vez por semana.” Mikel saltou da cadeira, inclinando-se sobre ela para pegar a cereja do chão. Seu cheiro tempestuoso a inundou quando ele a colocou no copo vazio e se acomodou em sua poltrona. “Kalen sempre pode se transferir para outro lugar, mas sua sala de fetiche pode apresentar um ambiente mais... privado e controlado para você, embora um pouco confrontador. Ele tem mão firme sobre seu público. Ele não pode controlar todos os outros membros do clube se decidirem orbitarem para você. Não sabemos exatamente por que eles queriam recrutar você tão cedo, então jogar pelo seguro pode ser uma boa ideia.”

“Humm.” Ela mordeu o lábio enquanto nervosamente se virava para encarar Kalen adequadamente. Ela não tinha certeza se havia algum tipo de formalidade necessária, mas não queria fazer algo errado. “Você seria meu patrocinador?”

Seus lábios se firmaram em uma linha inflexível, a aprovação correndo por sua expressão rápido o suficiente para que ela tivesse certeza de que havia interpretado mal quando desapareceu. Ele não estava dizendo nada, e ela se perguntou se deveria dizer mais alguma coisa para apaziguar suas preocupações.

O que quer que eles estivessem sentindo, não era negativo, porque havia apenas o nervosismo dela revirando seu estômago. Ou eles não estavam sentindo absolutamente nada, ou estavam fazendo um esforço impressionante para manter seus sentimentos sob controle, para que ela não fosse influenciada durante o que era claramente uma conversa importante para eles. Esse fato por si só a impediu de abaixar a parede e tentar sentir suas emoções contra sua vontade.

Kalen soltou um suspiro curto. “Se você fosse um dos nossos Alfas, essa conversa nem estaria acontecendo. Decidiríamos o que era melhor para você com base em suas capacidades e necessidades individuais e a designaríamos para

quem melhor lhe conviesse. É assim que trabalhamos aqui. É a *única* maneira de tudo isso funcionar."

"Estamos um pouco perdidos," acrescentou Mikel, em tom baixo. "Não sabemos o suficiente sobre você. Se designarmos você para Kalen e depois descobrirmos que você não consegue lidar..."

"Eu posso lidar com qualquer coisa," ela interrompeu, endireitando a coluna. "Coloque-me no ringue com Oscar, não me importo."

O sorriso de Mikel surgiu, seus olhos brilhando. "Talvez outra hora. Por favor, entenda o que estamos dizendo aqui, Isobel. Estamos falando sobre jogar uma virgem em um clube kink e convidá-la a mergulhar."

Ela abriu a boca e fechou-a novamente, um som envergonhado preso no fundo de sua garganta. "Eu não sou uma criança," ela murmurou. "E eu tenho alguma experiência. O que faz vocês pensarem que sou virgem? Por que ninguém iria querer namorar uma Sigma?"

A última parte foi acrescentada com um estremecimento, e ela desejou poder voltar atrás assim que disse isso.

"Porque você está da cor do tapete," Kalen comentou calmamente, apontando para o tapete persa abaixo deles, onde fios escarlates se retorciam em padrões brilhantes. "E Moses foi seu primeiro beijo, não foi?"

"Talvez." Ela firmou os lábios. "Vocês, Alfas, realmente gostam de fofocar."

Kalen zombou. "É nosso trabalho monitorá-los. E agora é nosso trabalho monitorar você. Se Moses foi seu primeiro beijo, com quem você teria tido tempo de foder até agora?" Ele franziu a testa, os olhos percorrendo seu rosto. "Sem mencionar que você apenas estremeceu quando eu disse 'foder'."

Ela jogou as mãos para cima. "Teste-me, então! Faça-me um... exame... de torção."

O sorriso malicioso de Mikel se transformou em um sorriso aberto, suas cicatrizes contorcendo-se em seu rosto, seus olhos incompatíveis enrugando-se nas laterais. Ela tinha visto uma foto de seu sorriso completo uma vez. Os comentários foram brutais. Dizendo que ele era *estranhamente* feio. Dizendo que os Alfas deveriam ter uma pele perfeita. Nenhum dos comentários explicou *por que* eles achavam que todos os Alfas deveriam ter uma pele perfeita, então não era provável que todos soubessem sobre as habilidades de cura dos Alfas. Talvez suas habilidades de cura tenham feito todos os outros Alfas que estrelaram o

Ironside Show ao longo dos anos parecerem um tanto perfeitos.

O sorriso de Mikel foi um breve e doloroso lampejo de nostalgia. Uma breve janela para uma versão dele que já sorriu e riu com frequência e facilidade. Uma versão dele que agora estava morta. O sorriso dele era um memorial, e era triste demais para ser bonito, mas o coração dela doeu tanto quanto por um dos sorrisos perfeitos de superestrela de Theodore.

Kalen riu, mas morreu muito rápido, o som profundo e rouco desaparecendo e deixando-a com a sensação de ter caído de um penhasco com a forma como seu estômago se revirou. “Há mais um problema,” disse ele. “Os companheiros são possessivos por natureza. Tinha certeza que você saberia disso... seus pais sendo quem são. Quando Theodore descobrir o que você está fazendo no clube, e ele descobrirá, como você acha que ele reagirá?”

Ela franziu a testa. “Bem, eu não estaria apenas parada em um canto ou algo assim? Ou serei como... sua assistente?”

“Você fará tudo o que eu mandar.”

O silêncio que se estendia entre eles era pesado, fazendo com que suas roupas parecessem muito quentes e pesadas.

“O-o que você vai me dizer para fazer?” Ela tentou olhar além da máscara de sua compostura calma. Ela estava finalmente começando a sentir pequenas gotas de emoção. Gotas de desconforto e sentimentos de estar *presa*. Eles estavam sendo forçados a isso pelo Track Team e não gostavam.

“Não tocar em ninguém, falar com ninguém ou olhar para ninguém, exceto para mim.” A voz de Kalen baixou para um grunhido, as palavras entregues a ela com algum tipo de subtexto pesado e grave.

“Isobel.” Mikel chamou a atenção dela imediatamente e ela virou a cabeça na direção dele. “Você acha que pode fazer isso?”

Ela levantou um ombro. “Eu realmente não tenho nenhum amigo aqui, exceto Theodore e Kilian. E Cian. E Gabriel, eu acho. E talvez Teak e Charlie, mas elas nem são estudantes.”

Ambos pareciam um pouco divertidos com a lista de todos que ela poderia considerar amigos.

“Você não terá permissão para jogar.” Mikel enfatizou as palavras com cuidado. “Ou para experimentar.”

Uma imagem repentina de Kalen envolvendo seus pulsos com uma corda

caiu como um bloco de cimento em sua mente, esmagando todos os pensamentos racionais. Sua pele ficou sensível e quente, e a dor surda em seu estômago se transformou brevemente em um beliscão mais agudo.

“Como isso é justo?” Ela conseguiu dizer, com a voz estrangulada. “Os outros podem fazer o que quiserem?”

“Elijah, Gabriel e eu não fazemos sexo nas salas,” Kalen retumbou.

“Mas vocês fazem outras coisas.” Ela odiava não saber os detalhes do que eram essas *coisas*. Isso a fez parecer tão inexperiente. “E se eu quiser h-humilhar alguém?”

“Experimente.” Kalen se recostou, cruzando braços grossos e musculosos sobre o peito, sua postura relaxada enquanto fixava um olhar duro nela. “Insulte-me.”

“Você é mandão,” ela disse imediatamente.

“Você pode fazer melhor do que isso,” Mikel incitou. “O que mais?”

“Ele é...” ela parou, mordendo o lábio.

Maravilhoso. Kalen é maravilhoso. Ele salvou a vida dela.

“Diga para *mim*, Carter.” A voz de Kalen estava mais profunda, seu sobrenome escapando como um chicote.

“Você não é muito bom em modular seu tom.” *Uau. Muito bem, Isobel. Isso vai ensiná-lo.*

Kalen avançou totalmente, os braços descruzados, a mão em concha em seu queixo, seu cheiro penetrando em seus poros. “Degradação não é sua praia, princesa.” Apesar do lamentável insulto que ela lançou contra ele, a voz dele se transformou em um estrondo *muito* agradável, o apelido de animal de estimação fez seu cérebro entrar em curto-circuito enquanto ela tentava lembrar por que soava familiar e onde ela o tinha ouvido antes.

A primeira vez que ele a ensinou a escalar.

Seu toque era suave, mal roçando sua pele enquanto seu polegar contornava sua mandíbula. “Você prefere ser elogiada, não é mesmo?”

Ela se viu assentindo, sem ter certeza se entendia com o que estava concordando.

O elogio parecia bom. Melhor do que humilhação, de qualquer maneira.

O ronronar de sua voz combinado com a intensidade em seus olhos a estava

deixando tonta, seu aroma esfumaçado de baunilha inundando seus sentidos. Seu polegar alcançou a borda de sua mandíbula, logo abaixo sua orelha, e então ele se afastou, sua mão caindo de volta para sua coxa.

Ela piscou rapidamente, ficando de pé. “Certo.” A palavra saiu dela. “De qualquer forma, não é como se eu fosse ter minha primeira vez em uma masmorra de uma sociedade secreta sob o lago.” Ela riu sem jeito, o som fraco. Kalen e Mikel a observaram com corpos tensos e olhos duros. “Parece um duplo padrão, só isso. Gabriel, Elijah e Oscar estão claramente autorizados a olhar para as pessoas, tocá-las e falar com elas. Por que não posso?”

“Porque se alguém chegar perto de você, estará morto,” disse Mikel categoricamente.

Não parecia uma ameaça. Apenas um simples fato.

“É apenas uma questão de tempo até que os outros Alfas sejam recrutados para o Stone Dahlia. Não podemos permitir que Theodore fique feral ou que Oscar decida... afirmar seu domínio em público. O vínculo de companheiros é repelido por pessoas de fora que tocam no que se supõe ser deles.”

“Eu vejo Wallis tocar em Theodore o tempo todo,” ela respondeu.

“Você tem prática em gerenciar suas próprias emoções.” Mikel estava balançando a cabeça. “Qualquer outra pessoa na sua posição teria tido um colapso mental completo neste momento, mas você mal hesita. Os outros não são Sigmas. Eles não têm a mesma habilidade.”

Parece uma desculpa, ela queria dizer.

Anos vendo seu pai perder o controle e ter sua mãe culpando seus instintos Alfa a incomodavam, mas talvez Mikel tivesse razão. Não sobre eles, mas sobre *ela*.

Ela franziu a testa, seus pés roçando o tapete enquanto ela começava a andar. “Posso controlar minhas emoções porque *tive* que aprender.” As palavras saíram dela sem sua permissão, saindo sem filtro e caindo no tapete diante de seus passos agitados. “Não havia espaço para mim e para o que *sinto*. Não é porque eu sou uma Sigma, é porque eu só podia ser *tão* pequena.” Sua voz aumentou, seus dedos pairando a poucos centímetros de seu rosto enquanto ela se virava para encará-los. “E se eu pude me fazer importar tão pouco para que todos os outros pudessem importar tanto, então qualquer um pode, e se alguém puder, então talvez *todos vocês* possam abrir espaço para mim.”

Kalen respirou fundo, seu cheiro como açúcar queimado enquanto enchia

seus pulmões, enrolando-se ao redor da sala como fumaça, uma mordida acre que tinha gosto de enxofre, o que ela atribuiu a Mikel.

“Os meninos estão se matando todos os dias para descarregar o máximo de agressão Alfa possível,” disse Kalen calmamente. Ele não *parecia* zangado com ela, mas sua raiva estava lá mesmo assim, batendo em sua pele com força suficiente para fazê-la tropeçar. “E você é um de nós agora. Isso significa que ninguém toca em você, ninguém te machuca, ninguém faz você se sentir *pequena*... e isso inclui o fodido Braun Carter.”

“Você nunca mais ficará sozinha com seu pai,” acrescentou Mikel, uma promessa áspera que arrepiou os cabelos de sua nuca.

Ela abaixou a cabeça, a vergonha escorrendo por ela. “O que acontece se eles não treinarem tanto?”

“Eles emergem.” Houve uma nota de advertência na maneira como Mikel falou. “Há uma parte do cérebro Alfa que parece... desligar. Como uma mudança de humanidade. De repente, não passamos de animais com instintos inteiramente animais.”

“Para a maioria dos Alfas, isso não é um problema,” Kalen explicou calmamente, sacudindo os pulsos. Era difícil imaginá-lo perdendo o controle de alguma forma. “Mas quando grandes grupos de nós coabitam durante demasiado tempo, isso parece acontecer com mais frequência. *Foi* confortavelmente administrável graças ao plano de Elijah e à orientação de Mikel, mas adicionar uma companheira *compartilhada* à mistura basicamente eletrocutou todos aqueles instintos que estávamos tentando manter adormecidos. Ninguém vai te machucar, mas eles podem machucar outras pessoas se verem alguém como uma ameaça para você ou se o vínculo estiver sendo violado de alguma forma. Eles não serão capazes de ajudar a si mesmos. E isso inclui mulheres tocando neles, não apenas homens tocando em você. Nossos instintos vão em ambos os sentidos. Ambos os cenários são perigosos, você simplesmente não testemunhou as discussões que tivemos com eles que se assemelham à discussão que estamos tendo com você agora.”

Ela franziu a testa, segurando a nuca enquanto seu ritmo diminuía até parar. “Se o vínculo não suporta ser contaminado por outras pessoas, então como posso lidar com Theo, Gabriel e Elijah com suas namoradas falsas? E por que eles ainda continuam com suas namoradas falsas se isso lhes causa tanta angústia?”

Kalen se levantou, ajeitando a camisa, os polegares alisando o material para prender qualquer tecido solto sob o cinto, chamando a atenção dela para a grande

estatura de seu corpo e os músculos que eram brevemente delineados quando o material era apertado, embora era uma típica camisa de negócios, um tecido passado com estrutura suficiente para que definitivamente não devesse apenas dar a ela o contorno dos músculos abdominais.

Ele limpou a garganta. “Está claro que você foi maltratada, Isobel. Não era a isso que nos referíamos anteriormente. Sua habilidade Sigma ainda é uma habilidade, mesmo que você tenha que usá-la para propósitos infelizes. Sigmas são incrivelmente obstinados. Sua fortaleza mental é incomparável. Não estou dizendo que você *deva* ser maltratada porque pode lidar com isso. Estou dizendo que você lida com isso melhor do que um Alfa, porque eles não têm a mesma força mental. E é essencial que mostremos ao mundo o quão bem você consegue lidar com ver os garotos com suas namoradas falsas, porque estamos jogando um jogo muito delicado aqui, tentando encobrir o fato de que você está meio vinculada a cada Alfa daqui.”

“Qualquer um de nossos meninos teria quebrado e partido a mandíbula de alguém se tivesse que suportar pelo menos uma pequena fração do que você tem,” acrescentou Mikel. “Mas isso não significa que não estamos todos treinando todos os dias para manter o controle sobre nossos impulsos. Nenhum de nós está usando isso como desculpa para não administrar nossa agressão.”

“Você me disse hoje que preciso aprender a administrar Oscar,” ela acusou calmamente.

“E eu disse a ele a mesma coisa.” A boca de Mikel endureceu, a tensão marcando seu rosto. “Cada um de vocês precisará descobrir como fazer isso à sua maneira. Supondo que nenhum de vocês estejam prestes a mudar?”

Ele a encarou com expectativa, esperando por uma confirmação de que ela poderia ser tão teimosa quanto Oscar, mas ela... teimosamente não queria admitir isso.

“Eu serei seu patrocinador,” Kalen anunciou, contornando-a e indo em direção à porta. “Mas também estou lhe dando um dia para mudar de ideia se precisar. Certifique-se de pensar bem sobre isso. Esta não é uma opção que eu daria a qualquer um dos outros, então aproveite-a.” Antes de abrir a porta, ele olhou para ela, esperando para ver se ela tinha alguma outra pergunta.

Ela assentiu, dizendo um boa noite antes de ir para o quarto de Kilian. A sala estava vazia, parecia que uma equipe de limpeza havia entrado enquanto ela estava no escritório de Kalen.

Provavelmente um deles limpou. Ou Gabriel os havia ameaçado.

Ela ergueu o punho para bater na porta de Kilian, mas então percebeu que ele provavelmente já estava dormindo, já que não havia luz saindo por baixo da porta. Ela a abriu, tentando ficar quieta, e deu um breve suspiro de alívio quando houve luz da lua suficiente derramando-se pelas amplas janelas salientes para iluminar seus passos enquanto ela se arrastava em direção à cama dele. Estava bem-feita, a bolsa de água quente em cima das cobertas esperando por ela. A forma de Kilian estava esticada em um sofá novo, um cobertor puxado sobre os quadris, o peito nu, a pele pálida impecável nas sombras suaves, cada músculo afiado e definido, a mão apoiada no estômago.

Kilian era um anjo. Caiu no mundo mortal para fazer com que todos os outros sentissem a pontada aguda da inferioridade e a queimadura mais aguda da *necessidade*.

Ela rapidamente desviou o olhar, subindo na cama dele e abraçando a bolsa de água quente contra a barriga, enquanto mandava uma mensagem de texto com os desenhos de seus ramos de flores para Theodore e Moses com uma simples mensagem de *"Feliz aniversário"* para cada um deles. Theodore respondeu quase imediatamente.

Theodore: *Uau.*

Theodore: *Eu diria que ninguém nunca me deu flores antes, mas Kilian chegou antes de você.*

Isobel: *Kilian te deu uma flor, singular. Eu te dei um buque de flores, plural. Ainda sou o melhor cavalheiro por aqui.*

Theodore: *Você está sorrindo agora, não está?*

Isobel: *Um pouco.*

Theodore: *Venha aqui para que eu possa ver.*

Isobel: *Não. Câmeras.*

Theodore: *Traga seu cavalheiro aprendiz e tornem-se invisíveis.*

Isobel: *Para fazer o quê?*

Theodore: *Com Kilian por perto, nada. Mas poderíamos fazê-lo sair.*

Isobel: *E depois?*

Theodore: *Foda-se.*

Theodore: *Caralho, foda-se.*

Theodore: *Nada mesmo.*

Isobel: *Você está bem?*

Theodore: *Perfeito. Você está bem, Illy-stone?*

Isobel: *Sinto como se estivesse pendurada na beira de um penhasco e alguém lá em cima estivesse arrancando meus dedos, um por um.*

Theodore: *Eu sei que é assustador, mas você sempre me terá para te pegar. Eu nunca vou deixar você cair.*

Ela digitou *Por quê?* mas imediatamente apagou. Não importava. Talvez ele ainda pensasse que devia a vida a ela depois do que aconteceu durante o primeiro ano na biblioteca, ou talvez fosse porque ela era sua companheira, mas a verdade era que ela *conhecia* o sentimento. Se Theodore caísse, ela o pegaria em um instante, e não por causa de sua natureza Sigma. Ela o pegaria mesmo que isso a esmagasse.

Isobel: *Obrigada, Theo.*

Em resposta, ele enviou uma captura de tela da tela inicial do seu telefone. Ele havia guardado as flores dela como imagem de fundo. Ela sentiu seu estômago embrulhar, e um sorriso estúpido e vacilante tomou conta de todo o seu rosto, permanecendo até que ela finalmente deixou o telefone de lado, resignada com o fato de que Moses não responderia nada.

12

Os Dois Lados da Tortura



Kilian não conseguia dormir.

Ele jogou as cobertas do colo e sentou-se no sofá, esticando as dores do pescoço. Ele olhou para a cama onde Isobel estava encolhida de lado, o braço flácido estendido sobre o colchão em sua direção. Ela se revirou por um tempo antes de finalmente sucumbir ao sono, seu perfume sutil espalhando-se pelo quarto e implorando para que ele se deitasse na cama ao lado dela.

Ela cheirava angustiada, mas também vertiginosa e delicadamente feliz, e ele não tinha certeza de qual nota do perfume dela o atraía mais.

Não, era a doçura delicada e arejada. Esse era o seu favorito.

Ele pegou o telefone, olhando para o reflexo opaco do luar em sua tela antes de finalmente tocá-lo e abrir o aplicativo de mensagens seguro.

Kilian: *Alguém acordado?*

Ele poderia ter convocado uma reunião de grupo, mas não era uma boa ideia mexer muito com as câmeras quando Isobel estava no dormitório. Eles estariam observando muito de perto. Era mais seguro falar por mensagem de texto.

A resposta de Mikel veio primeiro, o que não surpreendeu. Ele dormia com o telefone em uma mesa bem ao lado da cabeça, o volume no máximo possível, sempre preocupado que algum deles pudesse se meter em encrencas.

Com toda a justiça… eles frequentemente se metiam em problemas.

Mikel (admin): Você está bem?

Kilian: *Estou bem.*

Ele mexeu nos botões gastos na lateral do telefone, esperando que alguém

tivesse algo a dizer.

Mikel (admin): Isobel, está bem?

Kilian: *Ela está dormindo. Ela estava exausta.*

Theodore: *Estou acordado.*

Moses: *Acordei agora.*

Cian: *O que você está pensando, Kili?*

Oscar: *Acordado.*

Niko: *arco.*

Niko: *acro.*

Niko: *de pé.*

Theodore: *Niko acordou.*

Niko: *Si.*

Niko: *m.*

Kalen (admin): É sobre Eve de novo?

Oscar está digitando...

Oscar foi silenciado.

Kilian: *… sim.*

Moses: *Tenho certeza que acabei de ouvir a porta do Oscar se abrir. Ele já ficou agitado depois que Carter saiu do chuveiro cheirando a... bem, você sabe.*

Elijah: *Gabriel, tranque a porta.*

Gabriel: *O quê?*

Gabriel: *Eu sempre tranco a porta.*

Gabriel: *Quem diabos está batendo na minha porta?*

Gabriel: *Espere… lendo as outras mensagens.*

Moses: *O que isso tem a ver com Gabriel?*

Theodore: *Por que sou sempre a última pessoa a saber de tudo?*

Kilian: *Pessoal.*

Kalen (admin): Mikel?

Mikel (admin): Nisso.

Niko: *Jesus Cristo. Honestamente. O que aconteceu agora?*

Elijah: *Achei que todos nós soubéssemos.*

Niko: *Que Carter estava se tocando no chuveiro? Sim. Podemos ser mais burros que você, mas temos essa coisa chamada NARIZ.*

Elijah: *Que Gabriel foi o responsável.*

Niko: *Diga o que agora?*

Moses: *Acabei de ouvir a porta de Theo.*

Kilian: *Pessoal.*

Kilian: *Vocês vão acordá-la.*

Kilian: *Por favor.*

Mikel (admin): Acho que todos deveriam ser mais legais com Oscar. Ele é um cara legal, realmente.

Moses: *Ei, Oscar.*

Mikel (admin): Ei cara.

Moses: *Onde Mikki está?*

A visão que Kilian tinha da tela começou a ficar turva, seu coração batendo forte sem motivo algum. Ele rapidamente piscou em meio à névoa, inclinando a cabeça para trás contra o sofá e contando lentamente até dez enquanto o telefone continuava vibrando em sua palma.

Na cama, a testa de Isobel franziu-se em um forte estremecimento, como se a bola gigante de ansiedade com a qual ele quase se engasgou estivesse tentando esmagá-la enquanto ela dormia. Ele fechou os olhos e contou novamente, ignorando o telefone até que a bola se dissipou e o rosto de Isobel se suavizou novamente.

Mikel (admin): Estou de volta.

Oscar foi liberado.

Theodore: *Kili?*

Theodore: *Você está bem?*

Cian: *Tudo bem, Kil?*

Niko: *Deixe-me saber que você está bem ou eu irei entrar.*

Ele zombou do tremor em seus dedos, dos resquícios do pânico que tentara

arrastá-lo para baixo.

Kilian: *Estou bem.*

Kilian: *Precisamos decidir o que fazer com Eve. Ela sabe tudo.*

Kalen (admin): Nossos contatos no OGGB estão dizendo que nenhuma nova informação veio de Eve ou Aron.

Kilian: *Ainda estamos esperando para ver se Aron falará?*

Até mesmo digitar o nome de seu ex o fazia querer tropeçar até o banheiro e vomitar, com o cérebro apertando com uma dor de cabeça imediata. Aron não tinha sido o amor de sua vida nem nada, mas era o amigo mais próximo de Kilian em Green Mountain antes de Kilian se candidatar para Ironside. Aron sempre foi egoísta e indulgente. Até manipulador, às vezes. E às vezes essa manipulação parecia crueldade... mas isso estava além de qualquer coisa que Kilian pudesse suspeitar.

Kalen (admin): Não. Aron continuou com a mesma história. Eve o procurou quando foi para casa nas férias, disselhe que você estava secretamente acasalado com Isobel e que tinha um plano para quebrar o vínculo. Aparentemente, ele não sabia que Eve iria cortá-la. Ele pensou que a luz de Isobel se manifestaria do lado de fora e Eve poderia agarrá-la. Mas ele não fez nada para impedi-la.

Mikel (admin): Ele repetiu a mesma história indefinidamente e então "demonstrou" o poder de Eve. Eles o forçaram a assinar uma confissão absolvendo Eve de toda responsabilidade, e agora ele não pode mais falar.

Kilian soltou um suspiro profundo, seu corpo estremecendo com a lembrança do que aconteceu quando os oficiais o tiraram de Ironside.

Kilian: *Preciso contar uma coisa a todos vocês.*

Nenhum deles respondeu e ele mordeu o lábio enquanto tentava encontrar as palavras certas.

Kilian: *Eles realmente não me colocaram no prédio oficial enquanto me questionavam sobre Aron.*

Ainda assim, eles não responderam, e uma sensação terrível e angustiante percorreu Kilian.

Eles *sabiam*.

Assim que foi chamado à frente da academia e conduzido a um carro com dois oficiais silenciosos e de terno, ele soube que seria submetido a um

interrogatório difícil. Eles o vendaram antes mesmo do carro sair do meio-fio, dirigindo por aí durante a maior parte da noite. Foi tudo para intimidar porque assim que o tiraram do carro ele sabia que estava abaixo da academia. Seus passos ecoaram, a temperatura do ar caiu, e eles tiraram sua venda no corredor do lado de fora de sua câmara de interrogatório, mostrando um breve lampejo da opulência que ele sabia estar dentro do Stone Dahlia, mesmo que ele nunca tivesse pisado dentro antes.

O chão era um mosaico brilhante de pedras raras e polidas com brilhantes detalhes em pérolas e ouro, retorcidas de parede a parede como veios luminescentes. Não havia uma única marca de desgaste ou pegada na superfície altamente reflexiva, apenas um respingo brilhante de luz suave e quente dos lustres em camadas acima. O ar estava levemente perfumado com o mais leve toque de um aroma exótico que provavelmente fazia as pessoas quererem gastar dinheiro intrinsecamente, e havia uma música suave saindo de alto-falantes escondidos, cantando em ele *relaxasse*, mesmo quando os oficiais o empurraram para dentro da sala e trancaram a porta com rostos severos e inabaláveis.

Ele não tinha certeza de quanto tempo foi mantido lá, mas o processo deles foi... intenso.

No início, eles simplesmente o questionaram.

Estava claro que eles não achavam que ele era companheiro de Isobel, e ele supôs que fazia sentido, já que Theodore passou quase uma semana se recusando a sair da cama de hospital de Isobel, apertando seu corpo sem vida contra o dele como se pudesse de alguma forma assimilá-la em sua pele… e Kilian *não* destruiu seu melhor amigo.

Mas os oficiais o questionaram mesmo assim e agiram como se estivessem descontentes com as respostas que recebiam dele. Foi então que trouxeram o dispositivo de choque. Eles colocaram eletrodos em sua pele e apertavam um botão sempre que decidiam que ele estava sendo menos acessível.

Só um pequeno choque, garantiram-lhe, enquanto ele rangia os dentes por causa da dor. *A pesquisa mostra que ajuda a ativar o centro de memória do cérebro. Você é um Alfa, então se recuperará rapidamente.*

Perguntaram-lhe se ele havia *organizado* o ataque. Perguntaram se ele estava apaixonado por Theodore e queria Isobel morta.

Eles perguntaram há quanto tempo ele estava enganando Eve, Aron *e* Isobel, e se ele havia conseguido o que queria.

Eles perguntaram como ele formulou o plano e como o comunicou a Aron.

E então, de repente, eles mudaram de rumo novamente, perguntando se ele sabia quem era o companheiro de Isobel.

Eles trocaram os interrogadores e continuaram até ele desmaiar entre as eletrocussões, e então simplesmente... parou. Eles o transferiram para o hospital para uma “verificação de bem-estar” e ele não voltou a ver nenhum deles.

Ele olhou para a tela do telefone enquanto ela escurecia devido à inatividade, a realização se instalando em seu estômago com uma guinada doentia. Ele tocou na tela para trazê-la de volta à vida.

Kilian: *Achei que fosse o Track Team.*

Kilian: *Achei que eram eles interferindo no interrogatório para me recrutar.*

Kilian: *Achei que foi por isso que parou.*

Finalmente, um deles respondeu.

Elijah: *Não. Foi Kalen.*

Kilian: *Que porra é essa, Kalen?*

Kalen (admin): Não comece comigo. Você não deveria ter ficado calado sobre isso por tanto tempo.

Kilian: *Achei que já tínhamos o suficiente para lidar. Eu só queria esperar um pouco.*

Kilian: *O que você deu a eles em troca?*

Kalen (admin): Concordei com uma sessão privada.

Kilian praguejou asperamente, antes de esconder a tela do telefone e lançar um olhar para a cama para se certificar de que não havia acordado Isobel. O Track Team vinha tentando convencer Kalen a aceitar clientes particulares desde que ele começou no Stone Dahlia, chegando até a oferecer-lhe uma redução maior na tarifa da sala. Era a diferença entre mil dólares e dez mil dólares, mas Kalen continuou a recusar.

Era uma expectativa tácita de que ele teria que fazer o que o cliente quisesse se permitisse sessões privadas.

Kilian: *Todos concordaram com isso?*

As respostas vieram imediatamente.

Mikel (admin): Não.

Oscar: *Foda-se, não.*

Gabriel: *Nenhum de nós concordou.*

Elijah: *Kalen não pediu uma votação em grupo. Ele nos contou o que tinha feito depois de fazer.*

Kilian: *Você deveria ter me deixado lá, porra.*

Kalen (admin): Esta foi minha decisão e é final. Posso lidar com uma sessão privada.

Kilian: *Como você planeja fazer isso?*

Kalen (admin): Vou descobrir alguma coisa. Pare de se preocupar comigo, Kilian. Você já tem muito que fazer e é meu trabalho me preocupar com você, e não o contrário.

Elijah: *Eu já descobri.*

Kalen (admin): Não toque nisso novamente.

Elijah: *É uma solução perfeita.*

Cian: *Primeiro, ouvi falar de uma solução perfeita?*

Niko: *Os planos de Elijah sempre funcionam. Qual é o problema?*

Elijah: *Não há problema. Kalen apenas acha que pode recusar até que eu elabore um plano diferente que não ameace sua delicada sensibilidade.*

Kalen (admin): Cuidado com a boca.

Elijah: *Guarde sua voz mandona para Isobel. Você vai precisar disso.*

Theodore: *O quê? O que isso tem a ver com Isobel?*

Gabriel: *Ah. Sim, isso faz sentido.*

Moses: *Seremos os juízes do que faz sentido.*

Moses: *Depois que você nos explicar tudo.*

Gabriel: *O clube está tentando recrutar Isobel. Se ela pedir a Kalen para ser seu patrocinador, ela poderá acompanhá-lo em todos os seus compromissos, mesmo os privados. Se alguma puma rica esperava colocar suas garras em Kalen gastando uma pequena fortuna em algumas horas em um quarto privado com ele, a presença de Isobel seria perturbadora.*

Cian: *Então? O que há de tão ruim nesse plano?*

Kalen (admin): Esse não era o plano.

Elijah: *O plano era um pouco mais abrangente.*

Gabriel: *Ok, não importa. Estou com Kalen nisso.*

Theodore: *Não há necessidade de ser abrangente.*

Moses: *Podemos voltar a alguns minutos atrás, quando Gabriel estava realmente errado sobre alguma coisa?*

Gabriel: *Não.*

Elijah: *Se Kalen mudasse de atitude, poderíamos mitigar todos os riscos. Acho que o plano abrangente é melhor.*

Oscar: *Isobel Fodida Carter é uma Sigma virgem que ainda não consegue nem nos olhar nos olhos enquanto fala conosco na metade do tempo. Ela não está na mesma categoria que um coelhinho Shibari.*

Moses: *Coelhinho, né?*

Gabriel: *Esquisito.*

Elijah: *Deslize Freudiano, Oscar?*

Oscar: *Vou Freudianizar enfiando meu punho entre seus dentes.*

Oscar: *Assim que eu terminar com Gabriel.*

Kilian: *Onde você está agora?*

Oscar: *No quarto de Gabriel.*

Niko: *Que porra é essa, Gabe. Você o deixou entrar?*

Gabriel: *Ele estava falando alto. E nunca toquei em Isobel. Ele não tem nada para quebrar.*

Kilian: *Então o que ele está fazendo?*

Gabriel: *Ele está parado no canto, me encarando e tentando descobrir como eu poderia ter alguma coisa a ver com Isobel se tocando no chuveiro quando eu nem estava lá.*

Mikel (admin): Pelo amor de Deus, Oscar. Não me faça descer aí novamente.

Oscar: *Eu não o machuquei ainda. Todos descansem sua calcinha.*

Moses: *Falando em calcinha. Quer vasculhar os esconderijos de Gabe enquanto estiver aí?*

Theodore: *Isobel não está pronta, Kalen.*

Kalen (admin): Eu sei.

Elijah: *Você poderia prepará-la.*

Kalen (admin): Eu sei.

Niko: *Mas você não vai, certo?*

Kalen (admin): Preciso avaliar melhor a posição dela com tudo isso. Ela já me pediu para ser seu patrocinador.

Kilian: *Não a pressione.*

Kilian saiu do bate-papo e caiu de volta no sofá, olhando para os padrões sombreados no telhado. Isobel estava em boas mãos com Kalen, e todos sabiam disso, mas havia partes do clube das quais nem mesmo Kalen poderia protegê-la.

As coisas estavam ficando mais complicadas... mas um peso acabava de ser tirado de seu peito.

Ele normalmente não guardava segredos deles por tanto tempo, mas achou que seria melhor se todo o foco deles fosse em proteger Isobel.

Ele deveria ter percebido que eles já sabiam.



Isobel acordou uma hora antes de seu alarme tocar, com a mente zumbindo. Ela checou seu telefone apenas para ter certeza de que nada de terrível havia acontecido enquanto ela dormia, e então entrou no banheiro de Kilian para se preparar para o dia. Ela estava na metade do dormitório quando fez uma pausa, lembrando que Mikel havia ordenado que eles fossem a todos os lugares em pares ou grupos.

Felizmente, Elijah também parecia acordar cedo. Ele saiu do quarto com moletom amarrotado e cabelo despenteado, indo em direção às escadas que levavam à cozinha antes de se virar, fixando-a com um olhar, o nariz se contorcendo.

Ele a avaliou rapidamente, antes de murmurar: “Dê-me um minuto” e desaparecer de volta em seu quarto.

Ele reapareceu vestido para o treino de dança, com a bolsa pendurada no braço, e encontrou-a na porta. “Para onde vai tão cedo? Você não tem prática por

uma hora.”

“Pensei em verificar Sophia e Luis.”

“Tudo bem.” Ele empurrou a porta, segurando-a e acenando para ela ir primeiro.

“Como você dormiu?” Ele perguntou quando chegaram às escadas.

Ela se sentiu estranha ao tentar conversar um pouco com ele, mas ele não parecia sofrer do mesmo problema. Ele a bombardeou com perguntas educadas e superficiais até chegarem à capela, onde ambos pararam na porta. A Guardiã, Maya, estava aspirando ao redor do estrado, com um velho conjunto de fones de ouvido na cabeça, o pé batendo distraidamente. Ela parou quando os viu, colocando os fones de ouvido no pescoço e desligando o aspirador.

“Carter,” ela disse, seu tom surpreso. Seu olhar firme, com anéis de ouro e mogno, moveu-se para Elijah. “Reed, é isso? Peço desculpas, meu filho é um grande fã, mas não acompanho muito o programa.”

Elijah apenas inclinou um pouco a cabeça em reconhecimento.

“Maya Rosales.” Ela enrolou o fio do aspirador e se aproximou, estendendo a mão para Elijah.

“É um prazer,” disse ele, fingindo não notar a mão dela. “Eu ouvi... coisas.”

“Um cético, hein?” Ela riu, divertida com a recepção fria dele, antes de voltar sua atenção para Isobel. “O que traz você aqui esta manhã? Algum outro artefato apareceu?” Seus olhos foram direto para o peito de Isobel, embora a corrente estivesse escondida por sua camisa grande demais.

“Nada desde a última vez que Sophia e Luis atualizaram você,” Isobel respondeu suavemente.

“Eu *sou* uma Guardiã, Carter.” Os lábios de Maya se estreitaram. “Meus filhos podem ter um talento especial para o ocultismo dos Superdotados, mas eles não têm meus anos de experiência. Claro que eles me consultaram.”

“E o que você tem a dizer?” Isobel perguntou, cruzando os braços.

A mulher foi nada mais que educada com ela, mas Isobel ficou *extremamente* desconfortável com o fato de Maya e seus filhos andarem por aí sabendo que os olhos de Isobel haviam mudado.

Depois de Eve…

Ela enrijeceu, forçando os pensamentos a se concentrarem em Maya, que

estava empurrando pequenas correntes de ansiedade para provocar o peito de Isobel. Era diferente de quando o pai de Isobel a dominava com suas emoções, ou quando os Alfas do Dormitório A enviavam suas emoções contra o corpo dela. Isso era mais suave, mais sutil, como se Maya tivesse tanta prática quanto Isobel em manter suas emoções trancadas a sete chaves.

Talvez ela tivesse.

Toda a sua ocupação era manter uma religião morta e um grupo de deuses que a maioria dos Superdotados havia esquecido há muito tempo. Ela provavelmente tinha que sofrer tanta ridicularização quanto Isobel por ser uma Sigma.

“Acho que os deuses não se preocupam com maldições,” respondeu Maya. “Mas há um deus que deve manter o equilíbrio quando os outros deuses exageram em seus presentes.”

Isobel assentiu, tentando lembrar o nome do deus que Sophia e Luis lhe mostraram.

“Stygian,” Maya forneceu.

“Certo.” Isobel olhou ao redor da capela, mas não era como se alguma das sombras estivesse prestes a se afastar da parede e se transformar em seres celestiais vestidos com mantos. Era apenas uma capela. Nem mesmo muito elaborada, considerando que pertencia a Ironside. “O deus do mistério.”

“O Guardião do Crepúsculo,” Maya corrigiu. “Os Superdotados não têm um 'deus do mistério', assim como nós não temos uma 'deusa do amor' ou um 'deus dos mares'. Nossos deuses não são tão simples assim, com apenas um segmento do mundo para o qual estão relegados. O Guardião do Crepúsculo tem esse nome porque guarda o espaço entre a luz e a escuridão. Às vezes, até mesmo o espaço entre a vida e a morte. Sem ele, não temos equilíbrio.”

Isobel teve vontade de morder a língua, mas as palavras saíram mesmo assim. “Você chama este mundo de equilibrado?”

“Os deuses não existem para *nos* servir, Carter. Existimos para servi-los. Eles nos dão nossas habilidades, nosso sangue talentoso e, em troca, devemos manter seus templos e seguir seus decretos.”

“Estou curioso,” Elijah falou de repente, sua voz calma e suave, definitivamente não tão irritada quanto Isobel se sentia. “A corrente que você tirou de Isobel... ela mostrou algum sinal de senciência?”

“Nenhuma,” Maya respondeu imediatamente. “Não foi planejada para

mim.”

“Você estudou mais sobre isso?” Elijah pressionou.

“Claro.” Maya examinou-o um pouco mais detalhadamente, arqueando uma sobrancelha fina e elegante. “É idêntica à corrente de Aphelina. Eu cruzei referências com todas as imagens que pude encontrar e com todos os relatos escritos de pessoas vinculadas que receberam a corrente de Aphelina no passado.”

“Pode ser presenteada para mais de uma pessoa ao mesmo tempo?” A expressão de Elijah era quase entediada, mas ele falou rapidamente, seu tom beirando o áspero.

“Parece que sim.” Maya tirou um pouco de pó da camisa de botão desbotada. “A corrente sempre desaparece depois de algum tempo, mas *nunca* se fundiu ao corpo de uma pessoa. Não em nenhum registro que eu possa encontrar.”

“Você encontrou algum registro de corte ou deformação da corrente?” Elijah mal parou para digerir as palavras de Maya.

“Não...” Maya admitiu, mas Elijah já estava falando novamente.

“O que havia de tão distinto na corrente que você tem tanta certeza de que é igual as mencionadas em seus registros?”

“Não é um metal deste mundo.” Maya parecia divertida agora.

“E como você testou isso?” A decepção de Elijah atingiu Isobel, como se ele já tivesse concluído que Maya não poderia provar o que ela estava dizendo.

Maya respondeu com seu pequeno sorriso se curvando ainda mais, sua diversão com o rápido questionamento de Elijah era óbvia agora, com apenas uma pequena centelha de algo que poderia ser aprovação ou respeito brilhando em sua expressão. “Os oficiais estão tão interessados na situação única de Carter quanto eu. Eles me permitiram entrar em contato com um certo professor da UCLA, que me convidou para passar o dia em seu laboratório. Ele me mostrou como testar o metal e consegui convencê-lo de que o teste em si era confidencial.”

“Que tipo de teste?” Isobel perguntou, enquanto a suspeita de Elijah saía de seu peito. Seu rosto agora estava pintado de curiosidade.

Maya passou por eles, fechando as portas da capela com firmeza antes de ligar o aspirador novamente, mas não retomou o trabalho. Ela os chamou para

mais perto, explicando baixinho: “Nunca se sabe com este lugar.” Ela indicou o aspirador que zumbia alto. “O teste que fiz foi de difusividade térmica. Cortei e alisei uma seção da corrente e coloquei-a entre um laser e um detector infravermelho. Não importa o quanto eu pulsasse o ouro com o laser, o detector infravermelho não detectava nem um grama de calor. Não importa o que eu fizesse, simplesmente não conseguia aquecer o metal.”

“Está esquentando o tempo todo,” argumentou Isobel, seus dedos subindo até o peito. “Sempre que se move.”

“Ainda está se movendo?” Maya perguntou bruscamente.

O braço de Elijah pousou sobre os ombros de Isobel, puxando-a alguns centímetros para trás e aconchegando-a contra seu lado. Ele se virou ligeiramente, colocando-se entre ela e Maya.

“Você disse alguma coisa sobre os olhos de Isobel?” Ele perguntou baixinho, seu tom agora suave como seda, mas isso de alguma forma o tornou mais assustador. “Seus filhos disseram alguma coisa?”

“Não.” Maya franziu a testa, recuando ligeiramente. “Eu já dei minha palavra. E guardei as conclusões dos meus experimentos para mim também. Eles acham que a religião dos Superdotados é um monte de bobagens, então não ficaram surpresos quando eu lhes disse que não houve resultados notáveis.”

“Por que você faria isso?” Elijah estreitou os olhos para ela. “Isso é um comportamento anti-legalista. O que tem nisso para você?”

“O que *você* se importa com *isso*?” Maya voltou, gesticulando para o modo como Elijah estava abraçando Isobel perto o suficiente para que até o rosto dela estivesse pressionado contra a camisa dele. “Você não está nos registros médicos de Carter como substituto.”

“E você não está nos registros dela,” Elijah respondeu.

“Adivinha quem *está* nos meus registros?” Isobel resmungou. “Sim, sou eu. Vocês dois podem parar de falar de mim como se eu nem estivesse aqui.”

O aperto de Elijah não diminuiu. “O que você ganha com isso, Guardiã?” Ele insistiu categoricamente, um toque da voz Alfa rastejando em suas palavras.

“Você acabou de responder à sua própria pergunta,” ela respondeu, igualmente categoricamente. Os dois eram na verdade... estranhamente parecidos. “Eu sou uma Guardiã. Eu *existo* para proteger e preservar a religião dos Superdotados, e os pares unidos pela alma são um dos pilares fundamentais dessa religião. Todos os Superdotados deveriam ter um companheiro vinculado,

combinados pelo destino, mas com todo o nosso povo segregado em campos, e vigiados tão de perto, é impossível que os companheiros se encontrem ou estejam próximos um do outro quando entram no Estágio da Morte. Aqueles que encontram seu companheiro devem ser protegidos a todo custo."

"Mamãe?" Sophia levantou a voz acima do som do aspirador, fechando a porta dos fundos da capela ao entrar. Luis estava quase preso nas costas dela, o rosto pálido, a mão enroscada na camisa dela. "Oh." A atenção de Sophia se voltou para Isobel e Elijah. "Ei..." sua expressão de repente mudou. "Ashford teve uma visão? Ele sabe de alguma coisa?"

"Nada de novo," disse Elijah, enquanto Maya desligava o aspirador.

Isobel baixou um pouco as paredes, sentindo o terror avassalador e doentio que rolava sobre Luis em grandes ondas. Ela caminhou até eles, ajoelhando-se diante de Luis e examinando seu rosto pálido e suado.

"Você teve outro sonho?" Ela adivinhou.

Luis assentiu, com o lábio inferior tremendo, e então escondeu o rosto na camisa de Sophia e começou a chorar. Isobel ficou de pé, com o peito doendo, mas não era nada comparado à angústia desolada que sentia vindo de Sophia. Ela bebeu um pouco para si mesma, percebendo que havia melhorado em drenar as emoções das pessoas sem que elas percebessem, e então levantou a parede novamente, respirando um pouco mais fácil e sentindo-se culpada por isso.

Ela compartilhou um breve olhar com Sophia, que havia treinado sua expressão até revelar apenas uma leve pontada de dor.

"O mesmo sonho," explicou Sophia. "Sem novos detalhes. Esta é a terceira vez."

Isobel olhou novamente para o menino, tomando uma decisão pela qual ela já sabia que iria pagar.

"Não..." Elijah estava se aproximando dela, mas era tarde demais.

Ela arrancou as paredes e engoliu o medo de Luis, arrastando-o para seu próprio corpo em grandes quantidades, mal conseguindo recuperar o fôlego antes que outra montanha de terror aterrissasse dentro dela. Estava se acumulando em seu corpo como grandes blocos de chumbo, formando uma torre precária e ameaçadora.

Elijah pegou seus braços, girando-a para encará-lo, seus olhos frios passando entre os dela, suas feições bonitas e aristocráticas um pouco embaçadas. "Pare com isso," ele sussurrou asperamente. "Você não pode se dar

ao luxo de ficar doente agora, Carter. Este ataque pode acontecer a qualquer momento."

Ela lutou contra as paredes, libertando-se do aperto de Elijah para que ele não sentisse o quanto ela estava tremendo. Ela não queria que ele soubesse o quanto ela tinha acabado de absorver dentro de si mesma.

Ela olhou de volta para Luis, mas ele não estava mais agarrado a Sophia. Ele se lançou sobre Isobel, lançando-se contra ela com tanta força que ela pensou que estava sendo atacada a princípio. Seus braços finos envolveram seus quadris, sua cabeça pressionando seu estômago, e ela esperou que ele apertasse com muita força, para atacá-la com uma arma escondida, para tentar forçá-la ao chão, onde sua mãe e irmã poderiam prende-la…

Mas ele estava apenas abraçando-a.

A respiração dele era curta e entrecortada, as lágrimas molhavam a camisa dela, os braços tremiam tanto quanto os dela. Ela caiu de joelhos, e os braços dele se soltaram apenas para envolver seu pescoço, seu corpo trêmulo colidindo contra o dela novamente.

"Está tudo bem," ele soluçou. "V-você vai ficar bem."

Por que ele a estava confortando?

Por que suas bochechas estavam molhadas?

Ela retribuiu o abraço de Luis, tentando esconder as lágrimas enquanto a mão trêmula dele acariciava seu cabelo com movimentos desajeitados e calmantes. De repente, o calor envolveu sua espinha, o aroma de cravo-da-índia condimentado e fumaça de lenha desenrolando-se, envolvendo-a e sussurrando em seus membros que o *verdadeiro* conforto estava apenas a um sopro de distância. Ela soltou Luis, e Elijah a pegou instantaneamente, levantando-a e depois mais alto, até que ela pudesse envolver as pernas em volta da cintura dele, os braços em volta do pescoço dele, o nariz enterrado em sua garganta.

"Ela levou tudo o que o menino estava sentindo," explicou ele, com os braços em volta dela com força.

"Ela está bem?" Sophia sussurrou.

"Ela ficará," Elijah grunhiu. "Podemos ter um minuto?"

"Claro," Maya respondeu suavemente. "Luis, venha aqui, querido. Daremos cinco minutos, mas vocês não devem ficar aqui muito tempo. Eles enviarão uma equipe para verificar vocês."

“Estou ciente.” A voz de Elijah era curta, mas ele pareceu transformá-la em algo mais educado. “Foi… interessante conhecer você, Guardiã.”

“Cuide dela.” *Voz alfa*. A voz de Maya.

“Posso dizer adeus?” Luis sussurrou.

“Outra hora, gafanhoto,” Maya o acalmou. “Precisamos dar a eles um momento. Vamos.”

Assim que a porta se fechou, Elijah foi até um banco, afastando-o da parede para que ela não tivesse que desenrolar as pernas da cintura dele. Ele sentou-se, as mãos pegando o rosto dela e levantando-o de seu esconderijo contra a segurança quente de seu pescoço, onde a tristeza dela se desenrolava em pensamentos sobre fumaça de lenha.

“Você vai desmaiar?” Ele perguntou. Seu rosto estava embaçado, mas ela tinha certeza de que uma carranca pesada torcia em seus lábios.

“Não.” Ela fez uma careta. “Eu simplesmente peguei muito *rápido* e foi... ele está tão...”

“Ele é uma criança sonhando com toda a sua família sendo assassinada,” Elijah forneceu secamente. “Tenho certeza de que ele está completamente traumatizado. Você tirar a emoção não vai nem tocar nesse trauma.”

“Pare com isso.” Ela deu um tapa fraco no peito dele. “Esse é meu poder,” ela balbuciou. “Eu faço o que eu quiser com ele.”

Seus lábios pareciam se curvar, seus polegares esfregando para secar as lágrimas em seu rosto. “Eu só vi você chorar uma vez. O dia em que você morreu.”

“Que momento?” Ela tentou enterrar o rosto em seu pescoço novamente, para trazer aquele perfume poderoso de volta para seus pulmões, mas ele segurou seu rosto com firmeza.

“Você é tão forte,” ele disse calmamente, aqueles olhos frios perfurando os dela. “Mas você não é inquebrável. Pare de abusar da sua sorte.”

“Eu ouvi sobre o que você faz,” ela deixou escapar, sentindo-se envergonhada pelo escrutínio dele enquanto sua visão começava a clarear, a emoção de Luis finalmente encontrando espaço dentro dela para se estabelecer adequadamente. “Ouvi dizer que você gosta de humilhar as pessoas.”

O aperto de Elijah afrouxou, caindo até sua cintura. A borda de sua boca se contraiu ainda mais até formar um meio sorriso. “Sério?”

“Achei que você odiasse valentões.”

“Eu odeio.”

“Então, por quê?”

Ele a olhou categoricamente. “Por que o quê, Carter?”

“Por que você gosta de degradar as pessoas?”

“Você 'ouviu' que gosto de degradar as pessoas ou 'ouviu' que era algo que eu fazia? Porque há uma diferença entre fazer algo e gostar.”

“Por que fazer isso se você não gosta?”

“Essa é uma pergunta melhor… mas eu nunca disse que não gostava.”

Isobel gemeu, golpeando seu peito novamente. “Você é...”

Ele pegou o pulso dela, e depois o outro, torcendo os dois braços atrás das costas, e então endireitou a postura, usando o aperto nos braços dela para pressionar o peito dela contra o dele. Ela teve que inclinar a cabeça para trás para ainda encontrar os olhos dele.

“Gosto de estar no controle,” explicou ele em um sussurro. “Mas a sala de fetiche não é sobre o que eu gosto. É sobre o que as pessoas querem ver. O que eles pagariam para ver. E adoram ver outras pessoas *implorando* para serem reduzidas a recipientes para o que quisermos fazer com elas.”

“O que você faz com elas?”

“Você está muito curiosa hoje. Por quê?”

Ela encolheu os ombros... tanto quanto podia com os braços torcidos do jeito que estavam. “Apenas me perguntando.”

“Bem...” ele transferiu ambos os pulsos dela para uma de suas mãos, usando a outra para segurar seu quadril e atraí-la para mais perto. “Eu não me preocuparia, doce menina. Você vai adorar o que Kalen faz. E quando ele fizer isso com você, será uma experiência agradável.”

Quando, não *se*.

“Como você sabe disso?”

Seu olhar frio percorreu seu rosto, categorizando as lágrimas secas em sua pele. Ela ainda podia sentir a umidade grudando em seus cílios.

“Por causa do que aconteceu ontem à noite com Gabriel,” ele finalmente admitiu. “Você não é tão próxima dele, mas ainda assim deixou que ele lhe

dissesse como se tocar, não foi?” Ele continuou antes mesmo que ela tivesse a chance de responder. “E não por causa do vínculo.” Ele a puxou ainda mais para perto, abaixando a cabeça para sussurrar as palavras em sua bochecha. “Foi porque ele se ofereceu para tirar tudo por um momento. O estresse, as decisões, o perigo. Ele estava completamente no controle e você confiava nele o suficiente para saber que ele a manteria segura se você desistisse de tudo. Ele cuidaria de você e faria você se sentir bem, e você não precisava dar nada em troca, exceto sua doce submissão.”

De repente ela se sentiu inquieta, sua respiração ficando ofegante, toda a sua existência se estreitando na forma como suas pernas ainda estavam presas em volta da cintura dele, os braços torcidos atrás das costas, uma das mãos dele apertada na curva de sua cintura. Ela estava se esforçando contra ele, os pulsos grudados obedientemente, embora ela pudesse libertá-los se o surpreendesse com o esforço. Ela ficou feliz por ele tê-la posicionado como quisesse... porque ela *se sentia* segura com ele.

Mas ele estava errado ao dizer que não tinha nada a ver com o vínculo.

Foi *o cheiro* dele que a convenceu a confiar nele, e ela só podia cheirá-lo por causa do vínculo... embora ela supusesse que isso não significasse que o cheiro dele fosse uma mentira. Os Alfas podiam sentir o cheiro de todos ao seu redor, e isso não os fazia confiar em todos ao seu redor. Caramba, eles não confiavam em *ninguém.*

Ela confiava em Elijah?

Ela não tinha certeza.

“Interessante,” ele murmurou. Ele se afastou, examinando seu rosto enquanto ela permanecia em silêncio. “Você acha que estou manipulando você.” Não foi uma pergunta.

“Você não está?”

“Talvez.” Ele soltou seus pulsos, suas mãos apertando levemente seus braços enquanto a levantava, ficando de pé e colocando-a de pé novamente. “Não leve para o lado pessoal. Acho mais fácil lidar com as pessoas dessa maneira.”

“Por que você simplesmente não diz o que realmente quer dizer?”

Ele sorriu, cobrindo a boca com as costas da mão enquanto uma risada curta saía dele. “Ok, Carter. Acho que sua inocência é libertadora... de uma forma que eu não esperava. Acho que o idiota do seu pai não a preparou para mais... bem,

digamos apenas os aspectos *sociais* do Ironside, porque ele realmente não vê você como pessoa, não é? E a sua mãe...”

“Cuidado,” ela sibilou, entrando em seu espaço pessoal, seus olhos se estreitando enquanto ela olhava para ele.

Por alguma razão, aquele sorriso apareceu em seu rosto novamente. “Sua mãe,” ele continuou, ignorando seu aviso, “provavelmente ficou traumatizada por suas próprias experiências *sociais,* e prepará-la para algo que ela nunca teria desejado para você não estava no topo de sua lista de prioridades, suponho.”

“Quando você diz social...”

“Estou falando sobre sexo e relacionamentos românticos, sim.”

“Certo.”

“Você cresceu com uma noção muito distorcida de romance acontecendo bem na sua frente, com Ironside influenciando seus ideais todas as noites, e Hollywood adicionando uma pitada de incerteza ao lado. Em qual versão você acredita? O ambiente que criou seu pai? A relação que ele tem com sua mãe diante dos seus próprios olhos ou os filmes em que atua? Você é notavelmente boa em manter todas essas influências distorcidas dentro de você enquanto se solta e apenas *sente*, e eu acredito que isso a torna incrivelmente perigosa para nós. É lindo e não há espaço em nosso mundo para coisas doces e bonitas.”

Ela olhou para baixo, observando as cicatrizes enrugadas que desciam por seus antebraços. Ela nem se preocupou em cobri-las, mas não havia dúvida de que ela não se sentia mais *bonita* como antes.

A dança costumava fazê-la se sentir bonita, mas algo havia mudado.

Ela não dançava mais para voar alto. Ela dançava porque era um disco arranhado em um toca-discos, repetindo-se continuamente porque não havia nada mais nela do que as coisas que seu pai a criou para ser. Ela estava apenas cambaleando, cantando a mesma música, dançando a mesma dança, esperando que alguém levantasse a agulha e a quebrasse para sempre.

“Eu gosto... do que você vê,” ela conseguiu dizer. “Eu... gostaria que fosse verdade.”

“Hum.” O dedo dele apareceu de repente sob o queixo dela, levantando seu rosto delicadamente até que ela foi forçada a encontrar seus olhos novamente. “Quando é sua próxima consulta com a especialista em vínculos?”

“Esta tarde. Geralmente é às quintas-feiras, mas...”

“O Dia da Consolidação é amanhã,” concluiu ele por ela. “E então faremos uma pausa para o verão. Ela vai bolar um plano para manter o vínculo estável durante as férias de verão?”

Isobel assentiu, forçando o dedo dele a cair, mas os olhos dele permaneceram fixos nos dela, o olhar estreito e sem piscar, a atenção dele fazendo os pelos dos braços dela se arrepiarem.

“Bom,” ele grunhiu, afastando-se dela. “Você deveria pedir para continuar suas sessões com ela durante o intervalo. Reuniões por telefone ou vídeo.”

Ela piscou para ele, mas ele já estava caminhando para a porta.

13

Baby



“Ainda não está funcionando,” Gabriel murmurou, observando enquanto os braços dela caíam frouxamente ao lado do corpo, a música nos alto-falantes desaparecendo no silêncio antes de recomeçar. “Dance com Elijah.”

Elijah estava sentado em silêncio, observando-a com aquele mesmo olhar duro que não havia mudado de seu rosto desde que saíram da capela, uma hora atrás.

“Isso de novo não.” Ela suspirou, voltando sua atenção para Gabriel. “O professor Lye não disse que *teria* que ser uma dança com parceiro para a avaliação final.”

“E ainda assim o objetivo da avaliação é se inscrever na turma do terceiro ano, que é uma turma especializada em trabalho de parceria,” rebateu Gabriel. “Por que você não tenta? Qual é o problema?”

Ela olhou entre eles, percebendo que *ambos* tinham aquele olhar penetrante e avaliador. Este era outro teste especial de “Reed e Spade”, mas ela não estava mais com vontade de ser avaliada. Se eles pensassem que viram algo de que não gostaram, então essa feiura cresceria em poder horrível à medida que olhassem mais profundamente.

A verdade não era bonita.

A verdade era tão perturbadora que ela nem queria admitir para si mesma.

Ela foi até a porta, apagou a luz e depois foi até as janelas, fechando as cortinas pesadas até que a sala ficasse mergulhada na escuridão. O dia estava péssimo, então não havia muita luz para penetrar no tecido.

Ela se sentiu melhor assim.

Como se ela estivesse em uma das sessões de escalada de Kalen. Aterrorizada, mas certa de que ela nunca cairia, porque cada vez que ela subiu com aquela venda roubando sua visão nas últimas semanas, ele a guiou em segurança de volta ao chão. Ela nunca tropeçou.

E desta forma... a diferença entre ela e Elijah não seria tão gritante. Não haveria testemunhas de quão quebrada e marcada ela parecia ao lado de alguém como ele. Ela caminhou de volta até os Alfas, encontrando-os com facilidade, já que as luzes piscantes dos painéis de áudio estavam logo acima deles.

“Escolha uma música,” ela murmurou, pegando seu telefone e empurrando-o para onde Elijah e Gabriel ainda estavam sentados, inabaláveis, mal mostrando uma pitada de curiosidade sobre suas ações estranhas.

Elijah se inclinou para frente, navegando pelo telefone por um momento, a luz da tela iluminando suas feições perfeitas e impecáveis.

Ele bateu em alguma coisa e ela colocou de volta na prateleira, apenas vislumbrando uma música chamada “Baby” antes de começar a tocar nos alto-falantes. Elijah estendeu a mão para ela, quase invisível na escuridão, e ela hesitou por um momento.

Ela não poderia fazer isso.

Ela não podia dançar com Elijah.

Talvez ela devesse apenas...

Ele pegou a mão dela, puxando-a para seu corpo com um puxão forte, no momento em que o primeiro acorde pesado da música vibrou no chão.

“Apenas deixe ir,” ele murmurou, tão suavemente que ela quase não percebeu. “Esqueça sua aparência, como você se sente. Basta seguir meu exemplo por três minutos. Você pode fazer qualquer coisa por três minutos.”

Ele a moveu lentamente, agarrando seus ombros e torcendo seu torso, dobrando suas costas e depois acariciando sua coluna, puxando-a para cima e para dentro de seu corpo. Ele ergueu o braço dela e ela se virou para observar o membro sombreado cair de volta para o lado dela, seus instintos entrando em ação bem a tempo de garantir que a queda fosse graciosa e leve.

Mesmo no escuro, ela podia ver a hesitação nos seus movimentos.

Ele deslocou a perna entre as dela, o pé roçando o interior das dela, fazendo-a pisar onde ele queria que ela pisasse. No início, seus movimentos eram lentos e deliberados, a pressão de suas mãos era firme, mas à medida que

ela se soltava e seguia a sugestão de seus toques, ele usava menos pressão, até que mesmo a menor mudança em sua postura conseguia movê-la para um lado ou para o outro. Ele a guiou com as mãos, as pernas, os pés, o peso e o tamanho, dobrando-a e torcendo-a até que ela se sentisse feita de seda ondulante. Seu único propósito era decorar o corpo dele enquanto ele criava uma coreografia lenta e bonita, aparentemente na hora.

Ela poderia ter flutuado para longe se ele não a estivesse dobrando sobre sua coxa, seus dedos percorrendo a frente de sua camisa, contornando as protuberâncias da corrente embutida em sua pele.

Por um breve segundo, suas dúvidas voltaram.

Elijah perfeito e impecável. E ela. Uma Sigma com cicatrizes como escadas nos braços e uma corrente estrangeira presa em sua pele que poderia transformá-la em um monstro a qualquer momento.

Mas então ele a puxou para cima e os nós dos dedos roçaram as palmas das mãos dela, os braços dela obedecendo ao comando tácito de se mover para uma nova posição, e ela se perdeu na dança novamente, seu foco se estreitando nas deixas dele, sua atenção concentrada no escuro para seguir sua liderança.

Bastou um movimento rápido de seu pulso para mandá-la para outro mergulho, e desta vez ela deixou todo o seu corpo se desenrolar, os braços esticando-se acima da cabeça enquanto ele a pressionava no arco. No segundo em que a pressão dos dedos dele contra sua barriga diminuiu, ela se levantou, procurando as mãos dele novamente, fechando os olhos enquanto ele a fazia passar por uma série de passos entrecruzados e entrelaçados que fizeram um enorme sorriso surgir em seu rosto enquanto seu batimento cardíaco batia forte, maravilhada com a perfeição com que ele conseguiu mover os dois.

Ele a girou, mas não foi um grande floreio, apenas uma chance para ela girar de volta em seu corpo como um ímã, as mãos dele já levantadas para pegar as dela... só que ele não a pegou. Ele não a agarrou. Ele não a apertou. Ele estendeu as mãos e os dedos dela roçaram levemente suas palmas enquanto ele a guiava.

Ele a estava *conduzindo*.

Foi ela quem se aproximou, procurando seu próximo toque de liderança, seu próximo passo de orientação, moldando seu corpo ao dele para tentar antecipá-lo melhor até que ela pudesse sentir a respiração irregular que sacudia seu peito.

Seus movimentos se tornaram mais complicados, mas o corpo dela apenas

obedeceu com mais facilidade, permitindo que ele a levantasse, atirasse-a apenas o suficiente para que seu aperto fosse capaz de mudar rapidamente da cintura para as coxas. Ela contraiu todos os músculos para manter o equilíbrio enquanto ele a girava, antes de jogá-la novamente, girando-a desta vez, pegando-a com a mesma perfeição, suas mãos apertando sua cintura enquanto suas costas pousavam em seu peito.

Ele a levantou, dobrando-a sobre o ombro, a mão percorrendo a parte externa de sua coxa. Ela esticou a perna, ainda seguindo o fluxo de seus toques sutis, embora ele agora a estivesse jogando de um lado para o outro. De repente, ele agarrou a parte interna da coxa dela, virando-a novamente enquanto ela dobrava o outro joelho, mantendo a perna alongada forte enquanto ela pegava o pé livre e se curvava completamente sobre o ombro dele.

Ela abandonou a pose assim que as mãos dele mudaram, mantendo-se flexível e esbelta enquanto as palmas dele envolviam seus quadris, girando-a novamente enquanto ele a abaixava, seus pés já cutucando os dela pelo chão, uma volta após a outra após a outra, até que sua respiração saiu completamente fora de seu peito e ela estava tonta demais para fazer qualquer coisa além de se agarrar a ele quando ele a puxou de volta.

“Doce menina,” ele disse, segurando-a perto, sua voz áspera, suas mãos arrastando-a de repente por seu corpo, seus quadris roçando os dela.

O movimento foi tão repentino, tão forte depois de seus movimentos hipnotizantes e guiados que um som realmente saiu de seu peito, suas pernas se enganchando para agarrar seus quadris por instinto.

Ele estava... *duro*.

E empurrando bem entre suas coxas, o comprimento sólido dele pressionando firmemente seu centro repentinamente latejante como se suas calças fossem apenas uma barreira momentânea que poderia ser arrancada com um daqueles movimentos mágicos de seu pulso.

“Acho que é o suficiente por hoje.” De repente, ele a colocou no chão e ela percebeu que a música dele já havia terminado e uma nova estava tocando.

“Desculpe,” ela engasgou, sem saber mais o que dizer.

Ele se abaixou para sussurrar contra sua bochecha: “É o suficiente por hoje, porque nos reduzir às sombras não vai esconder nada se eu colocá-la de joelhos e ver como você vai se curvar lindamente com seu cabelo enrolado no meu punho e todo esse calor doce e desesperado enrolado no meu p...”

“Seu delicioso autocontrole?” Gabriel estava de repente atrás dela, girando-a, mas seus olhos pareciam fixos sobre a cabeça dela.

Ela oscilou entre eles, seus pensamentos dispersos.

O quê?

Mas que... diabos?

Será que Elijah acabou *de perder a compostura?*

“Concentre-se,” Gabriel retrucou.

“Eu parei, não foi?” Elijah retornou, um grunhido ainda dominando seu tom. “Experimente ter a meia-calça úmida dela esfregando na cabeça do seu p...”

“*Minhas* maneiras encantadoras permanecem intactas.” Gabriel a puxou para longe. “Mas tenho certeza de que um dos outros homens das cavernas pode simpatizar com você...”

“*Pare*.” Voz Alfa. “*Traga-a de volta*.”

“Ah, merda.” Gabriel congelou e um arrepio percorreu Isobel.

“Ignore,” Elijah rangeu os dentes, a palavra era um grunhido ofegante. “Isso.” Ele emitiu um som que estava a meio caminho entre um rosnado e um gemido. “Leve... ela... embora.”

Gabriel a levou até o banco, pegando todas as coisas deles no escuro antes de guiá-la de volta para a porta, seus passos acelerando enquanto a sala ficava subitamente, ameaçadoramente silenciosa agora que o telefone dela havia parado de tocar música.

“Puta que pariu.” Ele a empurrou para fora da porta e bateu-a atrás de si, antes de agarrar a mão dela e puxá-la para correr. “Primeira aula?” Ele disparou por cima do ombro, antes de responder à sua própria pergunta. “Ainda não é hora da sua primeira aula...”

“Eu não deveria...” ela tentou se desvencilhar de Gabriel, preocupada que Elijah estivesse emergindo e que fugir só iria piorar as coisas, mas Gabriel interrompeu, puxando-a com mais força.

“Você não deveria.”

“Por que não?”

“Porque *esse* problema específico não tem absolutamente nada a ver com a sua segurança.”

Ela franziu a testa, mantendo a cabeça baixa enquanto ele a arrastava para o

refeitório. Ela dificilmente poderia exigir respostas com os alunos se espalhando pelos caminhos para tomar o café da manhã e as câmeras olhando de soslaio para eles.

“Lá está Theo,” Gabriel disse, apontando para a cabeça de cabelos escuros e desgrenhados que entrava no refeitório, mais alto do que a maioria dos estudantes ao seu redor. “Vá direto até ele. Sem desvios. Não posso deixar Elijah sozinho e você também não pode ficar sozinha. As regras de Mikki.”

Ele girou nos calcanhares, afastando-se dela, e ela seguiu o lento movimento dos estudantes até o refeitório. Theodore já havia pegado uma bandeja e a estava enchendo até transbordar. Parecia que o tema alimentar daquela manhã era apenas “panquecas”, porque era tudo o que ela conseguia ver.

Elas tinham formatos e tamanhos diferentes, empilhadas em pratos aquecedores etiquetados e cercados por frutas, seleções de iogurte, cremes aromatizados, uma variedade de xaropes e uma seção inteira de coberturas diversas. Havia panquecas grossas e fofas de farinha de trigo, mirtilo e pedaços de chocolate, abóbora laranja e nozes, trigo sarraceno, trigo integral, ricota, limão, aveia e fubá... e então parecia haver uma seção internacional. Pilhas finas da Suécia; torres fofas e balançantes do Japão; amostras salgadas da Coreia e do Japão; pequeninos folhados holandeses; e crepes húngaros planos e açucarados.

Ela examinou as outras etiquetas com olhos distraídos. Chinês, Finlandês, Mexicano, Persa, Butanês, Húngaro e Indiano... foi uma das exibições de café da manhã mais elaboradas que Ironside fez desde que ela chegou. Ela estava acostumada com isso em ocasiões especiais, mas não conseguia se lembrar de nada de especial naquele dia em particular. Era um dia *antes* do Dia da Consolidação.

Theodore estava misturando tantos tipos diferentes de panquecas que seu estômago começou a revirar, mas então ela percebeu que ele estava verificando o telefone enquanto empilhava as coisas. Kilian, Cian, Moses, Niko e Oscar já estavam guardados em sua cabine e apenas alguns deles pareciam ter comida.

“Precisa de uma mão?” Ela perguntou.

“Apenas a Illy que eu estava esperando.” Ele imediatamente a cobriu com um sorriso que fez seu estômago revirar antes de transferir a bandeja para as mãos dela, tirando uma nova. Ele fez uma pausa, seu sorriso desaparecendo enquanto olhava ao redor dela. “Elijah e Gabriel deveriam estar com você.”

“Eles… ficaram presos.”

“Hum.” Ele examinou a expressão dela calmamente, mas não a pressionou,

voltando à sua tarefa até que a segunda bandeja também estivesse cheia. Ele acrescentou o que ela queria comer, e então eles levaram toda a comida de volta para a mesa, largando as bandejas enquanto os outros Alfas desciam, pegando os pratos e murmurando seus agradecimentos.

“Ei.” Moses pegou a barra da camisa dela, puxando-a firmemente para o lado dele. “Obrigado pelas flores.”

Ela espiou ele, mas ele já havia soltado a blusa dela e estava totalmente concentrado em sua comida, e então uma voz repentina e estrondosa a distraiu, fazendo-a pular de choque.

“Atenção, estudantes!” A voz reverberou pelo salão, projetada por um microfone.

Eles espiaram para fora de sua cabine, observando um grupo de diretores entrar no salão, empurrando o que parecia ser um projetor em um pequeno suporte.

“Se todos vocês pudessem nos dar atenção por alguns momentos, temos um anúncio especial que diz respeito a todos.”

Era uma mulher falando: uma morena de terno azul-marinho, com a franja caindo sobre o rosto de maneira áspera. “Um incidente foi trazido ao nosso conhecimento,” continuou a mulher, entrando no centro da sala enquanto os outros funcionários instalavam o projetor, lançando luz sobre a parede posterior do refeitório.

Moses pegou Isobel pela cintura, levantando-a da cabine e colocando-a de pé novamente enquanto os outros Alfas deslizavam para fora, reunindo-se em torno dela.

Ela pegou o telefone enquanto todas as outras cabines se esvaziavam, todos se espalhando para observar a parede dos fundos. Navegando até o contato de Sophia, ela enviou uma mensagem rápida, perguntando se estava tudo bem.

Sophia: *Nada fora do comum ainda.*

Ela começou a responder, mas a parede do fundo de repente se encheu de uma imagem, distraindo-a.

Porque *era* ela.

Seu rosto estava embaçado, mas o vestido que Kilian lhe deu de presente não estava.

“Que porra é essa?” Theodore rosnou baixinho, aparentemente também

capaz de dizer que era ela.

“Este vídeo foi feito no último semestre por uma estudante que estava hesitante em entregá-lo,” anunciou a mulher, enquanto o vídeo permanecia pausado, preso na imagem de Isobel… *saindo do Dormitório A?*

“Temos regras muito rígidas quando se trata de bullying e agressão sexual,” gritou a mulher ao microfone.

“Besteira,” Moses murmurou baixinho.

“Que este vídeo seja um aviso para todos vocês,” disse a mulher ameaçadoramente. “Estamos sempre observando, e comportamentos inadequados serão enfrentados com ações severas e rápidas.”

O vídeo começou então.

Crowe apareceu na tela e Isobel caiu para trás, mais perto da cabine, desejando poder se esconder de todas as câmeras na sala. O rosto de Crowe estava embaçado, mas o círculo indistinto era muito menor do que aquele que protegia a identidade de Isobel, ainda revelando os fios de cabelo escuro e flácido que caíam ao redor de seu rosto, sem mencionar que ele era facilmente um dos maiores garotos do campus, e sua voz apenas ligeiramente abafada ecoou pela sala no segundo em que ele falou.

“Vamos tentar de novo, certo?” Ele a estava arrastando para longe da entrada, e a projeção ficou borrada, pois quem quer que fosse que estava filmando secretamente ele mudou rapidamente para segui-lo, refocando e ampliando enquanto Crowe a segurava em pé contra a parte de trás do dormitório.

“Eu sabia que você cederia eventualmente,” Crowe sussurrou, sua voz mais distante agora enquanto seu corpo se inclinava e balançava para o lado, seus membros caindo frouxos e sem resposta.

O vídeo foi interrompido abruptamente e a diretora fez uma pausa com o microfone levado aos lábios, um pequeno e cruel sorriso escondido enquanto uma tempestade de sussurros irrompia pelo corredor.

Os diretores queriam envergonhar Crowe publicamente... mas *por quê*? Ele era um Beta, e definitivamente não era para proteger ninguém de valentões ou predadores. Os diretores sabiam, e *fofocavam* sobre, todos os ataques feitos contra ela, mas nenhum deles tentou falar com ela sobre eles.

Houve uma comoção no fundo da sala, estudantes se afastando de uma pessoa parada perto da entrada do salão.

Crowe.

Ele olhou para ela, os olhos vazios, a boca formando uma palavra. "*Bem-vinda*."

Bem-vinda… *o quê*?

Alguém o empurrou vários passos para trás, quase desequilibrando-o, apesar de seu enorme tamanho. Bellamy estava diante do garoto maior, furioso, seus olhos cuspindo fogo ardente. Sua boca se movia numa torrente furiosa de palavras, mas Isobel não conseguia ouvir nada do que ele dizia do outro lado do salão.

Ele empurrou Crowe novamente, mas Crowe nem se preocupou em revidar. Ele cuspiu o que parecia ser uma maldição antes de girar sobre os calcanhares e sair do refeitório.

O que diabos estava acontecendo?

"Ficamos tristes por ter demorado tanto para que esta filmagem chegasse às nossas mãos." A diretora falou novamente sem avisar, todos voltando sua atenção para ela. "Queremos que todos os nossos alunos saibam que podem *vir até nós*." Ela enfatizou isso como se já tivesse falado isso uma dúzia de vezes e estivesse frustrada porque ninguém estava ouvindo. "Se você tem algo a relatar..." a mulher apontou para a parede atrás dela, lembrando a todos o que haviam assistido. "Então sabem onde nos encontrar. Gostaríamos de assegurar-lhes que a confidencialidade é *absolutamente* fundamental."

"Essa é uma maneira de entregar um convite," resmungou Moses atrás dela. Ele estava surpreendentemente perto. Ela podia sentir o calor do corpo dele, suas palavras agitando-se na parte de trás de sua cabeça. Ela não tinha certeza de quando ele esteve tão perto dela pela última vez. *De propósito*.

Os outros também estavam se aproximando... não apenas dela, mas uns dos outros, formando um círculo fechado com ela e Kilian no centro, Theodore à direita, Cian ligeiramente à frente de todos e Niko à esquerda. Seus corpos estavam tensos. As expressões de Theodore e Niko eram tensas e cautelosas. Oscar estava em algum lugar atrás dela, ela podia sentir o cheiro forte de oleandro rolando sobre as fragrâncias dos outros Alfas como uma nuvem de fumaça, turvando todos eles. A sensação era perturbadora. Cheirava como uma floresta incendiada, com tons de uísque de Niko se transformando em gasolina e o sol de Cian ardendo muito quente.

"Convite?" Isobel sussurrou, mal ousando mover os lábios enquanto virava a cabeça, concentrada demais na mulher para olhar de volta para Moses.

A diretora estava olhando para o mar de estudantes reunidos, com as sobrancelhas levantadas em expectativa. Quando ela encontrou Isobel escondida atrás de Cian, ela fez uma pausa, repetindo: “Você sabe onde nos encontrar,” antes de estalar os dedos para que os outros funcionários a seguissem enquanto ela saía do salão.

“Espere... é isso?” Isobel olhou para a mulher. “Ela... ela nem disse onde encontrá-los.”

Theodore, que estava encostado na lateral da mesa à direita dela, os sapatos tocando os dela, os braços cruzados, se aproximou mais, os lábios perto da orelha dela. Ele até levantou a mão para impedir que as câmeras lessem seus lábios. “O Track Team disse para você descobrir onde ficava o clube. Você descobriu. Isso são eles convocando você. *Você sabe onde encontrá-los* e *a confidencialidade é absolutamente fundamental.*”

Ela fechou a boca, incapaz de responder adequadamente no movimentado refeitório. Os outros estudantes explodiram em uma confusão confusa de sussurros, um deles chamando a diretora.

“E quanto a Crowe?” O grito foi um pouco alto demais e Isobel esticou o pescoço para espiar ao redor de Oscar e ver quem havia falado.

Uma Beta do segundo ano. Uma das amigas de Crowe... ou não era? Parecia que o fã-clube de Betas de Bellamy estava tentando se distanciar de Crowe.

A diretora parou na porta do salão, virando-se para olhar para a Beta. “Alaric Crowe, junto com outros, foram questionados em relação a este incidente. Todos os estudantes devem ser cautelosos para não iniciarem rumores infundados, pois esta é uma forma de assédio em si. A pessoa no vídeo será encontrada e tratada pela diretoria da academia.”

Theodore zombou baixinho, e parecia que nem mesmo a garota Beta conseguia encontrar palavras para responder, com os punhos cerrados ao lado do corpo enquanto os funcionários deixavam o salão em um rápido clique de saltos e batidas de sapatos de negócios.

Isobel não se moveu, nem os Alfas. Eles esperaram, observando e ouvindo, que algo mais acontecesse. Finalmente, Theodore voltou para a cabine, puxando Isobel ao seu lado. O resto deles voltou e todas as bandejas foram reorganizadas à medida que se acomodavam em novas posições.

“Devemos fazer uma festa de fim de ano?” Theodore perguntou

casualmente, agindo como se nada tivesse acontecido enquanto ele violentamente empurrou uma panqueca de trigo sarraceno e muesli do prato para chegar à panqueca japonesa fofa que estava embaixo dela, que estava começando a desmoronar por causa do creme e dos morangos fatiados que ele havia empilhado no centro. Aparentemente, ele estava tendo um dia agradável.

“Obviamente,” disse Niko, ao mesmo tempo que Moses disse: “Não.”

“O tema do Dia da Consolidação deveria ser como no ano passado,” acrescentou Cian, embora não parecesse particularmente entusiasmado com a perspectiva. “Podemos pendurar a bandeira da América-Dotados em todos os lugares e comer um bolo vermelho, branco e azul.”

“Ou podemos apenas relaxar,” murmurou Moses, apunhalando a panqueca de trigo sarraceno que Theodore havia abandonado.

“Acho que Elijah disse que os diretores já se ofereceram para patrocinar outra festa no Dormitório A.”

“Deve ser bom.” Isobel congelou, olhando para o prato. *Ela acabou de dizer isso em voz alta?* Ela olhou para cima. Eles estavam todos olhando para ela. “Ter um café,” ela terminou sem jeito. “Esqueci de pegar um.”

“Aqui.” Theodore mudou sua caneca na direção dela.

“Está tudo bem.” Seu rosto estava começando a queimar. Theodore odiava que roubassem sua comida ou de compartilhar seus utensílios. Ele era quase tão ruim quanto Gabriel.

“Em que dormitório você está tentando entrar de novo?” Oscar perguntou suavemente, inclinando-se para frente para fixar os olhos escuros e semicerrados nela. “Corrija-me se eu estiver enganado, mas você estará desfilando pelo Dormitório A com seu pijama de garota rica no próximo ano, ao lado de nós, Alfas *mimados.”*

Se Oscar tivesse dito isso a ela há um ano, ela teria tentado rastejar para debaixo da mesa e morrer. Ela ainda queria se encolher e desaparecer um pouco, mas também sabia que a centelha de aborrecimento nos olhos dele era algo que ele só mostrava aos *amigos.* Se ele realmente pensasse tão pouco nela, ele a estaria ignorando completamente.

“Não sei dizer se o seu problema é eu pensar que você é mimado ou se é apenas o meu pijama.” Ela colocou um bocado de panqueca de chocolate na boca.

“É definitivamente o pijama,” Cian forneceu, recostando-se no assento para

beber meia xícara de café. “Ele está tão obcecado quanto Gabriel por sua calcinha.”

Moses ergueu os olhos do café da manhã, examinando os rostos ao redor da mesa antes de soltar um suspiro desapontado. “Que desperdício. Gabriel não está aqui.”

“Onde estão esses dois?” Niko nem sequer tirou os olhos da comida.

“Eles ficaram presos,” murmurou Isobel.

Todos olharam para ela. Até Niko, que parou de comer por meio segundo para fazer isso.

“Elijah, hum...” ela olhou nervosamente ao redor da mesa, tentando encontrar as palavras certas na frente da câmera. “Ele exagerou na prática de dança. Exagerou demais em seus movimentos.”

As sobrancelhas de Theodore se uniram. “Exagerou em seus movimentos?”

“Uh, sim, quero dizer, ele se esforçou demais.”

Eles ficaram em silêncio, vários deles verificando seus telefones.

“Mal posso esperar para questioná-lo sobre *isso* mais tarde.” Oscar finalmente falou, seu tom cheio de humor negro.

Cian suspirou, balançando a cabeça. “Alguma ideia de por que ele pode ter... se esforçado demais?” Ele perguntou a Isobel.

“Não faço ideia,” ela disse rapidamente.

“Oh?” Niko, que havia voltado para a comida, de repente ergueu os olhos novamente, estreitando os olhos.

Ela sentiu seu rosto, pescoço e peito começarem a esquentar, e ela rapidamente levantou as palmas das mãos para cobrir suas bochechas, ficando ainda mais vermelha quando o calor inundou suas mãos.

“Você realmente não sabe?” Niko perguntou, seu olhar atraindo-a.

“Talvez eu saiba,” ela deixou escapar, antes de balançar a cabeça rapidamente. “Tenho que ir para minha primeira aula.” Ela ficou de pé, percebendo que de alguma forma ela havia sido imprensada no fundo da cabine com três Alfas de cada lado dela.

Ela voltou seu olhar suplicante para Theodore, e ele respondeu com um pequeno e divertido sorriso.

“Quero dizer que isso não vai funcionar comigo, mas nada nunca funcionou

melhor,” declarou ele, empurrando Cian para fora da cabine e estendendo a mão para arrastar um Moses irritado, que tentou levar seu prato consigo.

Cian pegou sua bolsa e jogou-a no ombro. “Vamos, boneca.” Ele agarrou a bolsa dela antes que ela pudesse fazer e então ergueu uma terceira, mandando-a voando para o peito de Moses. “Você está conosco. Desculpe interromper sua série de ausências.”

“Estava esperando terminar o ano sem ir a nenhuma daquelas aulas ridículas,” Moses resmungou baixinho, abandonando seu café da manhã para seguir Isobel e Cian para fora do refeitório.

14

O Poder de Cura dos Cristais. Ou Não



Isobel estava com tanta pressa para escapar do café da manhã que nem percebeu o quão adiantado eles estavam até chegarem à sala de aula ainda escura e vazia. Cian acendeu as luzes e segurou o pulso de Isobel, puxando-a para o fundo da sala. Ele abriu a porta de vaivém do armário de suprimentos onde a Professora Vega guardava sua parafernália psíquica. Ele torceu o corpo no último segundo, puxando-a para frente dele e para dentro do espaço apertado. Ele entrou depois dela, com o rosto cuidadosamente inexpressivo, e Moses se moveu ao lado dele, deixando cair a bolsa perto da porta e estendendo a mão para pegar a bolsa de Isobel enquanto Cian fechava a porta atrás deles.

Não estava muito escuro para ver seus rostos, mas as sombras agora se instalando em suas feições faziam com que suas bocas planas parecessem mais carrancudas. Ela tateou a prateleira atrás dela, derrubando uma pilha de caixas de cartas de tarô.

“O que estamos fazendo aqui?” Ela pisou em uma pilha de livros de adivinhação, só para que eles não parecessem gigantes sobre ela, e Moses voltou sua atenção para os pés dela com um pequeno aceno de cabeça.

“Você está escondendo alguma coisa.” Cian entrou em seu espaço pessoal, alcançando a prateleira ao lado de sua cabeça. O cheiro dele tomou conta dela, água salgada e calor suave penetrando em seus poros e fazendo-a lamber os lábios enquanto o seguia cautelosamente com os olhos.

Ele apenas pegou um cristal longo e liso da prateleira, virando-o na palma da mão com uma expressão pensativa.

“Escondendo o quê?” Ela resmungou, olhando entre eles.

“Elijah e Gabriel.” Moses passou por cima de uma caixa de almofadas de

meditação, empurrando-as de volta para a porta para dar espaço para ele e Cian amontoá-la contra a prateleira. Ela não tinha ideia se eles estavam tentando intimidá-la ou simplesmente tentando manter a voz baixa. “O que realmente aconteceu? Por que você não pôde dizer isso na frente das câmeras?”

“Porque Elijah emergiu.” Ela olhou para seus pés. “Gabriel disse que tínhamos que deixá-lo...”

“Ele realmente emergiu?” Moses interrompeu, como se ainda não conseguisse acreditar.

“Emergiu como?” Cian inclinou a cabeça para o lado, parecendo mais curioso do que surpreso, uma mecha de cabelo dourado escuro caindo sobre a testa, dedos tatuados escovando-a distraidamente para trás.

“O que você quer dizer com como?” Ela mudou sua atenção dos sapatos para o teto.

“Isobel.” A voz de Cian baixou para um ronronar. “Olhe para mim.”

A atenção dela voltou-se para o rosto dele, a mandíbula teimosamente apertada, os dentes cerrados.

Ele segurou seu queixo, o polegar deslizando acima de seu queixo, roçando sob o inchaço de seu lábio, seus olhos escurecendo para um safira aveludado, seu anel Alfa brilhando quase ameaçadoramente. Ele se inclinou para frente, sussurrando perto do rosto dela: “Ele queria te foder, boneca?”

Ela piscou para ele, seu estômago revirando. “N-Nós estávamos apenas dançando.”

“Hum.” A atenção de Cian voltou-se para sua boca. “Você sabe como é quando alguém quer te foder? Você sabe como parece?”

Ela ergueu o queixo. “Sim.”

Ele lambeu os lábios como se estivesse saboreando a mentira dela, e seu aperto no queixo dela aumentou, seus olhos escureceram ainda mais, seu anel Alfa começou a inchar.

“Tire isso dela agora, ou eu faço do meu jeito,” Moses retrucou, seu cheiro ácido e doce ficando azedo. “Esta turma vai lotar em questão de minutos.”

A porta da sala de aula se abriu como se fosse uma deixa, e um pequeno grupo de alunos entrou, conversando animadamente sobre o que havia acontecido no refeitório. A porta do armário tinha persianas, grandes o suficiente para deixar entrar uma pequena quantidade de luz, e inclinadas para mostrar-lhes

uma sugestão da sala de aula além.

Isobel tentou soltar o queixo do aperto de Cian, mas ele apenas balançou a cabeça, fazendo um som baixo de reprimenda antes de sua mão cair em seu pescoço, empurrando-a com força contra as prateleiras. Ela lançou um olhar para as persianas, mas não havia como eles verem o interior do armário escuro sem inclinar as persianas na outra direção. Seus olhos se voltaram para Moses, encontrando apenas aborrecimento.

“Por que você é tão teimosa?” Ele perguntou, grunhido as palavras mais do que qualquer coisa.

“Por que você é?” Ela retornou, mas Cian apertou ainda mais, e ela imediatamente voltou sua atenção para ele.

Ele havia trocado o cristal liso para a outra mão para agarrá-la, mas agora estendeu a mão para colocá-lo de volta na prateleira.

“O que aconteceu?” Ele perguntou suavemente.

Seu aperto foi aumentando cada vez mais, tão sutilmente que ela nem percebeu quando parou de respirar. Ela alcançou levantando-se para agarrar seu pulso, e no segundo em que os dedos dela tocaram sua pele, ele afrouxou o aperto, sua expressão imutável, assustadoramente vazia.

“Vocês estão me assustando,” ela resmungou, enquanto os alunos começavam a reproduzir em voz alta uma gravação do incidente no refeitório no telefone de alguém.

“Por favor.” Moses revirou os olhos, encolhendo os ombros até encontrar um lugar confortável para se apoiar nas prateleiras, colocando um pé atrás do outro e cruzando os braços musculosos. “O nariz de ninguém é tão bom quanto o meu. Você não está assustada.”

“Então o que eu estou?” Ela soltou em um sussurro angustiado.

“Excitada, doçura.” Cian respirou as palavras contra seu ouvido, seu aperto aumentando novamente. “Conte-nos o que aconteceu com Elijah.”

Ela queria revidar, mas seus joelhos estavam fracos, e ele empurrou uma de suas coxas entre as dela como se soubesse que precisaria segurá-la, sua mão livre caindo em seu quadril.

“Seja uma boa menina e eu lhe darei o que Elijah não pôde,” ele ronronou em seu ouvido.

Ela sentiu seus olhos se fechando, mas imediatamente os abriu, arregalados

de vergonha enquanto olhava por cima do ombro de Cian para Moses.

“V-Vocês falaram com Kalen?” Ela perguntou, sua voz tremendo.

Moses a observou cuidadosamente, seus olhos escuros impassíveis enquanto capturavam cada tique e cada contração em sua expressão. “Não...” seu olhar percorreu seu corpo, observando o modo como Cian a pressionava contra as prateleiras. “Mas não precisamos. Está escrito em você. Você foi feita para ser elogiada.”

“E sou notavelmente bom em encontrar os pontos fracos das pessoas,” acrescentou Cian, com um sorriso malicioso na voz. “Então, até que ponto devo tentar, Carter? Quanto devo pressionar você?” Sua língua saiu contra a borda de sua mandíbula. “Isso é duro?” Ele agarrou o cabelo dela de repente, puxando sua cabeça para trás e lambendo sua mandíbula até chegar ao queixo, que ele mordeu com força. “Ou mais duro?”

Sua mente ficou completamente em branco. “Sim.”

Cian gemeu, recuando ligeiramente. Ela estava olhando para os lábios dele, perguntando-se se eles tinham gosto de água salgada e se beijá-lo seria como se estivesse se afogando. Ele virou a cabeça, estreitando os olhos para Moses. “Alguém precisa mantê-la quieta enquanto eu a convenço a falar.”

Moses arqueou uma sobrancelha escura e alada, sua expressão desafiadora apesar do tom calmo de suas palavras. “Eu não vou encostar um dedo nela.” Sua atenção desviou-se para Isobel. “Sem ofensa, Carter.”

“Nenhuma tomada,” ela murmurou, o tom uniforme de Moses ajudando a limpar a névoa nebulosa com a qual Cian conseguiu dispersar seus pensamentos.

A sala de aula estava começando a encher, mais barulhenta do que o normal, enquanto eles aproveitavam a onda de drama de antes. Moses saiu das prateleiras, mas em vez de sair do armário, ele apenas estendeu a mão por cima de Cian, agarrando seu ombro e puxando-a para frente, sua frente batendo no peito duro de Cian. Cian segurou seus quadris, puxando-a para fora da pilha de livros em que ela estava e girando seus corpos até que ela pudesse sentir Moses atrás dela, os três empilhados de lado no armário. Ela finalmente teve uma visão completa da porta e engoliu em seco nervosamente com a luz inclinada no chão, errando o sapato de Cian por um centímetro.

Moses empurrou a pilha de livros de volta para baixo dos seus pés pendurados e Cian a colocou no chão novamente.

“Agora deixe-me ser muito claro,” Cian sussurrou, voltando para seu

ouvido. “Isso não é um castigo. É uma lição. Você será uma de nós em breve e precisa entender com quem está lidando. Considere esta minha tarefa de iniciação. Se você implorar, você perde.”

“Pena que você não poderá usar a boca,” murmurou Moses, o corpo pressionado contra as costas dela, a mão envolvendo de repente a metade inferior do rosto dela, o aperto forte o suficiente para assustá-la.

“Você sabe um gesto pra sair, boneca?” A mão de Cian pousou em seu pescoço novamente, seus dedos flexionando em um aperto frouxo.

Seus olhos se arregalaram, suas narinas dilatadas com uma respiração desesperada. Da última vez, ele aliviou o aperto assim que ela tocou sua mão. Hesitante, ela estendeu a mão e bateu no pulso de Cian, e sua mão imediatamente se afastou, acariciando sua clavícula. Assim que ele se moveu, Moses também o fez, soltando o aperto em seu ombro e firmando-a enquanto ela engolia em seco.

Seu corpo estava começando a tremer, mas ela não conseguia entender as emoções que a dominavam. Ela estava tão molhada que *sabia* que estaria saturando o armário com seu cheiro, mas seu estômago estava revirando nervosamente. Ela tinha a sensação de ter chateado Cian, mas ele fez questão de dizer que ela não estava sendo punida, e Moses? Ele não era uma pessoa em quem ela pensaria em confiar. Sem mencionar que ela ainda não sabia *o que* estava acontecendo, mas reconheceu a forma como o anel Alfa de Cian estava inchando e o olhar atento em seus olhos. Foi assim que Theodore ficou depois de beijá-la. Era a aparência de Oscar antes de beijá-la.

Cian queria beijá-la.

“Isso, é exatamente assim,” Cian ronronou suavemente, acariciando sua bochecha. “Não se esqueça do seu gesto. Você pode precisar disso.” Ele enganchou os dedos em sua meia-calça enquanto Moses colocava a mão em volta de sua boca novamente. Com um puxão áspero, sua meia-calça foi puxada pelas pernas, um grito de surpresa bateu contra a pele calejada de Moses quando ele a levantou o suficiente para Cian arrancar seus sapatos e puxar sua meia-calça sobre os pés, jogando-os na prateleira atrás dele.

Ela estremeceu, agarrando o pulso de Moses, e os dois Alfas pararam.

“Esse é o seu gesto, Carter?” Moses perguntou com voz rouca, sua voz profunda e baixa.

Ela balançou a cabeça.

“Mostre-me que você se lembra disso,” Cian exigiu calmamente.

Ela estendeu os dedos trêmulos até as costas da mão de Moses, batendo nela, e ele a soltou no momento em que Cian se inclinou para frente.

“Uma garota tão boa,” Cian elogiou, seus lábios mal roçando os dela, não realmente um beijo, mas mais um reconhecimento. “Essa é a última vez que te lembro, entendeu?”

Ela choramingou ofegante e a mão de Moses a silenciou novamente.

“Apenas acene com a cabeça,” Moses retumbou contra a parte de trás de sua cabeça.

Ela assentiu e Cian pegou uma caixa na prateleira ao lado dele, levantando a tampa enquanto Isobel olhava para a imagem ao lado. Fosse o que fosse, tinha o formato de uma torre arredondada, e isso causou confusão e um leve pânico ganhando vida na boca do estômago, mas quando Cian tirou o objeto da embalagem, era apenas um cristal, como uma dúzia de outros tamanhos e formas de cristais e pedras preciosas alinhadas ao longo da prateleira e empilhadas em caixas ao longo da parede dos fundos, exceto que este era aparentemente grande e especial o suficiente para merecer sua própria caixa.

Cian passou os dedos sobre a pedra rosa lisa e com veios como se estivesse testando-a em busca de rachaduras ou imperfeições antes de bater a ponta na mão de Moses. Moses retirou os dedos, colocando-os em seus quadris enquanto Cian batia o cristal redondo e frio contra seus lábios em seguida.

“Abra sua boca.”

Ela abriu os lábios e ele empurrou para dentro sem aviso, achatando sua língua enquanto enchia sua boca, a ponta da pedra atingindo o fundo de sua garganta. A invasão repentina a surpreendeu fazendo lágrimas encherem seus olhos, mas a maneira como Cian a observava também fez com que o calor líquido se acumulasse em seu estômago, fazendo-a pressionar e esfregar as coxas uma na outra na tentativa de aliviar a dor.

“Certifique-se de que esteja bem molhada,” advertiu Moses baixinho, “ou isso vai doer.”

Essa faísca de alarme queimou mais forte, e também deve ter aumentado seu cheiro porque Moses soltou um breve grunhido de aprovação na parte de trás de sua cabeça, apreciando o medo que ele a encorajou a sentir.

Cian tirou a pedra da sua boca e então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. A corrente em seu peito começou a queimar, Cian arrancou sua calcinha

com a mão livre e a pedra foi empurrada imediatamente entre suas coxas, forçando-a a prendê-la rapidamente ali, cruzando as pernas para que não caísse no chão e alertasse todos os alunos sobre o que estavam fazendo.

Cian deve ter visto a corrente brilhando, porque puxou para baixo o decote da blusa dela, olhando para a nova pedra preciosa que havia aparecido.

Todos esperaram, ofegantes em silêncio, de repente dolorosamente conscientes dos estudantes do outro lado da porta.

“Parece avermelhada.” Cian estava olhando para a gema. “Sente alguma coisa?”

Ela estava sentindo *muitas* coisas. E Moses ainda a estava silenciando.

Ela estreitou os olhos para Cian, como se não tivesse gostado da pergunta, e ele sorriu.

Pelo amor de todo fodido deus inútil, não deixe que seja eu.

As palavras surgiram em sua cabeça, rosnadas na voz de Moses, cheias de ansiedade.

“Isobel?” Cian solicitou.

Poderia ser divertido se ela ficasse feral.

A voz de Cian desta vez.

Dentro da *cabeça* dela.

Ela balançou a cabeça lentamente e as sobrancelhas de Cian baixaram perigosamente. Ele torceu a pedra, ela não percebeu que ele ainda estava segurando, e escorregou contra seu clitóris, fazendo com que outro som escapasse de sua garganta e desaparecesse na palma de Moses.

“Olhos normais?” Moses grunhiu. *Eu vou orar pra caralho se for preciso.*

“Os olhos estão normais,” confirmou Cian. “Minha garota está encharcada.” *Nunca estive tão duro.*

“Chame-a assim de novo e irei parar de cooperar,” Moses rosnou, de alguma forma soando ameaçador, mas também quase inaudível.

Cian apenas riu, girando a pedra novamente e fazendo Isobel relaxar contra Moses, que teve que segurar seu quadril com mais força para mantê-la em pé.

“Ela vai implorar tanto por mim que você pode muito bem tatuar as palavras na palma da mão antes que eu termine aqui.” Cian inclinou a pedra para empurrar contra sua entrada, seus olhos penetrando nos dela. “Você quer nos

contar o que aconteceu com Elijah, baby?”

Ela assentiu, seu corpo tentando se desvencilhar da intrusão. O livro de cima da pilha em que ela estava caiu, batendo no chão, e todos congelaram novamente, esperando que alguém viesse investigar. A turma ainda discutia em voz alta o incidente no refeitório, reproduzindo todos os vídeos que surgiram nas redes sociais enquanto se reuniam na frente da sala. Vega estava sentada em sua mesa perto da janela, olhando pelo vidro com a testa franzida, ou desinteressada pela aula sem Cian ali, ou então simplesmente reconhecendo que não tinha chance de convencer os alunos a se concentrarem.

Depois de algumas respirações terrivelmente tensas, Moses soltou um som de desaprovação, passando o braço em volta da cintura dela enquanto a levantava alguns centímetros, a pedra escorregando para trás entre suas coxas enquanto ele cuidadosamente afastava a pilha de livros e começava a baixá-la para o chão novamente.

Exceto que Cian se recusou a abaixar a mão.

Ela agarrou o braço de Moses com força em advertência, suas unhas cavando enquanto ele a abaixava lentamente, a pedra empurrando entre seus lábios encharcados novamente, tentando aninhar-se ainda mais em sua entrada. Suas palavras de protesto foram abafadas pela palma de Moses. Ela chutou Cian, mas ele apenas lhe lançou um sorriso sombrio e acalorado.

Preciso dentro. Eram as vozes de ambos se sobrepondo, junto com outros pensamentos e declarações desconexas que de repente ficaram altas demais para ela entender.

Isto é ruim. Esse era Moses. *Não deveria fazer isso com Theodore. Vai me matar.*

Um dos Alfas podia ouvir os pensamentos mais íntimos das pessoas.

Isso não era um bom presságio para ela.

Especialmente porque eles não acharam necessário *dizer* a ela.

Moses a abaixou mais um centímetro, apesar de seus pensamentos, e as palavras deles dentro de sua cabeça rapidamente se tornaram uma confusão novamente.

Tão macia.

Cheira tão bem.

Poderia me banhar nisso.

Quero provar.

Tão linda.

Odeio isso.

Poderia observar o rosto dela assim por horas.

Quero beijá-la.

Quero lambê-la.

Quer dar um soco em alguma coisa.

A respiração de Moses tremeu, os dedos cavando em seu quadril flexionando enquanto ele a empurrava ainda mais para baixo. Ela tentou inclinar o corpo para longe do objeto invasor, mas a mão de Cian passou para o outro quadril até que ambos a empurrassem para baixo. Suas unhas arranharam o braço de Moses, e ela sentiu um breve cheiro de cobre, seu grunhido baixo em seu ouvido lhe dizendo que ela havia tirado sangue.

“Você quer nos contar agora?” Cian perguntou, seu olhar em chamas enquanto lambia os lábios.

Ela assentiu desesperadamente, mas Moses ainda se recusou a retirar a mão.

“Você quer bater?” O sussurro de Cian foi quase perdido quando eles a empurraram ainda mais para baixo, a pedra a esticando, preenchendo-a de uma forma que ela nunca havia sentido antes. Ela estava na ponta dos pés, incapaz de subir mais, seu corpo se esforçando para cima, mas havia um pequeno pensamento incômodo no fundo de sua mente quando ambos se aproximaram ao som de seu gemido torturado e abafado.

De repente, ela podia sentir o quão duros ambos estavam, o pau de Cian pressionando seu quadril, o de Moses curvado em suas costas, e ela se perguntou como seria se fosse um deles empurrando dentro dela em vez do cristal liso.

Em algum lugar da sala de aula, Vega estava agora tentando falar sobre os ciclos lunares, e o medo de ser pega ou descoberta deveria ter impedido sua luxúria, mas os pensamentos rosnados martelando em seu cérebro fizeram com que suas inibições desaparecessem.

“Porra, Isobel.” Cian gemeu baixinho. “Sobre o que está pensando? Você ficou tão molhada que está cobrindo meus dedos.”

Ela imediatamente pegou a mão dele, torcendo as coxas para manter a pedra no lugar enquanto ela se afastava.

Ela se sentia selvagem.

Desequilibrada.

Ele deve ter visto isso nos olhos dela porque permitiu que ela mudasse de posição, observando-a com uma mistura de curiosidade e calor. Ela lutou pelo cordão da calça dele antes de passar as duas mãos pelo cós. Ela circulou seus dedos ao redor de seu comprimento, bem no topo de seu pau enquanto ele empurrava para cima em seu aperto, espalhando seu néctar sobre seu comprimento enquanto ela empurrava suas mãos para baixo até a base. Os olhos de Cian brilharam, suas narinas dilataram-se, até mesmo seu anel Alfa parecia pulsar maior, um chocalho profundo emanando de seu peito.

“Foda-se, Illy.” Ele puxou a mão de Moses para longe e a beijou completamente, sua língua penetrando em sua boca, o metal frio de seu piercing foi um choque quando sua mão agarrou sua garganta, apertando levemente como se estivesse tentando lhe enviar uma mensagem. Seu comprimento de aço latejava em suas mãos antes que ele tirasse os dedos dela de suas calças, gemendo pela forma como ela tentava torcer os dedos contra sua pele para deixar para trás o máximo que pudesse de sua viscosidade. Ele colocou a mão dela em seu pulso e ela percebeu que ele estava deixando claro que seu gesto ainda estava valendo, que ela ainda podia bater nas costas de uma das mãos.

E então ele apertou sua garganta novamente, a outra mão torcendo seu cabelo.

“Quer nos contar agora?” Ele rosnou sem fôlego, recuando alguns centímetros para deixá-la respirar.

Ela tentou dizer sim, mas ele avançou novamente, enchendo sua boca com a língua antes que ela pudesse pronunciar uma única palavra.

“Você consegue ficar de pé nesses lindos dedos o dia todo, não consegue, Carter?” Moses sussurrou suavemente.

Ela esperou que os pensamentos dele lhe dissessem o que ele queria dizer com isso, mas percebeu tardiamente que a pedra em seu peito havia esfriado novamente. Ela sentiu os dedos ásperos dele vagando por sua coxa e percebeu que ele estava prestes a assumir o controle da pedra. Ela tentou implorar para ele não tocá-la, mas Cian flexionou os dedos contra o pescoço dela de forma ameaçadora, mordendo com força o lábio.

“Aw, baby,” ele sussurrou suavemente. “Há algo que você queria dizer?” Ele olhou por cima do ombro dela, conectando-se com Moses por um breve momento. “Escada atrás de você. Levante as pernas dela.”

Moses reagiu rápido demais, mergulhando e pegando-a pela parte de trás dos joelhos, desequilibrando-a e deitando-a de volta nele enquanto ele se abaixava até a escada frágil enfiada no canto do armário, uma das botas plantada no degrau inferior, a outra firme no chão para mantê-los equilibrados.

Cian pegou o cristal quando ele escorregou para fora dela, e ele o segurou agora, olhando para ela enquanto Moses separava suas pernas, sua cabeça caindo na curva de seu pescoço. Moses pareceu inalá-la profundamente, seu peito vibrando com um som áspero, quase inaudível. Ele empurrou os quadris para cima, sua ereção roçando sua bunda enquanto sua mão roçava seu torso, entre os seios, parando em seu pescoço. Ela esperava que ele cobrisse sua boca novamente, mas em vez disso, ele envolveu seu pescoço, apertando com um gemido mais profundo caindo em sua orelha. A outra mão dele deslizou entre as pernas dela enquanto ele enganchava os joelhos sob os dela e a espalhava mais, o suficiente para que ela pudesse sentir o ar das persianas da porta contra sua pele quente e inchada.

Cian observou com os olhos encapuzados, segurando seu queixo e distraidamente acariciando seu lábio inferior enquanto seus olhos caíam entre suas pernas. Quando ele ergueu o olhar novamente, ele respirou fundo.

“Fique assim, boneca.” Ele beliscou seu queixo mais alto, levantando seu olhar totalmente para ele enquanto dava um passo à frente, elevando-se sobre ela e Moses na escada. “Não tire os olhos de mim e vou deixar você deixar seu cheiro em mim, ok? Tire os olhos de mim e eu vou limpar tudo.”

Ela assentiu, um gemido preso no fundo de sua garganta. Cian deve ter entregado a pedra a Moses sem que ela percebesse, porque de repente ela pôde senti-la deslizando entre suas dobras novamente, a cabeça entalhando em sua entrada quando parou bem ali.

Ela queria fechar as pálpebras com a sensação, mas em vez disso as manteve abertas enquanto Cian empurrava para baixo o cós da calça, puxando seu pau para fora. Era longo e bronzeado, o tom dourado de sua pele corado com um brilho rubi, as veias pulsando quando ele o agarrou e apertou. Ela olhou brevemente para a tatuagem completa que se curvava na parte interna da coxa e ao redor da virilha. Ramos retorcidos e delicados tufos de flores espalhados. Parecia que uma rajada de vento havia rasgado a árvore nodosa, enviando pétalas flutuando ao redor da base de seu pênis e para o outro lado de sua virilha. As pétalas eram coloridas em um rosa delicado, o resto da tatuagem era preto.

“Você quer me cobrir de saliva, baby?” Seu cheiro aumentou, enchendo

seus pulmões até o ponto de explodir.

Ela assentiu, e a mão de Moses deu-lhe um rápido aperto de advertência antes de enfiar a pedra nela vários centímetros de uma vez. Ela deu um impulso para trás e quase gritou, mas Cian aproveitou sua boca aberta em estado de choque e de repente empurrou para dentro dela, empurrando todo o caminho até o fundo de sua garganta em um movimento brutal.

Ela engasgou com ele instantaneamente, o som de engasgo foi interrompido porque ele estava enchendo sua boca completamente, sua mandíbula se esforçando para acomodá-lo, sua língua achatada. Ela apertou a pedra e sabia que estava pingando sua excitação na mão de Moses porque ele mordeu sua nuca quase em retaliação, punindo-a por se divertir.

Ele forçou a pedra até o fim dentro dela, empurrando tão repentinamente quanto Cian, seus dentes ainda presos em sua pele, e ela soltou um gemido que nunca escapou de sua garganta e apenas pareceu fazer sua boca vibrar ao redor do comprimento pulsante de Cian.

Cian rosnou e Moses amaldiçoou, puxando o cristal liso para fora e forçando-o de volta, todo o caminho até a base, o movimento forte e suave, poderoso o suficiente para sacudi-la e fazê-la lutar desesperadamente em ambos os braços em uma tentativa de sugar ar de volta para seus pulmões. Ambos relaxaram um pouco, Cian puxando metade para fora de sua boca, olhando para ela com as sobrancelhas franzidas, passando os dedos suavemente pelos cabelos dela, gentilmente enquanto Moses batia os dedos contra seu pescoço em um padrão distraído e agitado, como se ele estivesse contando os segundos até que pudesse tirar o fôlego dela novamente.

“*Por favor*,” ela tentou sussurrar ao redor do comprimento quente de Cian, piscando lágrimas borradas para fora de sua visão enquanto ela olhava para ele, mas ele apenas agarrou a parte de trás de sua cabeça e deslizou para dentro, tanto quanto pôde empurrar novamente.

Os polegares de Cian acariciaram sob seus olhos, limpando as lágrimas tensas que se acumularam ali antes de colocar o polegar entre os lábios para lamber a gota salgada de sua pele. Ela se sentiu momentaneamente hipnotizada, mas então Moses a distraiu empurrando a pedra para dentro e para fora dela novamente, com movimentos bruscos como se estivesse tentando se conter. Ele lambeu o local na parte de trás do pescoço onde a havia mordido, mas então seus dentes a arranharam novamente, em um local diferente, e novamente, e novamente.

Ele a fodeu com a pedra, mais rápido e mais forte, e ela lambeu ao longo da carne inchada diante de seu rosto, querendo provar o sabor da água salgada e a queimadura da luz solar tanto quanto queria cobrir Cian com seu próprio cheiro. Ela lambeu e sugou e tentou manter seus gemidos no fundo de sua garganta enquanto seus aromas se tornavam uma mistura inebriante de sal e seiva, tão espessa que ela quase podia senti-la escorrendo sobre sua pele.

“Baby...” Cian disse com a voz rouca. “É o bastante. Vou perder o controle.”

Ele ia levá-lo embora? Havia partes que ela só lambeu uma vez. Ela agarrou a base dele, fechando rapidamente a boca em volta da cabeça e tentando empurrá-lo inteiro de volta para sua boca.

“Illy, foda-se. *Porraaaa*. Você precisa parar, menina. Ou vou gozar em cima de você...”

“Derrame uma única fodida gota nela e eu literalmente quebrarei a porra do seu pau, Cian Ashford. Eu não estou brincando, caralho,” Moses disse, sua calma voz Alfa irradiando através de seu corpo até o de Isobel.

Ela se contorceu contra ele e se afastou para lamber as gotas líquidas salgadas que se acumulavam na ponta do pau de Cian.

“Isobel,” Cian sussurrou, sua voz pouco mais que um som áspero, seus olhos desfocados. “Você precisa parar, doçura.”

Algo desceu em seu estômago, algum tipo de rejeição que ela não entendia. Era como se o vínculo tivesse assumido o controle, forçando-a a *precisar* de certas coisas que ela nem conseguia entender. Ela *precisava* que Cian a *deixasse* lambê-lo, marcá-lo, reivindicá-lo, e ele não queria que ela fizesse isso. Sua visão se inundou com lágrimas, lágrimas diferentes desta vez, seu estômago torcendo dolorosamente, e Cian soltou um longo suspiro antes de empurrar a cabeça de seu pau contra seus lábios trêmulos.

“Isso não faz parte da sua iniciação,” ele disse com voz rouca. “Isso é exatamente o que acontece quando você faz beicinho para mim.” Ele empurrou de volta em sua boca, torceu as mãos em seu cabelo e começou a foder sua boca com força, empurrando tão fundo quanto sua garganta permitia antes de balançar algumas vezes e se forçar ainda mais fundo, e então puxar para fora e enfiar de volta, repetindo os movimentos brutais até que ele se acalmou, pulsando e derramando líquido quente profundamente em sua garganta.

Moses manteve o aperto sobre ela fraco, para que ela não engasgasse, mas ela ainda lutava para engolir, seu corpo tão tenso que ela se contorcia

incontrolavelmente no colo de Moses, fazendo-o empurrar os quadris para cima, buscando alívio ao esfregar sua ereção contra ela.

Cian ainda estava rosnando baixinho no fundo da garganta quando ele puxou de sua boca, puxando as calças sobre seu pau brilhante imediatamente como se já estivesse lutando contra o desejo de colocá-lo de volta nela.

Ele se agachou na frente dela, colocando suavemente a mão sobre sua boca.

“Você quer nos contar agora, amor?”

Ela assentiu freneticamente, seus quadris agora se movendo em sincronia com o arrastar da pedra para dentro e para fora de seu canal se contraindo. Ela nunca se sentiu tão desesperada antes em sua vida.

Ela só queria *alívio*.

“Então conte-nos e nós deixaremos você gozar.” Cian retirou a mão, inclinando-se para que ela pudesse sussurrar para ele. “Por que Elijah emergiu, Illy?”

“E-Ele gostou de dançar c-comigo.”

“Ele estava duro, baby?” Cian sussurrou, um olhar estranhamente calculista brilhando em seus olhos.

Ela assentiu.

“Ele queria entrar em você tão desesperadamente quanto Moses quer entrar em você agora?”

Ela choramingou, apertando a pedra. “Eu n-não sei. Moses n-não... não é assim...”

“Cale a fodida boca,” Moses sussurrou guturalmente, permitindo que a pedra escorregasse para fora dela, segurando-a na frente dela. “Limpe isso. Com suas mãos.”

Ela envolveu as mãos ao redor do cristal escorregadio, cobrindo as palmas com seus próprios sucos antes que ele o retirasse, entregando-o a Cian. Ele a levantou, girando-a e puxando suas pernas ao redor de seus quadris enquanto a acomodava em seu colo.

“Em mim,” ele exigiu, puxando o cós de suas calças até que sua ereção se libertou, irritada e arroxeada, mais espessa que a de Cian, mas não tão longa.

Ela rapidamente envolveu-o com as mãos, apreciando que ele nem sequer questionou sua necessidade insana, e até a antecipou. Ele gemeu quando ela

torceu as mãos ao longo de seu comprimento, tentando cobrir cada centímetro, fascinada com a maneira como ele se contorcia e pulsava contra seus dedos.

Assim que ela afastou as mãos, confiante de que havia espalhado sua essência por toda parte, ele agarrou seus quadris e puxou-a sobre sua rigidez úmida.

“Mais,” ele grunhiu baixinho, sua voz áspera e rouca. Ele apertou sua boceta sobre ele, fazendo-a jorrar sobre ele e se contorcer com a agora terrível necessidade de gozar. “Maldição, Carter.”

“Moses...” houve um aviso baixo e silencioso no estrondo de Cian. “Você não pode transar com ela.”

Moses arrasou os dentes ao longo de sua clavícula antes de puxar para baixo a camisa e o sutiã esportivo, juntando ambos sob o seio em seu punho enquanto chupava o mamilo em sua boca. Ele a levantou de seu colo e ela só tinha a cabeça de seu pau para esfregar, então ela tentou empurrar seus quadris para baixo, fazendo-o suspirar e morder seu mamilo.

Ela explodiu, e ele mexeu os quadris para que ela não pudesse pressioná-lo da mesma maneira, deixando-a cair de volta em seu colo e deixando-a percorrer as ondas de seu orgasmo contra sua coxa antes de se levantar, uma torrente de maldições deslizando saindo de sua boca, uma após a outra, seus olhos eram um inferno escuro enquanto ele colocava seu corpo trêmulo na escada e pressionava seu pau choroso em seus lábios.

“Eu não posso gozar em você,” ele sussurrou entrecortado. “Isso causará um tumulto.” Ele parecia estar pedindo permissão e, por um momento, ela ficou tão confusa quanto ele. Ela não tinha esse tipo de relacionamento com Moses.

Ele nem *gostava* dela.

Mas os lábios dela estavam se abrindo de qualquer maneira, e ele deslizou contra sua língua com um gemido rouco. Ela podia ver Cian por cima do ombro, observando seu rosto com um olhar cauteloso e calculista, avaliando-a embora ainda houvesse uma faísca de calor em sua expressão enquanto ela levava o pênis de seu amigo até o fundo de sua garganta.

Moses começou a empurrar de forma desigual, fodendo sua garganta enquanto agarrava suas bochechas, estufando seus lábios enquanto olhava para ela com olhos escuros e raivosos.

“Gostaria que você não estivesse sugando tudo,” ele murmurou de uma forma distraída antes que seus quadris se sacudissem e ele explodisse contra a

parte de trás de sua língua. “Porra... *foda-me*... Jesus Cristo... por que você tem que parecer que foi feita para mim? Engula tudo. Cada gota, Carter.”

Ele acariciou sua garganta e depois saiu de sua boca, enfiando-se de volta nas calças antes de puxá-la para seus braços.

Ele a segurou contra o peito, dizendo algo baixinho para Cian, que parecia estar se mexendo atrás dele. Os sons da sala de aula do outro lado do armário pareceram incrivelmente altos de repente, e ela se sentiu tonta e oprimida. Havia lágrimas escorrendo por seu rosto e ela não sabia como contê-las.

Ela tinha acabado de fazer *o quê?*

E com *Moses?*

Cian parecia estar puxando sua meia-calça enquanto Moses a segurava, e quando ele a colocou contra seus quadris, ele viu seu rosto.

“Para mim,” Cian exigiu, agarrando-a de cima de Moses e sentando-se na escada para que ele pudesse colocá-la em seu colo. “Shh, você está bem, boneca. Você está segura.”

Ele afastou o cabelo do rosto dela com tanta delicadeza que ela poderia ser feita de vidro. “Você se saiu tão bem. Você é tão linda, tão perfeita.”

Ela gostava de Cian... Cian era seguro...

Mas naquele exato momento, Cian se sentia mais que perigoso.

Sem Cian, nada disso teria acontecido.

Ela fechou os olhos, desejando que seu corpo se teletransportasse, mas é claro, não funcionava assim, então, em vez disso, ela caiu no corpo superaquecido que a segurava, sua bochecha caindo em seu ombro, e ela começou a contar mentalmente.

Ele sussurrou para ela que ela era deslumbrante, ela era perfeita, ela era *uma garota tão boa*, e ela empurrou todas aquelas palavras para longe antes que elas pudessem tecê-la de volta sob seu feitiço.

Ela não era muito experiente, mas também não era idiota.

O que ela acabou de fazer era *irresponsável*.

Ela quase perdeu a virgindade em um *ARMÁRIO*.

COM MOSES.

“Patética,” seu pai diria. “Que pequena Sigma desesperada e patética.”

15

Luz Vermelha, Luz Verde



Apesar de seus melhores esforços para ignorá-lo, Cian ainda conseguiu acalmá-la um pouco. Pelo menos ele conseguiu fazê-la parar de chorar e arrumou todas as suas roupas para que ela parecesse apresentável novamente, mas o esforço para dizer a si mesma que seu calor *não* era reconfortante e sua voz sussurrada *não* soava como o céu, havia esgotado completamente todas as suas reservas de energia e, quando a sala de aula finalmente se esvaziou, suas pernas estavam bambas demais para se mover.

Ela se afastou dos dois quando eles tentaram ajudá-la, enfiando o longo cristal rosa em sua bolsa, porque de jeito nenhum ela o deixaria lá para os alunos brincarem. Ela saiu do armário, mantendo a cabeça baixa enquanto caminhava em direção ao centro fitness. Sua próxima aula era a sessão em pequenos grupos de Mikel, mas não havia como ela enfrentar os outros Alfas.

Infelizmente, a sorte não estava do seu lado, porque ela estava a caminho de encontrar Kilian, Niko e Theodore fora do centro fitness. Eles estavam caminhando em direção a ela vindos da outra direção. Um deles gritou chamando-a, mas ela abaixou o queixo com mais força, acelerando os passos enquanto abria a porta de entrada e corria em direção às salas de escalada, com o coração batendo até a garganta.

Ela estava no piloto automático, seu cérebro tropeçando em si mesmo, seu peito ficando tenso e dolorido, manchas escuras piscando diante de seus olhos. Ela considerou brevemente parar e procurar por Niko. Ele saberia o que fazer. Ele seguraria as mãos dela e lhe diria para apertar até que o peso do medo parasse de esmagá-la.

Mas não... ela só queria ir para a sessão com Kalen.

A placa ainda não estava na porta, mas ela entrou mesmo assim, olhando

para a sala vazia.

Não... isso não estava certo. Era hora da sessão de *Mikel*, não de Kalen. Ela começou a andar de um lado para o outro, movendo-se para o suporte de arreios por hábito enquanto pegava o telefone. Sua visão ficou turva com lágrimas e ela congelou, forçando seus olhos a secarem com uma vontade de ferro que não fez nada para aliviar o pânico esmagador que ameaçava puxá-la para baixo. Ela abriu uma mensagem em grupo porque não conseguia se lembrar se tinha o número de Kalen ou não.

Mas o que ela poderia dizer?

Ele provavelmente estava ocupado.

Ela apenas praticaria até chegar a hora da sessão. Ela começou a se amarrar e a porta se abriu. Ela olhou para cima, com o nariz queimando. Ela geralmente não conseguia sentir o cheiro de nenhum dos Alfas de tão longe, mas Cian e Moses a usavam como uma nuvem de perfume. Os outros se juntaram a eles: Theodore, Kilian, Niko... e Oscar, que deve ter alcançado os outros em algum momento.

“Illy.” Theodore deu um passo à frente dos outros, uma máscara cuidadosa e cautelosa sobre suas feições. “Você está machucada?”

“Machucada?” Ela pronunciou a palavra de forma confusa, incapaz de olhar para ele por muito tempo. “Não, não. Estou apenas escalando.” Ela se virou, desejando poder respirar fundo, mas seu peito estava muito apertado.

“Isobel.” Desta vez foi Cian, com a voz baixa e arrependida. Isso ameaçou partir seu coração, e isso a deixou *furiosa.* Desde quando ela se importava tanto com Cian? Claro, eles passaram por muita coisa juntos na turnê aos assentamentos...

“Sim, nós passamos.”

Ela congelou, a cabeça encostando na parede de escalada, a nuca formigando. “Eu acabei de dizer isso em voz alta?”

“Só que passamos por muita coisa juntos. Você acha que poderia se afastar da parede e conversar um pouco conosco?”

Ela estremeceu, o pânico aumentando e brilhando, sua respiração rouca. “N-Não, não posso, sinto muito. Estou treinando.”

“O que está acontecendo?” A voz de Gabriel percorreu a sala. “Poderíamos literalmente seguir o cheiro dela até aqui.”

Gabriel.

Gabriel podia ler mentes.

Ela conhecia as habilidades de todos os outros. Ele era o único desconhecido.

“Por que você não me diz?” Ela respondeu, girando sobre os pés e olhando para ele.

Ele não parecia culpado. Apenas considerando.

Elijah, que o seguiu até a sala, estreitou um olhar gelado no rosto de Isobel. “Sabe aquela coisa que não uso mais, Isobel?”

Seu poder?

Ela assentiu uma vez, curto e bruscamente, sentindo uma reprimenda chegando.

“Gabriel é o mesmo.”

Ótimo. Agora ela não tinha ninguém além de si mesma com quem ficar com raiva novamente. A menos que…

Ela procurou Moses, desejando poder *fazer* algo com a energia furiosa que borbulhava em suas veias.

“Oh, estamos entrando nisso, não é?” Ele ficou onde estava, mas parecia que havia mudado de postura. Foi estranhamente semelhante para algo que Niko fazia pouco antes de atacar. Ela não gostou de poder ver a confusão e o alarme vazando da escuridão do olhar de Moses. Ela não gostou de poder *sentir* estalando contra seu corpo como um chicote, abrindo feridas para que pudesse sangrar dentro dela, infectando-a com sua própria empatia forçada.

Ela desviou os olhos dele antes que pudesse abrir suas paredes e sugar seu tumulto para dentro de si. “Não,” ela cedeu. “Sinto muito.”

Raiva. Moses não gostou que ela não estivesse à altura da situação e lutasse com ele.

Que pena.

Ela se virou novamente para a parede e pegou o primeiro apoio, erguendo-se.

“Tudo bem, isso é o suficiente.” Niko apareceu ao lado dela, afastando-a da parede como se ela fosse apenas um inseto. Ele a colocou de pé e pegou seu rosto entre as mãos. “O que está errado?”

Pelo canto do olho, ela viu Oscar indo até sua mochila e abrindo-a. Ele pegou algo de dentro, levando-o ao nariz, o objeto ainda escondido.

O cristal.

Maldito inferno.

Ela se soltou do aperto de Niko e tentou se agarrar à parede novamente, mas ele a arrancou tão facilmente quanto da primeira vez, colocando-a de volta no chão.

“Isobel.” A voz Alfa de Oscar açoitou a sala, chicoteando sua mente. “Venha comigo.”

Ela não tinha um pingo de força para resistir, mas pelo menos ele estava saindo da sala e se afastando dos outros. Ela tirou o arnês e jogou-o de lado enquanto seguia atrás dele.

“Só ela e Cian,” ele gritou por cima do ombro enquanto abria a porta novamente.

Ela seguiu alguns passos atrás dos dois Alfas, os olhos nas costas dos sapatos de Oscar enquanto eles saíam do centro fitness. Cian estava mandando mensagens de texto enquanto caminhava enquanto Oscar encarava todos para fora de seu caminho. Seu primeiro pensamento quando chegaram ao centro familiar foi que a estavam arrastando até o pai para punição, e ela soltou um gemido baixo quando começou a arrastar os pés. Ambos pararam e se viraram, dando vários passos em direção a ela. Ela tropeçou para trás, estendendo as mãos.

Cian... o lindo e dourado Cian... de repente se tornou tão perigoso para ela quanto Oscar.

A mandíbula de Cian estava flexionada, seus olhos ardendo, mas Oscar apenas assentiu, girando sobre os calcanhares e continuando para o centro familiar. Ela se encolheu em um canto do elevador enquanto eles se encostavam no lado oposto, e então, antes que ela percebesse, eles estavam do lado de fora da sala onde ela normalmente encontrava Teak e Charlie.

Cian bateu, mas não houve resposta.

“Desculpe!” Uma voz agitada gritou quando o elevador apitou novamente. Teak e Charlie estavam correndo em direção a eles. “Fiquei um pouco atrasada. Olá, querida.” Teak deu-lhe um breve sorriso antes de destrancar a porta e fazer sinal para que ela entrasse.

Cian moveu-se para segui-la, mas Teak balançou a cabeça, seu sorriso desaparecendo de repente. “Vocês dois podem esperar lá embaixo.”

Isobel afundou na sua cadeira habitual, com o corpo no piloto automático. O pânico não desapareceu, mas diminuiu quando Oscar comandou seu corpo, fervendo em algum lugar no fundo de sua mente. Agora ela estava apenas cumprindo regras.

“Você está bem?” Charlie apertou a mão dela, ajoelhando-se ao lado da cadeira de Isobel. “Quer um pouco de água?”

Isobel levantou a cabeça, olhando entre Charlie e Teak... que havia se mudado para o outro lado da cadeira, pegando a mão livre e apenas... esperando. Esperando ela falar.

“Acho que cometi um erro,” ela sussurrou.

“Você sabe o que eu faço sempre que acho que errei?” Charlie perguntou, um pequeno sorriso compreensivo curvando-se em sua boca. “Imagino alguém que amo e respeito fazendo a mesma coisa. Ainda parece um grande erro ou você está sendo muito dura consigo mesma?”

Isobel levantou a cabeça, fixando os olhos miseráveis nas duas mulheres. “Quase fiz sexo com Moses Kane.”

“*Moses* Kane?” Teak ecoou, as sobrancelhas se erguendo.

Charlie engoliu uma risada, tentando parecer simpática. “Tudo bem. Inesperado.”

Ambas as mulheres recostaram-se em suas cadeiras habituais, trocando olhares. “Bem...” Teak pigarreou, mexendo-se nervosamente. “Isso está... um pouco fora do meu alcance como especialista em vínculos, mas com quem você dorme é uma escolha pessoal, mesmo se você tiver um companheiro. Certamente não é recomendado, mas isso é do ponto de vista da saúde. Só você pode decidir o que é certo e errado para o seu corpo em uma escala moral. Talvez eu tenha que intervir se você estiver totalmente vinculada, no entanto. Isso pode ser perigoso.”

“Sim,” Isobel disse inexpressivamente.

“Na verdade, não é por isso que você está chateada, é?” Charlie cutucou.

Isobel cerrou a mandíbula e balançou a cabeça. “Eu posso ter sentimentos por Cian. E... por alguns dos meus outros substitutos.”

“Então você está preocupada em perturbar seus substitutos ao se envolver

romanticamente com Moses?”

Isobel zombou. “Não foi romântico. Foi no armário no fundo de uma sala de aula. *Durante* a aula.”

Charlie sorriu. “Devo dizer que estou gostando dessa comunicação aberta.”

Teak deu um tapa no joelho de sua parceira antes de se concentrar novamente em Isobel, sua expressão severa. “Você não deve nada a nenhum desses Alfas, Isobel. Eles se ofereceram como substitutos para você, sabendo que você já tem um companheiro.”

“Eu...” Isobel brincou com os dedos no colo. “Não era realmente neles que eu estava pensando. Sou eu. Não *quero* sentir nada por ninguém. Não por eles. Não pelo meu companheiro. Nunca.”

Teak se inclinou para trás, cruzando as pernas, o salto balançando enquanto ela balançava o pé, os braços tonificados flexionando como se seu corpo tivesse subitamente ficado rígido com a tensão. “Nem todo Sigma é igual,” disse ela, suavizando sua expressão. “E nem todo Alfa é seu pai. Eles fizeram alguma coisa para machucar você? Para fazer você se sentir insegura?”

“Uhhhh.” Isobel engoliu em seco, passando sua atenção entre as mulheres. Ela tinha certeza de que Cian e Moses a sufocando e fodendo com um dos cristais da Professora Vega não era exatamente o que elas queriam dizer. “Não realmente.”

“Não realmente?” Teak perguntou bruscamente.

“Eu poderia tê-los parado a qualquer momento. Eu não quis.”

“Eles?” As sobrancelhas de Charlie saltaram, sua boca se abrindo.

“Hum. Ele?” Isobel se encolheu.

“Não foi só Mos... *oh*.” Teak lançou um olhar para a porta. “Ashford estava lá também?”

Isobel assentiu miseravelmente.

Charlie parecia querer cumprimentá-la, mas resistiu. “Conseguiu me impressionar.”

O pé de Teak parou de balançar enquanto ela olhava para Isobel. “Com quem mais você esteve envolvida?”

Isobel encolheu os ombros, sentindo-se um pouco menor. “Acho que Theodore, Oscar e Gabriel. E Kilian, um pouco. E já tive um momento estranho

com Elijah e Niko. E...” ela se interrompeu, prestes a dizer algo sobre Kalen.

“E?” Charlie engasgou quando Teak caiu contra o encosto da cadeira, os olhos arregalados de choque.

“E nada.” Isobel se abraçou. “Parece ruim quando digo isso em voz alta.”

“Não ruim,” Teak imediatamente interrompeu. “Apenas diferente. Todos eles sabem uns dos outros?”

“Bem, eles gostam de fofocar e contam *tudo* um ao outro, então... provavelmente.”

Teak riu. “Parece que você os conhece bem. Então, por que Sato e Ashford arrastaram você para cá e por que Ashford antecipou sua consulta?”

“Como ele fez isso?” Isobel voltou, franzindo a testa.

“Ele pediu meus dados de contato em caso de emergência,” explicou Teak. “Por que eles acharam que você precisava falar conosco?”

“Porque eu não falaria com eles.”

“Por quê?”

“Porque... eu acho... que não sei como.”

Teak inclinou a cabeça para o lado, uma mecha de cabelo castanho chocolate desenrolando-se ao redor de sua orelha. “Sabe, como Sigmas, aprendemos que não podemos ter emoções próprias. Espera-se que existamos para servir os outros... pelo menos aos olhos das pessoas que ainda acreditam que temos algum poder. Se um Sigma tiver um colapso, então ele basicamente não funciona, por que como pode nivelar as emoções de outras pessoas se não consegue nem controlar as suas próprias? Estamos sujeitos a um padrão impossível e desumano. Mesmo para os Superdotados.”

“Você pode sentir o que quer que esteja sentindo,” acrescentou Charlie. “Se você quer ficar brava, *fique* brava. Se você quiser chorar, então *chore*.”

Nunca deixe que eles vejam você chorar.

“Não posso.” Isobel endireitou os ombros, levantando um pouco mais o queixo. “Eu simplesmente... não posso.”

“*Você ainda* não pode,” Teak corrigiu. “Somos todos apenas trabalho em andamento, tente se lembrar disso. Não há problema em fazer as coisas de maneira diferente.”

“Você também não pode impedi-los de reagir como vão reagir.” Charlie

compartilhou um olhar cauteloso com Teak. “É preciso haver espaço para você ter sentimentos *e* para eles terem sentimentos. Você não pode controlar os deles e... você também não pode controlar os seus, infelizmente.”

Isobel sorriu um pouco, sentindo-se repentinamente cansada o suficiente para afundar na poltrona e adormecer. “Estou descobrindo isso.”

“Qual a pior coisa que poderia acontecer se você aceitasse o vínculo do qual está se escondendo?” Teak questionou de repente, direcionando a conversa para uma direção que Isobel não esperava.

“Eu poderia levar uma vida vazia, trancada em um apartamento no céu, sem nada para preencher meu tempo, até o dia em que desaparecesse sem deixar rastros.”

Teak assentiu, trocando outro olhar rápido com Charlie, que assentiu sombriamente, antes de se sentar na beirada da cadeira e pegar as mãos de Isobel.

“Sua mãe não desapareceu sem deixar rastros. Ela morreu de parada cardíaca.”

Parada cardíaca.

Seu coração parou.

De repente, Isobel não conseguiu respirar novamente. Era tudo o que ela temia. Sua mãe tinha assumido toda a escuridão do seu pai sem Isobel lá para partilhar a carga... e isso tinha sido demais.

“E o que de pior poderia acontecer se você parasse de lutar contra seus sentimentos por... bem... por seus sentimentos?” Teak cutucou, apertando os dedos de Isobel e abaixando a cabeça para chamar a atenção de Isobel.

“Eu poderia perder a pessoa que encontrei aqui e que finalmente se sente como *eu*,” ela disse com pressa, percebendo que estava tremendo tanto que estava fazendo as mangas de Teak tremerem levemente. “Eu poderia perder essa terrível centelha de felicidade que me assusta muito. Não é que antes eu me sentisse invisível e agora de repente sou famosa. Ainda me sinto invisível, mas agora há pessoas que parecem me entender. É como se eles me conhecessem melhor do que eu e não quero perder como isso me faz sentir. Estou me descobrindo através *deles* e gostaria de não estar. Eu gostaria de estar fazendo tudo sozinha.”

“Não vivemos a vida sozinhos,” disse Teak suavemente. “Mudar seu ambiente é como você muda a si mesma. Seu ambiente mudou muito e parece

que os Alfas do Dormitório A são uma grande parte do seu ambiente aqui. Se você gosta da maneira como eles estão influenciando você, talvez tente não lutar tanto contra isso. Se acontecer algo que a afaste deles, você ainda terá tudo o que eles lhe ensinaram. Você não perderá nada disso."

"E faz todo o sentido que eles estejam causando um impacto tão profundo em você." Charlie sentou-se no braço da cadeira de Isobel, passando o braço sobre o ombro de Isobel e dando-lhe um aperto suave. "A vida deles tem sido o oposto da sua em todos os aspectos. Eles são respeitados onde você é desprezada. Eles são impotentes onde você tem toda a riqueza e influência da filha de um Ícone. Eles são celebrados e você é desconsiderada. Eles têm padrões impossíveis de cumprir e você é subestimada todos os dias, de todas as maneiras possíveis. Eles têm muito a lhe ensinar e você tem muito a ensiná-los. Não é surpreendente que vocês se sintam atraídos um pelo outro... quero dizer, *algumas* coisas são surpreendentes..."

Teak bateu nela novamente. "Pare com isso."

"Pareço que *estou* julgando?" Charlie riu.

"Não," Teak resmungou. "Você parece impressionada."

"Ela contou *oito* deles," Charlie sussurrou. "E então ela disse *e*."

"Eu só estava tentando contar Cian duas vezes porque ele é tão... quente," Isobel protestou fracamente.

As duas mulheres recuaram, Teak verificando seu telefone enquanto Charlie apenas se recostava na cadeira, ainda sorrindo.

"Pedi ao seu pai uma atualização sobre quais eram os planos dele para ajudá-la durante as férias de verão." Teak franziu a testa enquanto rolava pela tela. "Parece que ele ainda não respondeu. Ele falou com você?"

"Não desde a semana passada." Isobel encolheu os ombros. "Ele está realmente preocupado em conseguir esse novo filme de super-herói. Ele enfrenta o pai de Bellamy e as coisas estão ficando um pouco tensas. Eu me encontrei com sua assistente e Cooper mais do que com ele nas últimas semanas."

"Cooper é o cara de cavanhaque, certo?" Teak perguntou, batendo no queixo. "Eu o vi em algumas das coberturas de sua turnê pelos assentamentos. Ele é *seu* gerente oficial ou do seu pai?"

"Meu, agora. Papai me fez assinar um contrato para mantê-lo depois que eu saísse do hospital. Mas ele é mais um mensageiro do que qualquer coisa."

“Vou tentar entrar em contato com ele.” Teak suspirou, guardando o telefone. “Estou preocupada que seu pai não priorize a necessidade de substitutos durante as férias. Ele já deveria ter apresentado uma inscrição para um deles e não houve nada. Neste ponto, terá que ser uma aplicação de emergência.”

O sangue de Isobel gelou. “Talvez ele tenha esquecido. Ele tem estado muito ocupado.”

“Tudo bem, bem, podemos deixar isso aí por enquanto. Acho que deveríamos continuar nossas sessões durante o intervalo. Pelo menos uma vez por semana. Podemos conversar por vídeo e posso intervir se perceber que sua saúde está em risco.”

Isobel ficou parada, mordendo o lábio. “Não durei muito tempo na turnê pelos assentamos sem um substituto.”

“Farei uma videochamada para você três dias depois do intervalo,” garantiu Teak. “Você não é mais responsabilidade apenas do seu pai. Agora você é... do Ironside.”

“Você estava prestes a dizer sua, não estava?” Charlie brincou, mandando uma piscadela para Isobel.

“Minha também.” Teak fungou, olhando para Isobel. “Me passe seu telefone. Você precisará dos meus dados para nossas sessões on-line.”

Depois de trocarem informações, o pânico voltou às entranhas de Isobel, e ela se viu com o nervosismo dançando até a ponta dos dedos.

“Você consegue,” Charlie murmurou, dando um tapinha no ombro dela antes de abrir a porta e sair.

O corredor estava felizmente vazio, e ela entrou no elevador com Teak e Charlie, desejando poder segui-las até onde quer que morassem e nunca mais ter que enfrentar os Alfas novamente, mas não teve essa sorte.

Não eram apenas Cian e Oscar esperando por ela.

O resto dos Alfas estavam reunidos no centro familiar, espalhados em torno de três mesas com Kalen e Mikel encostados na parede entre duas das janelas olhando para a frente da academia.

“Bem, tudo bem, isso é surpreendente.” Teak parou assim que saiu do elevador, seu olhar vagando pelos homens reunidos, observando suas expressões cuidadosamente guardadas. “Professor West, Professor Easton.” Ela voltou sua

atenção para os corpos altos no fundo da sala. “Posso ajudar?”

“Não,” respondeu Mikel, “estamos bem.” Seu tom não era áspero, mas também não era doce e açucarado. Ele examinou Isobel de perto antes de voltar sua atenção para Teak. “Há algo que eu precise saber?”

“Do que você precisaria saber?” Teak fingiu ignorância, assumindo uma atitude calma e confusa.

Isso fez com que Isobel gostasse ainda mais dela.

Não era todo dia que ela via uma Sigma enfrentar dez Alfas armados, todos irradiando uma energia tensa e avassaladora.

Na verdade, não era *qualquer* dia.

“Carter é um dos meus Alfas.” Mikel acenou com a cabeça em direção a Isobel. “O bem-estar dela é minha preocupação. Há algo que eu preciso saber?”

“Hum, Carter é uma Sigma,” Charlie inseriu, levantando a mão.

“Você deve preparar a documentação de emergência para alguns de seus Alfas viajarem se surgir a necessidade de um substituto,” disse Teak, surpreendendo a todos. “Tenha-a pronta para ser arquivada. Parece que o pai de Isobel não preparou um plano de cuidados para as férias de verão.”

“Ela vai para casa sozinha?” Cian rosnou, saltando da borda da mesa em que estava sentado, com as mãos tatuadas fechadas em punhos, que ele rapidamente enfiou nos bolsos.

Bolsos que apertavam o material da calça em volta da virilha.

O que a lembrou de que *o pau* dele estava em sua *boca* há uma hora.

Merda, merda, merda.

Ela respirou fundo e trêmula, desviando o olhar de Cian. “Vou me atrasar para a minha próxima...”

“Você está comigo agora,” Mikel interrompeu, com um toque de aço em seu tom.

Kalen se afastou da parede, aproximando-se. “Obrigado.” Ele apontou isso para Charlie e Teak antes de parar perto de Isobel e retornar seu olhar pesado para elas por cima da cabeça dela. “Vamos garantir que a papelada esteja pronta.”

“Certo. Bem... ok. Falarei com você em breve, Isobel.” Teak apertou seu ombro rapidamente antes de caminhar para a entrada, seus saltos batendo

rapidamente.

“Até mais, garota.” Charlie acenou para ela, abrindo um sorriso despreocupado antes de seguir Teak para fora do centro familiar.



Moses estava tendo dificuldade em controlar suas emoções e, assim que a outra Sigma se afastou, ele perdeu o controle da barreira atrás da qual estava acumulando tudo... algo que todos eles vinham praticando ultimamente.

Ele sentiu a rachadura em seus esforços, sentiu a pressão em seu peito diminuir enquanto parte dela escapava. Isobel nem sequer se encolheu, embora tivesse certeza de que vários dos outros provavelmente tinham feito exatamente a mesma coisa.

Ficar ali e ser agredida pela raiva, pela preocupação e pela confusão de dez ângulos diferentes não era algo fácil de fazer, mas a garota era uma esponja profissional. Ela esfregou o nariz com a palma da mão, os olhos desviados para as janelas enquanto todos caíam em silêncio.

“Felizmente, as equipes de filmagem estão ocupadas no momento em suas escolhas para o vencedor de Ícone deste ano,” Kalen resmungou com uma voz concisa, embora seu cheiro não combinasse com o açúcar ardente e fumegante que ele emitia quando estava com raiva. Ele coçou o queixo, considerando Carter. “Acho que provavelmente poderíamos mantê-la aqui sem que eles interrompam. Isto é, até que você finalmente nos conte o que está acontecendo.”

Isobel endireitou os ombros, apertando a mandíbula enquanto tentava reunir energia para enfrentar todos eles. Normalmente, Moses gostava da luta nela. A teimosia que combinava com a dele. A espinha dorsal de aço que ele gostava de dobrar um pouco demais para seu próprio conforto. Mas não agora.

Ele não queria que ela tivesse que lutar quando estava com medo.

Ele preferiria fazer isso por ela. Ele faria isso por todos, se deixassem.

“Olha...” ela começou a andar pelo chão de pedra, com passos apressados e nervosos. “Isso está ficando um pouco complicado. Eu... eu pensei... com a coisa do substituto...” ela se interrompeu, balançando a cabeça como se já estivesse

discordando da linha de pensamento que acabara de seguir.

Era isso que a estava incomodando?

Ela não tinha surtado ao se aproximar de Theodore, Oscar ou Gabriel. Talvez o problema fosse *ele*. Talvez ela precisasse de limites realmente claros.

“Eu me solicitei para ser um substituto,” ele anunciou, mentindo descaradamente.

A cabeça de todos se voltou para ele. Elijah e Gabriel pareciam expectantes, Elijah até um pouco impaciente, provavelmente irritado por Moses ter levado muito tempo para prosseguir com qualquer ação que ele havia previsto que Moses deveria tomar. Os olhos de Theodore brilharam de raiva.

Kilian se mexeu, desconforto em seus ombros.

Niko assentiu levemente.

“O... o quê?” Isobel gaguejou, girando para encará-lo.

Por que seu rosto estava quente?

Por que seu rosto estava queimando com um leve tom de cor *agora?* Ele tinha acabado de foder ela com um maldito cristal e explodiu em sua boca, mas *agora* estava corando? *Incrível. Ótimo. Perfeito.*

“Sim.” Ele limpou a garganta, concentrando-se em Oscar por um momento. O outro Alfa tinha um desafio raivoso fervilhando por trás de um olhar duro. Isso seria uma briga mais tarde. Moses ansiava por isso. “Me desculpe, esqueci de perguntar a você. Tudo bem?”

“Uh.” Ela parecia chocada e silenciosa, sua garganta trabalhando enquanto tentava encontrar uma resposta. “Sim? Quero dizer, claro. Sim. Obrigada você?” Ela sorriu, o movimento tremendo em seus lábios, o alívio brilhando em seus olhos. “Então tudo isso foi...”

“Apenas fazendo minha parte.” Ele acenou para ela.

Seus ombros relaxaram lentamente, alívio visivelmente inundando seu corpo.

Jesus Cristo, que porra era essa?

A essa altura, a maioria das pessoas estaria chorando de rejeição.

Kilian, Theodore e Cian também relaxaram, mas a confusão em seus rostos se aprofundou. Moses queria dar um soco em alguma coisa para aliviar sua frustração. O nível de intelecto necessário para acompanhar essa *garota* era

extraordinário. Ela nunca fazia o que ele esperava.

Especialmente não em um armário.

“As coisas ficaram um pouco fora de controle,” disse Cian, como se seus pensamentos tivessem gravitado naturalmente para o mesmo lugar. “Definitivamente não era para ir tão longe. Você entende, Illy?”

Theodore enrijeceu, lançando um olhar de Cian para Isobel. Moses conhecia seu irmão melhor do que ninguém e, embora Theodore tivesse um autocontrole impressionante, ele também tendia a perdê-lo de maneira espetacular. Eles o empurraram bastante hoje.

“Eu... sim, eu também não queria que isso acontecesse.” Isobel copiou o gesto de desdém de Moses, com os olhos fixos no chão.

“Talvez algumas regras básicas ajudem,” Niko falou.

Kalen e Mikel pareciam ter ficado em segundo plano na discussão por enquanto. Eles preferiam que o resto deles resolvessem sua própria bagunça, mas pareciam tensos o suficiente para intervir desta vez se as coisas esquentassem demais. Felizmente, eles tinham Niko. Se alguém conseguiria fazer com que toda essa situação parecesse agradável, organizada e razoável, esse alguém era Niko.

“Você tem alguma em mente?” Niko cutucou Isobel gentilmente. “Qualquer coisa que esteja absolutamente fora dos limites para você?”

Isobel assentiu. E então balançou a cabeça.

Eles esperaram, mas ela não disse nada.

“Ok.” Niko parecia querer sorrir. “Alguém mais?”

“Ela precisa de uma palavra de segurança adequada,” anunciou Cian.

“Para que *caralho* ela precisaria de uma dessas?” Oscar rosnou, saltando da cadeira e rondando em direção a Cian.

Moses rapidamente se inseriu entre eles, tentando chamar a atenção de Oscar, e todos estavam distraídos demais para notar Theodore passando por eles e jogando Cian contra a parede.

“O QUE VOCÊ FEZ COM ELA?”

“Chega,” Kalen latiu, sua voz Alfa como uma onda pela sala. “Todos se sentem. Agora.”

“Oh meu Deus.” Isobel estava olhando para Cian com horror enquanto

todos se moviam para obedecer a Kalen, Oscar optando por ficar de pé apenas para provar que podia.

Cian tinha três cortes profundos no pescoço e no peito. Ele segurava as feridas com as duas mãos, mas o sangue tentava escorrer por entre seus dedos.

Theodore caiu em uma cadeira, agarrando a mesa à sua frente com a mão com garras pretas, as garras alongadas e pintadas de vermelho nas pontas.

“Alguém faça alguma coisa!” Isobel mexeu-se inquieta na cadeira.

“Está tudo bem,” Cian murmurou. “Só um arranhão.”

“Só um arranhão?” Ela repetiu, sua voz soando entorpecida pelo choque enquanto ela se virava para olhar para Theodore. “Eu rasgo o pescoço de Wallis toda vez que você a toca?”

Theodore deu-lhe um sorriso tenso. “Eu mal toquei nele.”

O cheiro de Theodore estava ficando cada vez mais ácido a cada segundo, seus olhos brilhando com um alerta precursor da escuridão. Moses estava a segundos de gritar com Kalen que ele precisava ir até seu irmão, mas Isobel pareceu suavizar no último segundo.

“Também estou preocupada com você, Theo,” ela sussurrou.

Ele apenas olhou para ela como se fosse exigir que ela provasse, mas então ele pareceu se livrar da compulsão, sacudindo os braços até que suas garras se transformaram em unhas manchadas de sangue. Apesar da situação, Moses sentiu uma pontada de orgulho. A quantidade de *esforço* necessária para se afastar daquela situação era inacreditável, mas não havia uma única linha de tensão no rosto de Theodore.

“Uma palavra segura é necessária para brincar com Alfas meio vinculados ou totalmente vinculados.” Kalen chamou facilmente a atenção da sala enquanto os examinava. “Independentemente dos gostos e tendências pessoais, tendemos a ser agressivos quando nossas emoções estão intensificadas e, no que diz respeito aos vínculos, os Alfas acasalados são conhecidos por serem perigosamente territoriais e possessivos. Se eu tivesse previsto...” ele parou por um momento, seu olhar perspicaz pousando em Cian. “As coisas progrediram tão repentinamente que eu teria combinado de falar em particular com Isobel para que ela pudesse estar mais bem preparada.”

“Realmente não foi tão chocante,” Isobel murmurou fracamente, suas bochechas manchadas de vermelho brilhante.

Ela havia encontrado um lugar perto da janela, o mais longe que conseguia de todos eles. Niko e Kilian estavam mais próximos dela, ambos voltados para os outros Alfas como se precisassem pular na frente e protegê-la.

“Você literalmente entrou em choque depois,” Moses retrucou, imediatamente se arrependendo de seu tom áspero... mas ela não olhou para ele nem enrijeceu sua postura. Ela apenas lançou lhe um olhar calmo e pensativo. O que foi muito pior. Isso o fez sentir como se ela estivesse olhando através dele, saboreando suas emoções e categorizando silenciosamente seus pensamentos. Ele fez uma rápida verificação mental para ver o que estava divulgando, mas não estava sentindo nada muito sério ou constrangedor.

Talvez ele também estivesse em choque.

“Uma palavra de segurança não é negociável,” resmungou Mikel. “Sugiro o sistema de semáforos. Verde para quando você estiver bem, amarelo para quando estiver próxima do limite e vermelho para parar tudo imediatamente, sem repercussões. O que você acha disso?”

“B-Bom. Verde?”

Mikel e Kalen sorriram, Mikel flexionou as mãos como se de repente quisesse agarrá-la e apertar suas bochechas e dizer que ela era repugnantemente adorável, usando sua palavra segura em uma conversa normal. Ou talvez Moses estivesse projetando.

Ugh, ele teve vontade de vomitar.

“Eu tenho uma regra própria,” Kalen anunciou, fazendo com que as sobrancelhas de Isobel se erguessem de surpresa. Ele continuou: “Eu conheço Cian e Moses, e mesmo que Moses não seja o Alfa mais amigável, nenhum deles trataria você mal depois de um encontro sexual, o que significa que você roubou deles a capacidade de lhe dar os cuidados posteriores adequados que você precisava.” Sua voz ficou mais suave, mais parecida com um ronronar rouco. “Você correu para a sala de escalada porque eu cuido de você lá, não é mesmo, princesa?”

Isobel assentiu, parecendo ao mesmo tempo fascinada e confusa.

“Cian e Moses teriam cuidado de você da mesma forma, não é mesmo?” Seus olhos âmbar de repente estavam fixos em Moses e Cian.

“Obviamente.” Cian falou baixo, o sangue finalmente cessando suas tentativas de escapar de seus dedos. Ele foi o único, além de Kilian e Oscar, que não parecia ter se acalmado nem um pouco.

Oscar estava terrivelmente quieto, como um predador espreitando pelas bordas de um campo de batalha, esperando que todos se desgastassem antes de atacar e festejar. Kilian parecia no geral insatisfeito com tudo o que estava acontecendo.

Todos estavam observando-o, percebeu Moses. Esperando por sua resposta. “Acho que Cian se importava mais do que eu com isso,” ele admitiu. “Eu teria cuidado dela, mas acho que ele precisava disso.”

“Os cuidados posteriores são importantes para ambas as partes,” Mikel concordou calmamente.

“Vamos deixar as coisas perfeitamente claras.” Kalen suspirou, como se odiasse o que estava prestes a dizer. “Se você vai jogar duro,” ele estava dirigindo suas palavras para Isobel, que engoliu em seco, “então você vai bater forte. Ninguém tem permissão para tocar em você até que você possa nos garantir que não fugirá dos cuidados posteriores e não enterrará suas próprias necessidades. Não é seguro. Se você estiver disposta a ignorar suas necessidades depois, também poderá ignorá-las durante e evitar usar sua palavra de segurança, o que é inaceitável.”

Ele a observou como se estivesse esperando que ela concordasse verbalmente, mas ela parecia muito sobrecarregada.

“Acene com a cabeça se você entendeu,” Mikel falou, e ela rapidamente balançou a cabeça para cima e para baixo algumas vezes.

“Bom.” Mikel parou perto da cadeira dela, colocando a mão no topo da cabeça dela. Ele se inclinou para mais perto dela, sussurrando algo que parecia *uma garota corajosa*. Ela fechou os olhos, um leve tremor percorrendo seu corpo que fez Moses querer jogá-la na mesa mais próxima e interrogá-la agressivamente até que ele soubesse *cada palavra* que a fazia tremer daquele jeito.

Seus sentimentos estavam ficando fora de controle. Era assim que Theodore se sentia? Era impossível dizer com seu irmão. Oscar definitivamente sentia isso. Estava escrito em cada vinco ao redor de sua boca carrancuda enquanto olhos escuros rastreavam qualquer um que piscasse na direção de Isobel. E os outros?

Ele engoliu um gemido frustrado, esfregando a mão no rosto. Isso era impossível. Ele precisava controlar isso. Eles não poderiam *todos* tê-la... e se ela fosse escolher qualquer um deles, não seria ele. Seria seu irmão. Mesmo que Moses a tivesse beijado primeiro.

E uma polegada de seu pau tivesse estado dentro dela primeiro.

Sim, legal, cabeça de merda. Porque isso conta.

Ele não tinha chance. Ela não queria que ele fosse seu primeiro beijo e o fato dele quase ter perdido a virgindade dos *dois* em um armário no fundo de uma sala de aula lotada era exatamente o motivo pelo qual ela escolheria Theodore.

Ou *qualquer* outra pessoa.

Inferno, ela provavelmente escolheria Mikel antes de escolher Moses.

16

O Dedo Culpado Aponta Primeiro



Isobel escapou do toque firme de Mikel, aproximando-se de Cian. Ele a observou com um olhar pesado e cauteloso que a fez querer virar as costas e correr novamente, mas ela se forçou a ficar entre as pernas dele enquanto ele se levantava, seus olhos percorrendo seu rosto em questão.

As feridas em seu pescoço agora eram apenas linhas vermelhas, mas o sangue estava encharcando sua camisa, então ela manteve o peito longe dele enquanto passava os braços em volta do pescoço dele, os olhos fechados enquanto o cheiro dele a inundava, ainda misturado com o seu xarope inebriante.

“Desculpe,” ela murmurou.

Ele agarrou seus quadris e Isobel enrijeceu, engolindo um gemido quando seu corpo escolheu aquele momento para recordar a sensação dele e de Moses forçando-a a descer sobre o cristal pelos quadris. Um som áspero vibrou no peito de Cian, e ela rapidamente se afastou, correndo até Moses. Ela caiu desajeitadamente nele mais do que qualquer coisa, mas ele a segurou facilmente, ficando de pé quando ela alcançou sua cadeira.

Ele havia dito que Cian era quem precisava cuidar dela, mas puxou-a com força contra seu corpo, curvando-a para trás levemente enquanto ele inspirava profundamente contra o pescoço dela, as mãos apertadas em sua cintura.

“Perdoada,” ele rugiu. “Mas só desta vez.”

Ela se afastou, lançando lhe um olhar penetrante, do qual ele se afastou. Ela não o entendia de jeito *nenhum*.

“Bem…” Mikel pigarreou. “Parece que minha sessão acabou. Alguém tem uma camisa extra para Cian? Ele não pode sair assim.”

“Nisso.” Niko tirou uma camisa e uma garrafa de água de sua bolsa,

jogando ambas para Cian, que puxou a camisa ensanguentada sobre a cabeça e derramou água em uma parte limpa dela, usando isso para limpar o sangue de seu pescoço. Ele não olhou para Theodore, e Theodore não se desculpou.

Isobel piscou ao ver o segundo piercing no mamilo que Cian havia adquirido em algum momento, percebendo que sua tinta havia se espalhado ainda mais novamente. Praticamente *cobria* o peito e os lados. Ela desviou sua atenção quando sentiu olhos queimando em seu rosto.

Gabriel.

Ele estava com a cabeça inclinada, o olhar avermelhado aberto e curioso... não o seu habitual distanciamento frio. Depois do encontro com ele, ela também não o evitou? Engolindo em seco, ela avançou lentamente em sua direção, observando o toque de diversão que ganhou vida em sua expressão.

“Eu também?” Ele adivinhou, embora houvesse um tom levemente irônico ou sarcástico em sua voz.

Ela pairou sobre os joelhos dele, perguntando-se como proceder. Ele provavelmente preferiria que ela *não* tentasse abraçá-lo. Ele abriu uma das mãos e separou as pernas, então ela se aproximou, os braços entrelaçando-se em volta do pescoço dele enquanto as mãos dele empurravam por baixo da camisa solta, pousando na pele nua da parte inferior das costas.

“Eu pensei que você não gostasse de tocar,” ela sussurrou em sua pele.

“Você cheira como outras pessoas,” ele retrucou. “É irritante.”

“Temos um cheiro incrível pra caralho e nem fingimos que não,” disse Cian, examinando as unhas. Ele estava começando a soar um pouco mais como ele mesmo. “Mais alguma coisa que você precise compartilhar com o grupo, boneca?”

Isobel se afastou de Gabriel, balançando a cabeça. “Não.”

Ela encontrou o olhar tempestuoso de Theodore, e ele sorriu levemente, como se tivesse vencido algum tipo de competição. Talvez ele tivesse. Ela tinha sido sexual com ele, mas *não tinha* fugido dele.

“Tenho que ir ver meu pai,” anunciou ela, de repente cheia de tensão novamente. “Eu não acho que posso esperar até hoje à noite. Eu me sinto muito... sobrecarregada. Eu só quero tirar uma coisa do meu prato.”

“Então vamos.” Mikel caminhou até o elevador, latindo por cima do ombro. “Todos, se recomponham antes do próximo período. A próxima pessoa a

começar uma briga terá que lidar comigo. E limpem todo o sangue do chão antes de saírem.”

Isobel olhou para as costas dele, franzindo as sobrancelhas enquanto ele chamava o elevador. Ela se moveu para o lado dele, alisando a camisa nervosamente.

“Você não cheira a nada,” ele a tranquilizou, sua atenção perspicaz quando eles entraram no elevador. Ele se encostou na parede lateral, cruzando os braços, os olhos mergulhando da parte superior da camisa até os quadris e subindo novamente. “*Eles* cheiram como se você os tivesse marcado tanto quanto possível.”

“Isso é uma coisa?”

“Isso é, definitivamente, uma coisa. Deixar para trás seu cheiro e essência em seu companheiro é um tipo de reivindicação.”

Ela sentiu a testa franzida e rapidamente voltou os olhos para o chão.

“Não,” Mikel disse calmamente. “Diga-me.”

O elevador abriu e os dois saíram para o corredor, mas ele balançou a cabeça por um minuto quando ela se dirigiu ao apartamento do pai.

Ela se encolheu. “Não é apropriado.”

“Estamos além do apropriado. Diga-me o que você estava pensando.”

“Só que eles não fizeram o mesmo. Na verdade, eles fizeram questão de não fazer.”

“Como deveriam.” Mikel assentiu. “Você tem outros oito companheiros... e mesmo fora esse fato, se um deles tivesse tentado reivindicá-la de alguma forma na frente do outro, poderíamos estar diante de uma situação muito mais complicada agora. Provavelmente uma bagunça sangrenta. E pode ser difícil esconder sangue em um lugar com uma câmera em cada esquina. Você está chateada porque eles não terem feito isso?”

“Chateada?” Ela balançou a cabeça. “Eu ficaria chateada se eles não me deixassem fazer o que fiz… mas eles encorajaram isso.”

“Eles tentaram cuidar de você, pet.” Ele ergueu a mão, seus dedos roçando o queixo dela, quase nem era um toque antes de soltar a mão. “Vamos acabar logo com isso.” Ele acenou com a cabeça no corredor.

“Você pode esperar aqui fora, se quiser,” ela disse, indo até a porta do apartamento do pai. Ela já podia ouvir a voz dele aumentando lá dentro, e isso

enviou um tremor de apreensão por sua espinha.

Mas ela tinha que fazer isso.

Pela mãe dela.

“Sem chance,” Mikel murmurou, passando por ela para bater vigorosamente na porta. “Você nunca mais ficará sozinha com ele.”

O corpo dele estava logo atrás do dela, mas assim que a maçaneta da porta girou, ele derreteu a alguns passos de distância, ficando um pouco afastado.

“Isobel?” Braun Carter preencheu a porta, com uma expressão de aborrecimento no rosto enquanto se distraía momentaneamente com o telefone.

“Você conseguiu, Stan!” Ele trovejou com entusiasmo. “Vou pedir para Bellamy enviar um e-mail para você agora mesmo e vamos esclarecer toda essa pequena bagunça, hein? Ótimo.” Ele desligou o telefone, o aborrecimento em seu rosto se aprofundando. “O que você está fazendo aqui?” Ele apenas pareceu notar Mikel, e a maior parte do aborrecimento desapareceu de sua expressão. “Professor Easton. Que prazer.” Ele abriu a porta, fazendo sinal para que entrassem. “O que traz vocês dois aqui? Você não deveria estar na aula agora, Isobel?”

“Isso é mais importante,” ela conseguiu dizer, a bola gigante de ansiedade em sua garganta dificultando a fala. “Há algo que preciso perguntar a você.”

“Certamente.” Ele balançou sobre os calcanhares, cruzando os braços carnudos e flexionando a mandíbula em alerta. “Estou a sua disposição.”

Ele nem estava tentando esconder seu sarcasmo na frente de Mikel... mas, novamente, ele provavelmente esperava que Mikel compartilhasse de seu desdém.

“Preciso saber o que aconteceu com a mamãe.”

As sobrancelhas grossas de seu pai se curvaram, pesadas sobre os olhos. “Essa é uma conversa para momentos privados em família, Isobel. Volte no horário que agendamos. Sem convidados, sem ofensa, Professor Easton, mas é tão raro que eu fique sozinho com minha filha, já que ela é tão famosa agora.” Sua atenção se voltou para Mikel por um momento, parecendo um pouco confuso com o silêncio contínuo do outro homem.

“Não.” Isobel obrigou-se a olhar para o pai, estremecendo diante da onda de raiva que se apoderou dela, ameaçando fazê-la cair de joelhos. “Estou livre agora. Podemos nos encontrar agora.”

Ele olhou para ela por um momento. Calculando. E então ele recuou mais um passo, fazendo sinal para que ambos se sentassem em um dos sofás de frente para as janelas do chão ao teto que davam para a frente da academia. Sua assistente veio da outra sala, segurando um tablet em uma mão e um telefone na outra. Ela fez uma pausa quando avistou Mikel, seus olhos se arregalaram antes de se virar rapidamente e sair da sala novamente, fechando a porta silenciosamente atrás dela.

“Sua mãe teve um ataque cardíaco,” anunciou Braun, contornando os sofás para ficar perto da janela e olhar para Isobel. Mikel ficou atrás do sofá, logo atrás de Isobel, e Braun olhou para o outro Alfa, seu olhar ficando duro, com uma pitada de curiosidade espreitando. “Existe algo em que eu possa ajudá-lo, professor?”

“Sim, realmente.” Mikel falou formalmente, seu tom imparcial. “Mas meu problema pode esperar. Por favor, continue.” A sugestão de comando Alfa em sua voz fez Isobel quase se virar de surpresa, mas ela conseguiu manter o foco em seu pai.

“O que ela estava fazendo?” Isobel pressionou. “Onde ela estava? Você estava com ela?”

“Eu estava lá,” confirmou Braun, sentando-se em uma poltrona, a mesma dor que Isobel sentiu no dia em que ele lhe contou sobre sua mãe superando a raiva que ele estava depositando nela. Ela resistiu ao impulso de derrubar suas paredes e tirar tudo dele, do jeito que lhe ensinaram.

“Eu mereço saber o que aconteceu.” Ela tentou parecer inflexível e destemida, mas tinha certeza de que soava mais como uma pergunta.

“Eu sei que você acha que é minha culpa.” Braun se afastou dela, olhando pela janela, com a mandíbula tensa novamente. “Você sempre foi muito mais fraca que Caran. Ela poderia lidar comigo. Ela não morreu porque estava me nivelando. Ela morreu porque se enfraqueceu. Ela parou de tomar a medicação.”

“Que medicação?” Isobel franziu a testa, sem saber como reagir ao fato de seu pai realmente falar com ela, em vez de dispensá-la completamente.

Ele se levantou e caminhou até onde sua maleta de couro macio estava na mesa do corredor. Ele puxou uma pequena garrafa branca de dentro e a trouxe para sua cadeira, afundando novamente enquanto batia a garrafa na mesa de centro à sua frente.

“As pílulas substitutas,” disse ele. “Elas a estavam mantendo viva. Junto comigo.”

“S-Substitutas?” Isobel gaguejou.

“Deus, você realmente pode ser estúpida, Isobel.” Ele beliscou o nariz, o aborrecimento agora ultrapassando seus tentáculos de tristeza.

Atrás dela, Mikel soltou um som baixo de alerta, mas Braun não pareceu ouvir. Era quase como se ele tivesse esquecido completamente a presença do outro Alfa.

“Mamãe não era sua companheira?” Isobel perguntou, algo parecido com medo sufocando sua garganta.

“O companheiro dela era meu irmão. Ele era sua Âncora.” Braun olhou para Isobel com um olhar cansado. “Ele morreu e eu me ofereci para ajudar. Eu tinha ouvido falar das pílulas, mas elas não estavam disponíveis nos assentamentos... caramba, as pessoas nos assentamentos *ainda* não sabem sobre elas. Fingi que ela era minha companheira, caso contrário, eles nunca teriam me dado os comprimidos. Foi bastante simples, já que temos uma cor de olhos semelhante. Eles distribuíram os comprimidos presumindo que eu viajaria a maior parte do ano a trabalho e ela ficaria sozinha em casa. Entre mim e as pílulas, ela sobreviveu.”

A mente de Isobel girava, os olhos fixos no pequeno frasco branco. “O que elas são?”

“Pílulas substitutas. Você escuta, garota?” Ele estalou os dedos na frente do rosto dela. “Elas interrompem os efeitos colaterais dos vínculos e sustentam as pessoas quando seus vínculos não estão disponíveis.”

A raiva cresceu dentro dela tão rapidamente que ela balbuciou por um momento antes que as palavras saíssem dela. “Por que você não as deu para *mim*?”

“Eu as tenho carregado caso você precise delas.” Ele revirou os olhos como se ela estivesse sendo excessivamente dramática. “Sua necessidade de um substituto lhe trouxe mais atenção e tempo de tela do que qualquer plano que eu pudesse ter bolado. Eu teria intervindo se a situação tivesse ficado terrível ou se nenhum dos seus namoradinhos se oferecesse para ajudar.”

“Isso é fodido.” Ela olhou para ele, chocada e incrédula. “Foi isso que você fez com a mamãe? Você parou de dar as pílulas a ela?”

“Acuse-me de matar Caran Carter mais uma vez, eu te desafio,” ele rosnou, de repente voltando toda a sua atenção para ela, sua fúria arranhando sua pele. “Ela parou de tomá-las por si mesma. Escondendo cada dose. Ela estava

tentando acumular um estoque para poder fugir. Foi estúpido. Irresponsável. Como eu poderia saber que ela estava tão fraca? Eu mal dei a ela um *centímetro* do que deveria ser *nosso* fardo para carregar antes que ela entrasse em colapso."

Isobel deu um pulo. "Eu acabei por aqui." Ela estava tremendo, vibrando de raiva e tristeza... metade dela, metade dele.

"Não tão rápido." Braun pegou o frasco de comprimidos e enfiou-o no bolso. Mesmo agora, ele não iria oferecer isso a ela. "Temos que discutir o que está acontecendo durante o intervalo."

Ela fez uma pausa, ainda de costas, esperando o que ele queria dizer.

"Eu arranjei um substituto para você. Ele virá ficar conosco."

Ela encontrou os olhos de Mikel e ele balançou a cabeça ligeiramente. *Não foi um dos Alfas*.

"Quem?" Ela resmungou.

"Adam Bellamy."

Ela se virou, com a boca aberta. "Já tenho vários substitutos. Eu nem sou amiga de Bellamy."

"Eu não me importo de quem você é amiga, Isobel. Fiz um acordo com o pai de Adam. É uma coisa de Hollywood, você não entenderia. Ele vai ceder o papel no filme que me interessa e, em troca, você vai dar a Adam o aumento de popularidade que ele precisa antes do início do terceiro ano. É assim que o acordo funciona."

"Não." A palavra saiu de sua boca antes mesmo que ela pudesse pensar.

Os olhos dourados como mel de Braun se estreitaram em fendas. "Isto não é uma discussão. Está acontecendo, quer você goste ou não." Ele deu um passo ameaçador em direção a ela, mas parou, procurando Mikel novamente. "Acho que você já se intrometeu o suficiente, não é, professor? Esta deveria ter sido uma discussão privada entre mim e minha filha."

"A questão da segurança da *minha* aluna é uma discussão para todos nós," rebateu Mikel calmamente. "E esse plano não vai funcionar."

"Eu perdi o episódio em que eles fizeram de você seu novo papai?" Braun gritou, tentando agarrar Isobel.

Ela escorregou por baixo de sua mão. Por um momento, ele pareceu chocado demais para se mover, e então avançou novamente, mas Mikel estava lá num instante, agarrando seu pulso e torcendo-o nas costas até que o homem

maior se curvasse para a frente e se contorcesse de dor, um grunhido vibrando para fora de sua garganta. Os movimentos de Mikel foram tão rápidos que tudo aconteceu num borrão. Ele soltou Braun com a mesma rapidez, e Isobel se viu piscando atrás dele enquanto ele se plantava diante dela.

“Acho que você vai prender seu vagão no carrinho de dinheiro dela, hein?” Seu pai riu cruelmente. “Que pena, professor. Ela já tem um gerente. Assinei contrato com ele e tudo. E ela estará sob meu controle até se formar.”

“A academia reserva-se o direito de intervir onde achar adequado.” A voz de Mikel estava assustadoramente calma.

“Você não está ficando um pouco ganancioso?” Braun perguntou. Isobel olhou ao redor de Mikel e viu o olhar presunçoso tomando conta do rosto de seu pai. “Você já não tem oito cavalos Alfa perfeitamente aptos nesta corrida? Por que você não deixa o potrinho idiota da Sigma comigo? Adicioná-la à sua lista não vai fazer nada para compensar esse rosto horrível.”

“Por que você não cala a boca pelo menos uma vez?” Isobel saiu de trás de Mikel. “Eu terminei com sua porcaria abusiva. Por que você não *presta atenção* no que diz pelo menos uma vez? Por que você não tenta falar como um *adulto* pelo menos uma vez?”

Seu pai não olhou para ela como se estivesse surpreso por ela finalmente estar aprendendo a se defender. Ele olhou para ela como se ela tivesse planejado a coisa mais irritante que poderia fazer para enfrentá-lo, e tivesse ido em frente e feito isso apenas para irritá-lo.

Ela não estava sendo forte aos olhos dele. Ela estava sendo pequena.

Ela não estava fazendo com que ele a ouvisse, ela estava apenas fazendo barulho, e era patético.

“Oh, você é uma menina grande agora.” Ele passou os olhos por ela, seu sorriso zombeteiro ganhando um tom cruel. “Não se esqueça de quem *criou* você, Isobel. E você.” Ele voltou seu olhar para Mikel, parecendo ficar maior, com os ombros mais largos, a expressão tensa. “Não sei o que aquela idiota prometeu a você, mas ela tem um contrato com Cesar Cooper. Ela já tem um gerente, um publicitário *e* um Alfa para tomar todas as decisões por ela, para que você e seus garotos possam voltar à fila e esperar serem chamados.”

“Acho que não,” Mikel disse suavemente. “Mas obrigado pelo… bate-papo esclarecedor. Acho que já estaremos a caminho.”

“Eu não terminei com ela,” Braun cuspiu.

A cabeça de Isobel latejava. Seu pai estava empurrando suas emoções para ela, como costumava fazer sempre que ela estava em sua presença, mas a cada minuto que passava, a massa cuspida de sua fúria aumentava de tamanho, ficando pesada contra seu peito como uma pedra enorme pesando contra seus ossos e ameaçando achatá-los.

“Ainda tenho que escolher as aulas dela para o próximo ano...”

“Eu escolho as minhas...” ela tentou interromper, mas ele continuou falando como se ela nem estivesse lá.

“E verificar o cronograma dela para as férias de verão.”

Mikel pegou o telefone e olhou para a tela. “Você provavelmente terá até o final do dia para enviar seu cronograma *proposto* e plano de cuidados do vínculo a especialista em vínculos dela. Apresentarei diversas soluções alternativas dentro de uma hora, e caso você tenha esquecido: os diretores não gostam de ficar sentados por muito tempo sobre decisões de assistência social. Eles são uma perda de tempo. Meu plano será abrangente.” Ele foi até a porta e Isobel se virou para segui-lo, mas as palavras do pai a fizeram parar.

“Você sempre foi uma vadia egoísta e manipuladora.”

Ela se encolheu e o peso da fúria contra seu peito aumentou até ser demais. Ela sufocou um gemido no fundo da garganta, concentrando-se na porta que Mikel mantinha aberta, resistindo às lágrimas que queriam se libertar e canalizando toda a sua energia para dar apenas mais alguns passos. Ela só precisava sair daquela sala...

Mas o pai dela não era desse tipo.

“Assim como sua mãe.”

Mikel chamou a atenção dela, talvez vendo a batalha em sua expressão porque fechou os olhos por um segundo antes de emitir um rápido aviso.

“Não posso escapar impune de um assassinato hoje, Carter. Melhor ignorá-lo.”

“Você escapa impune de assassinato *semanalmente,”* seu pai rosnou.

Mikel apenas ergueu uma sobrancelha em uma pergunta educada. “Oh?”

Isobel virou ligeiramente a cabeça, apenas o suficiente para perceber como o rosto do pai estava ficando vermelho-arroxeado. Ele precisava se acalmar ou então ela iria desmaiar sob o puro peso de sua explosão.

“Você acha que eu não sei por que ela trouxe você aqui?” Braun riu. “Você

acha que eu não sei que o Track Team a abordou? Você acha que não vi você lá embaixo, semana após semana, colocando seus próprios inimigos em coma?" Ele bufou. "Ícones não são apenas rostos bonitos, Easton. Somos predadores com instintos de sobrevivência e se eu consegui derrotar centenas de Ícones cruéis em treinamento sem nem um arranhão, então com certeza posso ser mais esperto que um Alfa fracassado que nem foi selecionado."

Mikel sorriu então, o gesto empurrando e puxando as cicatrizes que marcavam seu rosto. "Você está tentando me incitar a uma briga, Braun?"

Isobel sentiu seus próprios lábios se curvarem para um lado, uma pequena faísca de prazer percorrendo-a. Era estúpido que isso importasse para ela, mas em Ironside ela se tornou *Carter*, chamada pelo sobrenome como todo mundo, mas quando ela estava com o pai, era ele quem recebia o respeito da formalidade, e ela acabava por se tornar Isobel. Normalmente, era normal dar à pessoa mais velha na sala o respeito da formalidade, e era por isso que o programa se referia a Theodore como Kane, embora ele fosse apenas alguns minutos mais velho, enquanto Moses era sempre Moses. O sutil rearranjo de respeito de Mikel estava causando coisas estranhas em seu interior.

A sensação foi rapidamente abafada quando seu pai deu mais um passo em sua direção. Mikel imediatamente se afastou da porta e Isobel forçou as pernas a trabalharem novamente antes que uma briga pudesse começar. Mikel pegou seu cotovelo, conduzindo-a em direção à porta e guiando-a através dela.

Antes de fechar na cara dela.

"Uh." Ela olhou para a porta fechada e então deu um passo para trás, surpresa, quando o que parecia ser um corpo enorme foi jogado contra ela.

A voz Alfa de Mikel rosnou claramente através da madeira, fazendo-a recuar um passo. "Se você quer tanto lutar comigo, então envie uma inscrição e me pague o que me é devido, assim como todo mundo."

"Saia de cima de mim. O que há de errado com você, psicopata?" Seu pai latiu de volta, também na voz Alfa.

Isobel tremia, embora nenhuma das ordens fosse para ela.

"Eu não acho que vou." Mikel parecia estar sorrindo de novo. "Bem, isso não é alguma coisa? O Sr. Grande Ícone Mau não consegue nem influenciar um Alfa fracassado. Boohoo. Você não teve chance, garoto. É melhor se comportar de agora em diante."

Uma forma se materializou ao lado dela, tão de repente que ela deu mais

um passo para trás. Era um homem que parecia vagamente familiar, mas só quando ele sugou o ar por entre os dentes, num gesto agravado, é que ela percebeu quem ele era, porque aquele *som* perfurou uma memória profundamente dentro dela. Ela tentou agarrá-la, mas ela foi sugada, deixando para trás apenas um nome.

“V-Vovô?” Ela sussurrou.

“Não mais,” ele grunhiu, dispensando-a enquanto tentava abrir a porta. Sua mão passou direto por ela e seu rosto começou a ficar vermelho. *“O que diabos está acontecendo aqui? Posso ouvir aquele meu filho inútil e imprestável. Ele está se escondendo de mim, não é?”*

Buddy Carter virou-se para ela e depois olhou em volta como se houvesse uma ferramenta que ele pudesse usar em vez de tentar usar a maçaneta novamente. “Pedaço de merda irritante,” ele murmurou.

Isobel só o encontrou duas vezes, pelo que conseguia se lembrar, mas ele parecia... *dolorosamente* familiar. Sua primeira lembrança foi do rosto largo, cor de ameixa e cheio de raiva, enquanto eles saíam da sua casa e entravam no carro, saindo apressados. Ela não tinha ideia de quantos anos ela tinha. Ela só se lembrava da mãe chorando no banco da frente, da tensão rígida do pai e do sentimento de *errado* que permeava tudo. A segunda lembrança, ele tinha sido doentiamente doce. Rindo jovialmente e jogando um presente no colo dela. Braun lhe deu algum dinheiro. Ela se lembrou agora.

Ele ficou feliz quando Braun lhe deu dinheiro, e as ligações pararam quando o dinheiro acabou.

O peso foi jogado para fora da porta e ela se abriu, dando a Isobel uma visão clara de seu pai voando sobre o sofá e caindo sobre a mesa de centro, que felizmente não era de vidro. Ainda assim, o barulho da madeira lascada a fez hesitar, mas Mikel fechou a porta antes que ela pudesse hesitar.

“Vamos,” disse ele, casualmente demais para alguém que acabara de chamar seu pai de *garoto* e jogá-lo do outro lado da sala. “Acho que vai chover e você precisa ir para a sua sessão com Kalen.”

“Tempestade por causa de v...”

Ele rapidamente falou sobre ela. “Sim.”

“Por quê?” Ela observou nervosamente enquanto seu avô olhava entre eles e a porta fechada, antes de decidir segui-la.

“Ele não pode me ver, pode?” Buddy olhou para Mikel com curiosidade.

“Então você pode ver fantasmas, hein, garota?”

Ela nem sabia que ele havia morrido.

Mikel apertou o botão para abrir as portas do elevador e acenou para que ela entrasse. “Às vezes escapa e não consigo evitar,” explicou ele.

“Você está bem?” Ela perguntou, tentando ignorar a aparição enquanto Mikel se encostava em uma parede do elevador e ela se apoiava na outra, os braços frouxamente em volta do torso. Ele não *se sentia* bem, mas ela estava muito doente por causa da influência do pai para classificar adequadamente quanto da raiva que ela sentia era remanescente dele e quanto era de Mikel.

Os olhos dele desceram do rosto dela para onde ela estava se segurando, as narinas dilatando-se ligeiramente. “Esqueça-me. O que ele fez pra você?”

“Deu a ela um pouco de disciplina, eu acho,” grunhiu a aparição de seu avô. *“Sempre disse que aquele garoto colocar a Sigma sob sua proteção era uma má ideia. Vadias assim são más notícias. Eu só tenho tantos filhos para ela percorrer.”*

Ela respirou fundo, fechando os olhos e desejando que a aparição desaparecesse. “Nada realmente.” Ela abriu os olhos e deu a Mikel um encolher de ombros fraco. “Algumas emoções são simplesmente mais pesadas que outras. Mais sombrias. E com ele... simplesmente não consigo excluí-lo como consigo fazer com o resto de vocês. Mamãe disse que todos os Alfas são mais fortes que nossas barreiras, mas ele é outra coisa.”

Buddy estufou o peito de orgulho.

“Ele não é mais forte. Ele apenas condicionou você a ser mais fraca perto dele.” Mikel estreitou o olhar. “Você acredita no que ele disse sobre sua mãe? Sobre o vínculo deles?”

Ela voltou a atenção para os sapatos e os manteve ali enquanto saíam do centro familiar, Buddy acompanhando como se simplesmente não tivesse lugar melhor para estar. “Você sabe...” ela hesitou, suas próprias emoções desconfortáveis se misturando com a nuvem tóxica de fúria que seu pai a deixou. “Tenho vergonha de dizer isso, mas acho que não encontrei os olhos dele o suficiente para ser capaz de perceber as mínimas diferenças entre eles e os da minha mãe. Eu sei que ela definitivamente tinha dois tons de marrom ligeiramente diferentes, mas...”

“Você é burra, garota?” Buddy riu dela, alguns passos atrás deles. *“Você não sabia?”*

Ela parou, engolindo uma súbita onda de tristeza. “Sempre pensei que tinha os olhos do meu pai. Mas se eles fossem verdadeiramente acasalados... por que nunca pensei que tinha os olhos *deles*? Como eu saberia qual era a cor dele e qual era a dela?”

“Você deve ter notado em algum nível,” Mikel concordou calmamente. “É difícil dizer de longe, especialmente se ela tinha olhos como os meus. Eu sei que as pessoas sempre se perguntam se estou vinculado quando veem meus olhos pela primeira vez, mesmo que não perguntem abertamente. Talvez ela tivesse variação suficiente.”

“Não posso acreditar que ainda estou pagando a conta por aquela cadela inútil, mesmo depois de todos esses anos. Não posso nem morrer em paz,” Buddy resmungou, forçando Isobel a parar.

Mikel também parou, seus olhos encontrando os dela.

“Do que diabos você está falando?” Ela perguntou, voltando sua atenção para a aparição apenas o tempo suficiente para que ele soubesse que ela estava falando com ele antes de se concentrar novamente em Mikel, cujas sobrancelhas estavam unidas.

De alguma forma, ele foi inteligente o suficiente para manter a boca fechada, também olhando para o local para onde ela havia olhado.

“Ah, agora *você quer falar comigo,”* Buddy reclamou sarcasticamente. *“É uma honra que a garota Sigma tenha tempo para gente como eu.”*

“Você é um Ômega,” ela respondeu. “Não se precipite tanto. Do que você estava falando antes?”

Mikel soltou um assobio baixo e curto. *“Há quanto tempo você mantém duas conversas?”*

“Não muito,” ela disse rapidamente. “Mas obrigada por confirmar minha teoria de que os homens do Dormitório A fofocam mais do que todas as garotas Ômega do Dormitório O juntas.”

“Oh, ótimo,” Buddy murmurou sarcasticamente. *“Estamos em Ironside. Melhor chamar a segurança, garota. Não posso nem comprar um fodido copo de água aqui. Nem mesmo se eu beber das minhas mãos.”*

“Naturalmente,” foi tudo o que Mikel disse.

Isobel suspirou, vislumbrando os alunos no caminho à sua frente. Ela precisava encerrar isso.

“O que você quis dizer com você ainda está pagando a conta por... por ela. Você estava falando da minha mãe?”

“Caran Pequena-Pretenciosa Baker?” Buddy estava tentando se aproximar dela, suas sobrancelhas grossas saltando enquanto ele deliberadamente usava o nome de solteira de sua mãe em vez do nome que ela compartilhava com ele.

“Carter,” Isobel inseriu. “Caran Isabella Carter. Você já sabe o nome dela, então use-o.”

“Erro meu,” afirmou seu avô suavemente. *“Devo ter esquecido. É difícil estar morto.”*

“Então você está morto? E o quê, agora você é um fantasma? Uma invenção da minha imaginação?”

Buddy fez um *tsk*, balançando o dedo na cara dela. *“Essas são as perguntas que fizeram você ser banida da sua mãe, garota.”* Ele se afastou, subitamente pensativo. *“Na verdade... vá em frente e me pergunte. Então eu serei banido também.”*

“Hum.” Ela estava lutando para manter o foco em Mikel. “O-o que você é?”

“Um remanescente,” ele respondeu, parecendo um pouco confuso.

“Você é real?”

“Tão real quanto os remanescentes podem ser.”

“Onde você vai quando não está aqui?”

“Em outro lugar, em lugar nenhum.” Ele acenou com a mão como se ela estivesse fazendo perguntas estúpidas. *“Eu descanso. Eu durmo. Eu mereci. Esta é a primeira vez que meu descanso foi interrompido.”*

“Você viu minha mãe?” Ela sussurrou apressadamente, ouvindo o grupo de estudantes se aproximando.

“Não.” Buddy olhou para o céu, como se estivesse verificando que horas eram. *“Não sei como sei que tomei o lugar dela hoje. Eu simplesmente sei disso. Isso realmente não está funcionando... ah, deixa pra lá. Sim, posso senti-lo me chamando de volta, não...”*

Isobel virou a cabeça enquanto ele desaparecia, procurando ao longo do caminho qualquer sinal dele.

“Se foi?” Mikel adivinhou, depois que os alunos passaram por eles,

lançando olhares cautelosos para Mikel. Eles provavelmente estavam faltando às aulas.

Isobel assentiu e ele começou a andar novamente, num ritmo deliberadamente lento. Acima deles, o céu escurecia, as nuvens se acumulavam e o vento ganhava velocidade. Ela estava grata pelo ritmo dele porque seus passos estavam ficando mais curtos e rígidos, uma dor aguda subindo por suas costelas. O rosto dela se contraiu de confusão diante do silêncio contínuo dele. “Você não está nem um pouco estranho pelo fato de eu estar vendo pessoas mortas.”

“Eu ficaria mais surpreso se não houvesse nada mais em nossas habilidades do que aquilo que os oficiais nos dizem,” ele respondeu baixinho. “Houve uma conversa no Assentamento San Bernadino, há cerca de cinco anos, sobre uma Sigma. Aparentemente, ela estava tendo visões de seu marido morto, mas então as visões mudaram para outras pessoas, e ela nunca mais o viu, então ela finalmente se matou para estar com ele, pensando que ele estava vivo em algum tipo de mundo após a morte.”

“Os Superdotados acreditam em um outro mundo?”

“Não pelo que me lembro.”

“Oh.” Ela tentou não parecer desapontada. Isso teria sido conveniente.

“Eles acreditam em fragmentos.” Mikel lançou-lhe um olhar cauteloso. “Como memórias. Mantidas vivas pelas pessoas que os conheciam e protegidas por um de seus deuses. Eles acreditam que acender uma vela pode trazer de volta um dos fragmentos emprestados pelo deus que o protege. Você pode falar com os mortos dessa maneira. Eles simplesmente não respondem.”

“No que você acredita?” Ela se atreveu a perguntar, lançando lhe um olhar rápido e tímido.

Por mais que enfrentar o pai tenha lhe dado um impulso de confiança, o fato de Mikel menosprezá-lo e jogá-lo de um lado para o outro como se fosse um boneco de pano tornou o professor estoico muito mais assustador do que jamais havia sido.

“Acredito que vai chover,” ele respondeu brevemente. “E é aqui que eu deixo você.”

Eles estavam parados na porta do centro fitness. “Vá direto para Kalen. Sem desvios.”

“Ok.”

“Ok?” Uma sobrancelha escura se ergueu.

“Professor.” Ela engoliu em seco.

Um relâmpago e o repentino estrondo de um trovão a fizeram estremecer violentamente, mas Mikel não parecia furioso. Ele nem se sentia furioso. Ela havia se distanciado o suficiente do pai para saber de onde vinha toda a raiva, e nada disso vinha de Mikel.

Era quase como se ele estivesse direcionando tudo para o céu.

Ela estendeu a mão como se fosse tocá-lo quando ele se virasse, mas ele deslizou suavemente as mãos nos bolsos, olhando para a mão dela. Ela puxou-a para cima, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha só para ter algo para fazer. Ele não disse nada, mas estava claramente esperando que ela explicasse por que quase o impediu.

“Isso está acontecendo para que eu não precise sentir?” Ela perguntou baixinho.

Seu olhar olhou para cima por apenas um momento, e a chuva começou a cair levemente ao redor deles. Algumas notas curtas e melodiosas soaram em alto-falantes escondidos por toda a academia, sinalizando o fim do terceiro período.

“Sim,” admitiu Mikel, suspirando levemente. “Mas não se sinta mal. O lago precisa de uma recarga.” Então ele se virou novamente e saiu sem esperar pela resposta dela.

“Obrigada,” ela sussurrou de qualquer maneira, desejando que ele tivesse ficado por perto para aceitar.

17

Boa Sorte com Oscar



Isobel entrou na sala de escalada, surpresa ao encontrar Kalen já esperando lá, já que o quarto período ainda não havia começado.

“As câmeras já estão desligadas,” ele disse a ela, contornando-a para pendurar a placa de Sessão em Andamento na porta, antes de fechá-la. Ele virou a fechadura e depois recuou para não aglomerá-la enquanto a examinava rapidamente, seu rosto largo livre de qualquer emoção particular. “Não foi bem?”

Ela riu sem jeito. “Foi tudo be...”

“A verdade, Isobel.” Havia uma aspereza em suas palavras, uma ordem sutil, mas não havia nenhuma raiva vinda de suas emoções.

“Foi terrível.” Ela girou os ombros para trás, tentando aliviar um pouco a tensão que mantinha seus músculos tão firmes. “Meus pais nem estavam vinculados. Existe um medicamento especial que pode sustentar uma Corrente indefinidamente... a menos que você pule dia sim, dia não, o que minha mãe fez. Parece que ela provavelmente estava tentando economizar pílulas suficientes para fugir dele. De qualquer forma, foi assim que ela morreu. Ela se enfraqueceu tanto que quando ele foi despejar sobre ela sua habitual carga de sujeira emocional, seu coração simplesmente parou. Aparentemente, sou egoísta, manipuladora e estúpida. E não posso nem argumentar contra isso, por que quem nem percebe que as duas pessoas com quem ela passa *todos os dias* nem têm olhos iguais?”

“Uma pessoa que não faz muito contato visual.” A voz rouca de Kalen baixou para um zumbido suave. Ele se aproximou e tocou seu queixo, fazendo com que seu olhar se fixasse no dele. “Uma pessoa que foi ensinada a ficar fora do caminho. Isso não faz de você egoísta ou estúpida, e apenas pessoas

manipuladoras chamam outras pessoas de merdas assim. Você é perfeita do jeito que é.”

Ela zombou, procurando em seu rosto algo parecido com humor, mas ele parecia completamente sério. “Você nem me conhece tão bem,” ela conseguiu dizer. “Você não pode dizer isso.”

“Sou um excelente juiz de caráter.” Ele revirou os olhos, soltando o queixo dela e apontando para o arnês pendurado na parede.

Ela imediatamente se preparou para a sessão de escalada. Era quase um prazer culposo, e às vezes ela se preocupava que ele *soubesse* o quanto ela esperava que ele amarrasse aquela venda atrás de sua cabeça.

Era estranhamente estimulante entregar a responsabilidade total pelo seu bem-estar a alguém em quem ela confiava, em vez de ter essa responsabilidade tirada dela à força por pessoas em quem ela não confiava. Foi limpando-a lentamente, sessão após sessão. Incutindo uma frágil esperança dentro dela de que um dia ela seria capaz de confiar cegamente em alguém fora da sala de escalada, e eles nunca a decepcionariam... assim como Kalen nunca a deixou escorregar ou cair.

Ele estendeu a mão para apertar o arnês e então a girou, puxando a venda sobre seus olhos.

“Você é perfeita porque está com raiva,” disse ele. “No fundo, é isso que você tem em sua essência. Uma fúria silenciosa e persistente, chutando para sair. Mas o que você está *escolhendo* dar às pessoas? Palavras comedidas, gestos atenciosos e alívio de suas emoções desagradáveis. Eu não acho que você tenha uma única má intenção em seu corpo, e acho que a perfeição tem tudo a ver com intenção, porque se dependesse da ação, nenhum de nós jamais a alcançaria.”

Ele estava certo, é claro, mas era mais difícil aplicar suas palavras a *ela*, especificamente. Ela desejou sentir algo parecido com como ele a via, mas não parecia real. Talvez ele estivesse acostumado com seus Alfas voláteis, e uma Sigma silenciosa fosse uma novidade para ele.

Ela esperou que as mãos dele pousassem em seus ombros, para direcioná-la para a parede enquanto o calor dele subia por sua espinha, seu rico aroma de baunilha penetrando em seus músculos e forçando-os a relaxar.

“Mas e se eu tivesse?” Ela finalmente respondeu. “Se tivesse más intenções? E se eu mudasse?”

Ele se inclinou para mais perto dela, suas mãos finalmente pousando sobre

seus ombros, quentes e grandes, sua respiração fazendo cócegas na parte de trás de sua orelha. “Mesmo as garotas mais perfeitas podem ser más às vezes.”

Ela estremeceu e depois pulou para cima e para baixo apenas para tentar mascarar o tremor em seus membros enquanto seu corpo se preparava para a escalada.

Ou Kalen não percebeu ou fingiu que não. Ele apenas a segurou enquanto ela saltava por alguns segundos, e então a deu um passo à frente e levantou suas mãos para os primeiros apoios.

Uma hora depois, ela estava suando e tremendo, e sua mente estava felizmente em branco. Não havia espaço para ela ficar angustiada com o que seu pai havia dito ou com seus planos para as férias de verão, porque se ela perdesse uma única palavra que Kalen dissesse, ela poderia se machucar. Quando seus pés tocaram o chão novamente e ela tirou a venda, o som da tempestade lá fora pareceu mais alto do que nunca, batendo nas janelas.

“Mikel está... quero dizer, está tudo bem?” Ela apontou para a chuva batendo no vidro da parede oposta.

“Ele vai ficar bem,” Kalen assegurou a ela. “Vai aliviar antes do final do dia. Que aula você tem a seguir?”

“Estética de Filme.”

“Você está pulando,” disse ele. “Eles não têm nenhuma avaliação final, não é?”

“Não…”

“Bom. Dê-me um minuto e depois podemos caminhar até meu escritório. Precisamos organizar suas aulas para o próximo ano.”



Kalen lançou outra rápida olhada para a janela antes de pegar o telefone. O chat em grupo sem Isobel tinha meia dúzia de mensagens dos outros Alfas perguntando se Mikel estava bem e o que havia acontecido com o pai de Isobel. Mikel respondeu há apenas alguns minutos, dizendo: Não vou mentir… temos um pequeno problema. Braun Carter fez um acordo com Matthias Bellamy para

conseguir um papel no cinema. Em troca, ele disse que Adam Bellamy poderia ficar com Isobel como seu substituto durante o verão. Ele ainda não o apresentou como proposta por nenhum dos canais oficiais. Já enviei cinco propostas separadas. Uma para Isobel ficar com os Kanes no Assentamento Hudson, já que dois de seus substitutos estariam disponíveis lá, e outra para ela ficar no Assentamento Piney Woods com Elijah e Gabriel, pelo mesmo motivo, embora Elijah não seja um de seus substitutos, ele ainda mora com Gabriel. As outras opções são ela ficar com Kilian ou Oscar, e finalmente... a última opção é realmente uma merda. Vou aguentar até parecer que vão rejeitar todas as outras propostas. Mas sugeri que Theodore, Moses e Oscar a acompanhassem até Vermont para ficar com Kilian. Eles se deram ao trabalho de trazer Eve de volta para Ironside, então eles estão claramente esperando algum tipo de altercação e, até agora, Isobel tem negado isso a eles.

Mikel (admin): Sinto muito, Oscar. Eu sei que o tempo em casa é crucial para você agora.

Kalen balançou a cabeça, verificando Isobel. Ela havia pendurado o arnês e estava vasculhando sua bolsa em busca do que eram analgésicos. Ela pegou dois deles e sentou-se contra a parede, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos. Ele folheou as respostas que vieram depois das mensagens de Mikel.

Moses: *Na verdade, não enviei um pedido para ser seu substituto.*

Mikel (admin): Eu fiz isso por você.

Oscar: *O último plano é pior que uma merda. Por que Theo, Moses e eu?*

Gabriel: *Para o drama. Theo está secretamente apaixonado por ela, você é um idiota completo a quem ninguém consegue descobrir as motivações, e Moses apenas se ofereceu para ser substituto da garota por quem seu irmão está secretamente apaixonado.*

Theodore: *Estou ignorando isso.*

Theodore: *Por que você está mantendo a tempestade, Mikki? O que mais aconteceu?*

Mikel (admin): Isobel estava sobrecarregada. Eu tinha que ter certeza de que estava direcionando todas as minhas merdas para outro lugar.

Kalen (admin): Que merdas?

Mikel (admin): O pai dela é um desperdício abusivo de oxigênio. Existem pílulas que podem sustentar uma Corrente sem seu companheiro, e elas já existem há muito tempo. Os oficiais têm escondido sua existência,

provavelmente porque sua produção é cara e os Superdotados não valem o investimento. Braun e Caran Carter nem eram companheiros. Sua Âncora morreu no assentamento de onde ela veio, e ela tinha usado Braun e as pílulas para sobreviver desde então.

Elijah: *Isso… é muito.*

Kilian: *Isobel está bem?*

Kalen (admin): Ela está no piloto automático agora, mas vai desabar esta noite. Theodore e Oscar, vocês conseguem evitar a morte um do outro por uma noite?

Oscar: *Sem promessas.*

Kalen (admin): Deixe-me reformular. A única pessoa em que você tocará esta noite será Isobel. Conforte apenas o vínculo. Ela precisa de tempo para processar, não de outro encontro sexual para surtar e eu nem falei com ela sobre controle de natalidade ainda.

Niko: *Deixe-me. Ela está muito intimidada por você. Ela pode simplesmente concordar com tudo o que você disser.*

Cian: *Talvez Teak devesse fazer isso.*

Niko: *Não. Eu farei isso. Ninguém tem melhor chance de avaliar onde ela realmente está com tudo isso do que eu, e estou cansado de confiá-la a todo mundo e ver tudo virar uma merda.*

Kilian: *Ok, sério, que diabos? Quando você desenvolveu sentimentos por Carter? Tipo, o que diabos está acontecendo aqui?*

Niko: *Eu não desenvolvi. Ela é apenas uma garota inocente envolvida em todas as nossas besteiras de Alfa e precisa de alguém que cuide dela e que NÃO esteja tentando foder com ela.*

Moses: *Na verdade, ela que tentou me foder.*

Kalen (admin): Moses.

Moses: *Sim, sim. Eu sei que estraguei tudo.*

Kilian: *Eu quero estar lá também.*

Kalen (admin): Kilian e Niko... falem com ela juntos e façam isso logo. Todos os outros…

Kalen (admin): Precisamos ter uma reunião.

Elijah: *Vou organizar um loop para as câmeras esta noite. A equipe de*

limpeza geralmente chega uma hora antes da meia-noite e geralmente termina um pouco antes da meia-noite, digamos 00h30?

Gabriel: *Funciona para mim.*

Theodore: *Com Isobel?*

Kalen (admin): Sim. É hora de incluí-la no plano maior. O fato dela desconfiar de nós e de nós desconfiarmos dela só causou problemas. Fazemos isso como uma equipe a partir de agora, ou não fazemos nada.

Niko: *Não deveríamos votar primeiro? Sobre se vamos inclui-la?*

Theodore: *Você está dizendo não?*

Niko: *Meu voto é sim, na verdade. Não é comigo que estou preocupado.*

Kilian: *Meu voto é obviamente sim.*

Elijah: *É a única opção.*

Gabriel: *Concordo.*

Cian: *Isso iria acontecer de qualquer maneira. Não adianta lutar contra isso.*

Theodore: *É um sim meu.*

Kalen (admin): Mikki e eu já conversamos. Ele está a bordo. Oscar? Moses?

Moses: *Dificilmente poderei dizer não depois de hoje, não é?*

Oscar: *Ainda posso dizer não.*

Moses: *Mas você não vai.*

Oscar: *Por que isso, homem morto andando?*

Moses: *Porque você gravou ela cantando na sessão do Mikki outro dia.*

Theodore: *Você sabe que ela é boa. Você sabe que ela poderia ser incrível. E você quer vencer.*

Gabriel: *Inicialmente, não consegui imaginar como adicionar outra pessoa ao plano poderia ser menos que um fardo, mas concordo. Ela poderia ser a peça que nem sabíamos que estava faltando.*

Oscar: *Ou ela pode ser a gota d'água e podemos perder tudo. Não posso me dar ao luxo de perder tudo. Eu sou o guardião de Lily. Se eu sair dos assentamentos, ela também sai.*

Kalen (admin): Você sabia que isso aconteceria, Oscar. Estamos ganhando tempo, mas não podemos vencer separados de Isobel. Agora, mais do que nunca, temos que fazer isso juntos. Ela pode não sobreviver sem nós e é tão vítima desta situação quanto nós.

Oscar: *Eu sei.*

Oscar: *Mas se finalmente estamos reconhecendo tudo, o que diabos isso significa? Theodore disse que a especialista em vínculos confirmou que sexo fora do vínculo poderia causar outra infração de alma. Então nenhum de nós pode estar com ela e nenhum de nós pode estar com mais ninguém? Vamos todos brigar por ela e fingir que não estamos brigando por ela pelo resto de nossas vidas enquanto ela tenta levar para si toda a nossa agressividade de merda?*

Elijah: *Não. Vamos descobrir outra coisa.*

Moses: *Nem mesmo você consegue fazer essa matemática funcionar, Elijah.*

Cian: *Você não sabe disso.*

Kilian: *Que possibilidades você viu, Cian?*

Cian: *Eu a vi no meu futuro. Eu vi todos vocês no meu futuro. Nada mais concreto do que isso.*

Moses: *Você já nos viu infelizes e tentando matar uns aos outros?*

Cian: *Não. Eram sonhos felizes. Mas eram apenas sonhos.*

Kalen olhou para Isobel com um suspiro. Sua cabeça estava começando a tombar para o lado como se ela tivesse acidentalmente adormecido esperando por ele. Seu telefone continuava vibrando, mas ele o guardou no bolso, agachando-se diante dela e segurando seu ombro com delicadeza.

Oscar mudaria de ideia.

Eles realmente não tinham outra escolha, e era melhor deixar tudo claro antes das férias de verão, para que todos tivessem espaço para pensar e processar antes de voltar para o terceiro ano. Ele precisaria que todos voltassem fortes e prontos.

Isobel acordou de repente, com os punhos erguidos em defesa, os olhos arregalados e em pânico enquanto respirava ofegante.

“P-Professor.” Ela rapidamente baixou os punhos. “Desculpe, caí no sono.”

“Desculpe por mantê-la esperando.” Seus dedos se contraíram com a necessidade de varrer as mechas de cabelo que caíam em seu rosto para trás das

orelhas, mas ele apenas virou, oferecendo-lhe a palma da mão.

Ela hesitantemente colocou sua mão menor em seu aperto, e ele a ajudou a se levantar.



Isobel seguiu Kalen de volta ao Dormitório A, sentindo-se culpada a cada passo do caminho. Ele estava segurando um guarda-chuva sobre a cabeça dela como se fosse seu guarda-costas ou algo assim, enquanto ficava completamente encharcado. Mas ela também estava com muito medo de se aproximar dele, e ele parecia preferir manter uma distância adequada entre seus corpos.

Ela tentou tirar a alça do guarda-chuva dele algumas vezes, mas ele apenas grunhiu um som para fazer a mão dela cair. Ele não falou até que ambos estivessem dentro de seu escritório e, mesmo assim, foi apenas para xingar Mikel baixinho enquanto ele penteava o cabelo molhado para trás.

“Suba.” Ele abriu uma porta, revelando um lance de escadas, e acenou com a cabeça na direção delas.

Ela passou por ele e correu escada acima, encontrando-se em um quarto muito parecido com os outros quartos do primeiro andar, completo com banheiro privativo e janela saliente, embora obviamente não fosse possível sair por esta.

Ele pegou uma muda de roupa em seu closet e desapareceu em seu banheiro, saindo limpo e seco... desta vez em um dos ternos que usava quando não a estava treinando para escalar, embora tenha deixado de fora o paletó e a gravata.

“Sente-se,” ele sugeriu, apontando para a janela saliente. “Você tem uma lista de aulas nas quais está interessada?”

“Uh... sim. Quero fazer a aula de Acro Duo do Professor Lye.”

“Duo?” Ele questionou, agarrando as costas da cadeira e girando-a para encará-la antes de se sentar, o tornozelo plantado sobre o joelho enquanto ele mexia os quadris para ficar confortável, os grandes braços cruzados sobre o peito. Seu aroma de baunilha era suave e doce, sua influência era um leve zumbido de conforto. Ela não tinha certeza de como ele estava fazendo isso, mas

parecia deliberado, de alguma forma.

“Sim.” Ela franziu a testa. “Por que você diz isso assim?”

“Porque você não quer dançar com Elijah. Eles lhe deram várias oportunidades para isso.”

“Ok, primeiro.” Ela recuou surpresa. “Isso foi algum tipo de manobra? Toda aquela coisa de 'enfrentar problemas de elenco'? Por que como você sabe disso? E em segundo lugar, concordei em dançar com Elijah. E nós... hum, dançamos.”

Kalen passou a língua pelo lábio inferior firme, olhando-a em silêncio. “Não foi uma manobra. Eles notaram seu nome na folha de inscrição para a lista de audição de Lye e também se inscreveram caso você quisesse fazer um teste com um parceiro, mas então... bem, suponho que quando perceberam que você estava com muito medo de dançar com Elijah, então eles quiseram descobrir o porquê. Às vezes não é bom despertar a curiosidade de Elijah.”

“Isso vale para os dois,” ela murmurou.

Os lábios de Kalen se contraíram. “Talvez. Então, alguma outra aula?”

“Dança Urbana, Coreografia Interpretativa, Fusão de Hip-Hop e Dança Lírica.”

“Isso deixa uma vaga livre.”

“Continuarei com as sessões de pequenos grupos no próximo ano?”

“Sim, e suas sessões de aulas particulares comigo e com Elijah. Como Elijah e eu teremos duas sessões por semana, vou encontrar uma maneira de distribuí-las pelas aulas de menor prioridade. Mas… eu sugiro que você retire o Dança Urbana da lista. Coreografia Interpretativa é basicamente a mesma coisa, exceto que o professor daquela aula está organizando um coreógrafo convidado a cada semana e você ganhará muito mais experiência. E você deve adicionar Assuntos de Ícone, a aula de introdução. É um monte de besteira, mas eles ensinam como gerenciar suas mídias sociais e todas as habilidades associadas que você precisará para jogar daqui para frente.”

Ela assentiu baixinho, voltando sua atenção para o colo enquanto brincava com a bainha da camisa.

“Fale comigo,” ele sugeriu. “O que você está pensando?”

“Só que preciso começar a levar isso a sério.” Ela ergueu o queixo, engolindo em seco quando encontrou os olhos dele. “Vocês vão ficar bem se

algo acontecer comigo ou se estivermos todos separados, mas eu não vou. E a única maneira de conseguir essas pílulas substitutas é ficar fora dos assentamentos. A única maneira de garantir meu futuro é vencer este jogo."

Ele assentiu, olhando-a seriamente. "Bem-vinda ao clube."

"Não estou pedindo que você me ajude nem nada." Ela voltou a mexer na camisa, com as bochechas esquentando. "Só estou pedindo para você não me sabotar."

"E se houvesse uma maneira de todos nós vencermos?" Ele perguntou calmamente, seu estrondo profundo escavando o choque através dela.

"O quê?" Sua cabeça se ergueu. "Não. Eles escolhem apenas um vencedor."

Kalen respirou fundo, balançando a cabeça. "É uma conversa para depois. Com todos. Precisamos fazer isso como um grupo. De agora em diante precisamos fazer *tudo* em grupo, entendeu?"

"Eu acho que sim."

"Você entende, princesa. Então deixe-me reformular. Você concorda?" Ele se inclinou para frente, apoiando os antebraços nos joelhos, aproximando o rosto do dela, seus olhos âmbar ferozes cravando-se nos dela com um brilho de algo que ela não conseguia ler.

"Posso pensar sobre isso?" Ela se esquivou.

Por alguma razão, isso o divertiu. "Você realmente acha que pode fazer isso sozinha, Carter?"

"Não." Ela mastigou o interior da bochecha. "Sim. Talvez."

"Você quer?" Ele pegou a mão dela, abaixando a cabeça para olhar nos olhos dela. Não foi como quando Teak ou Charlie agarraram a mão dela. A dele era tão quente, a palma da mão tão áspera, e ele era muito maior que ela, a mão dela praticamente desapareceu. "Porque *nós* queremos fazer isso juntos. Eu sei que os Alfas lutam entre si, mas nos conhecemos há muito mais tempo do que os anos que estamos aqui. Eles são apoiados por mim e por Mikel, e um pelo outro. Confiamos no grupo e protegemos o grupo. Não guardamos segredos... embora alguns de nós tentem, por um tempo. Não estou dizendo que é simples ou perfeito, mas você precisa do grupo e nenhum de nós quer ver você sofrer sozinha."

"Por que não? Não conheço nenhum de vocês há mais de alguns anos. Eu não sou como sua família. Eu sou apenas uma coisa realmente irritante que

aconteceu com todos vocês.”

“Tecnicamente...” Kalen sorriu. “Cada um deles foi um evento que 'aconteceu' comigo em algum momento. Coletei cada um deles e adicionei ao grupo para protegê-los porque todos eles precisam vencer este jogo. Agora estou fazendo o mesmo com você. Você é *exatamente* como eles, não uma estranha irritante.”

“O que você quer dizer? Por que você teve que protegê-los?”

“Vamos conversar sobre isso esta noite. Você está dentro, Isobel?” Ele apertou a mão dela, aquele toque reconfortante de seu poder caindo sobre seus ombros como um abraço.

“Ok, como você está *fazendo* isso?” Ela finalmente deixou escapar, arregalando os olhos para ele. “Como você está empurrando boas emoções para mim? Normalmente só sinto coisas negativas.”

“Apenas algo que pensei em tentar.” Seus lábios se contraíram em um meio sorriso. “Estou feliz que esteja funcionando.”

“Mas *como*?”

“Elijah encontrou algumas informações interessantes sobre pessoas que influenciam as emoções por meio de um vínculo. Não estamos totalmente ligados, mas acho que ainda funciona até certo ponto. Eu apenas penso no que quero que você sinta e empurro isso para você. Por que você não tenta?”

“Eu?” Ela recuou, piscando para ele. Ele parecia sério. “Você quer que eu empurre minhas emoções para você?”

Você quer que eu te trate como um Sigma?

“Eu não teria perguntado se não quisesse.” Ele pegou a outra mão dela, puxando ambas até que pudesse segurá-las contra os joelhos enquanto avançava. “Feche os olhos, se precisar se concentrar.”

Foi um alívio imediato fechar os olhos, fingir que Kalen não estava segurando suas mãos e pedindo-lhe para confiar nele e usá-lo como uma esponja Sigma.

Ela respirou fundo. “Ok, e agora?”

“Escolha um sentimento.”

Isso exigiria que ela realmente resolvesse seus sentimentos. Ela se contorceu, um segundo depois tentou afastar as mãos, mas ele pareceu antecipar sua reação, apertando-a com mais força antes que ela pudesse realmente se

mover.

Ela bufou um som irritado, voltando-se interiormente para entender o que estava sentindo. Assustada... aterrorizada, na verdade. Traída. Nervosa. Triste. Surpresa.

Mas havia uma minúscula *centelha* de esperança ali também. Agarrando-se à promessa que Kalen balançou na frente dela.

Ela poderia não precisar mais ficar do lado de fora. Ela poderia fazer uma escolha e realmente parecia que eles estavam lhe *dando* essa escolha em vez de exigir que ela se tornasse um deles.

Ela se agarrou à esperança, afastando todo o resto, mas fez uma pausa enquanto o sentimento triste persistia, flutuando de volta à sua mente.

Seu avô morreu em algum momento e ninguém lhe contou.

Ela *ainda* não sabia como ou quando isso tinha acontecido.

Com outro suspiro, ela deixou isso de lado e agarrou-se a um leve fio de esperança. “O que agora?”

“Empurre-a. Literalmente, apenas dê um empurrão mental em minha direção.”

Ela franziu a testa, sem saber como fazer o que ele estava pedindo.

“Imagine que é algum tipo de objeto,” sugeriu ele.

Já era como um fio em sua mente, então ela o transformou em uma agulha e então se imaginou apunhalando Kalen no peito com ela.

Ele grunhiu, deixando cair as mãos dela. Seus olhos se abriram, olhando para a mão que ele segurava sobre o peito.

“Porcaria. Isso doeu?” Ela deixou escapar.

Ele riu. “Você acabou de me *apunhalar* com... *esperança?”*

“Você disse para transformá-la em um objeto!”

“E você escolheu uma *faca?”*

“Uma agulha!”

“Uma agulha com a qual você... me apunhalou?” Ele riu novamente, o âmbar amarelado de seus olhos ganhando vida.

“Bem... quero dizer... acho que pensei em enfiar isso no seu peito. Eu só estava pensando que precisava estar dentro de você se você quisesse sentir. Não

acredito que acabei de fazer isso.”

Seu telefone começou a tocar e ele o tirou do bolso, olhando para a tela antes de levá-lo ao ouvido. Quem estava na outra linha começou a falar imediatamente. “Sim, ela está comigo. Espere, o quê? Você sentiu isso? Deixe-me ver.” Ele desligou e bateu no telefone algumas vezes antes de virá-lo para encará-la.

Era o chat do grupo do qual ela fazia parte e, a cada nova mensagem que aparecia, ela ficava com as sobrancelhas arqueadas de surpresa.

Moses: *O que diabos foi isso?*

Cian: *Foi você, Isobel?*

Niko: *Todos nós sentimos?*

Gabriel: *Acho que sim.*

Theodore: *Eu senti uma faca fofa com sabor de Illy esfaqueando o meu peito.*

Kilian: *E foi bom?*

Oscar: *Esfaquear geralmente é.*

Gabriel: *Me senti esperançoso.*

“Todos eles sentiram,” ela disse entorpecida.

“Então, o que você acha?” Kalen baixou o telefone, seu sorriso desaparecendo enquanto seu olhar se tornava pesado novamente. “Estamos fazendo isso juntos?”

“Eu nem sei o que vocês estão fazendo.”

“Eu não quis dizer isso, isso é outra conversa. Quero dizer, estamos lidando com o vínculo juntos de agora em diante? Em grupo, sem segredos, resolvendo tudo juntos?”

“Acho que isso parece legal.” Ela balançou a cabeça ligeiramente. “E se houver uma briga? E se alguém mudar de ideia?”

“O vínculo aconteceu com todos nós,” disse Kalen rispidamente. “Como um ciclone. Não se pode “mudar de ideia” sobre um ciclone. Está acontecendo quer você goste ou não. Estamos apenas decidindo nos hospedar na mesma casa, para tentar sobreviver juntos.”

“Eu entendo. Parece uma mudança de ritmo, de repente.” Ela se esforçou para expressar como estava se sentindo, mas Kalen pareceu entender.

“Os vínculos são apenas magia e caos para nós.” Ele franziu a testa. “Quando nossos olhos mudaram, nossos sentimentos não mudaram repentinamente ou fizeram nosso mundo se inclinar e se abrir para incluir você. Nosso mundo ainda era o mesmo do dia anterior. Éramos nós contra todos os outros, e você fazia parte de 'todos os outros'. Não tínhamos ideia *do que* você faria ou em que tipo de pessoa se tornaria. Todos nós temos algo sério em jogo aqui, algo que não podemos simplesmente jogar fora porque você apareceu do nada e parecia legal o suficiente.”

Ela riu sem jeito. “Eu nunca usei isso contra vocês. Era bastante óbvio que todos vocês estavam jogando um jogo maior. Mas eu odiei ficar sozinha com esse segredo enquanto todos vocês tinham uns aos outros.”

“E você colocou sua confiança na pessoa errada e veja o que aconteceu.” Seus dedos percorreram as cicatrizes em seu braço, fazendo-a estremecer. “Então você entende os riscos que enfrentamos ao tentar decidir se deveríamos confiar em você ou não. Deixando de lado nosso jogo aqui na academia, se você tivesse contado a alguém sobre as habilidades de Theo e Moses, eles estariam *mortos*, e o resto de nós não estaria muito melhor. Prometi proteger aqueles meninos, e foi exatamente isso que fiz, mesmo que fosse contra você. Agora, prometo proteger você também. E eu sinto muito que isso tenha sido tão difícil para você.”

“Acho que está tudo bem.” Ela deixou seus olhos caírem, observando enquanto as mãos dele pousavam em seus antebraços, aquela sensação reconfortante formigando por todo o corpo dela novamente. “Mas eu tenho um… pedido. Posso fazer um pedido?”

“Claro.” Ele parecia estar sorrindo novamente. “Por que não.”

“Não me importo se os Alfas são mais agressivos e territoriais. Tudo o que eles poderem fazer no Stone Dahlia, eu também poderei. Se eles podem fazer isso com quem quiserem, eu também posso. Só porque posso lidar com isso emocionalmente, não significa que deva ter que fazê-lo.”

“Você tem razão.” Ele fez uma careta. “Elijah e Gabriel já estão saindo de suas salas lá embaixo...”

“Desde quando?” Ela interrompeu, confusa.

“Elijah nos enviou uma mensagem esta manhã de que eles se tornariam flutuadores. Eles vão procurar por algo mais para se envolverem, para que estejam preparados quando o Track Team tentar recrutar os outros.”

“Oh.” Ela se perguntou se isso foi depois da conversa com Elijah naquela manhã na capela. Ele realmente não disse que *gostava* do que fazia, apenas que

outras pessoas gostavam.

Talvez ele não quisesse envolver nenhum dos outros Alfas em algo que ele nem estava gostando tanto... ou, mais provavelmente, havia um plano maior em ação, porque era *Elijah*.

“Então estou livre para fazer o que quiser?” Ela perguntou, seus olhos indo para Kalen.

Imediatamente, seu olhar se estreitou. “Não, princesa. Não quando você estiver na minha sala. E isso não tem nada a ver com padrões duplos. Quando você está comigo, as regras que lhe dei ontem à noite ainda se aplicam. Quando você estiver no meu quarto, eu sou seu *dono*.” Ele recuou, limpando a garganta. “Fora isso, sim. Mas seja tão atenciosa com eles quanto eles são com você.”

“Achei que eles eram simplesmente indiferentes,” ela desafiou.

Ele sorriu. “Gabriel, talvez. Elijah não é indiferente a ninguém. E Theo definitivamente está mantendo Wallis à distância por sua causa. Seria melhor para ele estar em cima dela para as câmeras. No momento, ele está parecendo um namorado de merda e isso não ajuda em nada sua reputação.”

“Bem.” Ela encolheu os ombros, fingindo indiferença. “Se algum dia eu conseguir um namorado falso, serei igualmente atenciosa.”

As mãos de Kalen se contraíram em seus braços, mas sua expressão não mudou. “Certifique-se de que ele não se quebre facilmente. Alguma outra estipulação?”

“Os outros caras não precisam concordar com isso?”

“Eles farão o que eu lhes disser para fazer.”

“Mesmo Oscar?”

“Não. Boa sorte com Oscar.”

Ela sorriu apesar de tudo, balançando um pouco a cabeça. Ele parecia estar brincando, mas provavelmente estava falando sério.

“Ok.” Ela deu-lhe um aceno sucinto. “Você tem um acordo.”

18

Verde é Dourado



A tempestade havia diminuído um pouco, mas não muito. Isobel passou o resto do quinto período no escritório de Kalen, apesar de tentar voltar para a aula após a discussão. Ele a parou no segundo em que ela pegou a bolsa, direcionando-a para um assento em frente à sua mesa no andar de baixo e depois desaparecendo. Ele voltou com uma bandeja de café para os dois, além de algumas tigelas de salgadinhos, e ela desistiu dos protestos quase imediatamente.

Ela precisava preparar seu teste para a aula de Lye, de qualquer maneira.

Ela se aninhou na poltrona, tomando um gole de café e folheando sua playlist enquanto mordiscava um biscoito amanteigado. Seu dedo parou sobre a música que ela e Elijah dançaram, franzindo a testa.

Enfiando o resto do biscoito na boca, ela pegou o número dele e enviou-lhe uma mensagem privada.

Isobel: *Você ainda quer dançar comigo?*

Ele não respondeu imediatamente, e ela abriu uma de suas contas nas redes sociais, folheando para ver se algum dos outros alunos do segundo ano havia postado fotos de seus preparativos para as avaliações finais. Quando o nome de Elijah apareceu no topo da tela, ela quase engasgou com o biscoito amanteigado que ameaçava se alojar no fundo de sua garganta. Ela engoliu rapidamente e clicou na mensagem.

Elijah: *Combinei com Lye o envio de uma aplicação em vídeo.*

Isobel: *Para nós dois?*

Elijah: *Se você quiser.*

Isobel: *Por que uma aplicação de vídeo?*

Elijah: *Caso eu emerja novamente. A propósito, me desculpe por isso.*

Isobel: *Hum.*

Isobel: *Está tudo bem?*

Isobel: *Você pode explicar por que isso aconteceu e por que Gabriel me fez ir embora? Estou confusa sobre quando devo ficar e mostrar que estou segura ou sair para me manter segura.*

Elijah: *Você está sempre segura. Gabriel era quem não estava seguro.*

Isobel: *Por quê?*

Elijah: *Ele estava afastando você de mim.*

Elijah: *E aconteceu porque... eu não esperava que fôssemos tão bem juntos. Eu sabia que você estava se sentindo constrangida e é por isso que não queria dançar comigo, mas então você se soltou e a maneira como estava respondendo a mim foi simplesmente...*

Elijah: *Foi lindo. Você foi adorável.*

Ela se *sentiu* adorável dançando com Elijah. Foi o melhor que ela se sentiu desde que acordou no hospital, e ela estava quase delirantemente feliz por ele se oferecer para dançar com ela novamente.

Isobel: *Obrigada.*

Elijah: *Então você enfrentou um de nós. Que tal nós dois?*

Isobel: *Você quer dizer Gabriel? Mas não praticamos nenhuma coreografia a três?*

Elijah: *Tenho algo preparado. Tenho certeza de que você pode memorizá-lo com rapidez suficiente. Gabriel também quer se inscrever na turma do terceiro ano de Lye.*

Isobel: *Parece divertido, na verdade.*

Elijah: *Essa é minha garota.*

Ela olhou para a tela, relendo a última mensagem dele enquanto ele continuava digitando. Ele obviamente não estava tentando *reivindicá-la* como companheira ou algo assim e ela certamente não esperava que ele o fizesse, mas por alguma razão sua escolha de palavras a fez sentir um friozinho na boca de seu estômago de qualquer maneira.

Elijah: *Encontre-nos em sua sala de prática habitual para alguns treinos na coreografia antes de sairmos. Cian vai filmar a performance. Use algo*

simples e fácil de se mover. Vamos fazer isso valer a pena. Não gosto de ficar em segundo lugar.

Ela começou a digitar o fato de que estava chovendo, mas depois retrocedeu nas palavras. Obviamente, ele *sabia* que estava chovendo. Em vez disso, ela disse a Kalen que precisava se preparar para gravar seu vídeo de apresentação e foi até o quarto de Kilian para separar os vestidos que ele trouxe do Dormitório O.

Ela escolheu alguns e os colocou sobre a cama, tirando uma foto deles e enviando para o chat em grupo, já que Cian, Elijah e Gabriel estariam todos envolvidos no vídeo.

Isobel: *Qual deles?*

Gabriel: *Mande-nos fotos suas com eles, filhote. Não posso dizer assim.*

Ela arrastou as opções para o banheiro e tirou a roupa, vestindo uma calcinha preta de cintura alta. Ela considerou usar sutiã, mas decidiu ignorá-lo, já que não queria que as mangas escorregassem e deixassem as alças à mostra, e alguns vestidos eram abertos nas costas.

Ela tirou fotos da frente e de trás de cada vestido que havia trazido com ela e depois as enviou todas de uma vez, encostando-se no balcão para esperar e ver qual deles achavam que se encaixaria melhor em sua escolha musical. Ela presumiu que eles já tinham uma música, já que Elijah mencionou ter ensinado sua coreografia.

A resposta de Kilian foi instantânea, embora ele não tivesse nada a ver com a dança.

Kilian: *O terceiro.*

Ela checou as fotos e clicou na terceira. Era um modelo de malha preta feito de seda fina e delicada. As mangas eram longas e justas, o decote alto, justo ao longo do peito e alargando-se a partir daí em ondas sedosas até os joelhos.

Criou uma interação interessante de texturas sobre sua pele e provavelmente ficaria muito bem na chuva... o único problema era que a malha era completamente transparente. Um body deveria ser usado por baixo. Ela havia colocado os braços casualmente sobre o peito quando tirou a foto, mas precisaria trocar a calcinha por um collant se esse vestido fosse o escolhido.

Ela voltou para o armário enquanto seu telefone vibrava novamente.

Theodore: *O terceiro. Difícil ver o topo, no entanto.*

Cian: *#3. Os outros podem queimar, pelo que me importa.*

Isobel: *Não há nada de errado com os outros.*

Cian: *Mas nenhum deles é o número 3.*

Kilian: *As mangas ficarão muito apertadas? Isso é seda?*

Oscar: *Jesus Cristo.*

Isobel: *Sim, está bom, apenas elástico o suficiente.*

Isobel: *Oscar?*

Oscar: *Você acabou de nos enviar uma foto de topless?*

Niko: *Ela claramente está de vestido.*

Oscar: *Ela está com uma rede.*

Isobel: *Seguindo em frente.*

Oscar: *Ah, não, você não.*

Kalen (admin): A terceira opção é a melhor.

Niko: *Eu concordo. É bonito.*

Isobel: *Obrigada, Niko.*

Gabriel: *Também gostamos do número 3. Mas use um collant, filhote.*

Isobel: *Eu estava apenas experimentando!*

Ela deixou o telefone de lado para tirar um collant da gaveta que Kilian havia esvaziado para guardar suas roupas íntimas e ficou chocada quando sentiu uma mão em sua coluna. Ela se endireitou, segurando o collant contra o peito enquanto se virava.

Oscar inclinou a cabeça enquanto a observava recuar para as gavetas. “Caiu em outra armadilha, coelhinho?”

“Eu poderia estar nua!” Ela não estava. Ela estava usando a última opção de vestido. Ainda assim, ela *poderia* estar. E por que Oscar tinha que se mover tão silenciosamente?

“Você poderia estar.” Ele encolheu os ombros.

Ela bateu no peito dele com seu collant. “Não seja rude. Estou autorizada a estar aqui. Tenho permissão para ter privacidade.”

“Não de mim.” Ele deu um passo à frente e ela tentou recuar ainda mais, mas não havia para onde ir. “Ouvi dizer que você tem uma queda por armários.

Pensei em ver se era verdade.”

Ela tentou acertá-lo com o collant de novo, mas desta vez ele o pegou, arrancando-o das mãos dela e jogando-o para trás, então seu corpo pressionou contra o dela e as pequenas alças de latão da gaveta cutucaram suas costas.

“Você está com ciúmes?” Ela perguntou, tentando não parecer intimidada e pensando que ele apenas riria dela por causa da pergunta.

Em vez disso, ele apenas assentiu calmamente, suas mãos puxando seus quadris até que ela foi puxada até a ponta dos pés, e então ele se abaixou, plantando os lábios perto de sua orelha.

“Achei que só precisava me preocupar com Theo, mas todo mundo quer um gostinho de cereja, hein?”

Ela respirou fundo rapidamente, sentindo os dentes dele roçarem seu pescoço, seu estômago se contraindo com força. “Eles são meus substitutos. Eles estão apenas me a-ajudando.”

“É isso que eles estão fazendo?” Oscar riu sombriamente, afastando-se um pouco dela, seus olhos escuros encontrando os dela. “Não tenho interesse em ajudar você. Então, como você explica isso?”

“Você está tentando me intimidar.” Ela franziu a testa, empurrando contra o peito dele.

“Errado.” Ele a puxou de repente, prendendo-a contra seu corpo. Um braço envolveu a parte de trás de suas coxas enquanto a outra mão segurava seu rosto, atraindo seus lábios para os dele. “Eu só quero entrar fundo em você porque você já está dentro de mim e eu odeio isso.”

Ele murmurou as palavras contra os lábios dela antes de beijá-la rudemente, sua língua invadindo sua boca. Ela agarrou seus ombros, seu corpo curvando-se contra o dele, e assim que ele obteve a reação que queria, ele a soltou, girando-a para ficar de frente para as gavetas.

“Fique assim,” ele murmurou, seu calor deixando seu corpo por um momento antes dele voltar, suas mãos provocando a parte de trás de suas coxas. “Cor, coelho?”

“V-Ver-amarelo.”

“Por que amarelo?” Ele parecia divertido, seus dedos deslizando sob o vestido para correr levemente ao longo da curva de sua bunda, no topo de suas coxas. “Diga-me.”

“Porque não quero me atrasar.”

“Você não vai. Só estou me certificando de que você esteja vestida adequadamente.” Seu toque subiu mais alto, seus polegares enganchando-se na parte superior de sua calcinha de dança, e então ele a puxou para baixo de suas pernas, curvando-se atrás dela para ajudá-la a sair. Ele envolveu a parte interna da panturrilha dela com a mão e, ao se levantar, sua mão também se arrastou para cima.

Ela fez um cálculo mental rápido, percebendo que Oscar era muito mais alto do que ela, e que não havia como a mão dele parar antes de sua boceta se ele se endireitasse em toda a sua altura, e então ele saberia o quão molhada ela estava apenas com seu beijo. Inferno, ele só precisaria bater na parte superior da coxa dela para saber disso, porque ela já podia sentir a viscosidade ali.

Atingida por um momento de pânico, ela imediatamente tentou fechar as pernas, mas ele deve ter previsto isso, porque as botas dele estavam de repente entre seus pés, abrindo ainda mais suas pernas.

“Esta é a segunda estreia do grupo,” ele murmurou, sua voz rouca enquanto agarrava a parte interna da coxa dela, a outra mão lentamente envolvendo o cabelo dela em torno de seu punho. “Você deveria deixar todo mundo doente de ciúmes. Violentos com isso. Nada deveria parecer melhor do que vocês três dançando juntos. Cada pessoa que estiver assistindo deveria querer arrancar a própria pele só para *ser* você.”

Ele a segurou entre as pernas, um de seus dedos acariciando levemente seu clitóris. “Mas primeiro… você precisa sentir tudo isso por si mesma.”

Ela não sabia o que dizer ou fazer. Sua garganta estava dolorosamente seca, seus membros ameaçavam enfraquecer e fazê-la desmoronar em uma pilha de ossos no chão.

“I-Isso é tão bom por causa do vínculo?” Ela gritou de surpresa, suas mãos voando para se apoiar nas gavetas quando ele puxou a cabeça dela para trás contra seu peito, curvando seu corpo para trás.

“Não.” Oscar respirou profundamente no topo de sua cabeça antes de desenhar círculos lentos e suaves ao redor de seu clitóris.

Não?

Ela congelou e ele rapidamente a girou, inclinando-se para capturar sua boca.

“Eu quis dizer sim,” ele rosnou durante o beijo. “Então não se preocupe,

porra.” Ele se ajoelhou, empurrou o vestido até os quadris e enterrou o rosto entre as pernas dela, um segundo grunhido vibrando de seu corpo para o dela. Ele puxou uma das pernas dela por cima do ombro e começou a lambê-la com força, toda gentileza desaparecendo dele. Ele chupou seu clitóris e raspou os dentes sobre ela, fazendo-a sacudir em suas mãos antes de enfiar a língua nela, empurrando-a profundamente em seu canal antes de voltar sua atenção para seu clitóris, um gemido crescendo em seu peito. Assim que ela se aproximou do orgasmo, ele empurrou o vestido para cima e cravou os dentes em seu estômago, fazendo-a gritar de dor.

“Sem orgasmos. Isso é para mais tarde,” ele retrucou, levantando-se e girando-a novamente, ajoelhando-se atrás dela. “Pé.”

Ela olhou para baixo, piscando surpresa ao ver o collant que ele mantinha aberto, esperando que ela vestisse. Ela o fez, e ele deslizou pelas pernas e pelos quadris. Ele tirou o vestido dela, pressionando-se atrás dela enquanto alcançava seus seios.

“Tão perfeita,” Oscar murmurou, apertando-os suavemente no início, e depois com mais força. “Você está quase vestida, baby.”

Ele a soltou, e ela ouviu o farfalhar de suas roupas antes que algo quente e duro pressionasse sua bunda. Ele abriu a parte de trás do collant, empurrando seu pau no material, aninhando-o entre as pernas dela. Ele parou ali, com ela congelada em estado de choque, e segurou seus seios novamente, sua língua subindo pela parte de trás de sua orelha.

Ela estremeceu e ele pulsou entre suas pernas.

“Cor?” Ele sussurrou, sua voz áspera fazendo-a estremecer.

“Amarelo.” A voz dela era quase inaudível, mas ele devia tê-la ouvido de qualquer maneira.

“Porque você não quer se atrasar ou porque pode sentir meu pau, Carter?”

“N-não quero me a-atra...”

Ele começou a empurrar contra ela, chocando-a e deixando-a em silêncio. Ela podia sentir todo o mel pingando dela, cobrindo-o enquanto ele deslizava alguns centímetros para frente e para trás, e ela quase gozou ao saber que o estava encharcando e ele estava permitindo isso. Ele beliscou seus mamilos e ela teve espasmos, seu canal vazio apertando desesperadamente.

“Preciso de mais,” ela exigiu baixinho, contorcendo-se para obter algum alívio, mas ele foi muito cuidadoso em evitar seu clitóris, em continuar negando-

lhe o orgasmo que ela havia perdido.

“Foda-se.” Ele empurrou contra a entrada dela e depois recuou um pouco, de repente agarrando e sacudindo ao longo de seu próprio comprimento, a cabeça de seu pau balançando em sua entrada escorregadia a cada golpe.

“Você vai dançar comigo em você,” ele ordenou. “Dentro de você. Você é minha.”

A outra mão dele caiu entre as pernas dela, encontrando seu clitóris e beliscando-o com força. “Peça-me para entrar em você e eu deixo você gozar comigo. Tudo que você precisa fazer é pedir, baby.”

Ela deveria estar pensando coisas como “Oscar é louco” e “isso fará com que os Alfas emerjam” e “isso causará um banho de sangue público”, mas em vez disso, não havia nada em sua mente além do calor trêmulo e do desespero.

Ela assentiu e sentiu um forte puxão em seu clitóris em resposta.

“Não ouvi você pedindo,” Oscar rosnou, acelerando seus golpes de forma ameaçadora, como se fosse seguir em frente e fazer isso de qualquer maneira.

“Eu quero isso.” Ela tentou empurrar contra ele, e ele grunhiu.

“Prove, Illy.” Ele aumentou a pressão contra seu clitóris até que ela sentiu seu orgasmo crescer novamente.

“Quero usar você enquanto danço,” ela implorou baixinho, envergonhada de suas próprias palavras. “Eu quero você em cima de mim.”

“Hum.” Ele empurrou até que estivesse firmemente entalhado contra os lábios de sua boceta, forçando-se a entrar apenas meia polegada. “Coloque os dedos na boca, baby. Você está prestes a gritar.”

“O-o quê?”

“Faça isso,” ele grunhiu, golpeando-a bem na frente de sua boceta. “Agora. Três deles. Chupe-os.”

Ela rapidamente enfiou três dedos na boca.

“Boa menina. Vire a cabeça e me mostre.”

Ela inclinou a cabeça, pressionando o rosto contra as gavetas, e sentiu o pau dele se contorcer contra ela. “Aí está minha linda... garota, porra.” Ele soltou seu comprimento e agarrou brevemente seu pulso, empurrando seus próprios dedos mais fundo em sua boca antes de segurar seu seio novamente, esfregando seu clitóris com mais força enquanto provocava seus mamilos. “Hora de gritar,

coelho.”

Seu orgasmo a atingiu, mas ela ainda não estava preparada para gritar até que ele espalmou seu pau novamente e pressionou mais um centímetro nela, esticando tanto sua abertura que a queimadura enviou uma onda imediata de medo através dela.

Ela nem tinha pensado no fato de que ele era muito maior que o cristal, ou que poderia tentar ir mais fundo, mesmo que ainda estivesse apenas alguns centímetros dentro dela. Ele beliscou seu clitóris novamente bem no meio de seu orgasmo, e ela gritou contra seus próprios dedos, um grito rouco, desesperado e chocado que o fez gemer e bombear líquido quente em seu canal. Ela tentou pressionar ainda mais contra ele, mas ele deu um tapa forte na nádega direita dela, pausando seu movimento.

“Passe-me algo da gaveta,” ele exigiu calmamente. “Não queremos uma malha bagunçada, queremos, Carter?”

Ela tirou os dedos da boca, estremecendo com o rastro de baba que escorria entre sua mão e sua boca.

Oscar grunhiu, dando-lhe outro tapa, desta vez mais leve. “Também não podemos ter uma bunda vermelha.”

Ela abriu a gaveta com suas próprias coisas dentro, seu corpo sentindo calor e formigamento enquanto extraía uma blusa de algodão, que estava ficando um pouco pequena para ela de qualquer maneira, e a devolvia a ele.

“Não posso mostrar nenhuma mancha no meu collant para o vídeo,” disse ela, completamente em choque por ter que dizer isso.

E para Oscar.

“Eu sei, coelho.” Ele parecia estar sorrindo. Ele saiu dela e a girou para encará-lo, segurando a blusa entre suas pernas. “Você é viciante, sabia disso?”

Ela piscou para ele, admirada com a expressão desprotegida em seu rosto. *Ele também*. Mas ela não queria dizer isso.

“Você acha isso normal?” Ela perguntou em vez disso. “Esse… desespero. Eu sinto que poderia fazer isso o dia todo.”

Seus olhos se estreitaram, o calor brilhando nas profundezas escuras. “Não me tente a ir mais longe. Estou tentando ser bom.”

“Você estava tentando ser bom?” Ela perguntou, um pouco sem fôlego quando o olhar dele caiu sobre seus seios ainda expostos.

“Sim...” a palavra foi rouca, e ele rapidamente puxou o collant o resto do caminho para cima, enganchando os braços dela pelas alças e prendendo-as contra seus ombros.

Ela havia pressionado as pernas juntas para manter o algodão seguro, mas ele puxou-o descuidadamente, ajustando o collant no lugar com uma expressão pensativa.

“Essa foi a maneira menos violenta de lidar com minha agressão possessiva. A verdadeira questão é...” ele pousou as mãos grandes pela cintura dela. “Por que você está me deixando? Eu sou um fodido monstro e você é... perfeita.”

Ela olhou para ele por um momento, muito quente e formigando por causa de seu recente orgasmo para se sentir qualquer coisa, exceto confortável. “Você nunca me machucou.”

“Eu menti para você. Sobre ser seu companheiro.”

“Eu teria feito o mesmo.” Ela revirou os olhos. “Quero dizer, claro, eu estava com raiva de vocês terem escondido isso de mim, mas *eu* não estava pronta para ter um companheiro e também não conhecia todos vocês. Eu teria escondido isso até ter certeza de que poderia confiar em todos vocês. Acho que vocês fizeram o melhor que puderam.”

“Tentamos separar você e Theo o tempo todo,” ele cuspiu, quase com raiva. “Mesmo que todos nós saibamos o que vocês dois sentem um pelo outro.”

Ela caiu em silêncio novamente, perguntando-se para onde a conversa estava indo. Era como se ele *precisasse* que ela o odiasse.

“Eu não tinha notado,” ela disse suavemente.

Ele zombou. “Você não pode ser tão linda, tão flexível, tão... *suave* e *legal*,” ele cuspiu as palavras como se fossem maldições, “para todos nós. Algo tem que acontecer. Seus sentimentos por Theo aumentarão e o resto de nós será esquecido. Ou você descobrirá o quanto Kilian gosta de você e nem mesmo Theo estará à altura.”

“Não seja ridículo.” Ela cruzou os braços, mantendo-os ali mesmo quando ele a pegou pelos bíceps e a carregou para a cama, colocando-a na ponta dela enquanto limpava o closet.

Ela desejou ter a coisa perfeita a dizer, mas nunca lhe ocorreu que os Alfas teriam ciúmes um do outro. Talvez Moses... mas ele ficaria com ciúmes de Theodore passar um tempo com ela por causa de *Theodore*, não por causa dela.

Agora... ela estava reavaliando.

Ela havia se aproximado mais de Cian, especialmente durante a turnê pelos assentamentos. E Niko, com quem ela passou mais tempo nas últimas semanas do que qualquer um dos outros. E de repente Moses se ofereceu para ser seu substituto.

E Gabriel era seu amigo.

E Elijah gostava de dançar com ela.

Eles estavam... desenvolvendo sentimentos?

Ela estava?

Não. Isso era estúpido. Eram oito... ou dez, se ela incluísse os professores. Ela não era exatamente amiga de Mikel ou Kalen, mas estava cada vez mais dependente de ambos. Não era algo que eles estavam tentando arquitetar, mas ambos estavam tão acostumados a cuidar dos outros Alfas que a colocaram como uma de suas responsabilidades, e ela gostou de como isso a fazia se sentir segura.

“Não vou escolher favoritos,” ela sussurrou, tão baixo que quase pensou que ele não a ouviu, mas ele fez uma pausa, o vestido de seda dela cerrado em seu punho.

“Nem mesmo Theo?”

Lindo, e superstar Theodore. Como alguém poderia se igualar a ele?

Exceto que Kilian fazia isso o tempo todo, com seus sorrisos exuberantes e olhares maliciosos que a faziam rir. E Cian poderia hipnotizá-la com um estalo de seus dedos tatuados, exercendo sobre ela um poder que ninguém mais parecia ter. E Gabriel. Estoico e de rosto severo, sempre parecendo antecipar silenciosamente suas necessidades. Ela o seguiria para qualquer lugar porque confiava *nele*. Ela confiava em sua confiança calma e fria.

Mas ninguém a fazia se sentir tão segura quanto Kalen...

Ela respirou fundo, encontrando os olhos de Oscar. “Eu quis dizer o que disse. Não vou... não posso escolher favoritos. Gosto da pessoa que me tornei desde que conheci todos vocês, e não acho que seria o mesmo se pelo menos um de vocês estivesse desaparecido desde o início.”

Ele deixou cair o vestido ao lado dela e começou a passar os dedos pelos cabelos dela, desembaraçando os emaranhados que havia causado. “Sinto o mesmo por eles,” ele admitiu. “É por isso que é difícil. Todas as minhas escolhas

foram tiradas e estou ainda mais furioso porque você é... você. Se você fosse horrível, eu ficaria feliz por você pertencer a eles. Eu poderia esquecer você.”

“Kalen prometeu que vamos resolver isso juntos.” Ela sabia que parecia com medo, e isso acontecia porque Oscar e Moses eram totalmente imprevisíveis. Niko e Kilian não queriam companheiras, mas fariam o que fosse melhor para o grupo e nenhum deles queria vê-la sofrer. Elijah também não queria uma companheira, mas se eles estavam dispostos a inclui-la em seus planos, era apenas porque Elijah já havia dito que iria funcionar.

Mas Oscar? Ele poderia jogar tudo de volta na cara deles.

“Você é uma garota doce.” Ele suspirou, pegando seu queixo, levantando seu rosto para ele enquanto se agachava sobre ela. “Nós vamos proteger você, ok?”

Ela saltou para frente, jogando os braços em volta da cintura dele. Ele grunhiu um som de surpresa, mas inseriu as mãos sob os braços dela, levantando-a para que ela pudesse envolver as pernas em volta dele, as mãos dele agarrando sua bunda. Seus lábios encontraram os dela, seu beijo afiado, como se ele não soubesse como abraçar alguém platonicamente. Assim que ela começou a se contorcer contra ele, ele a apertou e a colocou no chão, arrastando rapidamente o vestido pela cabeça dela.

“Vamos,” ele disse, seu olhar varrendo-a. “Você está incrível pra caralho.”



Eles chegaram à sala de prática no início do sexto período, dando a ela exatamente uma hora para aprender toda a coreografia, e para filmarem e enviarem para Lye antes do final do período. Cian, Gabriel e Elijah já estavam lá, ensaiando ângulos de câmera, e os três congelaram quando ela e Oscar entraram na sala.

Cian passou a mão pelo rosto, gemendo profundamente. “Jesus, Illy. Você está dolorida, doçura?”

“N-Não.” Ela ficou vermelha brilhante. “Ele não tinha um cristal, então...”

“Merda.” Oscar congelou de repente, pegando o telefone. “Niko precisa conversar com você sobre... sobre alguma coisa.”

“Havia *regras*,” Elijah rosnou. “Que porra é essa, Oscar?”

Oscar apenas o ignorou, sentando-se no banco enquanto mandava uma mensagem para Niko. Gabriel virou-se para Isobel, com uma expressão calma. “Você está bem?”

Não havia muito mais que ela pudesse dizer diante da câmera, então ela apenas assentiu.

“Não se sinta pressionada a praticar essas coreografias só porque todo mundo quer,” disse Elijah, ainda olhando para Oscar com raiva. Ele provavelmente estava tentando encobrir o comentário “você está dolorida” de Cian, fazendo parecer que ela e Oscar estavam praticando alguma coreografia.

Isobel mordeu o lábio e assentiu. “Honestamente, eu queria dançar. E eu também quero dançar agora, então... vamos em frente?”

Os três se viraram para olhar para ela, e Oscar tirou a cabeça do telefone, sorrindo maliciosamente. “Espere até praticar a coreografia completa, Carter.”

Cian pareceu aliviado. “Ainda não chegou ao final da coreografia, então?”

“Nem mesmo perto,” Oscar respondeu por ela, enquanto Gabriel e Elijah trocavam um olhar carregado.

“A que ponto da coreografia chegaram, exatamente?” Cian voltou sua atenção para Oscar. “Já que você está tão tagarela hoje.”

“Mal consegui passar pelo básico.” Oscar encolheu os ombros, jogando os braços nas costas do banco. “Vocês não têm alguma coreografia para aprender? Eu não trouxe para vocês a estrela *desse jeito* por nada.”

Elijah rapidamente assumiu o controle da sessão. Repetindo a parte da coreografia de Isobel enquanto Gabriel parava e começava a música para eles, e então eles fizeram algumas rodadas com Cian filmando, assistindo a cada vez para aperfeiçoar seus erros.

Ela já havia enfrentado desafios para aprender rapidamente a coreografia antes, mas desta vez ela estava ainda mais nervosa. Oscar havia chamado aquilo de “a segunda estreia do grupo”, e ela estava começando a perceber que o que eles estavam fazendo seria, claro, maior do que uma aplicação para o curso de Lye. Seria a primeira vez que Elijah e Gabriel dançariam para o público, em vez de se esconderem em salas de prática e trabalharem em coreografias com seus fones de ouvido.

Também seria a primeira vez que alguém a veria dançando com um

parceiro. Mesmo quando Lye fazia parceria com pessoas para sua aula, ela sempre ficava sozinha e ele acabava usando-a para demonstrar coisas para o resto dos alunos.

Após a análise final, Elijah pegou o telefone para verificar a hora. “Precisamos sair. Os outros já devem ter terminado de montar a plataforma flutuante.”

“Plataforma flutuante?” Ela perguntou, pulando para cima e para baixo para manter os músculos aquecidos. Não estava chovendo *tanto*. Por que eles precisariam de uma plataforma flutuante?

“Você vai ver.” Oscar deixou cair o braço sobre os ombros dela, guiando-a para fora da sala enquanto Cian arrumava o equipamento de filmagem.

Elijah acompanhou do outro lado, Gabriel esperando na porta por Cian.

“Vocês dois parecem muito amigáveis de repente,” disse Elijah, mantendo a voz baixa enquanto olhava para Oscar. “Que cor você era, Carter?”

“Foda-se,” Oscar respondeu. “Você não pode fazer anotações em todos os *ensaios de dança dela*.”

“Amarelo,” Isobel respondeu, ignorando Oscar. “Porque eu não queria me atrasar.”

Oscar zombou baixinho e os lábios de Elijah se contraíram como se ele quisesse sorrir. “Eu vejo. Então você se saiu bem.”

“Você não quer saber o quão bem Oscar se saiu?” Ela perguntou.

Ambos os Alfas riram.

“Acho que ele provavelmente se saiu muito bem,” respondeu Elijah. “Mas estou feliz que ele tenha pegado leve com você.”

“Dificilmente,” ela murmurou baixinho.

“Não sabia que era capaz de pegar tão leve,” Oscar sussurrou em seu ouvido, antes de se endireitar.

“Então você deve estar pronta para mim em breve,” afirmou Elijah, de uma forma tão prosaica que Isobel teve que repetir as palavras em sua mente algumas vezes, com certeza de que o tinha ouvido mal. Quando ela tropeçou nos próprios pés, ele a pegou facilmente, com aquele sorriso divertido ainda nos lábios.

“Estou brincando, Carter.”

Cian e Gabriel os alcançaram quando saíram do centro fitness, os cinco se

abaixando na chuva e correndo em direção ao lago, onde parecia que todos os outros Alfas estavam reunidos. Theodore e Moses estavam na água, Mikel e Kalen parados de um lado, Kilian e Niko do outro.

Não havia muitos estudantes do lado de fora, mas alguns começaram a se reunir, amontoando-se sob a saliência da antiga casa de barcos para observar o que Theodore e Moses estavam fazendo.

“Isso deve aguentar!” Theodore gritou, saindo da água. “Preciso de ajuda na plataforma, Illy...” ele congelou, parando diante dela, com as narinas dilatadas.

Moses apareceu atrás dele, estreitando os olhos cinza-escuros e apertando a mandíbula quadrada. Isobel voltou a se concentrar em Theodore, a apreensão corroendo seu peito como um parasita cruel. O ciúme dele era um clarão abrasador, como uma faca quente cravada em sua pele, mas assim que ela o sentiu, de repente desapareceu. Ele estava treinando seu rosto bonito, tirando mechas molhadas de cabelo dos olhos enquanto se abaixava até ficar na altura dos olhos dela.

“Deveríamos compartilhar você esta noite,” ele sussurrou. “Mas adivinha quem acabou de perder o privilégio?”

“Valeu a pena,” Oscar grunhiu, afastando-se para ficar com Kalen e Mikel, Moses o seguindo. Os dois professores estavam olhando para ela como se pudessem sentir seu cheiro a seis metros de distância. Ou talvez eles pudessem apenas sentir o cheiro dela em Oscar. Ela baixou os olhos, tentando afastar o nervosismo.

Por mais que ela tivesse gostado de Moses, Cian e Oscar fazendo seu corpo se sentir tão *bem*, ela estava começando a ficar sobrecarregada novamente e realmente precisava de um momento para se acalmar.

“Mas não fique muito animada.” Theodore se afastou dela, exibindo seu sorriso de superestrela. “Você está recebendo abraços e guloseimas e nada mais.”

“Guloseimas?” Ela estremeceu, mas em algum lugar dentro de seu peito, havia uma pequena centelha de felicidade ganhando vida. “Eu não sou um cachorro.”

“Não.” Ele estendeu a mão como se fosse tocar o rosto dela, mas então cerrou os dedos e deixou-os cair de volta ao seu lado. “Você é uma garota corajosa que merece um chocolate com caramelo, um grande abraço e um filme engraçado.”

Aquela faísca queimou mais forte, seu sorriso tomando conta de todo o seu rosto. “Ok. Parece bom.”

“Verde?” Ele perguntou, sorrindo para ela.

“Muito verde.” Ela poderia tê-lo abraçado na frente de todos, ela estava tão aliviada.

“Aí está minha garota. Agora vá chutar alguns traseiros. Se isso não quebrar a Internet, não estaremos fazendo nosso trabalho adequadamente.”

19

Isobel Sangrenta Carter



Theodore a ajudou a subir na plataforma flutuante, que não balançou como ela esperava. Parecia seguro, como andar sobre concreto com alguns milímetros de água em camadas. Ela foi para o meio enquanto Elijah e Gabriel instalavam alto-falantes ao longo da beira do lago. Mesmo durante as experiências nas salas de prática, eles ainda usaram fones de ouvido.

Cian foi até a margem diante da plataforma, montando uma câmera para gravá-los de frente e certificando-se de que estava protegida da chuva antes de levantar uma segunda câmera para gravá-los enquanto se movia. Eles estavam levando isso muito a sério e isso a fez querer se sair muito bem por eles.

Todos os Alfas vieram apoiar, assim como fizeram na estreia de Theodore... só que desta vez, eles não estavam apenas apoiando Elijah e Gabriel. Eles a estavam apoiando também.

Mikel e Kalen acenaram para ela, encorajando-a silenciosamente, e ela se posicionou, uma perna apontada para trás, os braços em volta do peito, a cabeça baixa enquanto a chuva caía ao seu redor. Elijah e Gabriel moveram-se para cada lado dela, e Cian levantou o braço.

“Música começando em três, dois…”

Obsessed de Jake Daniels começou a tocar e ela se moveu imediatamente até Gabriel, Elijah recuando até a beira da plataforma. Eles se uniram facilmente, seus movimentos leves e divertidos, nítidos e limpos, sincronizados impecavelmente com cada batida da música. A coreografia era na verdade bastante difícil e cheia de nuances, especialmente em uma plataforma flutuante na chuva, mas a beleza dela estava em fazer com que parecesse simples e divertida.

Ela se concentrou em fazer seu corpo fluir facilmente com o de Gabriel, cada lance e giro lindamente executado, cada pequeno movimento preciso e exato. Ajudou o fato de Gabriel ser um dançarino *sensacional*, movendo-se facilmente e influenciando seu corpo para manter os dois em sincronia. Até os menores movimentos dos quadris e das mãos eram esteticamente agradáveis quando executados exatamente no momento certo, em perfeita coordenação. A habilidade de Gabriel fazia com que parecessem que compartilhavam o mesmo cérebro, seus corpos reagindo a um único comando em vez de duas pessoas se movendo de forma independente.

Assim que o segundo verso foi apresentado, eles se separaram, Elijah se juntou ao outro lado dela enquanto eles iniciavam a coreografia de três pessoas. O estilo de dança era de fusão contemporânea, acrescentando alguns trabalhos acrobáticos difíceis com um estilo lírico e hip-hop mais casual. Isso significava que ela estava usando cada centímetro de seu corpo, desde sua postura até sua força acrobática, seu timing e precisão, suas extensões de corpo inteiro e até mesmo o arranjo de suas mãos e dedos.

Era mais difícil quando eles não estavam se tocando e não podiam se ver no espelho da sala de prática, e o efeito da dança não funcionaria a menos que estivessem em perfeita sincronia, então ela desligou tudo para ouvir a música, certificando-se de que ela estivesse sempre na hora certa.

Quando o verso mudou novamente, ela se virou em direção a Elijah, Gabriel dando um passo para o lado para ver Elijah a pegar, e eles se fundiram com a mesma facilidade com que ela havia se fundido com Gabriel.

Elijah a jogou para cima enquanto a música diminuía na ponte, levantando sua perna em um ângulo de noventa graus e inclinando a parte superior do corpo para formar uma linha reta do tornozelo à cabeça. Ele a segurou contra a linha de seu corpo como se fosse uma prateleira, e ela se equilibrou ali, cruzando os tornozelos e cruzando os braços atrás da cabeça com fingida facilidade, olhando para o céu apesar da chuva que respingava em seu rosto.

Ela ouviu gritos e assobios vindos da margem, e então Elijah a rolou para baixo novamente. Ela se viu sorrindo como uma idiota enquanto eles dançavam, e quando eles se separaram em três novamente, ela lançou um rápido olhar para os Alfas na margem, avistando o sorriso largo e brilhante de Theodore e os lindos e alegres lábios curvados de Kilian antes de ser forçada a se concentrar novamente.

Seu sorriso desapareceu um pouco quando sua concentração voltou a aparecer. Eles estavam se aproximando da fase final da coreografia.

Esta foi a única parte que eles não praticaram.

Elijah disse que era porque eles queriam guardar para o vídeo final, mas ela suspeitava que ele estava se recusando a praticar no chão duro, caso ela se machucasse. Pelo menos na plataforma, um deles seria capaz de empurrá-la para fora do curso e para dentro do lago se as coisas dessem errado.

Elijah a pegou e começou a girar, o braço enganchado em volta dos quadris dela enquanto ela se inclinava para frente, estendendo a mão e ficando sem membros como uma boneca de pano. Ele girou e girou e então a soltou, e sua mente ficou em branco.

Esta era a parte em que ela precisava confiar neles. Para não endurecer seu corpo e tentar torcer para um lugar seguro, mas tudo acabou antes mesmo que ela pudesse considerar quantas maneiras diferentes Gabriel seria capaz de derrubá-la no lago se ele não conseguisse pegá-la com sucesso, e a probabilidade dela bater na plataforma.

Seu braço deslizou pelo espaço estreito entre suas coxas e estômago, prendendo-a em seu braço e continuando o giro que Elijah havia abandonado, arrancando outra rodada de vivas do lago.

Ele a girou gentilmente até a plataforma, uma boneca colocada de lado para descansar, e a música terminou, sem mais nem menos.

Um dos melhores momentos de sua vida, num piscar de olhos.

“Vocês, caras!” Kilian saltou para a plataforma, quase derrubando Cian. “Isso foi *insano!* Vocês se saíram tão bem! Puta merda!” Ele pegou Isobel e, quando a colocou no chão novamente, ela encontrou Gabriel e Elijah sorrindo para ela.

Sorrisos completos e deslumbrantes.

“Obrigada,” ela conseguiu dizer, com a garganta apertada. “Por fazerem isso comigo.”

“Não será a última vez.” Gabriel pousou a mão na cabeça dela. Talvez fosse a versão dele de um abraço. “Acostume-se com isso. Esta é a sua vida agora.”

Ela nunca havia amado sua vida antes, mas de repente teve a sensação de que amava agora. Pelo menos seu coração parecia que ia explodir e ela não conseguia parar de sorrir.

Um breve lampejo de terror borbulhou, lembrando-a de que Ironside não era *segura*, que as pessoas ainda estavam tentando machucá-la, que o mundo em

que ela vivia estava longe de ser perfeito e até mesmo os Alfas poderiam deixá-la um dia, mas por enquanto, ela reprimiu o terror e decidiu saborear o momento.

Ela queria nunca esquecer isso.

“Isso foi incrível.” Theodore a arrastou para fora da plataforma, colocando-a debaixo do braço e levando-a de volta para Kalen e Mikel, que pareciam...

Impressionados?

Por *ela?*

“Você só viu essa coreografia hoje?” Kalen perguntou assim que ela estava ao alcance da voz.

Mais estudantes se reuniram, mas mantiveram distância dos dois professores Alfa.

Ela assentiu. “Elijah e Gabriel são ótimos professores.”

“Eles são,” Mikel concordou. “Mas foi você quem acabou de nos mostrar a coreografia que a maioria dos dançarinos profissionais precisaria passar semanas em workshops consecutivos para executar com tanta facilidade como você acabou de fazer.”

“Não, não.” Ela rapidamente acenou com as mãos diante dela. “Isso foi muito difícil, não teve nada de fácil.”

Oscar deu um passo à frente, segurando o rosto dela com uma das mãos e espremendo seus lábios. “Aceite o elogio. Você foi ótima.”

“Aw poda fxer meho,” ela tentou falar, e ele balançou a cabeça molhada, lançando lhe um olhar severo.

“Você poderia ter feito melhor?” Ele adivinhou.

Ela assentiu concordando.

Ele a soltou. “Eu não acho. Você fica bonita quando sorri. De qualquer forma.” Ele olhou para os outros. “Vou tomar banho e me trocar. Quem decidimos que vai pegar o jantar?”

“Estamos pegando,” anunciou Niko, aproximando-se com Cian e Kilian. Ele olhou para Oscar por um momento, como se o humor estranhamente tranquilo do outro Alfa estivesse irritando seus nervos antes de voltar sua atenção para ela. “Alguma coisa que você queira, Isobel? Vamos buscar no refeitório para que todos possamos relaxar esta noite, já que é nossa última noite.”

Ela se viu balançando a cabeça entorpecida, toda a felicidade se esvaindo dela. Amanhã era o Dia da Consolidação. A ameaça de seu pai de tirá-la dos Alfas e colocá-la com Bellamy se recusou a sair de seu cérebro.

Ela examinou os rostos dos outros estudantes que se reuniram e viu Rayne, uma das Betas do segundo ano, com quem Bellamy costumava sair, encolhida sob um guarda-chuva com alguns de seus amigos. Isobel caminhou em direção a eles, dando um suspiro de alívio quando Bellamy saiu de trás de outro Beta, enfiado em uma jaqueta de couro com o capuz levantado para se proteger da chuva.

“Bom trabalho, Carter.” Ele olhou para ela quando ela se aproximou. “Presumo que você tenha falado com seu pai.”

“Isso não está acontecendo,” ela disse, parando diante dele, com as mãos plantadas nos quadris.

“Não foi o que ouvi.” Ele encolheu os ombros, seus olhos verdes claros disparando sobre o ombro dela para se fixar em quem havia se aproximado atrás dela.

Ela virou um pouco o rosto, sentindo um cheiro quente e resinoso, com um toque de doçura fumegante que a envolveu como um aviso. Um Theodore muito mal-humorado.

“Kane,” Bellamy cumprimentou. “Acho que Wallis estava procurando por você.”

“Uma pergunta melhor é o que *você* está fazendo olhando para *Carter*,” Theodore respondeu. “Ela tem substitutos mais que suficientes.”

“E ainda assim Papai Carter ainda acha que ela precisa de outro. Ou talvez vocês simplesmente não sejam muito eficazes?” Bellamy encolheu os ombros. “Não é da minha conta, na verdade.”

Uma risada sombria alcançou o grupo, vários amigos de Bellamy se dispersando enquanto outro corpo se aproximava atrás dela, oleandro descendo lentamente sobre o grupo como uma nuvem de vapor.

“Você deseja morrer, Beta?” Oscar rosnou.

“Ele é seu namorado ou algo assim?” Bellamy perguntou a Isobel. Ele não conseguia olhar para Oscar. Ele mudou seu peso, inclinando-se casualmente na outra direção.

“Não.” Isobel cruzou os braços sobre o peito. “Eu tenho um companheiro,

lembra?”

“Nãoooo,” ele disse sarcasticamente, seu sotaque inglês aumentando. “Esqueci totalmente que *Isobel Sangrenta Carter* tem um maldito companheiro.”

Ela se pegou sorrindo porque ele... bem, ele tinha razão. Era quase uma garantia de que Ironside usaria seu status de semi-vinculada como fonte de drama pelo menos uma vez por semana.

“Se você se recusar a ser meu substituto, meu pai não poderá fazer nada para forçá-lo,” disse ela. “Então apenas recuse. Por favor. Não deixe que eles nos usem para negociar um com o outro.”

Bellamy fechou os olhos, apertando o nariz antes de abaixar a mão e nivelá-la com uma expressão cansada. “Vou tentar. Mas você não conheceu meu pai.”

“Eu posso relacionar.”

“Tudo bem.” Theodore a puxou de volta. “Chega de ligação. Missão cumprida. Tchau, Bellamy.”

“Você quer que eu diga a Wallis para encontrá-lo no Dormitório A ou algo assim?” Bellamy perguntou suavemente. “Tenho quase certeza de que ela voltou correndo para pegar um guarda-chuva.”

“Na verdade, esta noite teremos uma celebração apenas do dormitório. Diga a ela que sinto muito e ligarei para ela mais tarde!” Theodore arrastou Isobel e eles pararam para pegar todo o equipamento de filmagem de Cian antes de voltarem para o Dormitório A como um grupo.

Kilian mandou uma mensagem para ela avisando que ela poderia usar o chuveiro dele, então ela foi direto para o quarto dele e ficou sob o fluxo de água quente por vários minutos, reproduzindo a dança repetidamente em sua cabeça, como se pudesse de alguma forma tatuá-la em sua memória antes de vestir uma das camisas de Kilian e um short.

Ela foi até a cobertura, seguindo o barulho e o cheiro da comida, e parou no topo da escada, reprimindo um sorriso ao ver todos os dez amontoados na cozinha, comendo a comida que Niko, Kilian, e Cian trouxeram. Eles ainda tinham um período restante para o dia e todo o tempo habitual de prática e treinamento programado, mas pela primeira vez desde que chegaram a Ironside, Isobel se sentiu bem em simplesmente deixar tudo de lado e se divertir. Não era só ela também. Os outros estavam relaxados e felizes, até mesmo animados, embora fosse difícil dizer já que suas emoções positivas não tinham o mesmo efeito sobre ela.

Kilian arrastou-a para um banquinho no balcão antes de desaparecer para tomar banho, e Theodore encheu um prato, deslizando-o para ela enquanto Moses servia margaritas para todos. Demorou um pouco para perceber que uma nova câmera havia sido instalada na cobertura, cobrindo toda a área da cozinha, que até então era um ponto cego.

“Deveríamos beber diante das câmeras?” Ela murmurou baixo para Niko, que colocou um copo na frente dela.

Ele encolheu os ombros. “Estamos comemorando, não se preocupe com isso. Kalen não nos deixará beber muito de qualquer maneira. Ainda estamos em modo de emergência.”

Ela lançou um olhar para Cian, que estava sentado no balcão oposto, com Oscar ao lado dele. Oscar estava no meio de uma enxilhada, com uma pitada de diversão em seus olhos escuros enquanto observava Moses fingindo não entender o que Theodore queria em seu taco e, em vez disso, enchendo-o com abacaxi. A comida de Cian estava intocada e não havia bebida em sua mão. Ele mantinha um sorriso fácil no rosto e obviamente mantinha suas emoções sob controle, mas estava claro que ele estava preocupado.

Ela checou o telefone, mas não havia novas mensagens de Sophia. Havia todas as chances de Ironside ter aumentado a segurança depois dos sonhos de Luis e Cian, destruindo quaisquer planos que estivessem em andamento para um ataque em Ironside. Mas não significava que isso ainda não pudesse acontecer no futuro. Ela sabia que a saúde e a segurança dos Superdotados não eram exatamente a maior prioridade do governo, mas *Ironside* era uma indústria de bilhões de dólares para o país, e todos os seus ativos de Ícones estavam dentro destas paredes, então, mesmo que eles não tivessem colocado muita fé nas habilidades dos Superdotados, eles provavelmente ainda estavam levando a ideia de uma ameaça, pelo menos um pouco a sério.

Ela forçou a mente a pensar em comer os tacos vegetarianos que Theodore havia preparado para ela, embora seu apetite tivesse diminuído. Ela realmente não tinha escolha porque Theodore estava olhando para ela, esperando para atacar no segundo que ela empurrasse o prato para longe. Assim que Cian a viu observando-o secretamente, ele também começou a comer, lançando lhe um sorriso despreocupado e arrogante.

Era obviamente falso, mas quanto mais tempo mantinham contato visual, mais se transformava em algo mais sombrio. Ela podia *vê-lo* se lembrando do que haviam feito no armário naquela manhã. Ele até parecia estar olhando para os lábios dela, e isso a deixou nervosa demais para comer, então ela pegou sua

margarita, o líquido fresco e picante derramando-se em sua língua enquanto ela mudava sua atenção de Cian para Niko, que já estava a caminho de seu terceiro burrito.

Ele a pegou observando e ergueu o queixo em questionamento, as sobrancelhas se erguendo enquanto ele dava outra mordida enorme e dilacerante.

“Onde você coloca toda essa comida?” Ela perguntou.

“Ele queima,” respondeu Kilian, voltando do banho. “A maioria de suas aulas são esportes.”

“Tenho três vezes o seu tamanho,” defendeu Niko, depois de engolir a comida na boca. Ele ergueu o braço e flexionou-o, e Isobel piscou ao ver a protuberância imediata dos músculos.

Ele havia crescido. Todos eles cresceram.

Eles eram todos mais altos e musculosos do que quando ela os vira pela primeira vez em sua primeira semana em Ironside. O cabelo de Oscar estava crescendo, seus cachos se soltando à medida que ficavam mais compridos. Ele quase conseguia prender metade dele em um rabo de cavalo agora, e parecia que quem havia cortado seu cabelo por último tinha feito um corte leve na parte inferior.

O amadurecimento de Cian foi um pouco mais óbvio do que os outros, com as tatuagens e piercings agora espalhados por seu corpo, enquanto Niko, Theodore e Moses tinham acabado por ficar mais fortes, os ângulos em seus rostos se ampliando e se aguçando.

Kilian ainda tinha uma aparência mais elegante, com músculos ágeis e uma postura graciosa, mas havia menos suavidade em seu rosto. As feições angelicais ainda estavam lá, mas eram muito mais perigosas. Ele costumava parecer o anjo perfeito, mas agora parecia que provavelmente poderia tentar os anjos a arrancar suas asas e mergulhar direto do céu.

Elijah e Gabriel ficaram mais altos e mais intimidadores com suas expressões inexpressivas e personalidades distantes. Elijah sempre manteve o cabelo no mesmo comprimento, mas algo em seu rosto definitivamente mudou. Ao contrário dos outros, isso o fazia parecer *décadas* mais velho, em vez de apenas alguns anos. Não que ele parecesse cansado ou abatido, mas havia inteligência demais em seus olhos. Era como se ele entendesse mais do que deixava transparecer e estivesse operando alguns níveis acima de todos os outros. Os ombros de Gabriel se alargaram para quase combinar com os de Niko, mas seu corpo ainda era muito menos volumoso, tanto ele quanto Elijah

mantinham físicos perfeitos de dançarinos.

E ela era mais ou menos a mesma. Ela não tinha o ciclo de crescimento louco dos Alfas. Ela tinha a mesma altura, o mesmo peso... embora seu cabelo tivesse crescido alguns centímetros.

Ainda assim, ela mudou *interiormente*. Quando olhou para trás, mal conseguiu reconhecer a garota que fora na primeira semana em Ironside.

Assim que seu prato ficou vazio, ela o lavou e deixou os outros na cobertura, levando sua margarita para baixo e entrando no quarto de Kilian. Ela subiu no assento da janela e apoiou o telefone para acompanhar os últimos episódios de Ironside que havia perdido.

Não que ela realmente quisesse assisti-los, ela já sabia o que aconteceu porque era tudo o que todos falavam, mas ela estava procurando por um momento de normalidade. Ela vinha sentindo uma sensação penetrante de alegria que se recusava a diminuir por muito tempo desde que dançou com Elijah e Gabriel, mas a sensação era tão estranha que estava realmente começando a entrar em pânico enquanto tentava se sentir à vontade em seu corpo.

Ela cruzou as pernas, bebeu o resto da margarita e deixou sua mente ficar em branco, dispersando a alegria, a preocupação e o pânico como se nada disso importasse, como ela costumava fazer todas as noites em seu primeiro ano.

Não que houvesse alguma alegria naquela época.

Os Alfas devem ter percebido que ela precisava de algum tempo sozinha, porque mesmo que ela pudesse ouvi-los descer as escadas uma hora depois, eles não a incomodaram.

Quando o sol se pôs sobre suas pernas estendidas, ela pulou para pegar um cobertor e arrastá-lo de volta para o assento da janela com ela, onde se enrolou como uma bola, usando os braços como travesseiro enquanto olhava para o telefone. Quando o céu escureceu e sua visão começou a ficar turva de cansaço, houve uma batida suave na porta e Kilian enfiou a cabeça para dentro.

“Posso entrar?” Ele perguntou, desviando sua atenção da forma enrolada para o telefone e vice-versa.

“Sim! É o seu quarto!” Ela começou a lutar para se levantar, mas ele estendeu a mão.

“Não.” Ele entrou no quarto e chutou a porta para fechá-la atrás dele. “Você parece tão confortável.”

“Eu estava atualizando Ironside.”

“Você quer um abraço?”

Ela piscou para ele. “Na verdade, si...”

Ele a pegou antes que ela pudesse terminar, reivindicando seu assento e colocando-a em seu colo. Ela relaxou instantaneamente, lágrimas enfurecedoras ameaçando aparecer. Foi um grande alívio ter Kilian.

Kilian lindo, perfeito e *nada ameaçador*. Ela podia sentir o que sentia por ele, e isso nunca significaria nada.

“Hoje foi um pouco demais, hein?” Ele mexeu no cabelo dela, acariciando cuidadosamente os fios de seu rosto enquanto ela os descansava contra seu peito.

“Nunca mais vou chegar perto de um armário.”

Ele riu, aproximando-a ainda mais. “E da próxima vez que você quiser gozar, baby?”

Ouvi-lo proferir essas palavras com sua voz suave e aveludada fez com que suas coxas imediatamente se contraíssem. Uma reação que ela tentou ignorar completamente.

“Vou fazer isso sozinha.”

Ele exalou uma forte lufada de ar. “Quando você ficou tão perigosa?”

“Huh?” Ela inclinou a cabeça para olhar para ele e ele rapidamente desviou o olhar.

“Nada. Você não fez sexo hoje, não é?”

“Hum. Eu acho que não?” Ela baixou a cabeça novamente, respirando seu perfume de bergamota.

Ele riu novamente, o movimento sacudindo ligeiramente a cabeça dela. “Você saberia, Illy. Principalmente com Oscar. Você se importa se eu chamar Niko aqui?”

“Para quê?”

“Só uma conversinha. Tudo bem?”

Ela assentiu, observando-o com curiosidade enquanto ele pegava o telefone e enviava uma mensagem rápida, mas a expressão dele era suave e calma, evitando que a ansiedade voltasse para seu estômago.

Quando Niko entrou, ele se aproximou, pegou o telefone dela e pausou o

episódio de Ironside antes de tirar os sapatos e sentar-se em frente a eles. Ele levantou as pernas ao longo da borda do assento da janela, emprestando-lhe um pouco de seu calor sem realmente tocá-la.

“Grande dia?” Ele perguntou, sua voz um estrondo agradável, livre de qualquer tipo de inflexão que pudesse deixá-la nervosa.

“Eu acho que sim.” Ela olhou dele para Kilian, que apenas lhe deu um sorriso tranquilizador, seus dedos correndo para cima e para baixo em seus braços sobre o cobertor em que ela ainda estava enrolada.

“Você está bem com tudo o que aconteceu hoje?” Niko perguntou, seus lindos olhos cor de musgo mostrando nada além de bondade, nenhuma emoção negativa emanando dele.

“Vocês estão protegendo suas emoções de mim?” Ela perguntou.

“Estamos tentando.” Niko inclinou a cabeça com curiosidade. “Você está evitando minha pergunta por algum motivo?”

Ela suspirou, cruzando os braços sobre o peito, o cobertor escorregando. “Eu quis que tudo acontecesse. Estou apenas surpresa comigo mesma, só isso. Nunca fui muito... louca por garotos, eu acho. Ou louca por garotas,” ela rapidamente acrescentou, para benefício de Kilian.

Isso pareceu diverti-lo porque ele riu.

“Você acha que o vínculo está fazendo você se sentir assim?” Niko perguntou, agora observando-a com muito cuidado.

Ela balançou a cabeça. “Eu queria culpar isso por um tempo. Eu pensei, já que não deveria ser capaz de sentir seu cheiro, que seus cheiros estavam como... me hipnotizando?” Ela olhou para o colo, envergonhada. “Isso parece estúpido.”

“Não, não parece.” Kilian soltou um grunhido baixo e curto que ele rapidamente cortou. “Nada do que você nos disser agora parecerá estúpido.”

“E agora?” Niko pressionou, estendendo a mão para colocar a mão sobre o cobertor, de alguma forma sabendo exatamente onde estava o pé dela. Ele apertou suavemente, forçando os olhos dela de volta para os dele.

Ela encolheu os ombros, seu constrangimento se aprofundando. “Theo explicou que os aromas naturais das pessoas cheiram melhor ou pior dependendo do seu nível de atração por eles.”

“Então seus sentimentos não são provenientes do vínculo?” Kilian perguntou.

Ela enrijeceu.

Quem diabos disse alguma coisa sobre sentimentos?

“O vínculo não está forçando você a situações sexuais com os outros?” Niko esclareceu, estreitando os olhos ao observar a expressão dela.

“N-Não.” Ela balançou a cabeça rapidamente. “Eu poderia ter parado a qualquer momento. Eu sabia que poderia. Oscar é assustador, mas ele não me machucaria.”

“Ele pode machucar você,” Niko disse sério.

Ele a fez gritar.

“Só quando eu quero,” ela respondeu calmamente.

Kilian grunhiu. “O que você quer dizer? Precisamos que você seja específica.”

“Não gosto quando Oscar ameaça ser violento com outras pessoas, ou... quando acho que ele está chateado comigo. Não gosto de violência ou raiva em geral. Cian fez questão de me dizer que eu não estava sendo punida por nada... se ele não tivesse feito isso, eu poderia ter surtado. Mas quando eles não estão com raiva de mim...” ela parou, sem saber como se explicar.

“Quando você quer ser reivindicada por seu companheiro,” Niko forneceu para ela. “Você quer que isso seja feito com força.”

Ela olhou para ele com curiosidade. “Como você sabia disso?” As perguntas saíram dela agora que ele havia conseguido vocalizar o que ela não conseguia: “Isso é estranho? É assim para todos os companheiros? É porque vocês são Alfas? Nunca ouvi falar de nada assim antes.”

“Pode não ser normal para todos, mas isso não significa que seja estranho,” Niko respondeu calmamente, seu polegar agora percorrendo a sola do pé dela através do cobertor.

Não era típico dele oferecer-lhe conforto físico, mas parecia estar fazendo isso deliberadamente, certificando-se de que ela não sentisse que eles à estavam encurralando ou dando um sermão.

Estava funcionando.

De repente, ela sentiu que poderia contar qualquer coisa a Niko...

“Você pode *forçar* as pessoas a lhe dizerem a verdade?” Ela perguntou, com uma sugestão de acusação em seu tom.

Ele sorriu aquele lindo sorriso torto que raramente dava a ela. “Eu posso, mas não estou fazendo isso agora.”

“Isso não impede que todos contem tudo a ele,” resmungou Kilian. “Ele engana você com sua cara estúpida de ‘terapeuta amigável do bairro’.”

Isobel bufou. “Ok, sinto muito.”

“Não sinta.” Seu sorriso diminuiu um pouco. “É tudo especulação neste estágio, mas pode ter algo a ver com as naturezas Alfa, porque seus companheiros são Alfas, você pode querer ser reivindicada de uma forma muito 'Alfa', ou talvez estas sejam apenas suas tendências pessoais. Você não tinha muita experiência antes deste ano, então é um pouco difícil especular sobre isso.”

“Não que realmente importe se é assim que você prefere as coisas,” acrescentou Kilian. “Porque as preferências não são imutáveis. Elas podem mudar sempre que você quiser. Você não precisa ser de uma determinada maneira apenas para se encaixar com outras pessoas.”

Ela mordeu o lábio, pensando antes de finalmente balançar a cabeça. “Definitivamente não estou fazendo nada só para me encaixar.”

“Bom.” Ele se abaixou, acariciando sua bochecha, e ela mal conseguiu conter a vontade insana de levantar o rosto e acariciá-lo de volta.

“Então você não está sendo pressionada... além do que você gosta,” resumiu Niko. “E você não está sendo controlada pelo vínculo. E você está confortável com o sistema de semáforos?”

“Eu gosto disso.” Ela olhou para Niko, uma suspeita crescente invadindo sua mente. “Eles mandaram vocês aqui para ter uma conversa sobre sexo comigo?”

Seu sorriso estava de volta, mais largo do que nunca. “Eu me ofereci como voluntário, mas todos acharam que era importante. E gostaríamos muito de levar você a uma médica para que você possa conversar com ela sobre contracepção.”

“Eu tenho o implante.” Ela indicou seu braço. “Meu pai fez minha mãe me levar para colocar uma semana antes de me deixar aqui.”

“Quanto tempo isso dura?” Niko perguntou, rapidamente mascarando sua surpresa. “Três anos?”

Ela assentiu e ele soltou o pé dela, um pouco da tensão que ela nem notou que ele carregava escorrendo de seus ombros largos.

“Você pode vir falar comigo ou com Kilian se você se sentir desconfortável com alguma coisa, ok? Você também pode ir para Mikel e Kalen. Pode ser tentador abordar Gabriel ou Elijah, já que eles sempre têm resposta para tudo, mas estou começando a achar que pode não ser a melhor ideia.”

“Por quê?” Ela franziu a testa, uma onda de preocupação percorrendo seu peito.

“Gabriel tem agido de forma estranha quando se trata de você,” Niko respondeu honestamente. “É tão raro ele agir fora do personagem, então estamos apenas de olho na situação por enquanto. Elijah surgindo hoje também é uma preocupação... e...” Niko se encolheu ligeiramente como se realmente não quisesse dizer o que estava prestes a sair de sua boca. “Eu vi a maneira como os dois olharam para você hoje. E como você olhou para eles.”

Ela congelou novamente, tudo em sua mente se rebelando contra o que Niko estava tentando sugerir.

“Não é todo dia que posso dançar com pessoas tão naturalmente talentosas.” Seu tom era muito áspero, então ela trabalhou para suavizá-lo. “Por isso gostei tanto. E a atmosfera era ótima. A escolha da música foi ótima. A coreografia foi brilhante. Não teve nada a ver com o fato de *olharmos* um para o outro de uma determinada maneira.”

“É a sua escolha.” Niko tentou parecer tranquilizador. “Apenas avisando que Kilian, Mikki, Kalen e eu estamos sempre disponíveis. Queremos que você se sinta segura e confortável aqui conosco.”

“Você quer?” Ela perguntou, ficando sombria. “Eu sei que somos amigos e tudo mais, mas não achei que você aceitaria que eu me mudasse para o Dormitório A, e realmente não achei que você concordaria com todos nós lidando com esse vínculo como um grupo. Achei que você gostaria de ficar o mais longe possível de qualquer coisa relacionada a isso.”

Ele pareceu surpreso, seus lábios se estreitaram, mas então sua expressão se suavizou novamente. “Eu não deveria estar surpreso que você pense isso.” Ele passou as mãos pelas mechas tingidas de seu cabelo. “Ainda não consigo aceitar o vínculo... não quando outras nove pessoas estão envolvidas. E mesmo que não estivessem, meus pais nunca aceitariam uma garota americana. O que é tão idiota, porque eles são seguidores ferrenhos da religião dos Superdotados. Mas nada disso muda a realidade de que *existe* um vínculo e não é problema apenas seu. Depende de todos nós. Precisamos fazer isso funcionar juntos. Só precisávamos de um pouco de tempo para chegarmos a um ponto em que

confiássemos em você o suficiente para trazê-la para o grupo.”

“E agora estou dentro?” Ela perguntou. “Kalen disse que preciso conversar com todos juntos?”

“Vamos acordá-la hoje à noite quando Elijah programar as câmeras para começarem a fazer looping. Vamos ter uma reunião de família. Você será atualizada então. Até então... você deve saber que estamos todos de acordo sobre isso.”

Aquela persistente centelha de alegria dentro dela brilhou um pouco mais, mas o pânico também.

Era bom demais para ser verdade.

“Obrigada, Niko.”

Ele assentiu e saiu do assento, calçando os sapatos novamente.

Ele parou quando estava bem ao lado deles, olhando para ela.

“Você...” ele passou a mão pela nuca, parecendo inseguro. “Se importa se nos tocarmos um pouco mais? Isso só me faz sentir como se insetos estivessem rastejando sob minha pele com você cheirando como todo mundo, exceto eu.”

Ela rapidamente se ajoelhou, abrindo os braços, o cobertor caindo em volta das pernas. Ele avançou para ela, pressionando-a por toda a frente de seu corpo, ambos os grandes braços envolvendo suas costas, tirando um pouco do ar dela enquanto seu coração batia forte em seu peito.

“Obrigada por vir me checar,” ela sussurrou.

“Você torna muito fácil se preocupar com você,” ele retrucou, com a voz rouca. Ele se afastou, lançando um olhar para Kilian. “Devo dizer a Theo para se preparar? Isobel parece com sono.”

Ela caiu no colo de Kilian no segundo em que Niko a soltou, então ela dificilmente poderia argumentar contra isso.

“Sim, vou buscá-lo agora.” Kilian a pegou e a colocou em sua cama, passando o telefone de volta para suas mãos antes de sair com Niko.

Ele apagou as luzes antes de fechar a porta, e Isobel semicerrou os olhos para a tela do telefone, percebendo que havia recebido mais de doze e-mails furiosos do pai ao longo do dia. Ela bateu o telefone na mesinha de cabeceira sem abrir nenhum deles, chutando para baixo dos cobertores para ficar confortável, enfiando o rosto no travesseiro e inalando, porque o material recém-lavado cheirava a Gabriel.

Ela soltou um pequeno gemido quando o cheiro encheu seus pulmões. O que ela não daria para dormir diretamente em cima de Gabriel... mas duvidava que ele algum dia permitiria isso.

Em vez disso, ela se enrolou em alguns travesseiros, decidindo descansar os olhos até que Kilian e Theodore voltassem. Ela não ouviu nenhum deles entrar novamente no quarto, mas sentiu quando Theodore deitou atrás dela e imediatamente abandonou os travesseiros, voltando-se para o seu Alfa quente, com cheiro de âmbar, e se enrolando em volta dele.

Ele cantarolou um som profundo em sua garganta, puxando uma das pernas dela sobre seu quadril e arrastando-a o mais perto que pôde antes de começar a afastar o cabelo de seu rosto, passando os dedos suavemente sobre seu couro cabeludo. Ele resmungou alguma coisa para Kilian, que respondeu calmamente e, alguns segundos depois, a cama afundou do outro lado.

Kilian empurrou todos os travesseiros para fora do caminho, pressionando-se atrás dela, seus lábios roçando seu ombro e um de seus pés enganchando-se no dela antes que seu corpo relaxasse atrás dela.

Ela balbuciou um sonolento “boa noite” contra a pele quente de Theodore, mas adormeceu tão rapidamente que nem se lembrava se eles responderam ou não.

20

Sequência do Destino



Isobel não queria acordar. Na verdade, ela se recusou a acordar. Ela sentiu a risada divertida de Theodore mais do que ouviu, e então foi içada em seus braços. Ela se envolveu em torno dele, deixou cair a cabeça em seu pescoço e se mexeu para tentar ficar confortável novamente enquanto ele começava a se mover.

“Você vai querer estar acordada para isso, Illy.” Ele a segurou facilmente com um braço, a outra mão fazendo cócegas no lado dela.

Ela resmungou um som infeliz, levantando a cabeça quando ele entrou na sala. Os outros Alfas estavam todos se infiltrando, reivindicando assentos enquanto Theodore continuava a passar os dedos pela lateral dela.

Ela estava lentamente acordando, e assim que ela enrijeceu ao perceber que os outros Alfas estavam todos sentados ali, olhando para ela e Theodore e esperando que ela acordasse, Theodore a levantou, pegando uma poltrona e colocando-a de volta em seu colo, de frente para os outros.

“Alguém precisa de um café?” Elijah perguntou.

Todos balançaram a cabeça e ela também, seus nervos trabalhando para deixá-la alerta.

“Então vamos pular a conversa fiada e ir direto ao assunto,” resmungou Mikel. “Isobel… o que você sabe sobre Silla Carpenter?”

Ela olhou para Kalen. “Você quer dizer...”

“Minha avó,” Kalen forneceu. “Sim.”

Ela engoliu em seco, confusa. “Ela ganhou o jogo Ironside e decidiu ficar em seu assentamento em vez de viver com os humanos. Durante algum tempo,

foi-lhe permitido ganhar dinheiro com todos os seus acordos de patrocínio, mas depois a cortaram e disseram que se ela quisesse permanecer nos assentamentos, teria de abrir mão de todos os seus direitos e prêmios. Ela optou por ficar, e os oficiais tiveram que alterar os contratos de Ícone para impedir que algo assim acontecesse novamente. Pelo menos foi o que minha mãe disse sobre isso."

Kalen assentiu. "Isso mesmo. O plano de Silla era injetar seus ganhos diretamente no assentamento, mas isso perturbou todo o ecossistema controlado. Tinha que ser interrompido. O que as pessoas não sabem é que quase não funcionou. Ela tinha uma base de fãs significativa, com apoiadores em todo o mundo, e sempre dizia que se tivesse se apoiado neles, se tivesse decidido lutar contra os oficiais... ela poderia ter vencido. Então esse era o plano dela comigo. Criar um vencedor do Ironside tão adorado e habilidoso que os oficiais não seriam capazes de me impedir de manter meus acordos de patrocínio e trazer dinheiro de volta para os assentamentos."

"Acho que isso faz sentido." Isobel examinou os Alfas reunidos, perguntando-se onde isso iria dar. Kalen nem estava concorrendo para ser um Ícone. "Sem os fãs eles não têm programa, certo?"

"Certo." Elijah cruzou os braços frouxamente sobre o peito, recostando-se no sofá e cruzando as longas pernas. "Então, tudo isso começa com Silla e Kalen, mas evoluiu para outra coisa quando Moses e Theo aconteceram."

"A mãe deles contatou minha avó," disse Kalen. "Silla conhecia pessoas e era famosa por ter maneiras de lidar com os oficiais e por ser uma forte defensora dos Superdotados. Então Silla providenciou para que Juliette Kane visitasse nosso assentamento e ela veio com dois bebês, alegando que seus olhos e veias haviam ficado pretos quando nasceram. Silla prometeu encontrar uma maneira de protegê-los. Inicialmente, decidimos que a opção mais segura era escondê-los à vista de todos, treiná-los da mesma forma que Silla me treinou e garantir que cada um ganhasse o *Ironside Show*, um após o outro."

"E então nós acontecemos," disse Elijah, com um sorriso tenso e uma expressão cautelosa. "Gabriel e eu somos órfãos. Crescemos no assentamento de Niko. A mulher que cuidava da casa para órfãos gostava de alugar Superdotados raros para os oficiais... como Alfas ou Sigmas."

Isobel engoliu em seco, voltando sua atenção para Gabriel. Ele ficou ali sentado, imóvel como uma estátua, com a expressão vazia como sempre. Era como se ele nem estivesse ouvindo Elijah.

"Eu não estava no controle de minha habilidade naquela época." A atenção

de Elijah desviou-se para o lado. “Eu só queria que aquilo parasse. Eu só queria que acabasse. Eu acidentalmente matei um oficial e os pais de Niko nos ajudaram a sair de lá.”

Isobel piscou enquanto seu sangue gelava, lágrimas escorrendo por seu rosto.

Eu não estou à venda.

A mensagem na parte de trás da porta de Gabriel a assombrava desde que ela a viu, e agora seu verdadeiro significado finalmente aterrissou como um ferro pesado na boca do estômago, deixando-a enjoada.

“Elijah poderia se proteger com sua habilidade na maior parte do tempo,” disse Niko, com fúria fria estampada em sua expressão. “Mas Gabriel só conseguia ouvir os pensamentos de todos para quem ele foi alugado. Na noite em que Elijah matou aquele oficial, Gabriel ficou tão ferido que foi levado à clínica que meu pai administrava. Elijah veio com ele, e meu pai contou a história completa dos dois. Eu estava ouvindo na porta, então sabia exatamente onde encontrar o pedaço de merda que Elijah matou. Queimei a casa e o corpo dentro dela. Meu pai tinha ouvido falar de Silla Carpenter, então ele a contatou, pedindo sua ajuda com nós três, já que estávamos todos envolvidos naquele momento. Ela organizou a transferência de Elijah e Gabriel para um assentamento diferente.”

“E então o plano mudou,” anunciou Kalen. “Decidimos ultrapassar um pouco mais os limites do Ironside e criar um grupo que pudesse vencer o jogo. Dissemos a Juliette Kane para mudar de assentamento e fingir que os meninos tinham a mesma idade...”

“O que você quer dizer?” Isobel interrompeu, piscando confusa.

“Sou um ano mais velho,” admitiu Theodore, parecendo um pouco culpado, “do que você e Moses.”

“Oh.” Ela se virou em seu colo para olhar para ele.

“Sinto muito,” ele se encolheu. “Fingir que todos têm a mesma idade era uma parte crucial do plano.”

Ela se virou lentamente, olhando para os outros.

“Demos novas idades a Elijah e Gabriel e começamos a recrutar Alfas ativamente,” disse Kalen. “Elijah e Gabriel são dois anos mais velhos que você e Niko é três anos mais velho.”

“Certo.” Ela engoliu em seco, perguntando-se o que mais eles estavam escondendo. “E então?”

“Decidimos que eu não me candidataria ao Ironside porque o plano seria mais eficaz se privássemos o programa dos Alfas por um tempo e depois os atingíssemos com um grande grupo deles de uma vez. Assim eu poderia entrar quando eles entrassem, como professor. Eu poderia ficar de olho neles e continuar treinando-os. Esperamos para ver quanta pressão os diretores aplicariam, já que os Alfas são muito raros. Eles não ficaram felizes, mas conseguimos chegar a um acordo que deixou todos felizes. Eu trabalharia na Stone Dahlia, o que nos daria dinheiro suficiente para subornar os oficiais quando precisássemos transferir pessoas de um assentamento para outro, e isso daria aos diretores outro Alfa para controlar e exibir.”

“Fiz o mesmo acordo,” acrescentou Mikel. “Silla me perseguiu, e achei que era mais importante ajudar nos assentamentos do que tentar ser um Ícone, então fiquei feliz em trabalhar no clube. Achamos que com quatro Alfas teríamos uma chance de agitar as coisas, mas com *mais* Alfas, poderíamos realmente chocar o mundo e fazê-lo prestar atenção seriamente. Então convencemos Niko a se juntar também...”

“É mais como se eu não tivesse te dado escolha,” Niko resmungou.

Um pequeno sorriso apareceu nos lábios de Gabriel. “Ele disse que precisava nos proteger.”

Kalen também olhou para Niko com um sorriso fino. “Depois que Niko entrou, encontramos Oscar. Ele havia perdido os pais e precisava muito de remédios para a irmã. Ele se juntou a nós num instante, embora desprezasse a ideia de treinar para ser um Ícone e aprender a cantar e dançar como os outros.”

“Quantos anos você tem?” Isobel perguntou, franzindo a testa para Oscar.

“Vinte e dois,” ele respondeu.

Ele era quatro anos mais velho que ela.

Ela mastigou a língua, considerando-o por um momento, antes de soltar um suspiro. “Entendo por que ninguém me contou nada antes, mas ainda é irritante. Isso me faz sentir uma idiota.”

“Se você é uma idiota, então todas as outras pessoas lá fora também são,” Elijah respondeu imediatamente. “Todo mundo acreditou em nossa história e isso ocorre porque décadas foram dedicadas à elaboração, ao refinamento e à gestão de como levar um Ícone – ou dois, ou cinco, ou oito – ao longo do

caminho para a vitória. Lamento não podermos contar a você antes."

"Entendo." Ela passou as mãos pelos cabelos, na esperança de desembaraçar a bagunça do sono enquanto organizava seus pensamentos. "Então, quem foi o próximo?"

"Eu." Cian sorriu para ela, mas não alcançou seus olhos. "Eu já estava treinando para ser um Ícone. Minha mãe sempre tirava fotos minhas quando eu era criança e me dizia que eu deveria ser modelo ou ator, aí ela morreu e eu descobri que ela vendia essas fotos. Honestamente, acho que foi por isso que ela se matou. Alfas e Sigmas são produtos raros nos assentamentos e a exploração infantil é um problema significativo. Meu pai assumiu meu treinamento depois disso e procurou Silla porque estava preocupado com quantas vezes eu havia sido abordado por pessoas nos assentamentos perguntando se eu estava interessado em ser modelo para os oficiais. Silla confirmou seus temores de que essas pessoas estivessem comandando operações de prostituição infantil e então Kalen e Mikel solicitaram uma visita. Eles me convenceram na hora a entrar no grupo deles, e eu mudei para o treinamento vocal e de dança. A propósito, tenho vinte e um anos."

Ela apenas olhou para ele, mexendo nervosamente na garganta.

Cian teria sido um lindo bebê com aqueles olhos água-marinha e cabelos dourados desgrenhados. A ideia de alguém tentar machucá-lo a deixou fisicamente doente, e ela colocou as mãos em volta da barriga, torcendo para que a história não piorasse.

"Eu fui a adição final," disse Kilian, seus olhos claros observando-a cuidadosamente. "Eu também tenho vinte e um. Meus pais adotivos conheceram Silla. Eles ouviram que ela estava aberta para treinar possíveis Ícones e enviaram minha foto para ela."

"Kilian não precisava de proteção de ninguém," explicou Mikel. "Mas, assim como Elijah, ele tinha um talento natural impressionante. Decidimos que ele seria nossa arma secreta."

"Então todos vocês vão tentar ganhar o jogo? Como um grupo?" Ela resumiu. "Que tipo de grupo? Como uma banda ou algo assim?"

"Mais que isso." Kalen parecia divertido. "Um grupo de performance. Uma mistura de gêneros e estilos, mas todos sabem cantar e dançar em nível de elite e, quando se formarem, serão o grupo mais popular do mundo. Tudo o que fizemos até agora foi apenas para criar mistério e despertar interesse. A partir do próximo ano, cada peça de apresentação será em grupo ou para o grupo, e

espera-se que todos se esforcem para cultivar a base de fãs do grupo. Vai ser incansável e constante, muito além do que as pessoas normalmente fazem para vencer este jogo. Suas carreiras estão começando dentro do Ironside, não *depois* do Ironside."

Ela podia imaginar Theodore e Kilian cantando enquanto executavam coreografias complicadas, porque Theodore era bom em tudo e Kilian era gracioso, com uma voz linda. Ela podia facilmente ver Elijah e Gabriel fazendo isso também. Até mesmo Cian, se ela fosse honesta. Mas Oscar? Cantando e dançando? E Moses? E Niko?

"Queremos você no grupo, Isobel." Foi Elijah quem falou, com os braços ainda cruzados, os olhos frios e expectantes. "Você é uma dançarina fantástica e tem uma voz matadora. Com um pouco do ajuste fino de Mikel, você poderia ser um ás completo, como Theodore."

"Por que você é um ás?" Ela perguntou, inclinando a cabeça para trás para o Alfa sorridente.

"Ele é natural em tudo," respondeu Kilian, revirando os olhos. "Pega coreografias assim," ele estalou os dedos, "e tem uma voz estável com um alcance natural que quase não precisa de trabalho, ao contrário do resto de nós. Tivemos que treinar durante anos para corresponder àquilo com que ele nasceu. Você é muito parecida com ele."

"Por favor." Theodore revirou os olhos. "Elijah tem ouvido absoluto e memória eidética. Eu não sou o ás."

Elijah apenas encolheu os ombros.

"E vocês dois?" Ela perguntou, olhando para Mikel e Kalen. "Vocês colocam todo esse trabalho no grupo e então conseguem enviá-los de volta aos assentamentos quando vencerem? Como isso nos mantém todos juntos?"

"Na verdade." Mikel sorriu, suas cicatrizes contorcendo-se em suas bochechas. "O grupo assinou um contrato comigo e Kalen como co-empresários. Tem prazo de dez anos e foi assinado há três. A partir do próximo ano, não faremos segredo do fato de que estamos gerenciando você e os meninos, e os fãs começarão a pensar em nós como parte do grupo tanto quanto qualquer outra pessoa."

"Você realmente acha que os diretores vão deixar isso acontecer?" Ela perguntou, tentando esconder a dúvida em seu tom.

"Estou ansioso para vê-los tentar impedir isso," disse Kalen, muito

casualmente. “O que você me diz, Carter? Você quer jogar este jogo sozinha ou quer jogar conosco?”

Se ela escolhesse seguir seu próprio caminho, ela venceria. Os diretores garantiriam isso, mesmo que fosse apenas para impedir a vitória do grupo Alfa. Ela poderia colocar as mãos nas pílulas substitutas e viver sua própria vida exatamente do jeito que ela queria, sem nenhum companheiro a quem responder.

Essa realidade a atingiu de repente e com força.

Ela poderia *ganhar* o jogo.

Eles deviam ter chegado à mesma conclusão, mas ainda estavam dando a ela a opção. Eles estavam dando tudo a ela. Até mesmo o poder de destruí-los. Teria sido mais sensato livrar-se dela secretamente. Encontrar uma maneira de expulsá-la.

Esquecê-la.

Quanto mais ela ficava com seus pensamentos, menos controle eles pareciam ter sobre suas emoções, e pequenos lampejos de ansiedade, medo e incerteza começaram a bater em seu peito. Theodore ficou um pouco quieto demais, sua respiração não mais agitando o topo de sua cabeça.

“E quanto a Cesar?” O pensamento surgiu em sua cabeça espontaneamente. “Meu pai me fez assinar um contrato já o designando como meu gerente.”

“Encontraremos uma maneira de lidar com ele,” Oscar prometeu sombriamente, fazendo a cabeça dela virar em sua direção. Ele parecia muito sério.

“Mikel e eu cuidaremos dele,” Kalen corrigiu com uma carranca.

“Qual é o nome do seu grupo?” Ela perguntou.

Moses soltou uma risada. “Não temos um. Estou tentando descobrir isso há anos. Talvez você devesse dar um nome, já que você seria o membro final.”

Ela se sentiu subitamente colocada em uma situação difícil, sua mente correndo em busca de uma ideia que não fosse terrível. “E quanto a Eleven[6]?”

“Somos nove, boneca.” Cian estava sorrindo para ela.

“São onze.” Ela apontou para Kalen e Mikel. “Vocês querem que os fãs os incluam, certo?”

“Na verdade, isso não é ruim.” Elijah endireitou-se. “Isso não estava na nossa lista de opções.”

“A lista é longa,” acrescentou Gabriel.

“Enfurecedoramente longa,” Niko entrou na conversa. “Às vezes, quando não consigo dormir, leio só para desmaiar de tédio.”

“Isso significa que você está entrando?” Theodore perguntou, sua voz profunda e incerta. “Estamos realmente fazendo isso juntos?”

Aquela pequena centelha de alegria estava de volta, ameaçando virar uma fogueira se ela não tomasse cuidado.

“Eu... acho que vou me juntar,” disse ela, gritando quando Theodore de repente a apertou e se levantou, girando-a.

Todos os outros também se levantaram, reunindo-se no meio da sala. Kilian a agarrou assim que Theodore a colocou no chão, puxando-a de volta contra seu peito.

“Isso é tudo?” Ela perguntou, um pouco sem fôlego devido à adrenalina. “Sem mais segredos agora?”

Por alguma razão, vários deles olharam por cima de sua cabeça para Kilian, que enrijeceu.

“Talvez mais um segredo,” ele admitiu gentilmente. “Por favor, não me odeie, Illy.”

“O quê?” Ela se virou, sentindo uma chicotada de suas próprias emoções.

“Eu não sou gay,” ele disse claramente.

Ela apenas olhou para ele.

“Tudo bem, vamos deixá-los sozinhos,” Kalen retrucou. “Todos de volta para a cama. Vocês dois, vão para o seu quarto para esta discussão antes que as câmeras sejam reiniciadas.”

Kilian passou por ela enquanto o resto dos Alfas saíam da sala, e ela ficou ali sozinha com a boca aberta por alguns minutos antes de entrar no quarto atrás dele, batendo a porta.

“O quê?” Ela sussurrou/gritou. “Que *porra,* Kilian?”

Suas bochechas pálidas inundaram-se de cor e ele se sentou no assento da janela, com a cabeça apoiada nas mãos. “Me desculpe por não ter contado a você.”

“Então... você é bi?” Ela engasgou. “Ou o ex-namorado também é falso?”

“Não, ele é real. E sou sexualmente fluido. Às vezes me sinto gay, às vezes

me sinto bi, e sempre que você está na sala me sinto mais hétero do que Niko dançando uma playlist dos anos 90.”

“Eu não entendo.” Ela engasgou com uma risada relutante e rapidamente limpou a garganta para fingir que nada aconteceu. “Por que você precisou manter esse segredo?”

“Eu não precisei. No início, você apenas presumia e geralmente eu deixava as pessoas assumirem o que quisessem, mas depois... acho que senti que era sua única opção segura e que você precisava que eu continuasse assim. E como todos aqui também presumiram que sou gay, achei que seria bom para você ter pelo menos um substituto público sobre o qual as pessoas não fofocassem.”

Ela estremeceu. “Obviamente eu preferiria que você não escondesse quem você é para me deixar confortável.”

Ele gemeu. “Eu sei, Illy. Eu só estive realmente preocupado com você.”

“Estou muito preocupada com você!” Ela respondeu, colocando as mãos nos quadris.

“Eu sei, baby.” Ele estava realmente fazendo beicinho.

A cor inundou suas bochechas. “Você não pode mais me chamar assim.”

“Por que não?” Seu beicinho ficou mais pronunciado.

“Porque...” ela começou a andar, parando de vez em quando para olhar para ele. “Oh meu Deus, não posso acreditar nisso.”

“Ainda posso ser uma opção segura para você.” Ele se levantou, interrompendo seus passos, colocando-se em seu caminho. “Nada precisa mudar.”

“Você me beijou,” ela disse entorpecida, olhando para ele. “Para…”

“Porque eu queria,” ele inseriu. “Aron foi meu primeiro namorado e eu nunca tive namorada. Acho que comecei tarde. Não sei. Eu realmente precisava beijar você.”

“E?” Ela perguntou, com medo do que mais ele poderia dizer.

“Eu quero fazer isso de novo,” ele rosnou, antes de seus olhos se arregalarem e ele rapidamente se endireitar, quase como se não tivesse percebido que estava pairando sobre ela. “Só para ser honesto. Mas posso me controlar. Você não precisa se preocupar comigo.”

“H-Há quanto tempo você se sente assim?” Ela ficou boquiaberta, seu

estômago revirando, arrepios nervosos percorrendo todos os seus membros.

“Desde que entrei no seu quarto enquanto você dormia, vi seu bilhete para Theodore e descobri que era seu aniversário.”

“O quê?” Ela resmungou, sua mente ficando em branco. “Eu... no dia seguinte tinha um cupcake...”

“Fui eu.” Ele a examinou com cautela. “E eu tirei uma foto do seu bilhete e mostrei para Theodore. Foi assim que ele conseguiu seu número. É por isso que ele mandou uma mensagem para você.”

“Seu... bundão,” ela terminou sem muita convicção. “Estou tão brava com você.”

“Você não parece brava.” Ele deu um passo à frente, inclinando a cabeça com curiosidade.

Ela não estava de jeito nenhum.

Ela ficou aliviada.

Porque ela realmente gostava de Kilian. E não como amigo.

E não só dele.

Ela soltou uma risada nervosa, balançando a cabeça. “Você tem razão. Estou mais envergonhada por nunca ter perguntado se você era gay ou não. Eu apenas presumi. Você deve lidar com isso o tempo todo. Me desculpe.”

“Então você me perdoa?” Ele pegou suas bochechas, aproximando-se mais um passo, seus corpos quase se tocando. “Ainda serei seu melhor amigo gay em público para que você tenha uma opção segura diante das câmeras. Mas... você quer que eu continue fingindo em particular?”

Ela mordeu o lábio, um som preso no fundo de sua garganta. Ela não tinha certeza do que era exatamente, mas a consciência repentina que brilhou nos olhos claros de Kilian implicava que ele sim.

“Eu não sei,” ela respondeu honestamente. “Eu só quero que você seja você mesmo, mas foi bom ter alguém em que eu sempre pudesse tocar sem que isso significasse nada.”

“Eu posso fazer isso,” ele disse suavemente, ainda segurando seu rosto, seus polegares roçando o topo de suas maçãs do rosto. “Serei o que você quiser que eu seja, Isobel. Só não mude nada entre nós.”

Ela engoliu em seco, piscando para conter as lágrimas, e assentiu

silenciosamente. Ele beijou ambas as bochechas dela, saboreando a lágrima errante que escorregou, e então a embrulhou, levantando-a em seus braços enquanto apagava a luz e a carregava de volta para sua cama. Ela se recusou a soltar os punhados de camisa dele que ela havia agarrado, então ele deslizou na cama ao lado dela, puxando o cobertor em volta dos dois.

“Estou muito mais feliz agora do que quando cheguei a Ironside,” ela sussurrou. “Mas eu choro mais agora. Como isso funciona?”

“Você estava dissociada quando chegou a Ironside,” ele respondeu. “Você andava por aí como um lindo zumbi, nunca deixando nada afetá-la, porque você nunca estava segura para simplesmente parar e sentir qualquer coisa.”

Ela o sentiu inspirar, como se fosse dizer mais alguma coisa, mas então a porta se abriu. Era difícil ver no escuro, mas parecia Theodore. Ele se aproximou do outro lado da cama, caindo nela antes de se virar para encará-la, a cabeça apoiada na mão.

“Se beijaram e reconciliaram?” Ele provocou.

Não Theodore.

Moses.

Kilian estendeu a mão por ela e empurrou seu peito. “O que você quer?” Ele resmungou.

“Vim lembrar a Srta. Carter que ela está negligenciando suas obrigações,” Moses respondeu levianamente. “Ela deveria destruir Wallis. Ela nem tentou.”

“Pensei muito sobre isso,” defendeu Isobel, parecendo tão mal-humorada quanto Kilian.

Moses se inclinou para mais perto, seu perfume empoado de pétalas esmagadas penetrando em suas narinas como um sopro de perfume. “Você pensou que eu pegaria leve com você só por causa do que aconteceu no armário?”

Ela brincou. “Qual armário?”

Ele sorriu, beliscando seu queixo. “Oscar pegou muito leve com você. Você está ficando arrogante.”

“Eu acho que você deveria pegar leve comigo também.” Ela agarrou seu pulso, apenas porque ele estava segurando seu queixo, mas assim que seus dedos envolveram sua pele, os dois pararam. Ele olhou para seus dedos por um segundo, e o sorriso desapareceu de seu rosto quando seus olhos voltaram para

os dela.

“Por que isso, Sigma?” Seu tom era baixo e áspero.

Ela fez beicinho. Assim como Kilian. E assim como funcionou para Kilian, parecia funcionar para ela. Moses estreitou os olhos nos lábios dela.

“Você quase fez sexo comigo,” ela disse, inserindo um leve gemido em sua voz enquanto deslizava os dedos pelo braço dele. “Você nem é legal comigo e quase me fodeu em um armário.”

“Por que você está fazendo beicinho sobre isso?” A voz dele era quase um gemido, o olhar confuso e frustrado, como se soubesse exatamente o que ela estava fazendo, mas ainda assim não conseguisse controlar sua reação.

“Você não pode me ajudar?” Ela implorou. “Só desta vez?”

Ele fechou os olhos, tentando bloqueá-la.

Ela se aproximou, colocando a cabeça no travesseiro ao lado dele, seus narizes se tocando.

“Por favor, Moses?”

Seu aperto caiu de seu queixo, roçando seu pescoço. Ele parou ali, esticando os dedos antes de rapidamente formar um punho. “Pare com isso, Carter.”

“Parar o quê?” Ela roçou o nariz dele com o seu, o joelho avançando lentamente até tocar sua coxa.

Atrás dela, ela tinha certeza de que podia ouvir Kilian tentando abafar uma risada.

“Pare de tentar flertar para sair dessa,” Moses rosnou, alcançando debaixo do cobertor, agarrando o joelho dela, e puxando-o sobre seu quadril, trazendo-a contra sua ereção. Ele também não estava meio duro. Ele estava latejando. Ele empurrou-o contra sua barriga e ela engoliu um grito de surpresa.

“Por quê?” Sua voz estava tremendo de repente. “Está funcionando?”

Ele riu, o som cheio de escuridão, e então seus olhos se abriram. “Não sei. Talvez você devesse se esforçar mais.”

“Ou talvez devêssemos nos acalmar,” sugeriu Kilian, passando o braço em volta da cintura dela e puxando-a alguns centímetros para trás.

“Eu não estou emergindo.” Moses revirou os olhos, embora Kilian não pudesse vê-lo. “Apenas deixando a pequena Sigma pensar que pode me seduzir.”

“Parece que posso,” disse Isobel.

Suas mãos deslizaram do joelho até a coxa, as pontas dos dedos deslizando sob as pernas do short. “Vamos fazer um acordo,” sugeriu ele. “Vá dormir com Theo pelo resto da noite e eu ajudarei você a destruir Wallis.”

“Ok. Por quê? Você odeia quando estou com Theo.”

“É nossa última noite, Carter. Ele mal teve um minuto com você e sei que ele precisa de você. Não quero lidar com toda a merda que ele está guardando e deixá-lo ficando feral se o idiota do seu pai decidir nos separar durante o verão.”

“Feito. Agora me ajude.”

“Tão exigente.” Ele apertou a coxa dela e depois a soltou, pegando o telefone. Ele tocou na tela por alguns minutos e depois a virou, apontando para um botão que dizia Processar Transação.

“Basta clicar aqui,” disse ele.

“O q...”

“E não pergunte o que isso faz. Eu te conto depois.”

Ela examinou Moses por cima do telefone, mas sua expressão não revelava nada.

Ela clicou no botão e ele colocou o telefone de volta no bolso.

“Feito,” disse ele. “A conta bancária dela está vazia. Todas as suas economias e salários do Ironside dos últimos dois anos foram completamente eliminados.”

“O quê?” Isobel resmungou.

“Você acabou de doar tudo para os Abrigos. É uma parte do assentamento Hudson onde todos os idosos que não têm família ou meios de se sustentar são enfiados em casas do tamanho de armários para morrer.”

Ela quase engasgou. “Como você conseguiu fazer isso?”

“Oscar a hackeou e acessou todas as contas dela quando você roubou o telefone dela. Agora... é hora de ir.” De repente, ele a arrancou dos braços de Kilian e a colocou de pé, antes de pegar sua mão e arrastá-la para fora do quarto.

“As câmeras ainda estão desligadas,” observou ele, verificando seu telefone. “Temos alguns minutos. Kili terá que vir buscá-la pela manhã. Diga boa noite ao seu melhor amigo não-gay.”

“Boa n...” ela começou, mas Moses já a estava puxando pela porta. Ele

fechou e puxou-a até a porta de Theodore, mas não abriu. Ele a pegou pelos ombros e a apoiou.

“Não sou muito bom em fazer coisas por causa da bondade do meu coração,” ele admitiu baixinho, plantando as mãos em cada lado da cabeça dela na porta. Ele se inclinou para frente, apoiando os antebraços na porta, curvando-se até que seus lábios pairassem sobre os dela. “Você não está curiosa? Você não quer saber se nosso segundo beijo será como o primeiro?”

Ela lambeu os lábios, nervosa demais para falar, antes de balançar a cabeça.

“Você acabou de mentir para mim?” Ele murmurou, seus olhos tempestuosos escurecendo.

Lentamente, ela assentiu.

“Venha até mim,” ele exigiu em um sussurro, recusando-se a pressionar seus lábios contra os dela.

“Não,” ela sussurrou de volta.

Ele sorriu, sua respiração embaçando seus lábios. “De que cor se eu fizer você vir, Carter?”

Ela não queria admitir isso.

Seus lábios roçaram sua bochecha, roçando sua orelha. “Apenas acene com a cabeça,” ele murmurou.

Ela abaixou a cabeça, o calor inundando suas bochechas, e ele rugiu com um gemido, seu corpo pressionando o dela.

“Venha até mim,” ele repetiu, desta vez na voz Alfa.

Foi um grande alívio pressionar nas pontas dos pés e encaixar os lábios nos dele. Moses a fazia se sentir viva. Ele a enchia de emoções ardentes e exigia que ela se levantasse para encontrá-lo a cada interação, mas também a deixava vertiginosamente nervosa. Ela não queria ficar entre ele e Theodore, mas o muro de três metros que eles tinham sustentado entre eles desmoronou, deixando-a enfrentar o fato de que havia uma atração ardente entre eles exigindo ser reconhecida.

Ele segurou seu rosto, uma de suas mãos caindo em seu pescoço enquanto sua língua deslizava em sua boca. O beijo foi lento, inebriante, exploratório. Isso a abriu e a deixou sangrando e confusa, cambaleando com tantos pensamentos conflitantes que ela rapidamente arrancou sua boca.

“Ver-vermelho,” ela engasgou.

Ele nem parecia chocado.

Isso tornou tudo pior.

Seu polegar acariciou sua mandíbula, sua expressão ilegível. “Boa noite, Isobel.”

Ela se virou, procurou a maçaneta da porta e desapareceu no quarto de Theodore. Ele estava sentado na cama, olhando para a porta, com a testa profundamente franzida.

“Ele gosta de você,” foi a primeira coisa que ele disse, e Isobel parou, a respiração entrando e saindo do peito. O olhar de Theodore viajou por ela, parando em seu rosto, sua mandíbula tensa e flexionada. “Ele gosta de você e não posso nem culpá-lo.”

“Acho que cometi um erro,” ela sussurrou. “Eu…”

“Não,” ele interrompeu. “Você simplesmente tem sido doce e maravilhosa. Você não fez nada de errado.” Ele deu um tapinha na cama ao lado dele, e ela arrastou os pés até lá, caindo ao lado dele.

“Eu estive pensando,” ele murmurou, deitando-se ao lado dela. Ele esticou o braço e ela se aninhou ao seu lado imediatamente. “Se você não demonstrasse nenhum interesse neles, poderíamos ter acabado com um problema muito maior. Acho que sua abertura é a cola que nos mantém sob controle agora. Oscar estava tão presunçoso hoje que poderia muito bem estar pulando e cantando com os malditos pássaros. Nunca o vi tão... relaxado. Ele precisava saber que você aceitaria sua reivindicação e então recuou imediatamente.”

Ela olhou para o teto, ouvindo-o silenciosamente vocalizar seus pensamentos. “Você está chateado? Todo mundo espera que você reaja de forma exagerada e acho que isso está me fazendo pensar da mesma maneira.”

“Quero arrancar as mãos deles toda vez que tocam em você,” ele admitiu calmamente. “Mas acho que seria pior se você estivesse infeliz.”

“Você me faz feliz.”

“Eu sei.” Ele virou a cabeça para o lado, olhando para ela. “Por mais incrível que você cheire quando está excitada, você também cheira muito como o meu irmão, e isso é realmente desanimador agora.”

“Oh.” Ela se sacudiu nos lençóis dele, fazendo-o sorrir. “Melhor?”

“Não,” ele grunhiu, puxando-a para cima de seus quadris. Ele se sentou, puxando a camisa pela cabeça, e então tirou a camisa dela, jogando-a para longe

da cama antes de puxar a dele pela cabeça dela, nunca deixando seus olhos se desviarem do rosto dela. Ela pensou que ele ficaria feliz com isso, mas então ele se levantou, pegando-a no mesmo movimento enquanto arrastava o short pelas pernas. Ele os jogou fora e caiu de volta na cama, sentando-a em seus quadris, a bainha de sua camisa grande demais no colo dela.

“Melhor.” Ele apertou a cintura dela. “Você pode pegar minhas camisas emprestadas também, você sabe.”

“Sério?” Ela sentiu seu sorriso empurrar em suas bochechas.

“Sim.” Ele passou as mãos pelas coxas dela e depois subiu novamente, deslizando por baixo da camisa para circundar levemente seus quadris. “Foda-se. Você parece bem.” Ele rapidamente a deslocou, deixando-a cair de volta no colchão. “Estou feliz que você esteja aqui, Illy.” Ele a virou, puxando o cobertor em volta dele enquanto se pressionava atrás dela, seu braço envolvendo sua frente.

Talvez houvesse algo errado com ela, porque tudo o que ela conseguia pensar era em quão incrível ele cheirava e o quanto ela queria desesperadamente que ele a tocasse do mesmo jeito que fez na noite em que ela recebeu alta do hospital.

“Estou feliz por estar aqui também.” Ela abraçou o braço dele, sentindo uma pontada persistente de medo no peito. Ela nem tinha certeza se era dele ou dela, mas de repente ficou com medo de ter que deixá-lo no dia seguinte.

Ela não tinha certeza se conseguiria.

“Não se preocupe.” Ele se aninhou em seu pescoço, seu calor se espalhando por seu corpo. “Vou me inscrever para visitar qualquer assentamento em que você esteja, se não estiver comigo. Eu não vou deixar você.”

Ela respirou fundo e depois se virou, o braço dele levantando para permitir o movimento antes de se recolocar sobre ela.

“E se eu tiver sentimentos?” Ela sussurrou, já querendo retirar as palavras. Ou chorar. Ou vomitar.

Seus olhos piscaram entre os dela, sua mandíbula flexionando. “Que tipo de sentimentos?”

Ela puxou a mão dele para o peito, pressionando-a sobre o coração acelerado. “Estaria tudo bem?”

“Sim, linda. Eu acho que isso estaria bem pra caralho.” Sua voz era um

rosnado, seu anel Alfa ficou maior, fazendo seus olhos parecerem mais escuros. “Ah, foda-se as regras.” Ele agarrou sua nuca e puxou sua boca para a dele, sua língua reivindicando-a imediatamente.

Depois do tumulto de tudo o que aconteceu naquele dia, beijar Theodore foi como voltar para casa, e um soluço cresceu no fundo de sua garganta, rapidamente engolido por ele enquanto ele a empurrava de costas, rolando em cima dela, seu joelho chutando uma de suas pernas abertas antes dele colocar seus quadris nos dela, balançando sua ereção contra ela.

Seu beijo ficou mais exigente, suas mãos arrancando a camisa do corpo dela antes mesmo que ela percebesse o que estava acontecendo. Ele fez uma pausa, sua testa encostada na dela, seu corpo vibrando enquanto ele respirava fundo algumas vezes.

“Você está bem?” Ela sussurrou, tocando seu queixo.

“Melhor.” Ele a beijou novamente e depois beijou seu pescoço. “Apenas reprimido. Não quero perder o controle. Não vou te foder esta noite.”

“Por que não?” Ela perguntou, sua mente cheia do cheiro dele e da sensação de suas mãos arrastando pelos lados dela.

Ele grunhiu, rasgando a calcinha dela e puxando-a de seu corpo em um pedaço de tecido arruinado.

“Merda, desculpe.” Ele olhou para sua mão e depois para ela, seus olhos viajando lentamente sobre seu peito, seguindo a corrente incrustada em sua pele até o umbigo e depois mergulhando entre suas pernas enquanto ele lentamente separava seus joelhos.

A respiração deixou seu peito em um gemido pesado. “No momento, não consigo pensar em um único motivo, mas sei que não quero apressar você.”

Ele se abaixou sobre ela novamente, sua boca atraída pela dela como um ímã, sua língua empurrando profundamente enquanto seus dedos apertavam seus quadris, seu pênis balançando entre suas pernas novamente. Embora desta vez, apenas sua boxer os separasse.

“Você quer que eu faça você se sentir bem de novo?” Ele murmurou contra sua boca. Era mais uma exigência do que uma pergunta, mas ela assentiu mesmo assim.

Ela sentiu algo fazer cócegas em sua mão, mas ignorou quando Theodore de repente deslizou para baixo da cama, forçando seus joelhos a se separarem, pressionando-os contra a cama, sua língua lambendo a umidade que ele estava

criando entre as coxas dela.

Seu corpo se arqueou, um gemido ficou preso no fundo de sua garganta enquanto suas mãos voavam para a cabeça dele. Ele se moveu para seu clitóris, enchendo-o de atenção até que ela enlouqueceu. Foi rápido e forte, quase implacável. Ele a levou ao orgasmo tão rapidamente que seus gemidos ofegantes foram interrompidos por um soluço de surpresa, e então ele subiu em seu corpo novamente, apoiando-se com um braço enquanto libertava seu pau, seus joelhos prendendo as pernas dela juntas enquanto ele forçava seu comprimento entre suas coxas, mergulhando-o no calor quente e pegajoso que ele havia criado. Ele empurrou-o para dentro e para fora do espaço entre as coxas dela algumas vezes, espalhando seu próprio mel sobre sua pele antes de retirá-lo e começar a se acariciar, seus olhos escuros, seus dentes afundando em seu lábio inferior, todos os seus gloriosos músculos tenso.

“Só ia me concentrar em você,” ele rangeu os dentes. “Mas eu preciso de você coberta. Preciso de tudo em você. Você é minha, porra. Foda-se.” Ele se apertou, e a primeira faixa branca riscou seu peito, depois suas costelas, depois seu estômago. Ele abriu os joelhos dela, acariciando-se mais algumas vezes enquanto as gotas finais caíam direto em sua boceta. Ela nunca teria pensado que estaria fantasiando com alguém cobrindo-a com seu sêmen, mas alguma parte primitiva de seu cérebro estava brilhando e se envaidecendo com a reivindicação gritante. Os seus dedos tremiam para empurrar as gotas nos lábios da sua boceta para dentro de si, mas isso talvez fosse ir um pouco longe demais.

Ele se recostou, ainda duro, seu comprimento ainda se contraindo enquanto olhava para o corpo dela antes que seus olhos rastejassem até os dela, sombreados pelo desejo.

“Eu gostaria de poder manter você assim para sempre.”

Ela engoliu em seco, com a voz rouca ao dizer: “Este é um programa para toda a família.”

Ele abriu um sorriso, inclinando-se sobre ela para beijá-la suavemente. “Vou pegar uma toalha.”

Apesar da declaração, ele não se mexeu. Ele permaneceu exatamente onde estava, os olhos percorrendo-a vagarosamente, seu pau ainda duro, sua respiração sendo sugada entre os dentes.

“Ok, vamos,” ele murmurou.

Ele colocou a cueca de volta no lugar e desapareceu no banheiro, voltando com uma toalha úmida. Ele gentilmente a limpou, mas quando voltou do

banheiro novamente e a pegou pegando sua camisa descartada, um som rouco de advertência explodiu de sua garganta.

Ele parecia surpreso e balançou a cabeça. “Desculpe, baby. Cubra-se se quiser.”

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição, uma risada crescendo no fundo de sua garganta, e ele revirou os olhos, pulando na cama e enrolando-a contra o seu corpo, puxando o cobertor em volta dela antes de envolvê-la em seus braços e pressionar seu nariz na nuca dela, inalando-a profundamente.

Sua mão espetou novamente, e ela olhou para baixo, congelando ao ver o toque vermelho em sua pele, mas não era sangue, era apenas... fio. Ela ergueu a palma da mão e Theodore se moveu atrás dela, levantando a cabeça para também olhar.

O fio estava amarrado em seu dedo mindinho, a outra ponta desaparecendo no cobertor, ela rolou de costas e piscou para Theodore, que estava segurando a mão na sua frente. A outra ponta estava amarrada ao dedo mindinho.

Havia o brilho mais suave e sutil no fio, e parecia que ele zumbia. Começou a juntar suas mãos e Isobel riu quando as palmas se encontraram, o fio só relaxando quando Theodore forçou os dedos dela a se separarem, entrelaçando os dele entre eles.

Ele não disse uma palavra, mas se virou para trás dela novamente, descansando as mãos entrelaçadas na frente dela, onde pudesse vê-las. Ele não se sentia tenso, mas ela percebeu que ele permanecia acordado, apenas observando o fio, e ela finalmente acabou dormindo antes dele, seu corpo cheio de calor e felicidade.

21

Dia da Consolidação



Ela piscou os olhos turvos, tentando limpar a névoa de sua mente enquanto o mundo girava ao seu redor vertiginosamente, a cama caindo para longe dela quando ela caiu em algo muito mais duro do que um colchão. A coisa grunhiu e uma voz masculina praguejou rudemente.

“Niko? O que é que foi isso?” Exigiu uma voz de mulher. “Tem alguém na sua *cama*?”

“*Okaasan*. Mamãe. Não.”

De repente, um cobertor estava sendo puxado sobre sua cabeça, a mão de Niko agarrando seu ombro por baixo dele, mantendo-a imóvel. “Vê? Sou só eu. Acabei de chutar o pé na ponta da cama. Por que você ligou tão cedo?”

O cobertor foi retirado de sua cabeça, revelando Niko meio sentado na cama, seu peito largo e musculoso nu, sua mão pousando em seu ombro novamente e apertando. Ele não olhou para ela, mantendo sua atenção na tela do telefone. Sua mãe estava conversando sobre um sonho que ela teve, e algo chamado *omikuji* e como tudo isso significava algo especialmente ruim.

“Está tudo bem, Okaasan.” Niko suspirou, seus dedos ainda segurando Isobel no lugar.

“Você está ficando doente?” Ela exigiu.

“Não, só estou cansado. Você me acordou.”

“Ok, Niko-kun, durma mais um pouco. Tenha cuidado hoje, ok? Te mando uma mensagem mais tarde.”

“Amo você, Okaasan.” Ele desligou a ligação e jogou o telefone de lado, tirando a mão de Isobel, um dedo de cada vez, enquanto olhava para ela em

estado de choque. “Você está nua, Carter?”

Ela estava encolhida entre as pernas dele, as mãos ainda apoiadas nas coxas duras, a mente completamente imóvel pelo choque.

“Seria menos estranho se eu mentisse?” Ela perguntou timidamente.

“Não.” Ele estreitou o olhar. “Você cheira...” ele respirou profundamente, suas pupilas dilatando. “O que você estava fazendo?”

“Dormindo,” ela resmungou. “Foi muito confuso acordar assim.”

Ela começou a se levantar, mas os olhos dele se arregalaram de repente, e ele a puxou de volta para seu corpo, perturbando seu equilíbrio e espalhando-a sobre seu peito.

“Merda,” ele xingou, soltando-a novamente. “Desculpe, pensei que você fosse deixar cair o cobertor.”

“Você nunca viu uma garota nua antes?” Ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito dele e apoiando o queixo, já que não parecia que ela iria a lugar nenhum tão cedo.

“Claro que sim,” ele gemeu. “Mas nenhuma delas era minha companheira.”

“Sua mãe sabe sobre elas?”

Ele olhou para ela. “Estou começando a entender por que você precisa de uma palavra de segurança.”

Ela engasgou, uma risada crescendo no fundo de sua garganta, e os lábios de Niko se contraíram como se ele estivesse pensando em rir também.

“Não creio que seja muito comum discutir suas experiências sexuais com seus pais,” disse ele. “Então... isso seria um não.”

“Que diferença faz eu ser sua companheira?” Ela perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Sua mão subiu rapidamente, afastando a mecha de cabelo que havia escorregado por sua bochecha. Ele olhou para sua própria mão como se ela tivesse agido sem sua permissão, antes de deixá-la cair na cama.

“Isso significa algo diferente.” Seu olhar traçou seu rosto. “Qualquer coisa que eu fizer com você significará algo diferente.”

“Como o quê?”

“Tudo bem, garota nua, isso é o suficiente.”

Ele a envolveu cuidadosamente no cobertor e a levantou da cama como um burrito quando Theodore entrou no quarto.

“Aí está você,” Theodore resmungou, fechando a porta com um chute, alívio estampado em seu rosto.

“Aqui estou,” Niko falou sarcasticamente. “E eu tenho uma Sigma nua. O que devo fazer com ela?”

“Alimentá-la!” Isobel gritou em um sussurro, liberando um dos braços para erguer o punho no ar.

“Tudo bem.” Niko a deixou cair de volta na cama. “Vou buscar Kilian para levá-la de volta ao quarto dele, então poderemos tomar café da manhã.”

Ela assentiu, agarrando a parte superior do cobertor. Theodore lançou lhe um olhar divertido enquanto Niko saía. “Você me deu um ataque cardíaco. Até o fio sumiu.”

“Tenho quase certeza de que está enrolado em mim,” ela respondeu, tateando com a mão que ainda estava presa dentro do cobertor. Com certeza, o fio ficou emaranhado em sua cintura. “O que eu deveria fazer com isso?”

“Qualquer coisa, menos cortar,” ele respondeu sério. “Preciso tirar uma foto para mostrar aos outros.”

Ela lutou para ficar de pé e então soltou o cobertor, separando-o ao seu lado. Theodore segurou seu quadril e tirou uma foto rápida de sua cintura nua antes de puxar o cobertor ao redor dela. Niko voltou com Kilian um segundo depois, antes de desaparecer no banheiro. Kilian lançou lhe um olhar divertido, pegando-a nos braços e saindo do quarto.

Ele a depositou em seu banheiro, aproximando-se, sua bochecha roçando a dela. “Você cheira incrível. Você dormiu bem?”

Um sorriso apareceu em seu rosto. “Eu tenho outro artefato da alma.” Ela abriu o cobertor novamente e os dedos dele tocaram o fio vermelho, puxando-o suavemente.

“Um fio?” Ele perguntou. “Está enrolado em você?”

“Não, isso amarrou a mim e a Theo pelos nossos dedos mindinhos.”

“Bem, isso é repugnantemente adorável.” Ele recuou, verificando se ela estava falando sério, antes de rir. “Como faço para conseguir um artefato da alma repugnantemente adorável, agora que você os está distribuindo de novo?”

Ela encolheu os ombros. “Peça-me com educação.”

“Bonitinha.” A expressão dele ficou séria, os olhos claros cravados nos dela, o rosto ilegível, antes de recuar repentinamente.

“O festival do Dia da Consolidação vai começar em breve e você ainda precisa fazer as malas para as férias. Vou deixar você tomar banho.” Ele saiu, mas parou na porta, batendo os dedos no batente. “É bom ver você feliz, Illy. Devíamos ter adivinhado que a chave para o seu sorriso era dançar.” Ele ficou mais um momento, apenas olhando para ela, antes de forçar um sorriso e desaparecer.

Ela não tinha certeza do que fazer com esse comentário, mas, felizmente, ele não esperou por uma resposta. Ela correu para tomar banho e escolheu um de seus vestidos de grife para o dia, já que não iria treinar pela primeira vez. Era de um lindo amarelo claro, um vestido diagonal com detalhes em camadas costuradas cada seção juntas. O decote era um corte diagonal suave que passava por um ombro, com uma manga de chiffon solta caindo pelo braço. A outra manga estava presa ao corpete e pendia pelo bíceps.

Ela enfiou o telefone, que Kilian havia colocado para carregar, em sua bolsa de ombro e acrescentou o fio vermelho para o caso de algum dos outros precisar examiná-lo pessoalmente. Ela escovou o cabelo e calçou umas sandálias bege antes de se sentar na sala para esperar pelos outros.

Depois de um minuto, ela pegou o telefone para classificar as notificações. Theodore postou a foto de sua cintura amarrada pelo fio no chat em grupo em que ela participava e parecia que ele tinha feito isso sem explicação.

Oscar: *Que porra? Estamos escolhendo roupas de novo?*

Kilian: *Isso não é uma roupa. Isso é um pedaço de barbante.*

Cian: *Algumas roupas são pedaços de barbante.*

Moses: *Não, essas roupas ainda são apenas barbantes.*

Niko: *Eu não entendo. Ela estava nua quando veio até mim, mas você tirou isso enquanto ela ainda estava no meu quarto?*

Elijah: *Retroceda. Explique.*

Niko: *Isobel se teletransportou para minha cama, meio adormecida, enquanto eu estava em uma videochamada com minha mãe.*

Niko: *E ela estava nua.*

Mikel (admin): Receio que seja um hábito dela. Embora a nudez seja nova.

Gabriel: *Não é tão nova quanto você imagina.*

Oscar está digitando...

Oscar foi silenciado.

Kalen (admin): Isso é um artefato da alma?

Kilian: *Sim, é.*

Theodore: *Desculpe, estava no banho.*

Gabriel: *Quando apareceu?*

Theodore: *Ontem à noite. Amarrado em torno de nossos dedos mindinhos.*

Moses: *Uau. Acabei de vomitar na minha boca.*

Kilian: *Você não estava vomitando na sua boca quando Isobel estava manipulando você ontem à noite.*

Cian: *Eu mataria por ingressos para esse show.*

Kilian: *Foi muito divertido.*

Oscar foi liberado.

Kalen (admin): O que vocês estavam fazendo quando o fio apareceu?

Theodore: *Ligação platônica.*

Mikel (admin): Isobel?

As mensagens pararam aí e ela engoliu em seco, digitando uma resposta hesitante.

Isobel: *Não tenho certeza de em quantos detalhes devo entrar.*

Kalen (admin): Jesus Cristo. Algum de vocês seguiu as malditas regras?

Isobel: *Quais regras?*

Oscar: *Sem chance.*

Moses: *Não.*

Kilian: *Sim.*

Theodore: *Não.*

Elijah: *Obviamente.*

Gabriel: *Não me insulte.*

Niko: *Claro.*

Oscar e Moses estavam rindo enquanto entravam na sala, ambos olhando-a de cima a baixo enquanto ela rapidamente se levantava.

“Bom dia, garota rica,” Oscar murmurou, balançando-se sobre os calcanhares e enfiando as mãos nos bolsos enquanto examinava o vestido dela. “Você está muito cheirosa hoje.”

“Então todo mundo continua dizendo.” Ela olhou para ele, tentando descobrir se ele estava sendo sarcástico ou não.

Moses apenas acenou com a cabeça para ela, seus olhos tempestuosos passando novamente por seu vestido.

“Prontos para o festival?” Ela perguntou, enquanto Niko caminhava em direção a eles vindo do corredor, seguido por Elijah e Gabriel.

“Pronto como sempre estarei,” Moses resmungou, indo até a porta da frente e gritando por cima do ombro: “Depressa! Nós estamos com fome!”

“Me pergunto por que,” Cian perguntou, passando por todos para deixar cair um braço sobre o ombro de Isobel, o nariz roçando ao longo da linha do cabelo dela. Ele a cheirou, mas não comentou sobre seu cheiro.

Ela olhou para o rosto dele, notando que sua expressão estava um pouco tensa. “Mais algum sonho?”

Ele balançou sua cabeça. “Eu não retirei sua carta.”

“O que você quer dizer?”

“A carta da lua.” Sua boca estava apertada. “Eu a retiro todas as manhãs. Esta manhã eu não fiz isso.”

“Isso pode significar qualquer coisa, certo?” Ela perguntou.

Os outros estavam olhando para Cian, e ela sentiu alguns lampejos de preocupação e pânico antes que conseguissem controlar suas reações. Ele acenou com a cabeça para ela, mas não respondeu de outra forma, conduzindo-a em direção à porta enquanto Theodore e Kilian se juntavam a eles.

“Mikki e Kalen vão nos encontrar no festival,” explicou Kilian.

Isobel checou seu telefone novamente, vasculhando o resto de suas notificações. Nada de Sophia.

Ela tocou na conversa e enviou uma mensagem.

Isobel: *Ainda está tudo bem?*

A resposta foi quase instantânea.

Sophia: *Sim, e nada de sonhos.*

Sophia: *Acho que quem quer que tenha sido, o aumento da segurança deve ter atrapalhado seus planos.*

Ela resolveu ficar de olho em Cian pelo resto do dia, mas nem precisou, porque ele se recusou a sair do lado dela. Ele ficou com ela enquanto ela escolhia o que comer no café da manhã e sentou-se em silêncio ao lado dela enquanto ela comia. Assim que ela se mexeu para sair da cabine, ele ficou de pé, um passo atrás dela enquanto ela descartava a bandeja.

Os outros olhavam para ele preocupados, mas ninguém dizia nada, mesmo quando ele passava o braço em volta dela e se inclinava para cheirar seu cabelo de vez em quando, como se quisesse se assegurar de que ela não estava ferida de forma alguma.

Eles vagaram pelas margens do festival durante a maior parte da manhã, descansando em cadeiras de jardim e observando o desfile de Hollywood enquanto ele serpenteava ao redor do lago. Eles conversaram calmamente, ignorando completamente os discursos dos convidados Ícones que retornaram, enquanto relembravam seus dias dourados no Ironside e como vencer o jogo mudou suas vidas para sempre.

Kalen e Mikel juntaram-se a eles enquanto os dez principais candidatos a Ícone subiram ao palco, dizendo algumas palavras rápidas sobre o que Ironside significou para eles e o que fariam se vencessem.

“Vamos nos aproximar,” sugeriu Mikel, forçando todos a se reorganizarem e abrirem caminho no meio da multidão.

Eles avançaram em direção à ação, os outros estudantes lhes dando bastante espaço. O palco foi construído sobre o lago, deixando espaço suficiente para todos se reunirem na frente da academia.

Havia barracas de lanches instaladas nas laterais dos caminhos e cadeiras de jardim espalhadas pelos arredores para os alunos relaxarem. Fios de luzes cintilantes cruzavam-se no alto, amarrados firmemente em pilares de madeira, e todos pareciam felizes, entusiasmados por voltar para casa no ônibus noturnos mais tarde. Alguns deles seriam deixados em aeroportos com passagens de volta para casa, enquanto os demais viajariam de ônibus, dependendo da distância de seus assentamentos.

Ela imaginou que eles seriam as superestrelas de seu assentamento enquanto estivessem em Ironside, recebendo uma recompensa as boas-vindas de um herói em casa enquanto todos tentavam fazer com que eles revelassem os

segredos dos bastidores que eram obrigados a manter.

O primeiro concorrente ao Ícone deu um passo à frente, segurando um microfone e piscando para o público enquanto sua música começava. Não importa a especialização, eles sempre cantavam uma música, dançavam, tocavam um instrumento ou faziam algum tipo de stand-up no Dia da Consolidação. Tratava-se mais de entreter as pessoas do que de mostrar suas habilidades.

Já era quase início da tarde quando uma diretora feminina subiu ao palco para anunciar o Ícone vencedor.

Isobel semicerrou os olhos para ela. “Essa não é a mulher do refeitório da outra manhã?”

“Parece que sim,” respondeu Elijah.

“Frisk,” Kalen forneceu. “O nome dela é Olivia Frisk. Ela é a assistente local do Diretor do Ironside.”

“Bem-vindos, senhoras e senhores, estimados membros do corpo docente, ilustres convidados e estudantes de Ironside,” Frisk explodiu ao microfone. “Estamos reunidos aqui hoje para celebrar não apenas a fundação da Ironside, mas a profunda unidade que ela trouxe ao nosso mundo. É um dia de reflexão e celebração ao reconhecermos o trabalho que Ironside fez para unir os Superdotados e os humanos. Desde o seu início, a Ironside Academy foi concebida como um lugar onde poderíamos transcender os limites do que todos pensavam ser possível. Por causa de Ironside, somos capazes de tirar os Superdotados, um por um, dos assentamentos e trazê-los para este paraíso, dando-lhes todo o luxo que eles poderiam pedir, com os especialistas culturais mais qualificados que nosso mundo tem a oferecer a sua disposição. A iniciativa Ironside é uma prova do poder da unidade, da compaixão e da criatividade. Por isso, ao anunciarmos o Ícone deste ano, lembremo-nos que só *juntos* poderemos alcançar o impossível.”

Ela fez uma pausa enquanto os aplausos ondulavam pela multidão reunida, antes de falar novamente.

“Este ano no Ironside foi simplesmente emocionante, e se há uma especialização que sempre cativou nossa atenção ao longo do último ano, fazendo-nos sintonizar nossas telas com a respiração suspensa, é o mundo da dança! Portanto, sem mais delongas, tenho o privilégio de apresentar o Ícone deste ano, e não deve ser surpresa para todos vocês qual é a especialização dela! Sua habilidade para dançar deixou todos nós maravilhados e, por mais tristes que

estejamos ao vê-la deixar Ironside, estamos em êxtase em anunciar que ela se juntará ao Paris Opera Ballet. Esperamos grandes coisas dela no futuro. Por favor, juntem-se a mim para dar uma enorme salva de palmas à notável Astrid Johannson!"

Uma pequena e familiar Beta loira saltou pelo palco. Isobel tinha certeza de ter visto a outra garota saindo com Niko dentro e fora da tela, e estava tão distraída com pensamentos intrusivos sobre se ela era ou não uma das garotas que ele já tinha visto nua que não ouviu o som no início.

O familiar *pop pop pop* que ainda assombrava seus sonhos.

Só quando a gritaria começou é que ela percebeu o que estava acontecendo e, então, já era tarde demais. A multidão entrou em pânico instantâneo, todos tentando abrir caminho para um lugar seguro. Isobel foi derrubada junto com várias outras pessoas, e tudo o que ela pôde fazer foi manter os braços acima da cabeça enquanto uma onda de pés ameaçava atropelá-la.

Cian conseguiu lutar para voltar para o lado dela e a pegou pelos braços, forçando-a para cima até que sua cabeça quebrasse a multidão e ela pudesse respirar novamente. Ele começou a abrir caminho através da correria, segurando-a firmemente com um braço.

"Os outros!" Ela gritou, puxando o braço dele.

"Eles podem cuidar de si mesmos," disse ele. "Mas você será esmagada."

Outra rodada de tiros soou e Cian se abaixou, a multidão enlouquecendo novamente. Ela foi arrancada dele, as pessoas a empurraram para trás enquanto subiam em direção ao palco.

Ela se esforçou para manter a cabeça acima de tudo, avistando Cian com o nariz sangrando, empurrando as pessoas para fora de seu caminho. Quando seus olhos a encontraram novamente, ele apontou para trás dela. "Nessa direção!" Ele gritou.

Ela imediatamente parou de lutar contra os empurrões da multidão, permitindo que eles lutassem na direção de Cian enquanto ela se espremia na outra direção até que de repente ela pudesse se abaixar e passar entre os estudantes em pânico.

Ela avistou a capela, agora correndo em direção a ela a toda velocidade, com o coração ameaçando explodir no peito. Ela estava quase na porta quando a primeira onda de tontura a atingiu. Sua visão ficou turva e seu batimento cardíaco desacelerou, pontos escuros brilhando em sua visão.

A sensação foi acompanhada por um forte lampejo de memória. Uma lâmina cortando seu braço e a voz mordaz de Eve em seu ouvido.

Eve.

Ela se forçou a tropeçar para frente, caindo contra o batente da porta para se manter de pé enquanto os gritos e tiros se transformavam em uma estranha nuvem de som. A pressão contra sua cabeça dobrou, fazendo-a cair para frente, um gemido preso no fundo de sua garganta quando ela tropeçou para dentro da capela e se apoiou nas mãos quando seu corpo caiu no chão.

Ela caiu de costas, tentando afastar a tontura, levantar-se e trancar a porta, mas Eve já estava lá, entrando pela abertura, seus olhos azuis claramente brilhando de presunção, mesmo com a visão embaçada de Isobel.

“Bem, tudo acabou muito bem, não foi?” Eve perguntou. “Estou seguindo você há *semanas*, esperando o meu momento.” Seu olhar subiu, focando em algo atrás de Isobel.

Sophia avançou, seu cabelo curto e escuro balançando para cima e para baixo com a rapidez com que ela se movia, e então de repente seu punho acertou o rosto de Eve.

“Hoje não, vadia.” Sophia empurrou Eve enquanto Maya se ajoelhava ao lado de Isobel, puxando-a para uma posição sentada.

Eve tropeçou para trás, apertando o nariz enquanto o sangue jorrava por entre seus dedos. “Que porra é essa?” Ela retrucou. “Quem diabos é *você*?”

Sophia empurrou-a para trás e depois bateu à porta na cara dela e trancou-a, antes de cair contra a madeira, pálida e suada, com as mãos trêmulas. Ela balançou a cabeça como se estivesse tentando dissipar uma névoa em sua mente, o poder de Eve de alguma forma trabalhando em ambas ao mesmo tempo, antes de se virar para o lado e gritar pela porta: “Uma amiga de verdade, sua psicopata!”

“Isobel?” Maya estava tocando sua testa. “O que está acontecendo lá fora?”

“A-Atirador,” Isobel balbuciou.

“Você vai pagar por isso!” Eve colidiu com o outro lado da porta, seus punhos batendo contra ela. “Vocês *todos* vão pagar por isso! Merda, ele está vindo.” De repente, ela se afastou da porta.

Sophia se afastou cambaleando, olhando horrorizada para a porta. “Ele está vindo? Quem está vindo?”

“Soph,” Maya retrucou. “Afaste-se da porta. Luis! Vá para trás do púlpito! A porta dos fundos está trancada?”

“Sim, mamãe.” A voz de Luis tremia como se ele estivesse chorando, e ele guinchou ao esbarrar em alguma coisa, derrubando-a no chão.

“Deite-se no chão, Luis,” Maya ordenou por cima do ombro, ajudando Isobel a se levantar.

Sophia agarrou o outro braço de Isobel quando o efeito do poder de Eve começou a passar, e as três tropeçaram em direção à onde Luis estava escondido.

“Eu vi você entrar aí, Carter!” Punhos pesados bateram contra a porta da capela e Isobel se afastou das outras duas mulheres, empurrando-as em direção ao estrado quando elas tentaram agarrá-la novamente. Ela se virou para a porta, o medo caindo em seu estômago.

“Carter!” Punhos choveram na porta.

Era Crowe.

No momento em que ela pensou em sair correndo pela porta dos fundos e desviar sua atenção da capela, ele disparou uma série de tiros, quebrando a fechadura. Ela reprimiu um grito, entrando em um dos vestíbulos ao lado do altar, pressionando-se contra a parede fina e cobrindo a boca para abafar sua respiração aterrorizada.

Ela tinha que fazer alguma coisa, ou os outros iriam se machucar.

Mas ela não sabia o que fazer.

“Eu sei que você está aqui.” A madeira estilhaçou-se sob as botas de Crowe quando ele entrou lentamente. “Vou atirar em todo este lugar se for preciso.”

O sonho de Luis estava se tornando realidade e tudo por causa dela. Ela correu *direto* para a capela, pensando que poderiam estar em perigo. Cian estava certo. Acreditar nas coisas fazia metade do trabalho do destino.

Ela esperou até que Crowe estivesse quase alinhado com seu vestíbulo antes de sair, contornando-o para colocá-lo de costas para o estrado. Ele ergueu a arma imediatamente. Era longa. Maior do que ela esperava. Ele ainda tinha pentes de munição presos ao cinto.

Ele estava preparado.

“Aí está você,” ele rosnou, apontando a arma para o rosto dela.

“Saia daqui,” disse ela, mantendo os olhos em Crowe e esperando que os

outros fossem espertos o suficiente para ir embora enquanto ela lhes dava uma oportunidade.

Ela não valia mais três vidas.

“Eu não vou a lugar nenhum,” Crowe cuspiu. “Você arruinou minha vida, sua boceta.”

Ela captou um leve vislumbre de movimento por cima do ombro dele. Parecia que Maya, Sophia e Luis estavam indo em direção à porta dos fundos. Ela precisava manter Crowe falando.

“Como eu fiz isso?” Ela perguntou.

“Primeiro, o Track Team me disse para arruinar sua reputação, até prometeram que Eve ajudaria com seu poder, então seu namorado estúpido vem atrás de mim.” Ele deu um passo mais perto, olhando para o vestido dela como se isso o ofendesse pessoalmente. “Mas eles nunca quiseram realmente me recrutar. Eu era *patético* o suficiente para ser usado como ferramenta. Eles me gravaram fazendo o que *me disseram para fazer,* e depois usaram isso para me chantagear. Eles me usaram para chegar até você e depois me jogaram fora como lixo assim que pegaram você. Mas você nunca escapa realmente do Track Team. Você sabe disso, não é? Você sabe que eles são seus donos agora, não é? E vou me certificar de afundar seu precioso e pequeno investimento.”

Isobel estremeceu quando a porta dos fundos se abriu, um raio de luz brilhante invadiu a capela, mas Crowe não pareceu notar. Ele estava concentrado nos passos lentos para trás que ela dava, combinando-os cuidadosamente com os passos para frente enquanto mantinha a arma apontada para cima.

Uma das sombras parou na porta e Isobel olhou rapidamente para cima, percebendo a maneira como Sophia levava os dedos à cabeça, gesticulando para um telefone.

Isobel tirou o telefone do bolso e ergueu-o no momento em que o braço de Crowe se contraiu, as sobrancelhas pesadas se arqueando em fúria.

“Jogue isso,” ele ordenou. “Ou eu vou explodir sua cabeça agora mesmo.”

Ela jogou-o por cima do ombro, perto o suficiente da porta para sentir onde estava a abertura pela brisa que soprava contra suas costas. Ela o ouviu se bater no chão e deslizar pelos degraus da capela e Crowe se aproximou dela, fechando as portas quebradas enquanto Sophia finalmente desaparecia pela porta dos fundos, fechando-a ao mesmo tempo.

Com sorte, ela pegaria o telefone de Isobel e ligaria para um dos Alfas...

porque Isobel não tinha certeza se seria capaz de dominar Crowe sozinha.

Ela já havia tentado isso uma vez, e desta vez não havia castiçais ao seu alcance.

“Então, o que eu deveria fazer?” Crowe perguntou, seu cheiro fétido de suor velho tomando conta dela antes que ele recuasse. “Te dar mais algumas cicatrizes?” Ele inclinou a cabeça, olhando para ela. “Atirar nas rótulas? Mandá-la de volta para eles aleijada? Você quer ser aleijada, vadia?”

Ela estremeceu, recostando-se na porta e mantendo a boca fechada. Ele deu mais um passo para perto, plantando o cano da arma na bochecha dela. “Ou eu poderia fazer um buraco em seu rosto? Ver como você pensará que é muito melhor do que eu, quando for igualmente feia.”

Ele baixou a arma, passando-a pelo peito dela e pressionando-a contra sua barriga. “Ou talvez eu tenha um gostinho do que você está distribuindo para todos os Alfas primeiro? Talvez se você for um foda boa o suficiente, eu deixarei você ficar com uma de suas pernas. O que você diz?”

Ela desviou os olhos do rosto dele enquanto sua língua carnuda se projetava para lamber os lábios, sua atenção se concentrando na pintura pendurada acima do estrado. Ela não tinha ideia de qual dos Deuses Superdotados era, mas estava disposta a tentar qualquer coisa.

Então ela fechou os olhos e implorou.

Por favor. Me ajude. Farei o que você quiser. Se você é real, me ajude.

“Você está *orando*?” Crowe riu de repente, dando um tapa no rosto dela e forçando sua cabeça a virar para o lado. Seus olhos se abriram. “Esses deuses não são *reais*, sua vagabunda burra!”

Seu peito começou a formigar enquanto lágrimas escorriam por seu rosto, sangue enchendo sua boca. Ele deve ter cortado o lábio dela.

“Por favor, deixe-me ir,” ela murmurou, esfregando a dor no peito antes de perceber o que era.

Ela congelou, puxando o decote do vestido para olhar para a corrente. Uma nova pedra preciosa apareceu. Cinza tempestuoso e brilhando levemente.

Ela engasgou com o gosto repentino de cinza derramando no fundo de sua garganta.

“O que você tem?” Crowe baixou a arma, os olhos fixos no brilho sutil que brilhava através do vestido dela. “O que é isso?” Ele puxou a arma de volta.

“Tire e me mostre. Agora!” Ele disparou um tiro de advertência através da porta, por cima do ombro dela, e sua visão vacilou, ficando escura e brilhante de repente.

Sua respiração era áspera, a dor escorrendo pelas pontas dos dedos.

Ela se abaixou quando Crowe apontou a arma para sua cabeça, seus olhos se arregalando em pânico, e o segundo tiro atravessou a porta onde sua cabeça estava enquanto ela mergulhou para frente, desequilibrando-o, a arma deslizando pelo chão.

“S-Saia de cima de mim!” Ele gritou, mas ela não prestou atenção.

Sua garganta estava cheia de enxofre escaldante, seus olhos viam apenas objetos dos quais ela poderia rasgar com suas garras. Havia algum tipo de presa se mexendo embaixo dela, e seus gemidos precisavam ser silenciados.

Ela puxou a arma, quebrando o cano e usando-a para acertar a coisa que choramingava até que os ruídos irritantes se transformassem em balbucios e depois em silêncio. Ela se levantou e chutou deixando de lado a coisa sem vida, apreciando a maneira como os itens ao seu redor se estilhaçavam com rachaduras quando ela enfiava suas garras neles.

“Illy.” Outra presa, embora esta não cheirasse tão mal. Ela saltou em direção a ele, mas um forte aperto agarrou seus pulsos, prendendo-a contra algo duro.

Ela rosnou, mas a presa estava se aproximando dela, corpos a cercavam, a coisa dura atrás dela rugindo com uma voz profunda.

“É hora de voltar para nós, Carter. Preciso que você ouça minha voz com muita atenção e tente dizer essas palavras comigo, ok?”

Ela se debateu, tentando colocar suas garras na caixa de voz atrás dela, para silenciá-la.

“Dez,” ele disse. “Tente respirar. Nove. Oito. Sete…”

Ela quase conseguiu desalojá-lo, mas então mais mãos a seguraram, restringindo seus movimentos, deixando-a se contorcendo e rosnando, esperando até que uma delas escorregasse.

“Seis,” a voz irritante continuou. “Cinco. Quatro. Três. Dois... Um.”

E então ele começou de novo. E de novo. E de novo.

Eventualmente, as cores vivas começaram a desaparecer e ela começou a reconhecer os rostos com dificuldade. Ela deu um último puxão desesperado,

mas havia muitos deles a contendo, e ela caiu mole contra o corpo atrás dela enquanto o rosto de Theodore era registrado em seu cérebro.

Seu rosto estava sangrando, um corte curto ao longo do queixo pingava na camisa. Moses estava ao lado dele, os braços cobertos de cortes, os olhos tempestuosos concentrados. Mikel estava atrás dela, Kalen e Oscar ajudando a segurar seus braços.

Ela respirou fundo e seu peito latejava de dor. “O-o que aconteceu?”

“Não se preocupe com isso agora.” Elijah apareceu em sua linha de visão. “Apenas continue respirando. Tente desacelerar.”

Ela sentiu como se estivesse hiperventilando, o pânico a invadia onda após onda. Lentamente, eles começaram a soltá-la, mas assim que Moses recuou, ela avistou Crowe na entrada.

Ele não estava se movendo.

Ela tropeçou em direção a ele, mas Mikel entrou em seu caminho, balançando a cabeça.

Ela caiu de joelhos, um gemido preso no fundo de sua garganta. “Eu não...” ela olhou para suas mãos, para o sangue cobrindo-a até as axilas. “Eu não...”

“Ei.” Mikel se agachou diante dela, pegando seu rosto e forçando seus olhos a focarem nele. “Apenas se concentre em mim, ok? Está tudo bem. Você está segura. Você não conseguia controlar isso.”

“E-Ele est-está m-mo-morto?” Ela engasgou em meio aos soluços, sentindo seu peito se abrir.

O medo, a fúria e o choque deles derramaram-se sobre ela, inundando-a enquanto ela vacilava, Mikel mudou o aperto para os braços dela para mantê-la de pé.

“Ele se foi,” ele disse baixinho. “Foi a feralidade, Isobel, não você. Não assuma isso. Ele ia matar você. Ele matou *dezenas* de pessoas lá fora.”

“Isobel,” Elijah disse bruscamente. “Pare. Eu posso sentir isso. *Pare*.” Voz alfa.

Ela arrastou as paredes de volta. “N-não foi deliberado.”

“Tudo bem.” Mikel arrastou-a contra seu peito, segurando sua nuca. “Está tudo bem, amor. Você vai ficar bem.”

Ela pensou que podia ouvir sirenes à distância.

“Precisamos fazer algo em relação ao corpo,” disse Gabriel. “E precisamos escondê-la.”

Mikel a pegou no colo, afastando-a de Crowe e mantendo seu rosto colado ao seu peito. Ele a colocou no chão novamente do outro lado da capela, tirando o casaco e puxando-o por cima do vestido, fechando o zíper para que todo o sangue ficasse escondido.

“Bem… funcionou uma vez.” Niko pegou um isqueiro e uma das lamparinas decorativas colocadas em uma das pequenas alcovas escavadas na parede. Ele quebrou a lamparina contra o chão, o líquido espirrou dela, e os outros imediatamente se moveram para imitá-lo, quebrando o resto das lamparinas antes de Niko colocar o isqueiro no chão, acendendo pequenas fogueiras onde as lamparinas estavam encharcando o chão.

Por um momento, todos ficaram ali parados, observando as chamas lamberem o chão. Ela não conseguia parar de chorar ou tremer, mas Niko encontrou seus olhos, sua expressão calma e capaz.

“Não se preocupe,” ele disse gentilmente. “Nós protegeremos você.”

“Você não precisa assistir isso,” disse Elijah. “Vá direto para a casa da Guardiã.” Ele abriu a porta dos fundos, segurando-a para ela. “Estaremos lá depois de garantirmos que o fogo desapareça. Vá *direto* para lá. Sem desvios.” Ele tirou o telefone dela do bolso. “Leve isso com você. Sophia nos ligou avisando sobre.”

Ela assentiu, desesperada para fugir da visão das chamas aproximando-se cada vez mais do corpo ensanguentado. Ela saiu correndo da capela, o som das sirenes se aproximando, e estava atravessando o portão quando seu telefone vibrou. Ela o puxou, viu o nome do pai e atendeu a ligação.

“Estou segura,” disse ela, imaginando que era por isso que ele estava ligando.

“Bom. Vá direto para a frente da academia. Agora. Não pare para conversar com ninguém ou ajudar alguém. Não tente pegar nenhum de seus pertences.” Ele gritou a ordem na voz Alfa, o comando já forçando seus membros a se moverem.

“Espere, eu...”

Ele desligou a ligação e ela praguejou enquanto seu corpo automaticamente se virava na outra direção, empurrando o portão.

E se ele estivesse ferido?

Ela acelerou o ritmo, certificando-se de que as mangas compridas de Mikel cobriam suas mãos ensanguentadas enquanto corria para a frente da academia, mal conseguindo processar a visão de corpos espalhados pela grama, grupos de pessoas aterrorizadas pairando ao redor deles. Ela passou pelos portões quando as luzes piscantes de várias ambulâncias e carros de polícia apareceram ao longo da estrada que levava ao primeiro portão de Ironside. Seu pai apareceu na frente dela, com as mãos segurando seus braços.

“Estamos saindo mais cedo,” disse ele, suas palavras mal foram registradas.

Ele não *parecia* ferido.

Ele começou a arrastá-la para uma limusine parada no meio-fio, e ela cravou os calcanhares, tentando se livrar de seu aperto.

“Não, eu não posso...”

“Entre no maldito carro, Isobel,” ele retrucou, sua voz Alfa fazendo sua cabeça inclinar-se e seu sangue gelar enquanto ele a empurrava com sucesso pela porta do carro. “Não vamos ficar aqui nem mais um segundo. Quem sabe o que pode acontecer.”

Cesar Cooper e o assessor de imprensa de seu pai já estavam no carro, junto com diversas malas e pastas. Eles estavam fazendo as malas enquanto os estudantes eram massacrados.

“Você tem que me deixar sair,” ela tentou novamente. “Meus substitutos...”

“Eu não preciso fazer nada,” Braun falou por cima dela, antes de gritar para o motorista, seu assistente, se apressar e sair. “Você tem alguma coisa para acalmá-la?” Ele se virou para Cesar em seguida, que assentiu, vasculhando sua pasta e tirando um pequeno frasco de comprimidos, que jogou para o pai dela.

Braun sacudiu vários comprimidos antes de agarrar seu queixo e forçar sua boca a abrir.

“Engula-os,” ele ordenou, fechando a mandíbula dela.

Sua garganta obedeceu sem sua permissão, e ela tentou se acalmar e pensar em um plano enquanto seu pai se afastava dela, sua voz alta e áspera ao lado dela enquanto ele se lançava em um discurso inflamado sobre a perigosa ascensão dos anti-legalistas e como o governo não estava fazendo nada para aleijá-los.

Aleijá-los. Ela estremeceu com a palavra, fechando os olhos com força, o pânico dominando seu corpo.

Você está segura.

Você está bem.

Ninguém vai te machucar.

Ela tentou acreditar enquanto sua mente se agitava, lembrando-se da sensação do metal pressionando seu rosto.

Você encontrará o caminho de volta para eles.

Sua cabeça começou a tombar, seus pensamentos ficando confusos.

“O que você me deu?” Ela balbuciou, abrindo um olho.

Braun e Cesar continuaram a conversa como se ela nem tivesse falado.

“O que você...” Ela engoliu em seco, perguntando-se por que sua boca ficou tão seca de repente. “O que...” seu corpo ficou frio e entorpecido, sua testa pendendo em direção à janela, descansando ali enquanto sua mente afundava na escuridão.

Cena Bônus

Onde No Mundo Está Carter?



Kalen certificou-se de que todos estavam fora da capela à sua frente antes de parar na porta dos fundos, sua atenção fixada no corpo agora fortemente engolfado pelas chamas. Havia uma bola de medo permanentemente alojada dentro de seu peito. Ele viu Isobel cair no meio da multidão, mas depois de derrubar e ferir pelo menos seis pessoas enquanto lutava para chegar até ela, ele percebeu que havia perdido completamente de vista onde ela estava.

Foi quando tudo começou.

O medo que se recusava a ceder.

Eles não poderiam perdê-la novamente. Ela era sua responsabilidade agora. Ele prometeu protegê-la.

Ela só estava fora de vista dele há alguns minutos, mas já foram alguns minutos demais, então ele bateu à porta e seguiu os outros até a residência da Guardiã. Eles precisariam sair dali logo, caso o fogo alcançasse a casa anexa.

Theodore foi o primeiro a entrar depois de bater apressadamente na porta, e os demais encheram rapidamente a cozinha. Kalen fechou a porta atrás dele, olhando por cima dos outros para a Guardiã parada na porta oposta.

Ela também estava examinando. Procurando em seus rostos. *Por quem?*

“Onde ela está?” Maya perguntou, um lampejo de horror percorrendo sua expressão. “Você chegou até ela?”

“Onde...” Ele deu um passo à frente, o medo ficando mais pesado, tornando difícil respirar. “Isobel está aqui?”

“Não,” gaguejou a Guardiã, “ela...”

Oscar passou por eles, chocando Maya e deixando-a em silêncio. Kalen

abriu a porta assim que Oscar chegou até ele, e todos os dez saíram correndo da casa, correndo de volta para a capela. Eles procuraram enquanto Theodore ligava para o número dela uma, duas, três vezes.

“Ela não está respondendo.” Ele praguejou, seus olhos pulsando em preto.

“Ela está bem,” Kalen disse, mantendo Theodore em sua mira. “Nós sentiríamos como da última vez, lembra? Ela está bem. Só precisamos encontrá-la.”

“Vou matar alguém.” Oscar estava andando de um lado para o outro, com os olhos percorrendo tudo. “Não sei quem, mas vou...”

“O pai dela,” Elijah anunciou de repente, afastando-se. “Não tem como ele ficar aqui com tiros sendo disparados.”

Eles seguiram Elijah até o centro familiar, todos se espremendo no elevador enquanto Mikel apertava o botão do andar de Braun Carter. Kalen manteve sua atenção em Moses e Theodore o tempo todo, cauteloso com a maneira como seus rostos continuavam se contorcendo.

Mikel não se incomodou em bater na porta de Braun. Ele a abriu com um chute, quebrando a fechadura, e eles imediatamente se separaram para revistar o apartamento.

“Nenhum filho da puta musculoso aqui para reclamar de sua porta ter sido arrombada,” observou Elijah, parando apenas alguns metros dentro da sala. “Isso não é um bom sinal.”

Kalen esperou, tendo chegado à mesma conclusão, o medo crescendo cada vez mais.

“Ninguém aqui.” Gabriel voltou para a sala. “Parece que eles fizeram as malas com pressa.”

“Porra!” Theodore de repente empurrou uma das poltronas, seus olhos brilhando pretos tão rápido que Mikel mal teve tempo de pular sobre a mesa de centro e atacá-lo antes que a feralidade aparecesse.

“Merda.” Moses vacilou. Ele estava lutando, mas iria perder, e todos sabiam disso.

Elijah e Gabriel foram ajudar Mikel, liberando o restante deles para lidar com Moses.

“Caralho.” Moses agarrou o encosto de um sofá, suas garras se estendendo e rasgando o material.

Cian se abaixou quando Theodore conseguiu jogar Gabriel nele, os dois tropeçando na mesa de café.

“Todo mundo ajuda com Theo,” Kalen exigiu na voz Alfa. “Eu e Oscar temos Moses.”

Kilian e Cian já haviam saltado para tentar imobilizar Theodore, mas Niko estava atrás, esperando para ver quem precisaria mais dele. Ele ajudou Gabriel e Cian, e os três se moveram para cercar Theodore.

Os olhos de Moses explodiram em escuridão, um grunhido crescendo no fundo de sua garganta enquanto Kalen e Oscar se aproximavam dele.

“Finalmente,” Oscar falou lentamente, arregaçando as mangas. “Vamos começar essa pós-festa.”

Notas

[←1]

Os filmes cult traçam suas origens a filmes controversos e mantidos vivos por fãs devotos. Em alguns casos, os filmes recuperados ou redescobertos adquiriram seguidores décadas após o lançamento original, ocasionalmente pelo valor camp deles.

[←2]

N.T.: Na tradução literal serie ‘Time Trilha”, então vou deixar em inglês.

[←3]

Trocadilho com Aparecer/Vir, que também pode ser Gozar;

[← 4]

Uma bola medicinal é uma bola pesada cujo diâmetro é de cerca de uma largura de ombro, muitas vezes usada para reabilitação e treinamento de força.

[←5]

O whiskey sour é um coquetel contendo uísque, suco de limão, açúcar e, opcionalmente, um pouco de clara de ovo.

[← 6]

Onze;

Table of Contents

Sinopse
Aviso de Gatilhos
Advertência
Mapa da Iroside Academy
Playlist
Folha de Referências
Lista de Personagens
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
Cena Bônus